



Anais do

**II CONGRESSO DE PSICOLOGIA E ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO (II CPAC)**

Novos rumos para pesquisa e intervenção

**VI ENCONTRO PARANAENSE DE ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO (VI EPAC)**

**II ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS SOBRE AS
PSICOTERAPIAS ANALÍTICO COMPORTAMENTAIS DA
TERCEIRA ONDA (II EBEPAC – 3ª. O)**

ISBN 978-85-7846-150-8

Organizadores:
Verônica Bender Haydu,
Sílvia Aparecida Fornazari
Maria Luiza Marinho-Casanova
Victor Hugo Bassetto

**24 A 26 DE MAIO DE 2012
LONDRINA- PR
UEL**



OBJETIVOS DO EVENTO

Integrar profissionais da Psicologia e áreas afins; bem como promover discussões e divulgar conhecimento científico e de atuação profissional sobre: Psicologia da Saúde, Psicologia Clínica, Psicologia do Esporte, Psicologia do Trânsito, Epistemologia da Psicologia, Psicologia Forense, Neuropsicologia, Psicologia e Educação, Educação Especial, Psicologia do Desenvolvimento Humano, Psicobiologia, Análise Experimental do Comportamento, e Psicologia Institucional e Organizacional. Haverá espaço dedicado a estudos empíricos e teórico/conceituais em Psicologia e Análise do Comportamento.

[Site](#)

[Apresentação](#)

[Coordenação](#)

[Normas para publicação](#)

[Endereço de contato](#)

[Edição atual](#)

[Edição anterior](#)

Comissão Organizadora do Evento

Coordenadoria Geral

Prof^a. Dr^a. Silvia Aparecida Fornazari (UEL)

Prof^a. Dr^a. Verônica Bender Haydu (UEL)

Equipe executiva

Coordenadoria: Profa. Dra. Silvia Aparecida Fornazari (UEL)

Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo (UEL)

Profa. Annie Wielewicki (Instituto Innove)

Profa. Ms. Bruna de Moraes Aguiar (UEL)

Profa. Dra. Ednéia Aparecida Peres Hayashi (UEL)

Profa. Ms. Josiane Cecília Luzia (UEL)

Profa. Dra. Josy de Souza Moriyama (UEL)

Profa. Ms. Juliana Barbosa Caetano de Oliveira

Profa. Dra. Lucilla Maria Moreira Camargo (UEL)

Profa. Mestranda Mariana de Toledo Chagas

Mestre Murilo Nogueira Ramos (PsicC)

Profa. Dra. Silvia Regina de Souza Arrabal Gil (UEL)

Profa. Mestranda. Simone Martin Oliane (UEL)

Profa. Dra. Verônica Bender Haydu (UEL)

Comissão Científica

Coordenadoria: Profa. Dra. Maria Luiza Marinho Casanova (UEL)



Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo (UEL)
Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa (UEL)
Prof. Dr. Célio Estanislau (UEL)
Prof. Mestre Edmárcia Manfredin Vila (UEL)
Prof. Dra. Josy de Souza Moriyama (UEL)
Prof. Dra. Lucilla Maria Moreira Camargo (UEL)
Prof. Dra. Márcia Cristina Caserta Gon (UEL)
Prof. Dra. Maria Luiza Marinho Casanova (UEL)
Prof. Dra. Maria Rita Zoéga Soares (UEL)
Prof. Dra. Margarete Matesco Rocha (UEL)
Prof. Dra. Maura Alves Nunes Gongora (UEL)
Prof. Dra. Maura Glória de Freitas (UEL)
Prof. Dra. Silvia Aparecida Fornazari (UEL)
Prof. Dra. Silvia Regina de Souza Arrabal Gil (UEL)
Prof. Dra. Verônica Bender Haydu (UEL)
Prof. Dr. Wagner Rogério da Silva (Faculdade Dom Bosco)

Comissão de Apoio

Coordenação: Murilo Nogueira Ramos

Aline Cristina Monteiro Ferreira
Bruno Sterza Baggio
Carla Hayashi
Cassiana Sterza Versoza
Cibely Francine Pacifico
Cinthia Cavalcante
Cintia Barbizan
Claudia Canteiro Razente
Dainon Eric de Souza
Fabiane Moraes
Franciane de Oliveira Nantes
Géssica Denora Ribeiro
Geysa Machado
Guilherme Dutra Ponce
Ingrid Caroline de Oliveira Ausec
Juliana Peralta
Julio Cesar de Camargo
Lays Fernanda Belineli
Letícia Pontes
Marcela Roberta Jacyntho Zacarin
Maria Beatriz Carvalho Devides
Maria Fernanda Monteiro
Mariana de Toledo Chagas
Mariana Gomide Panosso
Mariana Rodrigues Proença
Marianne Carolina Cortez Branquinho
Natalia Mendes Ferrer da Rosa
Patrícia Rossetto



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Paula Renata Cordeiro de Lima
Priscilla da Silva Faria
Renata El Rafihi
Séphora Cordeiro
Simone Oliani
Tais Calheiros
Victor Hugo Bassetto (secretário)

Realização



Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento
Programa de Mestrado em Análise do Comportamento

Apoio



ABA - Associação Brasileira de Acupuntura
Londrina-PR
www.abalondrina.blogspot.com
(43) 9649-7173 / 3322-9332



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

SUMÁRIO

Simpósios	6
Mesas Redondas	38
Comunicações Orais	111
Painéis	164



SIMPÓSIOS

SIMPÓSIO 1

ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES *Annie Wielewicki* (Instituto Innove – Análise do Comportamento e Saúde, Londrina, PR), *Alex Gallo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

O objetivo deste simpósio é discutir as possibilidades de ação do terapeuta no atendimento a casos de abuso sexual de crianças e adolescentes. A primeira apresentação enfocará apontamentos da literatura quanto à delimitação do tema e discutirá um artigo de revisão que apontou 24 modelos de intervenção, dividindo-os em três modalidades de atendimento: focada na criança, focada nos pais/família e focada no agressor. Avaliações desses modelos apontaram que a terapia que apresenta mais evidências empíricas de resultados promissores se refere à Cognitivo-Comportamental focada no trauma, embora todas tenham aceitação e suporte em pesquisas. A segunda apresentação discutirá o atendimento psicoterápico individual de dois casos de agressão sexual: um focado na vítima e outro focado no agressor. Para ambos os casos será realizada uma caracterização geral do cliente, objetivo e estratégias de intervenção e resultados obtidos. Também será abordados impasses éticos vivenciados nestes atendimentos, bem como a alternativa adotada pela psicóloga responsável pelos atendimentos.

Debatedora: Dra. Josy de Souza Moriyama

Coordenador: Alex Eduardo Gallo

ABUSO SEXUAL INFANTIL: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO. *Alex Eduardo Gallo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, Brasil).

Existem várias definições de abuso sexual, mas todas abrangem o abuso como todo jogo ou ato sexual, cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicossocial mais adiantado, podendo envolver contato físico ou não. Em função de diversos comportamentos serem classificados como sexualmente abusivos, a elaboração de modelos de intervenção é difícil. Uma revisão de literatura apontou 24 modelos de intervenção, divididos em 3 modalidades (focada na criança, focada nos pais/família e focada no agressor). Esses modelos foram classificados em termos de aplicabilidade em diferentes contextos e evidências científicas de seus resultados. Todos apontam a necessidade, antes de se propor uma intervenção, de avaliar o caso, incluindo segurança do ambiente onde a criança reside (medidas de proteção aplicadas), que é o abusador (relação de parentesco e confiança) e sintomas como medo, ansiedade, estresse pós-traumático, depressão, problemas sexuais, baixa autoestima, dificuldade em estabelecer confiança, distorções cognitivas, agressividade, comportamentos disruptivos e relacionamento insatisfatório com colegas. Cuidadores não abusivos devem fazer parte da avaliação, para servirem como rede de apoio e proteção. O planejamento da intervenção deve ser baseado nos resultados dessas avaliações. Dentre as intervenções



focadas na criança, tem-se: Terapia cognitiva-comportamental para problemas de comportamento sexual, Terapia de processamento cognitivo (cognitivo-comportamental), Terapia por EMDR (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing*), Treinamento de pares resilientes, Programa terapêutico de desenvolvimento infantil, Terapia cognitivo-comportamental focada no trauma, Ludoterapia focada no trauma. Dentre as focadas na família tem-se: Terapia de apego, Treinamento comportamental de pais para crianças com transtorno de conduta, Terapia de resolução familiar, Modelo de desenvolvimento integrativo para tratamento de sintomatologia dissociativa, Serviço intensivo de preservação familiar, Terapia multisistêmica, Programa psicoeducacional para pais-crianças, Terapia de interação pais-criança, Programa de tratamento de abuso sexual “pais unidos”, “Pais anônimos”. Dentre as focadas no agressor tem-se: Tratamento do adolescente abusador sexual e tratamento do adulto molestatador sexual. Avaliações desses modelos apontaram que a terapia cognitivo-comportamental focada no trauma seria a que apresenta mais evidências empíricas de resultados promissores, embora todas tenham aceitação e suporte em pesquisas.

Palavras-chave: abuso sexual infantil, modelos de intervenção, terapia cognitivo-comportamental.

POSSIBILIDADES E DIFICULDADES NO ATENDIMENTO CLÍNICO INDIVIDUAL A CASOS DE AGRESSÃO SEXUAL. Annie Wielewicksi (Instituto Innove – Análise do Comportamento e Saúde, Londrina – PR, Brasil).

As consequências da agressão sexual a crianças e adolescentes são graves e diversas e, caso não sejam tratadas, podem se estender por toda a vida. A vítima de agressão geralmente apresenta mudanças bruscas no seu comportamento: retrain-se ou apresentar comportamentos agressivos, alterações no sono e na alimentação, choro aparentemente sem motivos, prejuízos na relação com pares e queda no desempenho acadêmico. Além disso, a criança (ou adolescente) pode se sentir confusa, envergonhada, pensar que foi responsável pelo abuso e, temer revelar o fato e ser castigada. Em médio e longo prazo, mais da metade dos agredidos podem desencadear desordens psiquiátricas, problemas com a sexualidade e outros problemas comportamentais. Sendo assim, torna-se evidente a necessidade de realizar o atendimento das vítimas de abuso, intervenções com agressores e trabalhos de prevenção. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta recortes de dois casos de intervenção que envolveram agressão sexual a adolescentes. O primeiro caso refere-se a uma adolescente, 16 anos, estudante da 7ª série, abrigada por em suspeita de abuso sexual por parte de um familiar, o qual já havia abusado sexualmente da irmã da cliente. Para interromper as agressões, ambas foram separadas da família e encaminhadas para um abrigo de sua cidade. O encaminhamento para psicoterapia foi realizado por psiquiatra encarregada do caso. A cliente resistia falar sobre qualquer assunto de sua vida pessoal. Em vista disso, buscou-se inicialmente investir no vínculo terapêutico através de estratégias lúdicas e em sequência trabalhar com objetivo de desenvolver e fortalecer autoestima e autoconfiança. O segundo caso refere-se a atendimento ao agressor, homem de 30 anos, funcionário público que havia buscado psicoterapia com a queixa de dificuldades para concluir o ensino superior e ser homossexual. Desde a entrevista inicial alguns relatos levantaram a suspeita de pedofilia, que se confirmou após alguns meses, em sessão, na qual o cliente relatou ter



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

tido repetidamente relações sexuais com adolescentes. Buscou-se realizar análise das contingências que produziram e que mantinham o padrão de comportamento sexual e intervir no sentido de favorecer o desenvolvimento de repertórios que diminuíssem a probabilidade de exposição a contextos de risco e aumentasse contato com outros reforçadores. Ambos os casos ainda se encontram em atendimento. Muitos repertórios necessitam ser desenvolvidos, mas melhoras significativas puderam ser observadas.

Palavras-chave: agressão sexual, psicoterapia, pedofilia.



SIMPÓSIO 2

INTERVENÇÕES CLÍNICAS EM GRUPO BASEADAS NA TERAPIA DE ACEITAÇÃO DE COMPROMISSO (ACT). *Denyane Saegusa Tadayozzi, Dainon Eric de Souza, Ana Luiza Martins Apolônio, Valquiria Maria Gonçalves, Carla Morello Hayashi, Josy de Souza Moriyama, Mariana de Toledo Chagas, Eliane Akiyama Scapellato, Fernanda Sordi, Géssica Denora Ribeiro, Guilherme Dutra Ponce* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

Atualmente, clínicos em Análise do Comportamento tem utilizado a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), como um modelo de intervenção clínica para o manejo de eventos encobertos como pensamentos e sentimentos. Os objetivos deste curso serão apresentar a aplicação do modelo da ACT em três grupos distintos: dois para pacientes que apresentavam como queixa inicial comportamentos típicos de ansiedade e outro para pacientes com repertório de fuga/esquiva frente a uma série de situações cotidianas. Em ambos os grupos foram utilizadas técnicas para aceitação de eventos encobertos que os participantes consideravam desagradáveis e indesejáveis. Também se buscou desenvolver comportamentos de enfrentamento e exposição de situações que antes eram evitadas, em função daqueles eventos. Serão descritas as principais dinâmicas utilizadas, discutida sua fundamentação teórica, de acordo com os princípios do Behaviorismo Radical e da ACT, assim como, apresentados os resultados obtidos em cada grupo.

Debatedor: Camila Carmo de Menezes

Coordenadora: Josy de Souza Moriyama

MANEJO DE ANSIEDADE EM GRUPOS TERAPÊUTICOS: PROPOSTA BASEADA NA TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO. *Denyane Saegusa Tadayozzi, Dainon Eric de Souza, Ana Luiza Martins Apolônio, Valquiria Maria Gonçalves, Carla Morello Hayashi, Josy de Souza Moriyama, Mariana de Toledo Chagas* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

O presente trabalho tem o objetivo geral de apresentar e discutir intervenções clínicas utilizadas em dois grupos terapêuticos cujos participantes tinham como queixa principal o manejo da ansiedade. A condução dos grupos aconteceu na clínica psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e teve como proposta de intervenção a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). O primeiro grupo aconteceu em 2010, sendo um grupo piloto. Os terapeutas deste primeiro grupo foram compostos por docentes e alunos. A organização das sessões do segundo grupo, ocorrido em 2011, foi baseada no primeiro. É válido ressaltar, entretanto, que nenhum grupo é igual a outro, pois é composto de indivíduos diferentes, com situações diversificadas, em contextos variados, de maneira que o primeiro grupo serviu apenas de base para o segundo. Apenas alunos do quarto e quinto ano de psicologia da UEL atenderam ao segundo grupo. Em ambos os grupos, a seleção dos participantes foi feita a partir de triagens da clínica psicológica em que os clientes apresentavam a ansiedade como queixa principal. Esses clientes foram contactados, e passaram por uma entrevista inicial individual, na



qual eram principalmente investigados os comportamentos relacionados à ansiedade: diagnóstico psiquiátrico/medicação, início, frequência e contexto em se sentiam ansiosos, comportamentos emitidos quando se sentiam ansiosos e consequências destes comportamentos. No primeiro grupo de manejo da ansiedade foram realizadas 13 sessões, sendo constituído por seis participantes. No segundo grupo foram realizadas dez sessões, sendo constituído por nove participantes. De modo geral, as sessões incluíram: explicação dos mecanismos fisiológicos da ansiedade; discussões sobre como os clientes vinham lidando com este sentimento; e ensino dos pressupostos da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Entre estes pressupostos, foi discutido e vivenciado através de exercícios e metáforas o desamparo criativo, o problema é o controle, distinguir pessoas de seus comportamentos, permitir que a luta pare, e, assumindo um compromisso de ação. Também foi realizada análise funcional dos comportamentos de ansiedade de cada participante, apresentando-a e discutindo conjuntamente com eles. No âmbito geral, observaram-se os seguintes resultados: mudanças nos relatos dos participantes de que não estavam mais tentando controlar a ansiedade, ou que o faziam com menos frequência; relatos de que começaram a se expor a situações que antes evitavam. A experiência de aplicar a ACT em grupo trouxe a vantagem de atender várias pessoas concomitantemente, de modo mais rápido, uma vez que a demanda da clínica psicológica da UEL é bastante grande e a espera por atendimento individual costuma ser demorada. Ademais, para os alunos que participaram da condução das sessões, a experiência trouxe maior esclarecimento e aprimoramento do funcionamento de um grupo terapêutico e dos princípios da ACT.

Palavras-chave: psicoterapia em grupo, ansiedade, aceitação.

Apoio financeiro: Dainon Eric de Souza recebe bolsa de iniciação extensionista da UEL.

APLICAÇÃO DA TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO EM GRUPO TERAPÊUTICO: DESENVOLVENDO REPERTÓRIOS ALTERNATIVOS.

Mariana de Toledo Chagas, Josy Moriyama, Eliane Akiyama Scapellato, Fernanda Sordi, Géssica Denora Ribeiro, Guilherme Ponce. (Departamento de Psicologia e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

Este trabalho teve como objetivo relatar a experiência de aplicação de técnicas terapêuticas, baseadas na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) em um grupo de participantes da Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. Alunos do quarto ano de psicologia conduziram dez sessões terapêuticas, sendo supervisionados por docentes. A seleção dos participantes foi feita a partir de triagens da clínica psicológica que em que os clientes apresentavam amplo repertório de fuga/esquiva de uma série de situações cotidianas. Os participantes tinham em comum o fato de que estes comportamentos foram desenvolvidos após vivenciarem alguma situação de perda brusca de reforçadores. Os clientes foram contactados e passaram por uma entrevista inicial individual, na qual eram investigadas suas rotinas, história de perdas e comportamentos atuais. O grupo teve início com cinco participantes, restando apenas dois ao final. O principal objetivo do grupo era levar os participantes a desenvolver novos comportamentos, para que passassem a ficar sob controle de outros estímulos, além daqueles referentes à perda vivenciada. Para isso foram feitas e discutidas análises



funcionais com cada participante. Buscava-se ressaltar comportamentos possíveis de serem emitidos em seu ambiente natural, treinando-os inicialmente, a emití-los na própria sessão terapêutica. Os comportamentos a serem desenvolvidos foram: habilidades sociais, resolução de problemas, enfrentamento de situações evitadas, aceitação de sentimentos e lembranças relacionados com a perda vivenciada. Para isto foram utilizadas técnicas de *Role-Playing*, em que os participantes simulavam entre si, situações cotidianas em que precisariam apresentar novos repertórios. Os outros participantes e terapeutas buscavam reforçar diferencialmente comportamentos alternativos emitidos pelos participantes durante as sessões. Apesar de terem restado ao final, apenas dois participantes, foi possível se chegar a mudanças de comportamento durante as sessões, como: aumento no tom de voz, olhar nos olhos ao conversar com as pessoas e emitir opiniões próprias. Além disso, os participantes foram relatando a emissão de comportamentos alternativos em seu ambiente natural. Aparentemente, os participantes deixaram de ficar sob controle dos estímulos relativos à perda brusca de reforçadores, para comportarem-se apesar dos sentimentos e lembranças relativos a estes eventos. Com a aplicação da ACT em grupo foi possível atender mais de um participante ao mesmo tempo, de modo mais rápido, uma vez que a demanda da clínica psicológica da UEL é bastante grande e a espera por atendimento individual costuma ser demorada. Também houve a possibilidade dos alunos que participaram da condução das sessões experienciarem a prática das aplicações da ACT e da psicoterapia em grupo.

Palavras-chave: psicoterapia em grupo, reforçamento diferencial, aceitação.

Apoio financeiro: Eliane Akiyama Scapellato recebeu bolsa de iniciação extensionista da UEL.



SIMPÓSIO 3

ALTERNATIVAS EFICIENTES PARA TRATAMENTO DE TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E BIPOLAR: A INTERVENÇÃO EM GRUPO E SEUS DESAFIOS. *Cristina Tiemi Okamoto, Samir Vidal Mussi, Márcia Cristina Caserta Gon, Maria Rita Zoéga Soares e Renata Grossi* (UEL, Instituto de Psicologia e Análise do Comportamento, Londrina, PR).

Pesquisas sobre o uso de terapia comportamental no formato de grupo para tratar transtornos de ansiedade e de humor têm sido pouco publicadas até o presente momento. Dentre os estudos, há evidências empíricas de que a terapia de grupo e a psicoeducação tem efetividade similar à terapia individual para maior parte dos pacientes tratados. A intervenção em grupo apresenta também algumas vantagens em relação à individual: baixo custo tanto financeiro quanto temporal, o ambiente terapêutico se aproxima do contexto natural dos pacientes, facilitando assim a generalização dos comportamentos aprendidos. Somado a isso, comportamentos adequados dos membros do grupo podem ser reforçados pelos pares e pelo terapeuta, proporcionando um ambiente rico em possibilidades de aprendizagem de novos comportamentos pelos processos de modelação e reforçamento social envolvidos. O funcionamento do grupo envolve alguns aspectos a serem considerados. O primeiro, é estabelecer quais serão os objetivos do processo terapêutico. Nesse sentido, o trabalho realizado com pacientes que apresentam queixas em comum pode ser produtivo. Entretanto, um grupo heterogêneo tem a vantagem de cada membro apresentar maiores contribuições aos outros. Nas primeiras sessões, tem sido discutida a importância de instruir aos membros os comportamentos esperados para o bom funcionamento do grupo, como comprometimento com horário, participação das discussões e assiduidade. Além disso, é trabalhada a integração do grupo, são discutidas questões sobre ética e sigilo, entre outros. A presença de um co-terapeuta pode ajudar na detecção de respondentes que os pacientes evocam no terapeuta, bem como reforçar as regras emitidas pelo mesmo. Na fase intermediária são trabalhados processos comportamentais como: aprender a estabelecer relações do que sente com a contingência vivenciada, reforçamento social entre os membros do grupo, aprendizagem de novos comportamentos por ensaio comportamental e modelação de comportamentos mais adequados. Ao final do tratamento, espera-se que os benefícios adquiridos no grupo tenham sido generalizados para outros contextos. Dentre os tratamentos psicológicos para transtornos de ansiedade no formato de grupo mais estudados, estão as terapias cognitivo-comportamentais. Outras terapias comportamentais também têm sido pesquisadas, entretanto, com número de publicação bastante escassa. Esses estudos têm demonstrado resultados eficazes na melhora clínica dos indivíduos cada qual com seu foco de intervenção. Já o tratamento mais indicado para pacientes que foram diagnosticados com transtorno bipolar tem sido a psicoeducação. Esse tipo de tratamento consiste em uma troca de informações entre os pacientes e terapeutas a respeito do transtorno e espera-se, como resultado, maior adesão ao tratamento farmacológico e diminuição do número de recaídas. O objetivo desse trabalho é promover uma discussão sobre terapias comportamentais de grupo para o tratamento de transtornos de ansiedade e da psicoeducação para o transtorno bipolar, considerando seus benefícios e limitações.

Palavras-chave: intervenções em grupo, transtornos de ansiedade, transtorno bipolar.



Debatedora: Márcia Cristina Caserta Gon

Coordenadora: Renata Grossi

A TERAPIA DE GRUPO NO TRATAMENTO DE TRANSTORNOS DE ANSIEDADE. *Cristina Tiemi Okamoto, Márcia Cristina Caserta Gon* (Instituto de Psicologia e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Sob a ótica da Análise do Comportamento, o conceito de ansiedade tem sido discutido com base em diferentes variáveis. Conforme alguns autores, ansiedade pode ser entendida como respostas complexas, as quais o organismo emite diante de determinadas condições do ambiente que sinalizem a possibilidade de eventos ameaçadores ocorrerem. De uma forma geral, ansiedade pode tanto se referir a eventos emocionais e fisiológicos do indivíduo, quanto a processos em cadeias comportamentais que podem estar envolvidos na produção desses estados internos. Contudo, em contextos em que o organismo se relaciona com eventos aversivos em alta frequência e intensidade, a ansiedade pode ser entendida como um comportamento-problema. Nesse sentido, a ansiedade é reconhecida pela medicina como um transtorno de saúde mental e é classificada como um transtorno psiquiátrico. A ansiedade será abordada neste trabalho, enquanto um problema clínico devendo-se observar fatores importantes quanto aos prejuízos causados ao indivíduo, como: impedimento ao exercício das atividades rotineiras referentes a trabalho, vida social e acadêmica; alta frequência de respostas de evitação e eliminação, de modo a provocar sofrimento apontado como significativo e predominante no seu cotidiano. Além desses prejuízos envolvidos, os transtornos de ansiedade são crônicos e ocorrem em alta prevalência. Por essas razões, intervenções clínicas tanto de ordem médica (com o uso de medicamentos psiquiátricos) quanto psicológicas têm sido desenvolvidas. Tratamentos psicoterapêuticos têm sido realizados em formato individual e de grupo. Esses últimos, além de ter sua eficácia equiparada ao molde individual, têm mostrado outros benefícios, como: menor custo tanto financeiro quanto temporal, uma vez que o valor da terapia é reduzido e várias pessoas são atendidas em um mesmo espaço de tempo; troca de experiências e o compartilhamento de problemas e sentimentos em comum entre os integrantes do grupo; ganhos sociais e sentimento de fazer parte de um grupo, entre outros. A intervenção em grupo, segundo alguns autores, favorece a adesão e a discussão de variados assuntos terapêuticos; processos de modelação e reforçamento social presentes (do terapeuta e de todos os componentes do grupo), o que promove um ambiente que facilita aprendizagem de novos comportamentos. Além disso, o ambiente promovido pelo grupo pode ser muito próximo das características do ambiente natural, podendo facilitar a aprendizagem de comportamentos importantes para o convívio social e, ainda, favorecendo o processo de generalização do que foi aprendido naquele ambiente. A forma de terapia mais estudada para o tratamento de transtornos de ansiedade no formato de grupo são as terapias cognitivo-comportamentais. Outras terapias comportamentais também tem sido pesquisadas nesse sentido, entretanto, com número de publicação escassa, como a Terapia Analítico-Funcional (FAP) e a Terapia de Aceitação e Compromisso. Os estudos tem demonstrado resultados eficazes na melhora clínica dos indivíduos cada qual com seu foco de intervenção. O objetivo desse trabalho será apresentar os tratamentos comportamentais de transtornos de ansiedade no *setting* de grupo, assim como os ganhos e limitações observados nesse formato de intervenção.



Palavras-chave: transtornos de ansiedade , terapia de grupo, análise do comportamento.

PSICOEDUCAÇÃO EM GRUPO PARA PACIENTES BIPOLARES. *Samir Vidal Mussi, Maria Rita Zoéga Soares, Renata Grossi* (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

Os Transtornos do Humor consistem em um conjunto de sinais e sintomas persistentes por semanas ou meses. Representam um desvio marcante do desempenho habitual do indivíduo e que tende a recorrer de forma habitual ou cíclica. Para que seja diagnosticada a depressão o paciente deve experimentar pelo menos quatro sintomas depressivos, por um período de duas semanas. Essa lista inclui a perda de apetite e de peso, alterações no sono e no nível de atividade faltam de energia, sentimentos de culpa, dificuldade para pensar e tomar decisões, além de pensamentos de morte e de suicídio serem recorrentes. Para o diagnóstico da Mania é necessário pelo menos uma semana dos seguintes sintomas: aumento da autoestima, redução da necessidade de sono, distabilidade, aumento da atividade física e dos pensamentos, e envolvimento excessivo em atividade prazerosa. Basta um episódio maníaco para que o paciente seja diagnosticado como sendo bipolar. Quando o paciente apresenta sintomas menos acentuados que os da mania, é considerado um episódio de hipomania. O custo anual para a sociedade trazido pelo transtorno bipolar totalizou 45 bilhões em 1995, sendo 8 bilhões com o suicídio. O risco de suicídio é de aproximadamente 19%, 18 vezes maior que uma pessoa que não apresenta o transtorno. Segundo alguns autores, apenas 40% dos pacientes que aderiram ao tratamento medicamentoso se mantem sem recaídas. Isso sem contar aqueles pacientes que não aderem ao uso de psicofármacos. Os melhores resultados são atingidos com a combinação entre o uso da medicação e a psicoterapia com enfoque na psicoeducação. A psicoeducação é uma troca de conhecimentos entre pacientes e terapeutas. O objetivo é proporcionar aos pacientes o conhecimento sobre a doença de forma teórica e prática, tornando o paciente um colaborador ativo no processo de busca pelo conhecimento do transtorno. O objetivo deste trabalho é levantar alguns aspectos importantes de serem trabalhados em um grupo de psicoeducacional para pacientes com transtorno bipolar. A literatura psicoeducacional aponta aspectos importantes a serem trabalhados em um grupo específico de bipolares. São eles: informação aos pacientes sobre a doença, seu curso, possíveis causas, tratamento farmacológico e suas implicações. Outros fatores menos comuns, mas de fundamental importância foram a necessidade de um treinamento em habilidades sociais e de controle do estresse. O conteúdo trabalhado deve conter alguns aspectos importantes de acordo com a literatura: regras do grupo, o que é psicoeducação, objetivos e benefícios, alvos do tratamento, origem do transtorno bipolar, epidemiologia preconceitos e mitos, mania e hipomania, depressão e estado misto, gráfico do humor, gatilhos x causas biológicas, adesão, estabilizadores do humor, antidepressivos e outros, gravidez e aconselhamento genético, substâncias psicoativas, detecção de episódios e o que fazer resolução de problemas, importância de hábitos regulares, controle de estresse e fechamento.

Palavras-chave: transtorno bipolar, psicoeducação, terapia de grupo.



SIMPÓSIO 4

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA: PROCEDIMENTO DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS E CONTROLE DE ESTÍMULOS. *Silvia Aparecida Fornazari, Cassiana Versoza, Everton Vieira Martins, Ingrid Caroline de Oliveira Ausec* (Mestrado em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR) *Wagner Rogério da Silva* (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP); *Deisy das Graças de Souza* (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); *Maria Cecília Bevilacqua* (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP)

O presente simpósio tem o objetivo de apresentar dois exemplos de procedimentos da Análise do Comportamento aplicados a contextos práticos. O primeiro trabalho apresentado refere-se ao Procedimento de Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA). Define-se DRA como um procedimento no qual o reforço é liberado depois de uma ou mais ocorrências de um comportamento particular, que seja ensinado, e que não necessariamente seja incompatível com o comportamento indesejado. Tal procedimento tem sido empregado com sucesso no tratamento de problemas de comportamento em populações humanas distintas, mas em especial naquelas que apresentam alta frequência de comportamentos inadequados que trazem prejuízos para si mesmas ou para seus pares. Entretanto, há diferentes entendimentos em relação a alguns pontos do DRA e sua aplicação. O objetivo do presente trabalho foi realizar uma revisão conceitual apresentando algumas das principais definições acerca do procedimento, bem como seu alcance em relação à área de intervenção, suas diferenças em relação a outros procedimentos (NCR, DRO, DRI, DRL e Extinção), tipo de comportamento estudado e limitações. Para isto foi realizada uma busca por artigos que continham a palavra chave DRA no *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) nos 10 últimos anos. Observou-se que estas pesquisas acontecem em populações diversas e em várias áreas de estudo, mas, em sua grande maioria, estão preocupados com as diferentes utilizações de reforço diferencial e suas aplicações nos contextos de educação, saúde e clínica. O segundo trabalho apresenta um exemplo do uso do controle de estímulos na programação de implantes cocleares. Dois parâmetros necessários para essa programação são medidas de limiar e máximo conforto elétrico para a estimulação gerada em cada eletrodo implantado. Na prática clínica a obtenção destas medidas depende crucialmente das habilidades orais dos implantados. Entre crianças com deficiência auditiva neurosensorial pré-lingual a obtenção destas medidas com precisão torna-se bastante comprometida, pois a capacidade de fala pode encontrar-se seriamente limitada. Respostas à estimulação elétrica de diferentes áreas do sistema fisiológico da audição têm sido utilizadas como procedimento alternativo para se estimar medidas, principalmente de máximo conforto auditivo com crianças pré-linguais implantadas. A literatura da área de implante coclear sugere que as medidas eletrofisiológicas carecem de consistência na correlação com a sensação auditiva produzida pela estimulação gerada com o implante. Um estudo realizado por da Silva (2005) avaliou a possibilidade de um procedimento operante produzir medidas de máximo conforto auditivo. Os resultados mostram que a maioria dos participantes apresentou dificuldade em aprender a função da resposta e sugeriram a necessidade de revisão e modificação do procedimento. Para isso, foi realizado o presente estudo do qual participaram crianças menores (abaixo de 5 anos) e mais de um eletrodo. As alterações foram inspiradas em procedimentos operantes de esquemas concorrentes e procedimentos que fazem uso de



estímulos compostos como antecedentes em operantes discriminados. Os resultados foram positivos, consistentes e mostraram a aplicabilidade de procedimentos operantes na regulação de implantes cocleares de crianças com surdez pré-lingual e também para evidenciar a utilidade e eficiência de tecnologia operante na resolução de problemas aplicados em ambiente hospitalar.

Debatedora: Profa. Ms. Josiane Cecília Luzia

Coordenador: Prof. Dr. Wagner Rogério da Silva

PROCEDIMENTO DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS: REVISÃO CONCEITUAL. *Silvia Aparecida Fornazari, Cassiana Versoza, Everton Vieira Martins, Ingrid Caroline de Oliveira Ausec* (Mestrado em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

Define-se DRA (Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos) como um procedimento no qual o reforço é liberado depois de uma ou mais ocorrências de um comportamento particular, que seja ensinado, e que não necessariamente seja incompatível com o comportamento indesejado. Tal procedimento tem sido empregado com sucesso no tratamento de problemas de comportamento em populações humanas distintas, mas em especial naquelas que apresentam alta frequência de comportamentos inadequados que trazem prejuízos a si mesmas ou para seus pares. Entretanto, há diferentes entendimentos em relação a alguns pontos do DRA e sua aplicação. O objetivo do presente trabalho foi realizar uma revisão conceitual apresentando algumas das principais definições acerca do procedimento, bem como seu alcance em relação à área de intervenção, suas diferenças em relação a outros procedimentos (NCR, DRO, DRI, DRL e Extinção), tipo de comportamento estudado e limitações. Para tal, inicialmente foi apresentado o conceito de reforço diferencial e as principais estratégias de controle de contingências utilizadas na pesquisa aplicada e em seguida foram apresentados os diferentes entendimentos quanto à definição e o uso do termo. Por fim, foi demonstrado que para a aplicação bem sucedida do procedimento faz-se necessário considerar o efeito de diferentes variáveis tais como o uso ou não da extinção em sua aplicação, o efeito da história prévia do participante e o efeito de diferentes esquemas de reforço no comportamento desejado. Além destas, ainda consideram-se fatores como a saciação de reforçadores, o tempo de permanência do reforçador, a qualidade do reforçador e o atraso do reforço. Para isto foi realizada uma busca por artigos que continham a palavra chave DRA no *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) nos 10 últimos anos. Observou-se que estas pesquisas acontecem em populações diversas e em várias áreas de estudo, mas, em sua grande maioria, estão preocupados com as diferentes utilizações de reforço diferencial e suas aplicações nos contextos de educação, saúde e clínica. As pesquisas em geral são realizadas com crianças com desenvolvimento típico e atípico, adolescentes, portadores de transtorno mental e não humanos. Os comportamentos de interesse compreendem desde obediência, fobias, aceitação alimentar, repertório verbal e problemas do sono. Espera-se que este trabalho possibilite esclarecer as diferenças entre os procedimentos de controle, uso ou não da extinção no reforço diferencial, o efeito da história prévia e o efeito de diferentes esquemas de reforço nas diversas populações. Desta forma, novas possibilidades de pesquisa e de intervenções comportamentais aplicadas podem se tornar possíveis com a utilização da análise funcional e o uso de diferentes arranjos de contingências.

Palavras-chave: revisão de literatura, Análise do Comportamento, DRA.



PROCEDIMENTOS OPERANTES PARA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS COM SURDEZ: MAPEAMENTO EM USUÁRIOS DE IMPLANTE COCLEAR PRÉ-LINGUAIS. *Wagner Rogério da Silva* (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP); *Deisy das Graças de Souza* (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP); *Maria Cecília Bevilacqua* (Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio-Faciais, Universidade de São Paulo, Bauru, SP).

Dois parâmetros necessários para programação de implantes cocleares são medidas de limiar e máximo conforto elétrico para a estimulação gerada em cada eletrodo implantado. Na prática clínica a obtenção destas medidas depende crucialmente das habilidades orais dos implantados. Entre crianças com deficiência auditiva neurosensorial pré-lingual a obtenção destas medidas com precisão torna-se bastante comprometida, pois a capacidade de fala pode encontrar-se seriamente limitada. Respostas à estimulação elétrica de diferentes áreas do sistema fisiológico da audição têm sido utilizadas como procedimento alternativo para se estimar medidas, principalmente de máximo conforto auditivo com crianças pré-linguais implantadas. A literatura da área de implante coclear sugere que as medidas eletrofisiológicas carecem de consistência na correlação com a sensação auditiva produzida pela estimulação gerada com o implante. Um estudo realizado por da Silva (2005) avaliou a possibilidade de um procedimento operante produzir medidas de máximo conforto auditivo. Participaram do estudo sete crianças com deficiência auditiva neurosensorial pré-lingual submetidas a implante coclear, com idades entre 5 e 7 anos e foi utilizado um eletrodo. Para avaliar máximo conforto foi empregado um procedimento operante para ensinar que uma resposta motora (não oral) interrompia o estímulo elétrico e, posteriormente, com esta linha de base, foi realizada uma variação ascendente na quantidade de corrente elétrica aplicada ao estímulo para verificar se a resposta aprendida seria utilizada. Os resultados mostram que a maioria dos participantes apresentou dificuldade em aprender a função da resposta e sugeriram a necessidade de revisão e modificação do procedimento. Para isso, foi realizado o presente estudo do qual participaram crianças menores (abaixo de 5 anos) e mais de um eletrodo. As alterações foram inspiradas em procedimentos operantes de esquemas concorrentes e procedimentos que fazem uso de estímulos compostos como antecedentes em operantes discriminados. Assim o procedimento aplicado buscou estabelecer via consequência reforçadora duas possibilidades de desempenho simultâneas durante a estimulação elétrica aplicada com quantidade de corrente confortável: uma resposta motora que produza consequência reforçadora sem interrupção do estímulo e sirva para manter a elevação na quantidade de corrente; e outra resposta motora que também seja seguida de consequência reforçadora, mas interrompa a estimulação elétrica e leve à redução na quantidade de corrente. Tendo estas duas respostas como linha de base, o uso da resposta que interrompe a estimulação elétrica foi avaliado quando a elevação na quantidade de corrente aplicada tornar o estímulo desconfortável. Os resultados foram positivos, consistentes e mostraram a aplicabilidade de procedimentos operantes na regulação de implantes cocleares de crianças com surdez pré-lingual e também para evidenciar a utilidade e eficiência de tecnologia operante na resolução de problemas aplicados em ambiente hospitalar.

Palavras-chave: controle de estímulos, esquemas concorrentes, implante coclear.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma de bolsa de Pós-doutorado para o primeiro autor (Processo: 150742/2009-6).



SIMPÓSIO 5

PSICOLOGIA DA SAÚDE: PESQUISAS E SERVIÇOS EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS *Áderson Luiz Costa Junior, Marina Kohlsdorf, Sílvia Maria Gonçalves Coutinho e Marinna Simões Mensório, Renata Grossi; Josy de Souza Moriyama; Edmárcia Manfredin Vila; Samir Mussi; Maria Rita Zoega Soares; Alex Eduardo Gallo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento - UEL, Londrina, PR, Laboratório de Desenvolvimento em Condições Adversas, Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Quando a Psicologia da Saúde é alvo de discussão, deve-se considerar que este é um campo relativamente novo no Brasil, em comparação com algumas outras áreas. No entanto, evidências clínicas e metodológicas, apontadas por pesquisas e programas de intervenção, vêm demonstrando como a interação do homem com variáveis ambientais (internas e externas) podem interferir sobre o processo de doença/saúde, o que resultou em uma crescente demanda pela participação do psicólogo em equipes de especialidades médicas, como um profissional da saúde. O objetivo do presente simpósio será apresentar e discutir a atuação da Psicologia da Saúde na pesquisa e na prestação de serviços em instituições públicas brasileiras, mais especificamente em Londrina (UEL) e Brasília (UnB). Essa escalada tem dado oportunidade para o desenvolvimento de trabalhos multidisciplinares e interdisciplinares da psicologia com a medicina, biologia, biomedicina, entre outras áreas. Na UEL, alguns projetos podem servir como ilustração: Atendimento na Clínica Psicológica de pacientes com transtornos psicológicos graves; Atendimento psicoeducacional em grupo de pacientes adultos com THB atendidos no AHC/UEL e Serviço de Aconselhamento Genético aos pacientes encaminhados por entidades da 17ª Regional de Saúde do Estado do Paraná. Na UnB, o foco está nos processos de comunicação em contextos de onco-hematologia pediatria e cirurgia bariátrica, para implementação de melhor interação entre médicos, pacientes e cuidadores, em programas de Pré-consulta Comportamental em Onco-hematologia, Consulta Psicopediátrica e Preparação para Cirurgia Bariátrica. A formação de profissionais, alunos, estagiários e bolsistas de graduação e pós-graduação, também compõe esse panorama acadêmico. Além da produção de conhecimento científico nas diferentes áreas, a psicologia da saúde ganha destaque por atender a demandas da população que busca o SUS em diferentes especialidades. Os trabalhos realizados têm como características, em comum, a elaboração de projetos de pesquisa que subsidiam intervenções profissionais sistematizadas e a realização dos mesmos a partir e dentro da realidade de cada instituição: pacientes, recursos e ambiente de cuidados. Os resultados demonstraram que em todos os projetos dois objetivos principais foram alcançados: criação de recursos e tecnologias para a melhora do atendimento aos pacientes do SUS e enriquecimento da formação e capacitação técnica dos profissionais. Com isso, a psicologia da saúde atende, além do objetivo acadêmico, um dos propósitos das Políticas Públicas de Saúde e das Instituições Públicas de modo geral, que é articular produção científica e prestação de serviço de qualidade.

Debatedor: Áderson Luiz Costa Junior

Coordenadora: Renata Grossi



ENSINANDO COMUNICAÇÃO A MÉDICOS, PACIENTES E ACOMPANHANTES. *Áderson Luiz Costa Junior, Marina Kohlsdorf, Sílvia Maria Gonçalves Coutinho e Marinna Simões Mensório* (Laboratório de Desenvolvimento em Condições Adversas, Universidade de Brasília, Brasília, DF)

O atendimento em contextos de cuidados com a saúde envolve muitas dificuldades, como o estabelecimento de comunicação eficiente, relacionada funcionalmente com adaptação ao tratamento, adesão aos cuidados, enfrentamento da situação estressora e resposta clínica à terapêutica médica. Este trabalho analisa efeitos de intervenções comportamentais para implementação de melhor comunicação entre médicos, pacientes e cuidadores. No primeiro contexto - Programa de Pré-consulta Comportamental - 80 consultas foram gravadas em áudio, ao longo do primeiro semestre de tratamento de câncer, com duas médicas onco-hematologistas. Observou-se aumento de orientações dirigidas aos cuidadores, com uso do protocolo de pré-consulta. Orientações dirigidas ao paciente e abordagem direta a dúvidas do acompanhante diminuiram para uma médica e aumentaram, significativamente, para a outra. Em segunda linha de base, observou-se manutenção de orientações dirigidas ao cuidador e à criança e maior abordagem direta a dúvidas, para ambas as médicas. Os resultados ressaltam a relevância de intervenções psicossociais focalizadas à comunicação durante consultas, que aumentam a participação ativa da criança e do cuidador no tratamento e promovem maior disponibilização de informações pelo médico. No segundo contexto - Programa de Consulta Psicopediátrica - 120 consultas foram gravadas em áudio, ao longo do primeiro semestre de tratamento de câncer, com duas médicas onco-hematologistas. Observaram-se mudanças importantes no comportamento do médico em função da intervenção do psicólogo, como diminuição de *Perda de oportunidade de interação* e aumento de categorias que evidenciam melhora na comunicação com o paciente, como *Aproveitamento espontâneo* e *tentativa bem sucedida de interação*. Observaram-se, também, mudanças na qualidade da interação médico-paciente, com aumento da atenção a aspectos emocionais expressos por paciente e/ou acompanhante e crescentes iniciativas do médico para desenvolvimento de intervenção conjunta com o psicólogo. As duas médicas demonstraram dificuldades de manutenção das mudanças de comunicação sem a presença do psicólogo. A intervenção sob consulta psicopediátrica, mais do que estimular a aprendizagem de comportamentos de comunicação, ensina estratégias mais eficientes de atendimento multidisciplinar e, talvez essa seja uma alternativa para melhorar a comunicação em contexto de consultas clínicas. No terceiro contexto - Programa de Preparação para Cirurgia Bariátrica - 18 pacientes participaram de acompanhamento psicológico em 12 sessões semanais, com discussão de temas específicos (autocontrole, mudança de hábito, adesão à dieta e atividade física, relação emocional com alimentação, ansiedade). Análise contextual de entrevistas demonstrou dificuldades resultantes da obesidade, como preconceitos, problemas com vestuário, autoestima prejudicada, limitações locomotoras e emocionais e baixo autocontrole em condutas de emagrecimento. Após intervenção, ocorreram mudanças em habilidades de autocontrole, especialmente em relação ao desejo de comer; maior adesão às orientações nutricionais - como mastigação; adesão a técnicas de auto-observação e perda de peso. Observou-se, ainda, redução e/ou manutenção dos níveis de ansiedade, ao final do acompanhamento, em relação ao tratamento e controle alimentar, porém, não à espera para a cirurgia. Pacientes obesos, em acompanhamento psicológico, desenvolvem estratégias mais eficientes para lidar com o tratamento e com sua condição enquanto aguardam a realização da cirurgia bariátrica, aderindo a comportamentos mais



saudáveis. Os dados obtidos permitem planejar intervenções psicossociais adequadas às necessidades desta população.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde, intervenção comportamental, comunicação em saúde.

A PSICOLOGIA CLÍNICA ATUANDO EM DIFERENTES CONTEXTOS DA SAÚDE

Renata Grossi; Josy de Souza Moriyama; Edmárcia Manfredin Vila; Samir Mussi; Maria Rita Zoega Soares; Alex Eduardo Gallo (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento – UEL, Londrina, PR) e *Áderson Luiz Costa Junior* (Laboratório de Desenvolvimento em Condições Adversas, Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Buscando aprimoramento do conhecimento na área da saúde, a psicologia vem atuando em diferentes campos, como instituições que oferecem o serviço por meio do SUS. O presente trabalho tem o propósito de apresentar pesquisas e serviços com objetivos clínicos, desenvolvidos na Universidade Estadual de Londrina (UEL), elaborados a partir do contingente da comunidade. O Projeto *Atendimento Multidisciplinar na Clínica Psicológica* visa absorver a demanda da população carente em lista de espera e oportunizar acesso a serviços psicológicos e psiquiátricos. As sessões podem ser tanto individuais como em grupo, dependendo da queixa, da gravidade do caso e/ou da demanda; com cunho terapêutico ou psicoeducacional. Os casos são supervisionados e/ou acompanhados diretamente por professores. Os resultados serão apresentados quanto ao: aumento de casos atendidos; faixa etária; diagnóstico/queixa; tempo de atendimento. O projeto *Caracterização dos Usuários do SAG*, é desenvolvido no Serviço de Aconselhamento Genético/UEL e tem como objetivo criar um banco de dados que subsidiará a análise funcional das variáveis de contexto que caracterizam o serviço disponível aos pacientes encaminhados por entidades da 17ª Regional de Saúde do Estado do Paraná, de modo a aprimorar e implantar os atendimentos. Os dados são coletados por entrevistas semi-estruturadas, realizadas pela psicologia e as informações lançadas e analisadas pelo programa estatístico SPSS. As variáveis são apresentadas sob dois aspectos: (1) características gerais: número de casos atendidos, médicos que encaminham casos para o exame de cariótipo, predominância do sexo e da faixa-etária, resultado do exame e municípios atendidos pelo serviço; (2) recursos e rede de apoio: acesso a atendimento especializado, tipo de medicamento e exames realizados, tipo de rotina (atividades), constituição familiar e rede de apoio social. O *Programa Psicoeducacional* visa informar e instrumentalizar os pacientes a conhecerem e a lidarem com o Transtorno de Humor Bipolar-THB, assim como abrir espaço para que possam compartilhar experiência direcionada aos temas propostos: informações sobre classificação e sintomas, causas ambientais e biológicas, medicação, adesão ao tratamento, comportamentos favoráveis às relações interpessoais e enfrentamento das situações do cotidiano. Podem participar do grupo pacientes com THB em tratamento farmacológico, do AHC/UEL, sendo excluídos aqueles com condições que comprovadamente alteram o estado do paciente segundo avaliação da equipe médica. O programa é composto por 3 etapas: (a) avaliação inicial do paciente pelos seguintes instrumentos: questionário sócio-demográfico e clínico, escala de qualidade de vida (WHOQOL), de depressão (HAMILTON), de mania (YOUNG), de influências



medicamentosas (ROMI) e teste de triagem para álcool, tabaco e outras substâncias (ASSIST); (b) atendimento psicoeducacional, realizado em 16 encontros semanais com duração de 1h30, coordenado por um psicólogo e dois residentes de psiquiatria; e (c) reaplicação dos instrumentos. Os instrumentos mostram informações quanto aos aspectos sociais e médico dos participantes e variáveis ambientais e comportamentais, que podem ajudar os profissionais a promoverem a saúde das pessoas com THB, assim como avaliar os efeitos do programa e como aprimorá-lo. Tais pesquisas/serviços buscam tanto o desenvolvimento da psicologia, como área da saúde, quanto alcançar a população em diferentes especialidades, oferecendo um trabalho de qualidade e comprometido com a realidade.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde, aconselhamento genético, atendimento multidisciplinar .



SIMPÓSIO 6

DESAFIOS NA CLÍNICA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL ADULTOS: VÍNCULO TERAPEÚTICO E RESISTÊNCIA DO CLIENTE À MUDANÇAS.

Nione Torres, Luciana Helena Silva, Luciana Zanella Gusmão (IACEP, PUC, Londrina, PR)

Um Analista do Comportamento ao receber uma pessoa como cliente discrimina de que há muito mais em questão do que regras terapêuticas, teoria ou queixa(s) ouvida(s) na primeira sessão. Outras “nuances comportamentais” podem permear o processo terapêutico influenciando sua atuação com aquele cliente. Certamente, duas delas, entre várias outras, pode-se enumerar: *vínculo terapêutico* e *resistência do cliente a mudanças*. Com relação ao *vínculo*, primeiramente, é importante abordar o processo terapêutico. Este se dá, em linhas gerais, com objetivo de promover mudanças comportamentais de uma pessoa tendo como função básica reduzir os efeitos gerados pela punição, remover reforçadores negativos desnecessários e multiplicar os positivos. Este processo se dá a partir de elementos específicos: ações intencionais (procedimentos e técnicas aplicadas) do Terapeuta e elementos inespecíficos: qualidades inerentes a uma relação humana satisfatória (empatia, aceitação incondicional, calor humano, entre outras). Pesquisas demonstram que o sucesso na aplicação de procedimentos terapêuticos está diretamente associado à qualidade desta interação que promoverão o vínculo entre terapeuta-cliente. Neste sentido, as habilidades pessoais do terapeuta como empatia, capacidade de tolerância, autoconhecimento, preocupação genuína, respeito, aceitação, entre outras, que são importantes para o ser humano, auxiliarão na promoção deste vínculo facilitando o desenvolvimento do processo clínico. Dessa forma, o adequado vínculo terapêutico é essencial para manejo de contingências terapêuticas bem como a adesão ao tratamento. Outra nuance comportamental que pode comprometer o sucesso do processo terapêutico é *a resistência do cliente a mudanças*, este é um fenômeno passível de compreensão à luz da Análise do Comportamento. Este aspecto pode ser definido como uma relação de controle e contracontrole que se dá na interação a partir dos comportamentos do cliente e das contingências de reforçamento manejadas pelo terapeuta. Esta é função das relações de contingências que se operam entre ambos, terapeuta-cliente. Inúmeras variáveis, se ignoradas, podem produzir resistência no cliente, porém, se identificadas e eficazmente manejadas podem produzir reforçadores que culminarão em melhoras para o cliente. A partir da pessoa do terapeuta é possível identificar uma gama de variáveis que podem dificultar o processo. É função do terapeuta: observar, discriminar, analisar e manejar os determinantes do ambiente presente na interação. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar porque tanto o vínculo terapêutico quanto a resistência do cliente a mudanças são variáveis que desafiam o cotidiano do clínico, ao mesmo tempo, aponta possibilidades terapêuticas no sentido de desenvolver positivamente o processo.

Palavras-chaves: clínica analítico-comportamental, vínculo terapêutico, resistência a mudança.

Debatedor: Elizeu Borlotti

Coordenadora: Nione Torres



A RESISTÊNCIA DO CLIENTE A MUDANÇAS NO CONTEXTO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL. *Nione Torres* (IACEP, Londrina, PR)

A resistência do cliente a mudanças pode ser caracterizada como um fenômeno passível de compreensão à luz da Análise do Comportamento e pode ser definida como uma forma de relação de controle e contracontrole que se dá na interação entre cliente e terapeuta, a partir dos comportamentos do cliente e das contingências de reforçamento manejadas pela pessoa do terapeuta. A resistência do cliente a mudanças é função das relações de contingências que se operam entre ambos (de um lado, o cliente; de outro lado, o terapeuta). Na verdade, são inúmeras as variáveis que, se ignoradas, podem produzir resistência no cliente; por outro lado, se tais variáveis forem identificadas e eficazmente manejadas, pelo terapeuta, podem produzir reforçadores que culminarão em melhora para o cliente. Evidentemente, constata-se que a partir da pessoa do terapeuta também é possível identificar uma gama de variáveis que poderão dificultar o processo, uma vez que também gerarão comportamentos de resistência no cliente. No setting clínico é função do terapeuta observar, discriminar, analisar e manejar os determinantes do ambiente presentes nesta interação a partir dos sistemas de contingências de reforçamento localizadas no passado e no presente, assim como, dentro e fora do contexto terapêutico, tanto da pessoa do cliente quanto da pessoa do terapeuta. Este estudo pretende apresentar como o clínico comportamental comporta-se diante de tais situações, embasando teoricamente o trabalho através de um exemplo de um caso clínico em andamento.

Palavras-chaves: análise do comportamento, resistência à mudança, controle, conta-controle.

DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO DE HABILIDADES NA PESSOA DO TERAPEUTA PARA A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO TERAPÊUTICO. *Luciana Helena Silva* (IACEP, Londrina, PR)

Um processo terapêutico se dá, em linhas gerais, com objetivo de promover mudanças comportamentais de uma pessoa. Tais mudanças vão levar à diminuição do sofrimento e ao aumento de contingências reforçadoras. Este processo se dá a partir de elementos específicos e inespecíficos, tais como a relação terapeuta-cliente. Pesquisas demonstram que o sucesso na aplicação de procedimentos terapêuticos está diretamente associado à qualidade desta interação. Se conduzir como terapeuta (ao mesmo tempo, pessoa) consiste, no mínimo, que este profissional tenha atitudes e concepções que são importantes para o ser humano. Assim, cabe ao terapeuta desenvolver um repertório pessoal com habilidades tais que possam auxiliá-lo de forma positiva na construção de outro repertório, no caso, o do cliente. Para muitos autores, tais habilidades e/ou características pessoais são assim observadas: a) disposição para se colocar no lugar de outra pessoa, podendo ou não experimentar os mesmos sentimentos dela: *empatia*; b) disposição para ouvir (sem julgamentos e avaliações) os sentimentos da outra pessoa, ou seja, manifestações comportamentais de *tolerância, aceitação e respeito* pelo outro, qualquer que seja seu comportamento; c) demonstrar uma *preocupação genuína* com o bem estar da outra pessoa; d) *Autoconhecimento* do terapeuta. Todos estes comportamentos levam à aproximação (calor humano), ao apoio, à demonstração de compreensão, que, por sua vez, geram: tranquilidade, esperança, autoconfiança no cliente. Autores afirmam que estas habilidades e/ou características estão geralmente



presentes num terapeuta naturalmente reforçador e são aprendidas ao longo da história pessoal de aprendizagem do terapeuta e vão gerar, ou não, um repertório de competência par vida. Para que a psicoterapia analítico-comportamental consiga alcançar sua função básica que é reduzir os efeitos gerados pela punição, removendo reforçadores negativos desnecessários e multiplicando os positivos, o processo terapêutico precisa obter condições favoráveis para a promoção adequada do vínculo e uma variável extremamente importante é a pessoa do terapeuta. Portanto, além de fortemente embasado numa consistente formação teórica (princípios tais como reforçamento, extinção, modelagem que deverão ser amplamente utilizados), o vínculo terapêutico, a partir da pessoa do terapeuta, será mais eficazmente construído, gerando facilitação das intervenções necessárias e aumentando a probabilidade de sucesso no processo como um todo. Diante disso, o objetivo desta apresentação consiste em: a) identificar as habilidades pessoais do terapeuta que auxiliam na promoção do vínculo terapêutico, facilitando dessa forma, o desenvolvimento do processo clínico; Sensibilizar o profissional da psicologia para a construção de tais habilidades no seu repertório pessoal, com vistas à promoção do quadro de melhora do cliente, como também do seu próprio crescimento pessoal.

Palavras-chaves: clínica analítico-comportamental, habilidades do terapeuta, vínculo terapêutico.



SIMPÓSIO 7

A IMPORTÂNCIA DO PREPARO DOS PAIS PARA A AVALIAÇÃO CLÍNICA DOS FILHOS: UTILIZAÇÃO DE UM RECURSO TERAPEUTICO INFORMATIVO PARA DIMINUIR A EVASÃO E FAVORECER A ADEÇÃO À TERAPIA. *Bruna Moraes Aguiar, Kellen Martins Escaraboto Fernandes, Josy de Souza Moriyama* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Norte do Paraná, Centro Universitário Filadélfia, Londrina, PR)

O objetivo deste trabalho é discutir a viabilidade sobre a utilização de um recurso terapêutico em clínica analítico-comportamental, o qual surgiu da prática em psicoterapia infantil e orientação de pais. Essas práticas favoreceram a percepção de que, geralmente, os pais ficam ansiosos pelo primeiro contato com o profissional, pois não sabem o que esperar, como devem se comportar, tem medo de se expor ou não sabem quais os objetivos das primeiras sessões. Percebe-se também que o tempo de duração do processo de intervenção, além de outros fatores tais como: problemas financeiros, emocionais, falta de tempo livre, falta de transporte seguro e de acompanhante para levar a criança ao local de atendimento - tem dificultado a procura dos pais por ajuda profissional para seus filhos. Ou ainda, tem levado os pais que procuram ajuda a desistir do tratamento. Por isso a principal função deste material é orientar os pais a se prepararem para avaliação dos filhos e preparar alunos dos últimos anos de graduação ou recém-formados para entrevista inicial, acelerando assim a análise do caso e levando mais rapidamente ao plano de tratamento. Ou seja, o foco maior é, em longo prazo, diminuir a evasão e aumentar a adesão ao tratamento. É importante ficar claro que não se pretende com esse panfleto direcionar completamente a entrevista, entendendo que as entrevistas iniciais podem e provavelmente irão variar em algumas características. O quanto variam dependerá de cada caso e de cada profissional, que pode se basear nos parâmetros aqui mencionados, mas não deve ficar preso a eles. O material contém instruções sobre as informações relevantes no início da avaliação clínica, quer sejam, sobre os comportamentos-queixa apresentados pela criança, bem como a intensidade e frequência e contextos em que acontecem; além de informar sobre a necessidade do contato com outros profissionais e instituições em que a criança participa. Também informa sobre a organização dos primeiros atendimentos (número de sessões para avaliação, tempo de duração, atrasos e faltas, sigilo terapêutico e sobre quando há necessidade da utilização de outros materiais como inventários ou observações da criança em ambiente natural). Reforça a importância da história de contingências tanto na aquisição quanto manutenção dos comportamentos e valoriza o papel dos pais em relação à terapia, uma vez que os orienta a realizar observações da criança, avaliando seus comportamentos de acordo com um modelo de análise funcional.

Palavras-chave: recursos em terapia analítico comportamental infantil, análise funcional, entrevista inicial com pais.

Coordenadora: Kellen M Escaraboto Fernandes.

Debatedora: Josy de Souza Moriyama.



ADESÃO A TERAPIA: A IMPORTÂNCIA DE INFORMAR OS PAIS SOBRE O PROCESSO TERAPÊUTICO INFANTIL E AS FUNÇÕES DOS ADULTOS ENVOLVIDOS COM A CRIANÇA. *Bruna Moraes Aguiar* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Universidade Estadual de Londrina, Centro Universitário Filadélfia, Londrina, PR).

A terapia infantil é um processo que implica o envolvimento da criança e de todos os adultos que são responsáveis pela educação da mesma, principalmente os pais. Percebe-se que os pais que buscam a terapia infantil frequentemente estão numa condição de sofrimento intenso e se mostram fragilizados e/ou intolerantes para assistir, de forma apropriada, as necessidades da criança. Dessa forma, pode-se afirmar que a condição de bem-estar dos pais seria então um fator de grande importância para a adesão dos mesmos a terapia infantil. Para isso, é preciso esclarecer que no presente trabalho, o termo “adesão a terapia” vai além do comparecimento da criança e de seus pais às sessões de terapia, diz respeito especificamente ao envolvimento de ambos, no sentido de participação nas atividades propostas pelo terapeuta. Muitos dos pais que procuram terapia para seus filhos acreditam que monitorar o comparecimento das crianças às sessões seria a maior ou a única responsabilidade implicada a eles, quando na verdade, essa é apenas uma entre suas diversas funções. Nessa mesma direção, terapeutas infantis constantemente afirmam desmotivação quanto a terapia com crianças e dificuldade de maximizar seus efeitos diante de tal negligência parental. Esses mesmos terapeutas ainda relatam a necessidade de explicar repetidamente aos pais que sua função, enquanto profissional, é orientá-los na busca por soluções para os problemas da criança. Apesar disso, muitas vezes os pais se comportam como se o profissional tivesse como função solucionar, por si próprio, os problemas da criança. Nessa linha de raciocínio, pode-se sugerir que parece haver, por parte dos pais, uma terceirização da educação infantil, uma vez que a responsabilidade de educar as crianças não é apenas dividida com outras pessoas de seu meio, ou auxiliada por elas, mas delegada a outros. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo apresentar um material, enquanto recurso terapêutico, que visa contribuir para a adesão dos pais, no sentido participativo que foi percorrido até o presente. Esse material é considerado um panfleto com funções psicoeducacionais, visto que prepara os pais para a avaliação inicial do problema da criança, informando aos mesmos os principais passos da terapia infantil e as responsabilidades implicadas a eles antes mesmo de iniciarem o processo. Além disso, acredita-se que a leitura desse material possa diminuir a ansiedade dos pais antes do encontro com o terapeuta, o que poderia contribuir para que eles atentassem mais para as explicações do terapeuta e assumissem seus papéis.

Palavras-chave: adesão à terapia infantil, participação parental, Análise do Comportamento.

ANÁLISE FUNCIONAL COMO INDICATIVO DE EFICÁCIA PARA A AVALIAÇÃO EM CLÍNICA ANALÍTICO- COMPORTAMENTAL INFANTIL: COMO ENVOLVER OS PAIS UTILIZANDO UM RECURSO TERAPÊUTICO. *Fernandes, Kellen Martins Escaraboto.* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Universidade Norte do Paraná, Londrina, PR).



A prática de cada profissional dependerá do paradigma que o fundamenta e entender a prática de um analista do comportamento dentro de seu consultório clínico implica, primeiramente, em compreender sua base filosófica. A filosofia seguida pelo analista do comportamento é o Behaviorismo Radical, proposto por Skinner, o qual estabelece que o comportamento é produto de três níveis de seleção histórica: filogenia, ontogenia e cultura. Tendo em vista a multideterminação do comportamento, destaca-se a ausência de um agente iniciador ou de uma única causa, pelo contrário, entende-se que existem muitas variáveis inter-relacionadas atuando conjuntamente, rompendo a necessidade de indicar “forças internas” ou constructos hipotéticos como responsáveis por uma ação. Outro ponto que merece destaque é o enfoque que o analista do comportamento dá a utilização do conhecimento empírico e das informações obtidas em ambientes controlados para que possa compreender o comportamento humano. Assim, grande destaque do exercício desse profissional é a prática contínua de investigar a relação de dependência entre as variáveis ambientais e a ação do organismo, buscando explicá-la pela sua descrição. O objetivo do terapeuta será, portanto, averiguar em que contingências esse comportamento se instalou e quais as variáveis ambientais responsáveis pela manutenção do mesmo. Esse exercício se configura em um importante instrumento, denominado análise funcional. Em se tratando da terapia analítico-comportamental infantil, as informações relacionadas a história passada da criança, os comportamentos e sua função geralmente são trazidos pelos cuidadores e/ou responsáveis pela criança e este contato fornecerá inúmeros dados relevantes ao longo de todo o processo. A prática clínica tem demonstrado que nas sessões iniciais da terapia os pais omitem informações importantes, seja pela condição de nunca terem passado por um processo psicoterápico ou porque simplesmente não sabem o que é relevante ou irrelevante informar ao terapeuta. Tal condição dificulta a organização da análise funcional e o levantamento de hipóteses acerca do problema da criança, o que pode demandar inclusive um aumento do número de sessões necessárias para que a avaliação inicial seja realizada. O recurso terapêutico apresentado pode ser um instrumento facilitador para que terapeutas orientem os pais acerca da observação das crianças, descrevendo comportamentos que precisam ser observados em ambiente natural e que devem necessariamente ser relatados ao terapeuta. Pretende-se, através da utilização deste instrumento, avaliar que hipóteses diferentes membros da família possuem acerca do problema da criança, sobre a origem e manutenção do problema, se os pais apresentam o problema como localizado na criança ou encontram-se inseridos na situação e tentativas de soluções que já foram implementadas, através de descrições detalhadas e melhor organizadas. Não se pretende com este instrumento direcionar a terapia e nem tornar os pais especialistas em análise do comportamento, porém é necessário que compreendam desde as sessões iniciais os princípios com os quais trabalhamos e a importância da sua participação no processo psicoterápico da criança.

Palavra- chave: análise funcional, terapia analítico comportamental infantil, recursos terapêuticos.



SIMPÓSIO 8

IDENTIFICAÇÃO, AVALIAÇÃO E ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

Silvia Cristiane Murari (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Pontifícia Universidades Católica de São Paulo, Londrina, Paraná), *Nilza Micheletto* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP), *Viviane Rosalie Duarte* (Coordenadora Técnica do Módulo Atendimento Personalizado, Colégio Paulicéia, São Paulo, São Paulo), *Fabiana Pignataro da Rocha* (Coordenadora Operacional do Módulo Atendimento Personalizada, Colégio Paulicéia, São Paulo, SP)

Estudos sobre avaliação e tratamento de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista sempre foi uma realidade para analistas do comportamento. Na atualidade, o tema autismo assume importância mundial e, no Brasil, já existe um Projeto de Lei (168/2011) que institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista na qual, uma de suas diretrizes, estabelece “a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional”. O acúmulo de resultados científicos produzidos em Análise do Comportamento e por outras áreas da ciência suportam, há algum tempo, que a proposta comportamental de atendimento a pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista com início precoce produz resultados excelentes. Assim, o desafio atualmente para os profissionais da psicologia é o de identificar e avaliar, precocemente, crianças com possíveis sinais autísticos. Este desafio exige o desenvolvimento de pesquisas que gerem tecnologias capazes de triar e avaliar de forma segura e eficiente essa população, bem como preparar profissionais para o atendimento dos mesmos. Considerando essa realidade o presente simpósio tem por objetivo apresentar e discutir as possibilidades de identificação precoce, através de rastreamentos (screening), de crianças com sinais autísticos e procedimentos de avaliação e atendimento de crianças já diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Para tanto serão apresentadas uma proposta de identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista a partir do programa de puericultura de uma Unidade Básica de Saúde na cidade de Londrina e o trabalho de avaliação e atendimento de crianças autistas realizados em uma escola da rede particular da cidade de São Paulo.

Debatedor: Margarette Matesco Rocha

Coordenador: Silvia Cristiane Murari

IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS COM SINAIS DE AUTISMO A PARTIR DO PROGRAMA DE PUERICULTURA EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE EM LONDRINA: UMA PROPOSTA.

Silvia Cristiane Murari (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Pontifícia Universidades Católica de São Paulo, Londrina, PR), *Nilza Micheletto* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP)

Desde os trabalhos publicados pelo Conselho Federal de Psicologia, nas décadas de 1980 e 1990, que a atuação do psicólogo como um profissional predominantemente clínico, marcada pela prática em consultórios particulares, vem sendo questionada.



Questionamentos, práticas emergentes e novos contextos de atuação do psicólogo resultaram na emergência da Psicologia da Saúde e da figura do psicólogo da saúde. A expectativa era a de que esse profissional evoluísse da clínica para o serviço junto à comunidade e às instituições públicas. A Análise do Comportamento é uma área da Psicologia que pode e atua no campo da saúde. Dentro do espectro de possibilidades de investigação desse campo, destacam-se os estudos e desenvolvimento de tecnologias eficazes para avaliação e intervenção de indivíduos com desenvolvimento atípico dentre eles o Transtorno do Espectro Autista. No Brasil, calcula-se que existam entre 600 mil a 1 milhão de pessoas afetadas pelo Transtorno do Espectro Autista. Não se sabe, no entanto, se esses números refletem um crescimento genuíno do número de casos ou se são reflexos de instrumentos de diagnósticos e avaliação precários. O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é realizado atualmente a partir de dois instrumentos oficiais: a CID-10 e o DSM IV-TR. A literatura é decisiva ao declarar que quanto antes o tratamento iniciar melhores as chances de aumentar a qualidade de vida desses indivíduos. Entretanto para que o tratamento inicie-se precocemente é preciso que esse indivíduo seja identificado precocemente. A literatura aponta que os serviços de identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista podem ser realizados com vistas a um rastreamento (*screening*) ou a uma vigilância (*surveillance*). O rastreamento tem o objetivo de identificar indivíduos com alta probabilidade de ter uma doença ou um transtorno específico, sugerindo-se assim, uma avaliação mais detalhada. Alguns instrumentos de rastreamento podem ser aplicados a partir dos 18 meses de idade, por exemplo, M-CHAT (*Modified Checklist for Autism in Toddlers*) e ASQ (*The Ages and Stages Questionnaire*); estes instrumentos não resultam em diagnóstico, apenas sugerem a necessidade de mais investigação. A vigilância, por sua vez, tem por objetivo coletar dados que sejam atuais e são utilizados para a identificação de um transtorno ao longo do tempo. Exemplos deste tipo de serviço são os programas de puericultura realizados pelo Sistema Único de Saúde através das Unidades Básicas de Saúde. Sendo assim, o presente trabalho visa apresentar quais as formas de rastreamento utilizadas hoje e discutir as possibilidades e desafios da identificação precoce de sinais autistas a partir do atendimento de puericultura realizado em uma Unidade Básica de Saúde em Londrina.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista, comportamento atípico, atenção primária.

Apoio: Silvia Cristiane Murari é bolsista Capes.

A ESCOLA COMO CONTEXTO DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Viviane Rosalie Duarte, Fabiana Pignataro da Rocha* (Colégio Paulicéia, São Paulo, SP).

O transtorno autista é considerado uma síndrome comportamental de etiologias múltiplas que pertence a um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento classificados como transtornos globais do desenvolvimento, que se caracterizam por déficits nas habilidades sociais, comunicativas (verbais e não verbais) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. A análise do comportamento entende o autismo como uma síndrome de déficits e excessos comportamentais com base neurológica. A plasticidade neural está presente ao longo da vida do indivíduo



desde sua concepção até o envelhecimento, contudo, quanto mais novo o indivíduo mais plástico é seu cérebro. Por isso, se preconiza a identificação precoce de sinais de autismo, assim como sua intervenção. A identificação de sinais autísticos requer que o profissional da área de saúde (psicólogos, pediatras, neurologistas, psiquiatras) não só conheça sobre desenvolvimento típico como também o desenvolvimento atípico que caracteriza outros transtornos. A intervenção com crianças diagnosticadas com transtorno global do desenvolvimento ou autismo deve ter como objetivos o desenvolvimento de comportamentos relacionados às áreas de linguagem, socialização, cognição, motricidade e autocuidado, diminuir comportamentos que interferem na aprendizagem e na oportunidade de vivenciar novas experiências (estereotípias), assim como nos comportamentos que interferem na interação com o outro (comportamentos hetero e autoagressivos). A avaliação pode envolver diferentes abordagens. A avaliação do funcionamento intelectual e de habilidades específicas pode necessitar de um ambiente mais estruturado que maximiza a atenção da criança. A avaliação do funcionamento social envolve uma abordagem menos intrusiva para que se criem oportunidades a fim de se observar até onde a criança inicia contato social espontâneo. Na avaliação o terapeuta terá como objetivo a identificação dos déficits e excessos comportamentais. A identificação dos déficits se dá pela utilização de instrumentos como o *The Assesment of Basic Language and Learning Skills (ABLLS)*, *Behavioral Intervention for Young Children with Autism – A Manual for parents and professionals* e o Inventário Portage Operacionalizado. Esta avaliação permite que o analista do comportamento desenvolva programas de ensino individualizados, ou seja, direcionados para a necessidade de cada criança - o número de horas que a criança terá de intervenção individualizada, as aulas que ela participará em grupo e os procedimentos de ensino. A avaliação dos excessos comportamentais se dá pela análise funcional. Considerando o exposto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o modelo de avaliação e intervenção analítico comportamental desenvolvido em uma escola da rede particular da cidade de São Paulo, Colégio Paulicéia, e discutir os desafios que a realização deste trabalho impõe a toda a equipe.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista, avaliação, intervenção, inclusão escolar.



SIMPÓSIO 9

CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS PARA PRODUZIR LEITURA E ESCRITA COM PRECISÃO E LEITURA RECOMBINATIVA.

Daniel Carvalho de Matos (Uninove e PUC-SP, São Paulo, SP), *Eliana Isabel De Moraes Hamasaki* (Uninove e USP, São Paulo, SP), *Leidiana Peixoto Ribeiro* (Uninove, São Paulo, SP - BR), *Ivânia Alves Costa* (Uninove, São Paulo, SP), *Thais Cristine Martins* (PUC-SP, São Paulo, SP), *Anna Beatriz Müller Queiroz* (PUC-SP, São Paulo, SP), *Paula Suzana Gioia* (PUC-SP, São Paulo, SP)

Este simpósio foi formado por dois trabalhos no tema de educação: ensino de leitura e escrita/leitura recombinaiva. Estes foram selecionados visando a discussão sobre diferentes procedimentos, em Análise do Comportamento, utilizados para o ensino de leitura e escrita com precisão e os diferentes procedimentos utilizados por pesquisadores brasileiros para promover a emergência de leitura recombinaiva. Este debate, portanto, pretende fornecer à área de Educação um aumento do escopo de procedimentos efetivos na produção de leitura e escrita, a luz do referencial teórico da Análise do Comportamento. No primeiro trabalho são apresentados dados de coleta de uma pesquisa que empregou o procedimento de ensino de precisão (*precision teaching*), derivado das contribuições de Skinner para educação através da instrução programada. Alunos de graduação do curso de Psicologia de uma Universidade particular de São Paulo aplicaram um teste padronizado (Teste de Desempenho Escolar - TDE) para avaliação do repertório inicial dos participantes. A partir de uma linha de base inicial foi aplicado o procedimento de ensino de precisão. Durante o procedimento de ensino foram realizados testes de sondagem (similares a linha de base). Os dados de ensino e teste obtidos foram relacionados as características do procedimento empregado a fim de verificar variáveis relevantes para sua eficácia. Neste trabalho são discutidas estas variáveis e a contribuição do ensino de precisão para a educação. No segundo trabalho são analisados os procedimentos, resultados e principais variáveis apontadas pelos autores como relevantes para os resultados obtidos, apresentados em dissertações e teses brasileiras disponíveis eletronicamente no tema de leitura recombinaiva. Estes dados foram classificados em diferentes categorias e sub-categorias. Os resultados relacionam os dados obtidos nas categorias de análise dos procedimentos com os dados obtidos nas categorias relacionadas a resultados e principais variáveis apontadas pelos autores, a fim de verificar possíveis relações de dependência entre estes. Ao final discute-se a variabilidade de procedimentos e resultados obtidos nas dissertações e teses analisadas bem como apontam-se possíveis lacunas, a serem preenchidas no desenvolvimento de procedimentos que visem a emergência de leitura recombinaiva. Também é discutida a necessidade do desenvolvimento de futuras pesquisas que relacionem procedimentos e resultados de diferentes universidades que se dedicam a produção de conhecimento no tema de leitura recombinaiva.

Palavras-chave: ensino de precisão, leitura recombinaiva, Análise do Comportamento

Debatedor: Daniel Carvalho de Matos

Coordenador: Anna Beatriz Müller Queiroz



ENSINO DE PRECISÃO DE LEITURA E ESCRITA EM CRIANÇAS COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO. *Daniel Carvalho de Matos* (Uninove e PUC-SP, São Paulo, SP), *Eliana Isabel De Moraes Hamasaki* (Uninove e USP, São Paulo, SP), *Leidiana Peixoto Ribeiro* (Uninove, São Paulo, SP), *Ivânia Alves Costa* (Uninove, São Paulo, SP)

O ensino de precisão consiste em um sistema instrucional aplicado, por exemplo, em escolas com o objetivo de ensinar repertórios acadêmicos como leitura e escrita, usando como critério a fluência. Esse critério combina precisão e velocidade da resposta. Por meio desse critério, considera-se, portanto, além da avaliação ou ensino do aluno na realização da tarefa (desempenho preciso), a avaliação e ensino do tempo despendido pelo aluno (fluência). Tal sistema, historicamente, tem possibilitado a estudantes, professores e pesquisadores o monitoramento de frequências de comportamentos sob um formato gráfico padronizado. O presente trabalho se propõe à apresentação e à discussão dos dados referentes aos repertórios de leitura, escrita e multiplicação de três crianças, usuárias de uma clínica escola, onde são prestados serviços de psicoterapia. As crianças estão matriculadas no ensino fundamental da rede pública. Primeiramente, foram conduzidas avaliações de repertórios, buscando as possíveis dificuldades de cada criança. Para tanto foi empregado um teste abreviado como TDE (Teste de Desempenho Escolar) que avalia os desempenhos de crianças do ensino fundamental de primeira a sexta séries com relação a três repertórios: leitura, escrita e aritmética. Os escores obtidos por cada participante foram comparados com os resultados que são esperados para a série em que se encontravam e também para a idade. Destacou-se menor acurácia no desempenho dos participantes nos três testes. Após a aplicação do TDE, avaliações mais específicas e intervenções para o ensino, baseadas no ensino de precisão, foram conduzidas. Cada sessão era composta pela apresentação de 20 estímulos (palavras escritas para leitura, palavras faladas para escrita e operações de multiplicação), em cada bloco de tentativas. O primeiro bloco (linha de base) avaliou leitura e escrita em um período de até três minutos. Caso fosse cometido pelo menos um erro de leitura ou escrita ou caso não se atingisse o critério de terminar a tarefa em três minutos, passava-se a uma condição de treino com os mesmos estímulos, utilizando-se correção e reforçamento diferencial. Por fim, após o cumprimento do critério do treino, outra sessão de teste foi conduzida para avaliar os efeitos do treino. Os dados revelaram melhoras na precisão e fluência dos repertórios de leitura e escrita e multiplicação para os estímulos treinados e testados (exceto para multiplicação). De um modo geral, também foi verificado que após o desempenho para o primeiro conjunto de estímulos ter alcançado o critério de fluência, os demais conjuntos necessitaram de um número menor de tentativas para atingir este critério. As crianças continuam frequentando a clínica escola e novas coletas estão em andamento.

Palavras-chave: fluência; leitura; escrita.

LEITURA RECOMBINATIVA: ANÁLISE METODOLÓGICA DE DISSERTAÇÕES E TESES BRASILEIRAS DISPONÍVEIS ELETRONICAMENTE. *Thais Cristine Martins* (PUC-SP, São Paulo, SP), *Anna Beatriz Müller Queiroz* (PUC-SP, São Paulo, SP), *Paula Suzana Gioia* (PUC-SP, São Paulo, SP)



Leitura recombinaiva é um tema de interesse não só de analistas do comportamento, sendo necessária a comunicação transdisciplinar. Teses e Dissertações são os produtos diretos e instrumentos de comunicação das pesquisas nas universidades brasileiras. Devido a amplitude geográfica brasileira, consultas a materiais impressos e a coesão metodológica entre pesquisadores podem ser dificultadas. O presente estudo tem por objetivo identificar a metodologia, resultados e variáveis relevantes identificadas pelos pesquisadores brasileiros sobre leitura recombinaiva em Teses e Dissertações disponíveis eletronicamente. Foram utilizados 66 estudos (distribuídos em 39 Teses ou Dissertações). Cada estudo foi categorizado quanto a referências bibliográficas; contexto metodológico; unidades de ensino e de testes, avaliação do repertório prévio; relações ensinadas e testadas; procedimentos especiais; resultados e variáveis relevantes apontadas pelos autores. Cada categoria foi plotada individualmente e continha subcategorias específicas. Dentre os resultados observou-se que sete instituições brasileiras produzem no tema. O maior número de referências citadas, de um modo geral, refere-se à própria produção da universidade de filiação do estudo, mas todos citam alguma produção de outras instituições. Apenas três universidades foram citadas por trabalhos de cinco ou mais instituições diferentes. A maioria dos estudos utilizou: a) *setting* individual e o próprio pesquisador foi o agente de mudança; b) apenas uma unidade de ensino (palavras/pseudopalavras) e palavras dissílabas como unidade de teste, c) *MTS* (teste da relações AC, BC/CB, AB) e Nomeação (de palavras), na avaliação do repertório prévio; d) testou as relações que seriam ou foram treinadas; e) no treino: a relação AC e, f) nos testes intermediários: testes de nomeação dos estímulos de treino e recombinaivos (relação CD). Dos estudos que utilizaram Instrumentos Adicionais de Avaliação, a maioria utilizou o IAL-I e DLE. Verifica-se também a preocupação de muitos estudos com a leitura com compreensão (testes BC/CB). Nem todos os estudos demonstraram leitura recombinaiva e, mesmo entre aqueles que demonstraram, isso não ocorreu necessariamente para todos os participantes. Houve ainda um único caso em que leitura recombinaiva foi demonstrada para menos da metade dos participantes. As sub-categorias Unidade de ensino, Características gerais do treino, variáveis manipuladas/procedimentos de treino e teste estão entre as variáveis relevantes mais apontadas pelos autores. Discute-se a variedade de unidades de ensino e de relações treinadas como um indicativo do esforço em determinar as variáveis relevantes e as melhores combinações de procedimentos para a emergência de leitura recombinaiva. Aponta-se a necessidade de estudos coletivos e aplicados por agentes de mudança que não o próprio pesquisador e principalmente, a necessidade de estudos que analisem o conhecimento metodológico acumulado nas sete universidades encontradas para o progresso da área de leitura recombinaiva.

Palavras-chave: leitura recombinaiva; pesquisa metodológica; tese e dissertação.



SIMPÓSIO 10

INVESTIGANDO TECNOLOGIAS PARA AUXILIAR PESSOAS COM PERDA DE MEMÓRIA: PESQUISAS EXPERIMENTAIS E APLICADAS. *Verônica Bender Haydu* (UEL, Londrina, PR). *Fabiana Satiro de Souza, Melania Moroz* (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação - NEPEN - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, PUC, SP)

Estudos que permitam desenvolver tecnologias comportamentais que possam auxiliar pessoas com perda de memória a diminuir o progresso desse processo são relevantes por viabilizarem uma melhora na qualidade de vida dessas pessoas. Lembrar nomes torna as interações que ocorrem no dia a dia menos sujeitas às contingências aversivas que o esquecimento gera e aumenta a probabilidade de serem emitidos comportamentos reforçados positivamente pelos membros do grupo social em que o indivíduo está inserido. No presente simpósio, serão apresentadas duas linhas de estudos baseados em princípios da Análise do Comportamento, uma em que foram realizados estudos experimentais que visaram investigar o efeito do número de membros relacionados em classes de equivalência sobre a manutenção e recuperação de relações de equivalência, desenvolvidos em laboratório, com participantes da terceira idade e estudantes universitários. Nesses estudos, o objetivo principal é testar procedimentos que aumentem a probabilidade de relações condicionais que participam de classes de equivalência serem mantidas e restabelecidas. A principal variável investigada é o número de membros das classes de equivalência. A outra linha de estudos caracteriza-se como pesquisa aplicada envolvendo pacientes com o Mal de Alzheimer, cuja racional é se a possibilidade de formação de novas redes relacionais pelo idoso permitiria também a reinstalação de repertórios que estão sendo afetados pelo envelhecimento, como o comportamento de lembrar nomes, de pessoas e de objetos. O objetivo do estudo foi verificar se o ensino de discriminações condicionais, com base no modelo de equivalência de estímulos, poderia auxiliar idosos a lembrar nomes.

Coordenadora: *Verônica Bender Haydu*

Debatedor: *Lauro Eugênio Guimarães Nalini*

ESTRATÉGIAS ANALÍTICAS COMPORTAMENTAIS QUE FAVORECEM A MANUTENÇÃO E O RESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS ENTRE NOMES E FIGURAS. *Verônica Bender Haydu, Letícia Peixoto Morais, Julio César de Camargo* (UEL, Londrina, PR).

Com base nas hipóteses de que estímulos que fazem parte de classes de equivalência têm uma probabilidade maior de serem lembrados e de que quanto maior o número de estímulos (membros das classes), maior a probabilidade das relações condicionais se manterem, foram desenvolvidos diversos estudos analítico comportamentais. Dois estudos serão aqui descritos, nos quais essa variável foi manipulada para investigar se o número de membros das classes de equivalência afeta a sua manutenção, após um intervalo de 6 semanas. No Estudo 1, comparou-se o efeito do número de estímulos por classe, com 18 participantes idosas. Por meio do procedimento de escolha de acordo com modelo foram estabelecidas relações para formar seis classes com quatro e seis classes com seis estímulos familiares. Verificou-se que não houve diferença na



probabilidade de formação de classes com quatro e seis estímulos e que não houve diferença no número de participantes que mantiveram as classes. No entanto, número de respostas incorretas diminuiu durante o teste quando as classes tinham seis estímulos, mas não quando tinham quatro estímulos. Conclui-se que o restabelecimento das classes equivalentes foi facilitado quando as classes tinham um maior número de membros. No Estudo 2, controlou-se o número de tentativas de teste das relações emergentes. Um delineamento intragrupo com 12 estudantes universitários foi realizado com o uso de um computador e 36 figuras familiares em escala de cinza, cujos nomes eram palavras dissílabas. O procedimento envolvia as seguintes etapas: nomeação dos estímulos; história experimental de formação de classes de equivalência; formação de classes com três e seis estímulos; reteste e teste de manutenção. As classes de equivalência com três e seis estímulos foram formadas por todos os participantes. Dentre os 11 participantes que atingiram o critério mínimo de 90% de acertos, oito apresentaram porcentagens maiores de acertos no teste de manutenção das classes com seis do que com três estímulos. O teste de manutenção das classes com três estímulos teve que ser reaplicado para que metade dos participantes atingisse o critério de 90% de acertos, enquanto que, para as classes maiores, apenas um participante precisou refazer o teste. Verificou-se que houve formação e manutenção de relações de equivalência e que a probabilidade de manutenção das classes com três estímulos foi menor do que das classes com seis estímulos. Conclui-se que o número de membros das classes de equivalência é uma variável relevante para a manutenção dessas, e que esse procedimento pode vir a ser uma estratégia de ensino importante para pessoas com perda de memória.

Palavras-chave: lembrar, esquecer, relações de equivalência.

Apoio: Verônica Bender Haydu é bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Araucária e Julio César de Camargo foi bolsista de Iniciação científica do CNPq.

LEMBRAR NOMES POR IDOSOS – PROCEDIMENTO COM BASE NO MODELO DE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS. *Fabiana Satiro de Souza e Melania Moroz* (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação - NEPEN - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, PUC, SP)

Tendo em vista que o número de idosos vem aumentando em decorrência do aumento na expectativa de vida e que, à medida que se envelhece, há maior risco de perdas cognitivas, sendo muito mais frequente a perda de memória (por exemplo, é comum, por parte de idoso, a queixa de esquecimento de nomes), considera-se importante desenvolver, junto aos idosos, atividades de estimulação cognitiva, a fim de minimizar ou estabilizar tais perdas, favorecendo o comportamento de lembrar. Estudos pautados nas relações de equivalência têm mostrado a possibilidade de formação de novas redes relacionais pelo idoso, o que poderia também permitir a reinstalação de repertórios que estão sendo afetados pelo envelhecimento, como o comportamento de lembrar nomes, de pessoas e de objetos. O objetivo do presente estudo foi verificar se o ensino de discriminações condicionais, com base no modelo de equivalência de estímulos, poderia auxiliar idosos no comportamento de lembrar nomes. Participaram desta pesquisa três idosas (com idades entre 82 e 89 anos) com diagnóstico de Alzheimer. Realizou-se primeiramente uma entrevista com os familiares e a avaliação do repertório inicial das participantes por meio dos seguintes instrumentos: Mini Exame do Estado Mental, Teste de Fluência Verbal (lembrar nomes na ausência de estímulos), Teste de



Nomeação (lembrar nomes na presença de estímulos) e Avaliação do Repertório de Lembrar Nomes de Parentes. Na sequência, aplicou-se o procedimento de ensino de relações condicionais com estímulos nas modalidades som (palavra ditada), imagem (representativa da palavra) e texto (palavra escrita), sendo as apresentações com pareamento simultâneo e pareamento sucessivo sem atraso e com atraso de 5 segundos; testou-se a emergência de novas relações e, finalmente, avaliou-se o repertório atingido com os mesmos testes da avaliação inicial. Dentre os resultados destaca-se, na avaliação inicial, a dificuldade das participantes no Teste de Fluência Verbal, no qual nenhuma atingiu a pontuação mínima esperada. Quanto ao procedimento de ensino, os piores desempenhos foram apresentados nas condições de atraso, principalmente na relação ensinada palavra escrita-imagem, e no teste de sua simetria. Na avaliação final todas as participantes apresentaram maior pontuação no Teste de Fluência Verbal, o que pode significar que o ensino de relações condicionais proposto auxiliou o comportamento de lembrar nomes na ausência de estímulos, nas categorias testadas. Em síntese, os resultados indicaram, entre outros aspectos, maior dificuldade nas relações entre imagem-palavra escrita na condição de atraso e melhor desempenho das participantes no pós-teste comparativamente ao pré-teste. Tendo o modelo de equivalência de estímulos como referência, considera-se fundamental a realização de novos estudos direcionados à população idosa com comprometimento cognitivo, já que procedimentos derivados do modelo poderiam indicar alternativas de atuação no enfrentamento dos esquecimentos decorrentes do envelhecimento e da demência.

Palavras-chave: idosos, lembrar, relações de equivalência.

Apoio financeiro: *Fabiana Satiro de Souza* recebeu bolsa da Agência de Fomento Capes



MESAS REDONDAS

MESA REDONDA 1

A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO NO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH). *Priscila Andrade, Maura Glória de Freitas, Margarete Matesco Rocha, Thiago Leão Silveira Dourado* (UEL, Londrina, PR), *Rauni Jandé Roama Alves* (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP).

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um dos transtornos mais comuns na infância, atingindo de 3 a 5% das crianças em idade escolar. A tríade sintomatológica de desatenção, hiperatividade e impulsividade não afetam igualmente todas as crianças, mas ocasionam prejuízos variados no desempenho escolar, social e familiar dessas crianças. Na literatura o modelo explicativo predominante do TDAH destaca as estruturas neurais como responsáveis pelos sintomas. As explicações neuroquímicas/biológicas, comumente apresentadas como causas do TDAH, são entendidas na perspectiva da Análise do Comportamento como uma condição biológica do organismo, provavelmente selecionada por contingências filogenéticas. Essa condição explicaria as dificuldades de manutenção de comportamentos de autocontrole, um dos padrões de comportamento mais estudado no TDAH. A avaliação neuropsicológica, com o uso de diferentes instrumentos, proporciona a investigação de diversas habilidades relativas ao funcionamento do sistema nervoso central e a avaliação clínica característica a esse tipo de avaliação psicológica, por meio da perspectiva comportamental, a investigação de padrões comportamentais característicos a esse transtorno, tais como o de autocontrole. Nesse contexto, o mestrando Rauni Jandé Roama Alves apresentará os instrumentos padronizados utilizados para a avaliação do transtorno, enfatizando os prejuízos neuropsicológicos e discutindo as contribuições da Análise do Comportamento para esse tipo de avaliação. Além disso, pretende-se relatar a experiência da inserção do analista do comportamento em uma equipe multidisciplinar, com perspectiva teórica predominantemente organiscista. Na segunda apresentação, o graduando Thiago Leão Silveira Dourado enfatizará a avaliação funcional como norteadora para a elaboração de um programa de treinamento em habilidades sociais educativas que foi conduzido com mães de crianças com TDAH, descrevendo ainda os determinantes ambientais responsáveis pelas práticas parentais e os efeitos sobre os comportamentos sociais de seus filhos. Além disso, abordará as possibilidades de avaliação e intervenção focalizada em cada participante, ainda que a intervenção seja realizada em grupo. Na última apresentação, a Professora Margarete Matesco Rocha apresentará um estudo que comparou as habilidades sociais educativas apresentadas por pais de crianças com TDAH, com desempenho escolar satisfatório e insatisfatório, no momento da realização de tarefas escolares pelos filhos em casa e, também os comportamentos apresentados pelos dois grupos de crianças nesse mesmo contexto de realização de tarefas de casa. A partir dessas apresentações, espera-se uma discussão a respeito das diferentes formas de avaliação para crianças com TDAH e seus pais e os possíveis direcionamentos para analistas do comportamento que atuam ou pretendem trabalhar com essa população.

Palavras chaves: TDAH, avaliação, intervenção.

Coordenadora: Margarete Matesco Rocha



CONTRIBUIÇÕES ANALÍTICAS COMPORTAMENTAIS NA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH). *Rauni Jandé Roama Alves* (Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP).

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) caracteriza-se por um padrão persistente e exacerbado de desatenção e/ou hiperatividade e impulsividade, que perdura desde a infância até a vida adulta. A Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e o Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV) propõem os seguintes critérios diagnósticos: os sintomas devem persistir por pelo menos 6 meses; existir antes dos 7 anos de idade; estar presentes em dois ou mais contextos, apresentar prejuízo significativo no funcionamento social, acadêmico e ocupacional. Além disso, pesquisas indicam ser o transtorno que mais frequentemente acarreta comorbidade emocional. Os sintomas não devem ser secundários a outros quadros de transtorno mental, como: transtorno global de desenvolvimento, esquizofrenia, transtornos psicóticos e rebaixamento cognitivo e também não deve ser explicado por outras alterações neurológicas e sensoriais. A avaliação neuropsicológica tem como objetivo inferir o funcionamento cerebral e investigar padrões de comportamento, sendo, dessa maneira, uma das principais ferramentas no levantamento dos critérios diagnósticos e aspectos emocionais característicos ao TDAH. Esse tipo de avaliação é exclusivo ao psicólogo e na área infantil costuma ocorrer em três etapas: (1) investigação com os pais/responsáveis de comportamentos/queixas e do desenvolvimento da criança; (2) investigação com a escola de comportamentos e desempenho acadêmico; (3) avaliação da criança por meio de testes e investigação clínica. São inúmeros os testes que podem ser utilizados, dentre eles a Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC-III), Teste Wisconsin de Classificação de Cartas (WCST), Teste Gestáltico Visomotor de Bender (B-SPG), Stroop Color Word Test (SCWT), entre outros. Comumente esses testes oferecem classificações de desempenho referentes à atenção, percepção (visual, auditiva e tátil-cinestésica), memória, linguagem, praxias (aspectos motores e psicomotores), inteligência, habilidades escolares (leitura, escrita e cálculo), aspectos afetivo-emocionais e funções executivas. Embora a atenção apresenta-se como uma das habilidades mais prejudicadas em sujeitos com TDAH, outros tipos de condições comportamentais podem ser as responsáveis por tal prejuízo, destacando outros transtornos neuropsiquiátricos (transtornos do sono, transtorno obsessivo compulsivo), transtornos de aprendizagem e depressão. Além dos testes para avaliação neuropsicológica, a Análise do Comportamento pode contribuir com a investigação clínica, identificando as contingências e padrões comportamentais que podem auxiliar na explicação do desempenho das crianças nos testes empregados. Na perspectiva Comportamental um dos padrões de comportamento mais estudados no TDAH está relacionado a comportamentos de autocontrole, com a verificação das dificuldades de manter-se em atividades concorrentes quando comparadas à outras mais reforçadoras e no seguimento de regras. Tal padrão pode ser observado durante a realização dos testes e nos relatos de pais e da escola, tornando a abordagem comportamental uma ferramenta complementar para a realização do diagnóstico, bem como para a elaboração de intervenções baseadas nas necessidades específicas de cada criança.

Palavras-chave: avaliação neuropsicológica, TDAH, Análise do Comportamento.



AValiação Funcional e Delineamento de Grupos de Treino de Habilidades Sociais Educativas para Mães de Crianças com TDAH. *Margarette Matesco Rocha, Thiago Leão Silveira Dourado* (UEL, Londrina, PR)

Para avaliar as Habilidades Sociais (HS), dentre elas as Habilidades Sociais Educativas (HSE), deve-se considerar a funcionalidade dessas respostas em episódios de interação social. A proposta atendimento em grupo para o Treinamento de Habilidades Sociais Educativas (THSE) com pais de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) pressupõe a presença de dificuldades comuns apresentadas por esses pais. Entretanto, a homogeneidade verificada para algumas dificuldades/queixas não exclui a constatação de diferentes arranjos ambientais, indicando a necessidade de avaliações funcionais. Assim os instrumentos de avaliação devem contemplar demandas comuns e individuais desses pais, colaborando para o entendimento das diferentes dificuldades e colaborando para a efetividade da intervenção. Para atender esses pressupostos o presente trabalho apresentará os critérios adotados na seleção de comportamentos alvos para intervenção em grupo e estratégias utilizadas durante o atendimento para alcançar as dificuldades individuais (déficits e recursos) apresentadas por de pais de crianças com TDAH. Constarão ainda os resultados obtidos com a intervenção. A seleção dos participantes foi realizada a partir de uma demanda apresentada por uma escola pública no norte do Paraná. A falta de critérios comuns para o diagnóstico de TDAH determinou a seleção dos participantes somente a partir de diagnóstico fornecido por um médico (neurologista ou psiquiatra) e uso de medicação específica para o TDAH. Participaram quatro mães e um pai, com idades entre 34 e 52 anos, escolaridade entre 1º grau incompleto e superior incompleto, com filhos entre 9 e 13 anos e cursando entre a 3ª e 6ª séries do Ensino Fundamental. Adotaram-se na avaliação os instrumentos padronizados Socialskills Rating System (SSRS-BR) e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Empregou-se ainda entrevista semiestruturada para avaliar os indicadores de repertório de HSE dos pais (IHSE), video-gravação da interação das díades pai-criança em situação estruturada e registro das sessões para análise funcional. A avaliação permitiu identificar e intervir nas necessidades de intervenção comuns ao grupo bem como individuais. O programa constou de 3 sessões psicoeducativas, 2 de treino de habilidades sociais cotidianas e 5 para o treino de HSE. Com relação aos efeitos diretos do programa observou-se o aumento nos escores gerais de todos os participantes tanto no IHS como no IHSE. Na avaliação dos efeitos indiretos observou-se aumento nos escores globais de três crianças e a manutenção no de uma a partir do SSRS-BR para pais sendo um desses aumentos considerado mudança confiável pelo Método JT. No SSRS-BR para professores foram obtidos dados apenas de duas crianças, observou-se melhora no comportamento de uma e piora em outra, nenhuma consistindo mudança confiável. No SSRS-BR para crianças houve melhora para duas, sendo uma mudança confiável, e piora para duas sendo uma mudança confiável. Sugere-se que os instrumentos padronizados adotados para seleção dos comportamentos alvos, grupais e individuais, mostraram-se efetivos para identificar o padrão de respostas comuns. Porém, somente a análise da funcionalidade dos comportamentos permitiu atender as demandas individuais, favorecendo os efeitos positivos do programa e seu futuro aprimoramento.

Palavras-chaves: TDAH, habilidades sociais educativas, avaliação funcional.



A Fundação Araucária: Apoio Científico e Tecnológico do Paraná pelos recursos concedidos ao projeto ao qual essa pesquisa se vinculou e pela bolsa de iniciação científica. A Universidade Estadual de Londrina pela Bolsa de iniciação científica.

PROCEDIMENTOS PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS DE PAIS E COMPORTAMENTOS VOLTADOS PARA TAREFAS ESCOLARES DE CRIANÇAS COM TDAH. *Priscila Andrade, Maura Glória de Freitas, Margarete Matesco Rocha* (UEL, Londrina, PR).

Considerando as diferentes ações propostas na literatura para ensinar diversos comportamentos a crianças com necessidades educacionais especiais, o conjunto que descreve as habilidades sociais educativas tem sido testado com êxito em estudos experimentais com pais e professores de crianças com deficiência visual e com TDAH. Especificamente com crianças com TDAH, a literatura na área aponta que tais habilidades são relevantes para aperfeiçoar condições de ensino/aprendizagem. Dentre os inúmeros contextos que a criança com diagnóstico de TDAH interage e apresenta dificuldades de responder, se encontra o cumprimento de atividades acadêmicas requeridas pela escola e, dentre elas, a realização de tarefas escolares. Esta atividade é caracterizada como queixa unânime de pais e professores dessas crianças eo déficit nela geralmente traz diversos prejuízos para o seu desempenho escolar. A tarefa escolar descreve duas classes comportamentais que estão diretamente relacionadas com a sua realização e são denominados de ações voltadas para a tarefa (*on-taskbehavior*) e ações fora da tarefa (*off-taskbehavior*). Embora se constate, pelas inúmeras queixas de mães e professores de crianças com TDAH, que as *ações voltadas para atarefa* são importantes, pois podem assegurar maior sucesso acadêmico dessa população, as pesquisas são vagas e não apontam claramente quais comportamentos seriam mais eficazes para que tal desempenho possa ser considerado satisfatório. A produção científica nacional na área também é escassa no que se refere ao tema, tanto para identificar quais comportamentos denominados *voltados para tarefa* são relevantes que crianças com TDAH aprendam quanto quais são as habilidades sociais educativas mais relevantes para promover esses comportamentos no contexto de tarefa escolar. Assim, essa pesquisa identificou quais ações, daquelas descritas no conjunto de habilidades sociais educativas, são emitidas pelos pais de crianças com esse diagnóstico que criam contingências e modelam comportamentos *voltados para atarefa* do filho. Para tanto, participaram da pesquisa quatro pais e seus filhos com diagnóstico médico de TDAH. Duas das quatro crianças participantes apresentavam desempenho escolar satisfatório e as outras duas apresentavam desempenho escolar insatisfatório. Em uma situação estruturada, as díades realizaram uma tarefa semelhante a tarefa escolar feita em casa e houve registro de comportamentos de ambos. Os resultados indicam que as crianças com desempenho satisfatório emitem em maior frequência comportamentos da classe *ações voltadas para a tarefa* e também alcançaram maior acurácia nas tarefas realizadas. Além disso, os pais dessas crianças emitiram maior frequência de comportamentos no âmbito das habilidades sociais educativas, indicando que esse conjunto de comportamentos pode ajudar as crianças a superarem as dificuldades de desempenho acadêmico. Espera-se que pesquisas nesse tema possam contribuir para que ações efetivas em habilidades sociais educativas tenham procedimentos testados e validados para o público-alvo a que se destina.

Palavras chaves: habilidades sociais educativas, TDAH, tarefa escolar.



MESA REDONDA 2

DESAFIOS NO TRATAMENTO DO DEPENDENTE QUÍMICO: CRIANDO ESTRATÉGIAS ALTERNATIVAS DE INTERVENÇÃO MULTIPROFISSIONAL. *Guilherme Dutra Ponce, Simone Martin Oliani* (UEL, Faculdade Pitágoras, PsicC, Londrina, PR), *Eduardo Salviano Teixeira do Prado* (Clínica de Neurociência Aplicada, UEL, Londrina, PR), *Cibely Francine Pacifico, Simone Martin Oliani, Victor Hugo Bassetto* (PsicC, Londrina, PR).

O comportamento de beber compulsivamente tem sido considerado um grande desafio para os profissionais que trabalham com dependência química. O álcool é uma substância lícita que sempre foi utilizada em rituais religiosos, festivos e sociais. A intervenção psicoterápica na Análise do Comportamento tem sido amplamente discutida. A proposta desta mesa é analisar procedimentos e alternativas com trabalho multiprofissional com objetivo de aumentar a adesão do cliente e familiares ao tratamento de dependência de álcool e outras drogas. Na primeira exposição será relatado um procedimento com: internação domiciliar com Acompanhamento Terapêutico, vinte e quatro horas, durante todo o período de desintoxicação de álcool, contato entre os profissionais psicólogo e psiquiatra; terapia diária com psicólogo. O psicólogo utilizou no processo além de análise funcional e da relação terapêutica, confronto para adesão ao tratamento, estratégias de entrevista motivacional e prevenção de recaída. No segundo trabalho será apresentado um caso de internação domiciliar de dependência de álcool, destacando o desafio do atendimento de paciente que necessita de internação hospitalar para desintoxicação, e que esbarra em alguns impedimentos técnicos, pois a maioria dos hospitais gerais tem recusado atender esta categoria de paciente. Foi utilizado o recurso de internação domiciliar, avaliação médica e desintoxicação com a utilização de medicamentos, serviços de acompanhantes terapêuticos, confronto com mediação de psicólogo, psicoterapia diária e orientação familiar. O procedimento relatado foi bem sucedido e o paciente continua em abstinência e tratamento há um ano. Na terceira apresentação será relatada a intervenção com familiares de dependentes químicos, que apresentam segundo a literatura o comportamento de codependência. A codependência é uma condição caracterizada por uma preocupação excessiva de cunho emocional, social ou mesmo física, de uma pessoa em relação à outra, reconhecidamente problemática. Esta condição de codependente acomete geralmente o cônjuge ou companheira (o), os pais e namoradas (os) de alcoolistas, dependentes químicos, compulsivos sexuais, jogadores compulsivos, etc. Para auxiliar na recuperação do dependente químico, uma boa saída é que os familiares iniciem tratamento, mudando seus comportamentos e empreendendo ações que favoreçam perspectivas positivas, deixando aquelas que contribuem para prolongar seu sofrimento e o de sua família. Visto isso se organizou um grupo semiaberto para familiares de dependentes químicos, que aconteceu uma vez por semana, durante quatro meses, sendo dirigido por uma terapeuta e dois coterapeutas. O grupo se tornou espaço para discussão de muitos assuntos entre os codependentes como, por exemplo: padrões de comportamentos dos dependentes, dos codependentes e seus filhos, formas de se comportar diante do dependente sob o efeito da substância, entre outros, servindo também como troca de experiência e apoio entre eles. Como padrão comportamental de dependentes químicos, o grupo não teve longa duração, pelo fato dos codependentes estarem mais voltados à preocupação com os dependentes químicos, deixando de lado seu próprio bem estar e se comportando em função de reforço negativo, esquivando-se dos eventos aversivos como ver os dependentes químicos em situações de abstinência e



descontrole, e mantendo pouco enfrentamento aos comportamentos de dependência de ambos.

Palavra-chaves: dependência química, intervenção multiprofissional, estratégias terapêuticas.

INTERVENÇÃO PSICOTERÁPICA COM INTERNAMENTO DOMICILIAR PARA DESINTOXICAÇÃO ALCOÓLICA E ADESÃO AO TRATAMENTO.

Guilherme Dutra Ponce, Simone Martin Oliani (UEL, Faculdade Pitágoras, PsicC, Londrina, PR).

O comportamento de beber compulsivamente tem sido considerado um grande desafio para os profissionais que trabalham com dependência química. O álcool é uma substância lícita que sempre foi utilizada em rituais religiosos, festivos e sociais. Vários autores apontam que 15% dos que bebem, apresentarão no futuro problemas decorrentes deste comportamento, seja de ordem familiar, física, financeira, social, entre outros. A intervenção psicoterápica na Análise do Comportamento tem sido amplamente discutida. A proposta deste trabalho foi relatar um procedimento com objetivo de aumentar a adesão do cliente e familiares ao tratamento de dependência de álcool. O procedimento contou com: internação domiciliar com Acompanhamento Terapêutico, vinte e quatro horas, durante todo o período de desintoxicação, contato entre os profissionais psicólogo e psiquiatra; terapia diária com psicólogo. O psicólogo utilizou no processo confronto para adesão ao tratamento, estratégias de entrevista motivacional e prevenção de recaída. A entrevista motivacional tem como objetivo ampliar a ambivalência e incentivar a prontidão para a mudança, já na prevenção da recaída procurou-se identificar as habilidades de enfrentamento e sua autoeficácia para lidar com as situações de risco. Dois profissionais com visões distintas (psicólogo e psiquiatra) puderam compreender de forma mais eficaz os aspectos presentes no ambiente, ampliando a compreensão do caso. Os acompanhantes terapêuticos foram orientados e treinados para utilizarem sensibilidade, empatia, flexibilidade e escuta reflexiva, assim como atenção para não invadirem a privacidade do cliente e de seus familiares e comunicarem aos profissionais qualquer intercorrência durante o período. Em geral, todos os profissionais estiveram atentos para estabelecer bom vínculo com o cliente e seus familiares, incentivar adesão, possibilitar acesso a informações específicas, observar e intervir em possíveis fatores de risco que pudessem manter o comportamento aditivo do dependente, manutenção da abstinência, aumentar a discrepância em alguns comportamentos atuais e com metas almejadas, estabelecer planos de ação em conjunto com o cliente e seus familiares, fortalecer o compromisso de todos com o tratamento e com as mudanças propostas pelo plano de ação e intervir quando necessário. Todas estas atividades foram executadas, orientadas e supervisionadas por um psicólogo comportamental. Observou-se que o procedimento possibilitou maior conscientização com relação à gravidade do caso, adesão ao tratamento do cliente e da família, aumento da qualidade de vida e de lazer; aumento da autoestima, melhor relacionamento familiar, social e no ambiente profissional, não reincidência de internações hospitalares, além de auxiliar o engajamento do cliente em tratamento psicoterápico convencional. A intervenção psicológica breve, agregada à desintoxicação domiciliar, propiciou mudanças positivas na abstinência do álcool e sua manutenção.



Palavras-chaves: acompanhante terapêutico, internação domiciliar, desintoxicação de álcool, análise do comportamento.

INTERVENÇÃO FARMACOLÓGICA E INTERNAÇÃO DOMICILIAR: UM TRABALHO DE EQUIPE MULTIPROFISSIONAL. *Eduardo Salviano Teixeira do Prado* (Clínica de Neurociência Aplicada, UEL, Londrina, PR)

O desafio do atendimento de paciente dependente de álcool que necessita de internação hospitalar para desintoxicação, esbarra em alguns impedimentos técnicos, pois a maioria dos hospitais gerais tem recusado atender esta categoria de paciente. Encontrar alternativas para esta demanda foi essencial. O presente trabalho tem o objetivo de relatar a intervenção do paciente XY, 45 anos, casado, dois filhos, empresário, classe média alta, que buscou tratamento com quadro grave de dependência de álcool. Estava ingerindo a quantidade média diária de 1 a 2 litros de *whisky*. Apresentava significativo comprometimento de sua funcionalidade para trabalho, vida social e vida familiar. Afirmou, na primeira avaliação, que “só um milagre me fará parar de beber”. Ficou internado em comunidade terapêutica pouco tempo antes dessa consulta, porém fugira após uma semana e logo recaiu. Já havia apresentado hepatite alcoólica e foi internado duas vezes por complicações clínicas do abuso de álcool. Optou-se por realizar uma abordagem multiprofissional, sob regime de internamento domiciliar. O paciente ficou em sua casa, sob cuidados de acompanhantes terapêuticos 24h/ dia, além dos cuidados familiares (esposa e duas filhas). Em paralelo, foi realizada diariamente psicoterapia individual e avaliação médica com cuidados farmacológicos. Os cuidados visaram inicialmente a motivação do paciente para adesão ao tratamento, seguida do manejo de abstinência e ao final a prevenção de recaída. A duração da abordagem em internamento domiciliar foi de uma semana, seguida por acompanhamento médico e psicoterapêutico semanais. O paciente encontra-se em abstinência há um ano, com grande melhora de funcionalidade global e qualidade de vida.

Palavras-chaves: internação domiciliar, equipe multidisciplinar, dependência de álcool.

TRABALHANDO EM GRUPO COM CODEPENDENTES DE DEPENDENTES QUÍMICOS. *Cibely Francine Pacífico, Simone Martin Oliani, Victor Hugo Bassetto* (PsicC, Londrina, PR)

A codependência é uma condição caracterizada por uma preocupação e uma dependência excessiva de cunho emocional, social ou mesmo física, de uma pessoa em relação à outra, reconhecidamente problemática. Esta condição de codependente acomete geralmente o cônjuge ou companheira(o), os pais e namoradas(os) de alcoolistas, dependentes químicos, compulsivos sexuais, jogadores compulsivos, etc.

Estas pessoas vivem em função da pessoa problemática, fazendo deste cuidar obsessivo a razão de suas vidas, esquecendo na maior parte do tempo de cuidar de si, autoanulando-se em função do outro e dos seus comportamentos problemáticos. Assim os codependentes sentem-se úteis e com objetivos apenas quando estão diante do dependente e de seus problemas. A codependência pode se manifestar como um intrometimento em todas as coisas que dizem respeito à vida da pessoa problema ou, quando o codependente toma para si todas as responsabilidades da outra pessoa. Ambas



as atitudes propiciam um comportamento ainda mais irresponsável por parte da pessoa problemática. Assim as pessoas mais significativas da vida de um dependente químico, como por exemplo, os seus familiares, podem perpetuar seu comportamento ou abrir caminho para a sua recuperação. Desta forma apesar de não ser fácil estar envolvido nesta situação, é necessário tomar medidas para iniciar a recuperação, mas muitas vezes a pessoa envolvida só terá condições de deixar de ser codependente e criar condições para a sua própria recuperação e a do dependente químico se de fato aceitar a dependência. Logo, ao invés de se perguntar como fazer o dependente parar, deve passar a perguntar como fazer com que o dependente queira parar. Para auxiliar na recuperação do dependente químico, uma boa saída é que os familiares iniciem tratamento, mudando suas atitudes e empreendendo ações que favoreçam perspectivas positivas, deixando aquelas que contribuem para prolongar seu sofrimento e o de sua família. Visto isso se organizou um grupo semiaberto para familiares de dependentes químicos, que aconteceu uma vez por semana durante quatro meses, sendo dirigido por uma terapeuta e dois coterapeutas. O grupo se tornou espaço para discussão de muitos assuntos entre os codependentes como, por exemplo: padrões de comportamentos dos dependentes e dos codependentes, formas de se comportar diante do dependente, modelos de filhos de dependentes químicos, entre outros, servindo também como troca de experiência e apoio para eles. Como padrão comportamental de dependentes químicos, o grupo não teve longa duração, pelo fato de os codependentes estarem mais voltados à preocupação com os dependentes químicos, deixando de lado seu próprio bem estar e se comportando em função de reforço negativo, esquivando-se dos eventos aversivos como ver o dependente químico em situações de abstinência e descontrole, e mantendo pouco enfrentamento aos comportamentos de dependência de ambos.

Palavras-chaves: codependência, grupo de familiares, análise do comportamento.



MESA REDONDA 3

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: PESQUISAS E PRÁTICAS. *Fabiano Koich Miguel* (Departamento de Psicologia e Psicanálise, UEL, Londrina, PR), *Katya Luciane de Oliveira* (Departamento de Psicologia e Psicanálise e do Mestrado em Educação, UEL, Londrina, PR), *Cibely Francine Pacífico*, *Tamiris Sasaki de Oliveira*, *Bruno Aurélio Finoto* (UEL), *Katya Luciane de Oliveira* (Departamento de Psicologia e Psicanálise e do Mestrado em Educação, UEL, Londrina, PR).

A avaliação psicológica é assegurada por lei federal (4119/1962) como prática exclusiva do profissional de Psicologia. Com caráter generalista, em vez de específica a alguma abordagem, a avaliação é definida como um exame compreensivo realizado com o objetivo de responder questões específicas a respeito do funcionamento psicológico de uma pessoa durante um período específico de tempo ou predizer o funcionamento psicológico da pessoa no futuro. Em outras palavras, visa fornecer informações cientificamente fundamentadas de maneira que orientem, sugiram e sustentem o processo de tomada de decisão em algum contexto específico, no qual a decisão precisa levar em consideração informações sobre o funcionamento psicológico. Entre as técnicas científicas que podem ser utilizadas nesse processo encontram-se os testes psicológicos. O Conselho Federal de Psicologia define os testes como “procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção/afeto, cognição/inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, nas suas mais diversas formas de expressão, segundo padrões definidos pela construção dos instrumentos”. A presente mesa redonda tem como objetivo apresentar trabalhos desenvolvidos tanto em pesquisa do funcionamento de testes psicológicos, quanto na prática supervisionada da avaliação em clínica escola. A primeira comunicação, do Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel, intitulada “Avaliação psicológica informatizada: Questões e contribuições”, tem como objetivo expor os avanços em pesquisas tanto nacionais quanto internacionais no que diz respeito à informatização de instrumentos de avaliação. Serão apresentados procedimentos, questionamentos e vantagens desse formato, assim como pesquisas desenvolvidas com dois testes, um para avaliação da capacidade de perceber emoções, outro para avaliação de capacidades cognitivas. A segunda comunicação, da Profa. Dra. Katya Luciana de Oliveira, intitulada “Pesquisas no contexto da avaliação psicoeducacional”, tem como objetivo a apresentação e discussão de pesquisas voltadas para o desenvolvimento de instrumentos na área psicoeducacional, em específico no contexto paranaense. Duas escalas desenvolvidas serão apresentadas, voltadas para motivação e estratégia para aprendizado e para condições de estudo e leitura, assim como seus estudos psicométricos. A terceira comunicação, intitulada “Considerações acerca da prática diagnóstica na universidade”, dos psicólogos Cibely Francine Pacífico, Tamiris Sasaki de Oliveira, Bruno Aurélio Finoto e Dra. Katya Luciane de Oliveira, tem como objetivo versar sobre a prática da avaliação na clínica escola. Serão apresentados os procedimentos e etapas desenvolvidos para a avaliação psicológica de pessoas em fila de espera para atendimento na clínica.

Palavras-chave: avaliação psicológica, testagem psicológica, avaliação psicoeducacional.



AValiação Psicológica Informatizada: Questões e Contribuições. *Fabiano Koich Miguel* (Departamento de Psicologia e Psicanálise, UEL, Londrina, PR).

A utilização de instrumentos para auxílio na avaliação psicológica, suas propriedades e as consequências da testagem vêm recebendo atenção especial no Brasil na última década. Com a publicação da resolução nº 02/2003, o Conselho Federal de Psicologia estabeleceu critérios mínimos de validade e precisão para os testes psicológicos. Com isso, os estudos científicos nessa área aumentaram, o que resultou na não aprovação para uso de alguns instrumentos anteriormente vistos como confiáveis, mas também na aprovação para uso de outros já existentes. Outro resultado da resolução foi o aumento de pesquisas destinadas ao desenvolvimento de novas formas de avaliação, desde as etapas iniciais de criação de itens até as normas. A maior parte dos instrumentos aprovados atualmente, contudo, ainda são oferecidos em versão papel-e-lápis, requerendo um caderno com a apresentação dos estímulos e uma folha de respostas a ser preenchida pelo indivíduo. Embora algumas editoras forneçam, para alguns desses testes, uma forma de correção online, a aplicação em geral ainda permanece em material impresso. Uma nova área vem se desenvolvendo na Psicologia com o objetivo de adaptar a avaliação às novas tecnologias, por meio da utilização de testes informatizados. A informatização apresenta diversas vantagens, como, por exemplo: a aplicação do instrumento fica independente de material em papel; é possível utilizar recursos multimídia, ou seja, estímulos sonoros e animações gráficas, entre outros; a pontuação fica livre de erros humanos, o que possibilita inclusive o resultado imediato do desempenho do sujeito, caso isso seja desejado; a coleta e organização das informações em banco de dados é mais rápida; vários tipos de informações podem ser armazenados, como tempo de reação, número de vezes que o indivíduo assinala itens antes de escolher sua resposta, entre outros; e também apresenta a possibilidade de se acrescentar, revisar ou remover itens conforme a necessidade. Em território nacional, poucas pesquisas existem voltadas a essa área, evidenciando um ramo de pesquisa com potencial de trabalho e publicação. Esta comunicação pretende apresentar o panorama geral dessa área, tanto internacional quanto nacionalmente, com suas diretrizes, normas e questionamentos. Em específico, pretende apresentar os estudos com dois instrumentos brasileiros de avaliação: o Teste Informatizado de Percepção de Emoções Primárias (PEP) e a Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5). O primeiro foi desenvolvido diretamente para o formato informatizado, enquanto o segundo está sendo adaptado para esse formato. Questões relacionadas a padronização, aplicação e qualidades dos instrumentos serão apresentadas e discutidas.

Palavras-chave: avaliação informatizada, inteligência emocional, raciocínio.

Apoio financeiro: CNPq, Fundação Araucária.

PESQUISAS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO PSICOEDUCACIONAL. *Katya Luciane de Oliveira* (Departamento de Psicologia e Psicanálise e do Mestrado em Educação, UEL, Londrina, PR).

À medida que os homens colocaram sobre controle operante sua musculatura vocal surgiu a comunicação e, junto com ela, um conjunto de regras e normas que compunham a interação cotidiana e possibilitava o estabelecimento de condições de



sobrevivência da vida em grupo. Com isso, apareceram as primeiras avaliações do senso comum, por meio das quais as pessoas eram analisadas e julgadas por seus comportamentos de forma não científica e inexata. Avaliar é algo inerente a qualquer indivíduo, visto que constantemente as pessoas interpretam e julgam o comportamento alheio. Algumas vezes, avaliar representa apreciar e outras, analisar, mas também pode significar determinação de valor, diagnóstico, classificação, entre outras possibilidades. Uma avaliação respaldada em critérios científicos pressupõe observações confiáveis e válidas que possibilitem teste de hipótese e testagem. A avaliação, por meio de métodos e técnicas, busca a classificação e descrição do comportamento. Tipificar determinado comportamento sob forma de categoria viabiliza aos avaliadores levantarem hipóteses acerca de como a pessoa irá agir em determinadas situações. A avaliação psicológica, nesse contexto, pode ser vista como a ferramenta que descreve o comportamento e a personalidade humana. A avaliação psicológica fundamenta uma tomada de decisão, tendo impacto direto na vida de uma pessoa. Nesse contexto, destacam-se as pesquisas direcionadas à construção de instrumentais psicológicos, os testes. O avanço na área pode ser constatado com base nas resoluções publicadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2001, 2003) que regulamentam a utilização e comercialização dos testes psicológicos. Em âmbito internacional, o *Standards for Educational and Psychological Testing* (American Educational Research Association, American Psychological Association e National Council on Measurement in Education) e o *International Test Commission* são publicações de referência na área, que apresentam padrões para a construção e utilização dos testes. Mas, mesmo com esse avanço na área, no Brasil e fora dele, ainda são poucas as pesquisas, se comparadas a outras áreas do conhecimento que se dedicam a construir, validar ou avaliar os instrumentos disponíveis no mercado. Quando se observa a realidade escolar e as dificuldades apresentadas pelos escolares, nota-se uma carência de instrumentais que possam respaldar a avaliação psicoeducacional dos psicólogos que atuam nesse contexto. Sob essa perspectiva, foi objetivo deste trabalho discutir e apresentar as pesquisas direcionadas à construção de instrumentais psicoeducacionais que são validados para a realidade da criança paranaense tanto de escolas públicas quanto privadas. Os instrumentos apresentados, quais sejam, Escala de motivação e estratégias para o aprendizado e Escala de condições de estudo e leitura, apresentaram boa consistência interna, com valores de alfa acima de 0,60. As aplicações e usos dos mesmos são discutidos à luz das implicações psicoeducacionais.

Palavras-chave: avaliação psicológica, avaliação psicoeducacional, testes psicológicos.

Apoio financeiro: Fundação Araucária.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PRÁTICA DIAGNÓSTICA NA UNIVERSIDADE. *Cibely Francine Pacífico, Tamiris Sasaki de Oliveira, Bruno Aurélio Finoto (UEL), Katya Luciane de Oliveira (Departamento de Psicologia e Psicanálise e do Mestrado em Educação, UEL, Londrina, PR).*

Com a falta de priorização da avaliação psicológica nos currículos das universidades, muitos profissionais que estavam nas universidades ensinando esse tema não possuíam a formação necessária para oferecer um conhecimento sólido na área. O papel do professor era apenas de ensinar a manipulação de alguns testes psicológicos, sem de fato oferecer ao estudante uma visão mais global do que seria a avaliação psicológica. O



estudante saía da universidade sem saber fazer uma boa avaliação psicológica e sem saber utilizar, de forma adequada, um instrumento de medida. Para mudar esse quadro, faz-se necessário a revisão e a reformulação de conteúdos para os cursos de Psicologia. A avaliação psicológica é de suma importância no currículo do discente, pois esta pode ser considerada como um processo de análise e testagem de hipóteses que envolve as diversas variáveis do comportamento humano. Nesse sentido, a atividade profissional do psicólogo em qualquer área de atuação está relacionada de forma direta com a avaliação psicológica. A avaliação psicológica, quando realizada de forma padronizada, constitui um elemento importante na intervenção profissional, pois traz informações valiosas sobre um problema, bem como orienta ações e avalia resultados. Para tanto, o profissional dessa área deve mostrar competência técnica e conduta ética, a fim de realizar um bom trabalho; deve saber interpretar de forma adequada os resultados de sua avaliação e deve dominar conteúdos relativos à área, o que faz com que uma educação sólida sobre o assunto seja indispensável. Desse modo, respeitar com rigor as etapas de realização de uma avaliação é de suma importância para seu êxito. Uma avaliação psicológica é composta por quatro etapas que são: levantamento das necessidades, comportamentos e aspectos psicológicos; integração das descrições e dos escores; a inferência; e a intervenção. Sua realização se dá por meio da cientificidade, ou seja, por instrumentos de medida (testes psicológicos) que, por sua vez, devem apresentar parâmetros psicométricos que evidenciem sua eficácia. Face às considerações trazidas, este trabalho visa apresentar as atuações práticas de diagnóstico realizadas no contexto da clínica escola da Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de uma avaliação diagnóstica que preza pela saúde e bem estar do avaliando, bem como sua dignidade e individualidade.

Palavras-chave: diagnóstico psicológico, avaliação psicológica, testagem psicológica.



MESA REDONDA 4

CUIDADOS COM A PELE E PRÁTICAS CULTURAIS: POR QUE É TÃO DIFÍCIL PROMOVER PREVENÇÃO? *Robson Zazula* (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR), *Eliza Galo Silva*, *Grazielle Noro*, *Márcia Cristina Caserta Gon*, *Airton dos Santos Gon* (UEL, Londrina, PR).

Culturalmente, a aparência da pele está intimamente relacionada aos padrões estéticos, os quais tem se alterado ao longo do tempo. Além disso, a pele, por ser o órgão mais extenso e exposto do nosso corpo, exige cuidados para a manutenção da saúde, controle e prevenção de doenças. Dentre as principais doenças crônicas que podem atingir a pele, destacam-se as dermatoses ou dermatites, a psoríase e a vitiligo, que exigem procedimentos que devem ocorrer com periodicidade, sendo necessário fazê-los todos os dias ou mais de uma vez ao dia por períodos de tempo determinado. Caso seja uma doença crônica, os cuidados com a pele podem ser necessários durante toda a vida do indivíduo. Esses procedimentos envolvem o uso de medicamentos tópicos, administração de compressas, aplicação de curativos, dentre outros mais complexos. Além das doenças crônicas, é importante também prevenir o envelhecimento precoce e o câncer de pele. Apesar de ser um dos tipos mais frequentes de câncer, diferentemente de outros tipos, o de pele pode ser prevenido de forma primária, por meio da diminuição do tempo de exposição ao sol, período do dia de exposição e uso de proteção, tais como bloqueador solar, roupas de manga longa ou chapéus. No entanto, especialmente por questões culturais, tais comportamentos não fazem parte do repertório dos indivíduos e por isso precisam ser modelados por mediadores, como profissionais de saúde, professores e pais ou cuidadores. Tanto no caso dos cuidados com a pele, para pacientes com dermatoses crônicas, quanto na prevenção do câncer, para a população em geral, os procedimentos para promover a saúde apresentam baixa probabilidade de ocorrência, uma vez que apresentam consequências pouco reforçadoras em curto prazo. Além disso, no caso da prevenção ao câncer de pele, observam-se ainda as consequências sociais imediatas da prática de expor-se ao sol, como constantes elogios à cor da pele, referências de viagens a lugares paradisíacos, associação a valores de bem estar, sucesso social, lazer, dentre outros. Baseado nisto, propõe-se com a presente mesa redonda abordar a problemática dos cuidados com a pele, tanto no âmbito das dermatoses crônicas quanto na prevenção ao câncer de pele. Para tanto, propõe-se com o primeiro trabalho apresentar o comportamento de bronzear-se como uma prática social, aprendida e compartilhada pelos membros de um grupo social que, apesar de apresentar consequências imediatas socialmente reforçadoras, possui consequências aversivas em longo prazo. O segundo trabalho aborda o comportamento das pessoas em relação à exposição ao sol que procuraram por avaliação dermatológica durante as campanhas de prevenção ao câncer de pele, realizadas na cidade de Londrina em 2010 e 2011, bem como traçar o perfil da população que procurou pelo atendimento. O terceiro trabalho objetiva discutir a atuação do analista do comportamento no contexto da intervenção primária e apresentar possíveis campos e propostas de trabalho que visem contribuir para a prevenção primária e secundária de doenças de pele.

Palavras-chaves: práticas culturais, cuidados com a pele, controle e prevenção de doenças.

Coordenador: Robson Zazula



EXPOR-SE AO SOL PARA BRONZEAR A PELE: UMA PRÁTICA CULTURAL *Grazielle Noro e Márcia Cristina Caserta Gon* (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

A cultura é um importante nível de seleção de comportamentos. Ela caracteriza-se por comportamentos aprendidos e compartilhados pelos membros de um grupo (i.e., família, amigos, professores). Consiste em comportamentos operantes, tanto verbais como não verbais, aprendidos como resultado de pertencer a um grupo e que é transmitido de um membro a outro, tornando-se uma prática cultural. Atualmente, uma das práticas culturais que é reforçada socialmente, mas que possui consequências deletérias ao organismo em longo prazo, é o bronzear-se. Historicamente, o padrão estético predominante em relação à pele tem se modificado. Durante o século XIX, apresentar pele clara era associado às pessoas de classes econômicas mais elevadas e, por esta razão, era mais valorizado. Isto ocorria especialmente por que as pessoas de condições econômicas mais baixas viviam e trabalhavam no campo e, pela constante exposição ao sol, apresentavam pele bronzeada. No entanto, após a revolução industrial observou-se mudanças no padrão estético predominante da população. As pessoas de condições econômicas mais baixas passaram a trabalhar nas fábricas e, pela pouca exposição ao sol decorrente das condições de trabalho, apresentavam pele clara. Desde essa época, apresentar a pele bronzeada passou a significar sinal de riqueza, bem estar, prosperidade, boa saúde e sucesso social, fenômeno que se intensificou a partir do início do século XX. Além disso, as pessoas passaram a apresentar crenças com relação à aparência bronzeada da pele, valorizando socialmente tal prática. Dentre as principais crenças, destacam-se a de que possuir pele bronzeada torna a pessoa mais atraente, o bronzeamento traz benefícios à saúde e previne os efeitos indesejáveis de futuras exposições ao sol. Assim, na maioria dos casos as consequências sociais imediatas da prática de se expor ao sol podem ser consideradas reforçadoras, como constantes elogios pela cor da pele, referências de viagens a lugares paradisíacos, associação a valores de bem estar, sucesso social, lazer, dentre outros. Estudos realizados com crianças entre nove e dez anos de idade indicam que o bronzear-se é considerado por elas como um importante aspecto na beleza e bem estar. No entanto, este mesmo comportamento valorizado socialmente apresenta consequências deletérias em longo prazo, uma vez que, além de acelerar o envelhecimento precoce, aumenta a probabilidade de desenvolvimento de algum tipo de câncer de pele, especialmente o melanoma. Assim, pode-se afirmar que há um conflito de consequências: por um lado consequências sociais reforçadoras positivas imediatas e por outro, consequências aversivas em longo prazo. Dessa forma, objetiva-se com o presente trabalho, apresentar o comportamento de bronzear-se como uma prática social, aprendida e compartilhada pelos membros de um grupo social que, apesar de apresentar consequências imediatas socialmente reforçadoras, possui consequências aversivas em longo prazo.

Palavras-chaves: bronzeamento, práticas culturais, comportamento social.

Apoio financeiro: Grazielle Noro é mestranda bolsista da CAPES.

PREVENÇÃO AO CÂNCER DE PELE: LEVANTAMENTO DOS COMPORTAMENTOS DE PREVENÇÃO E RISCO DA POPULAÇÃO LONDRINENSE *Robson Zazula* (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR), *Márcia Cristina Caserta Gon e Airton dos Santos Gon* (UEL, Londrina, PR).



Um dos tipos de câncer mais frequente na população brasileira é o de pele. O instituto nacional do câncer estima que a cada ano surjam mais de 50 mil novos casos da doença. No entanto, diferentemente de outros tipos de câncer, o de pele pode ser prevenido de forma primária, por meio da diminuição do tempo de exposição ao sol, período do dia de exposição e uso de proteção, tais como bloqueador solar, roupas de manga longa ou chapéus. Embora o histórico familiar pregresso ou o fenótipo do indivíduo influenciem no desenvolvimento da doença, a principal causa está relacionada à exposição prolongada ao sol. Estudos demonstram que tanto os efeitos agudos (queimaduras), quanto os efeitos cumulativos, constituem-se em fatores primários no desenvolvimento da doença. Além disso, outros fatores podem influenciar, tais como o histórico familiar pregresso. Embora muitos países possuam programas de prevenção de prevenção primária e intervenção desde a infância, no Brasil ainda predominam apenas campanhas anuais de prevenção secundária. Além disso, observa-se carência de informações sobre o perfil da população que procura a campanha, bem como a influencia desta nos comportamentos de prevenção ao câncer. Com base nisso, o objetivo da presente pesquisa foi identificar o comportamento das pessoas em relação à exposição ao sol que procuraram por avaliação dermatológica durante as campanhas de prevenção de câncer de pele realizadas na cidade de Londrina em 2010 e 2011, bem como traçar caracterizar o perfil da população. Participaram da pesquisa 113 pessoas, dos quais 46,4% eram do gênero masculino e 53,6% do feminino. Com relação à faixa etária, houve predominância de participantes com idades entre 64 e 83 anos (63,7%). A campanha de prevenção é realizada anualmente e a participação é voluntária, cuja divulgação é realizada por meio de diversos veículos de comunicação. Quanto aos participantes entrevistados, que a maioria se informou sobre a campanha por meio de programas de rádio. Quanto ao conhecimento dos participantes sobre o câncer de pele, observou-se que a maioria soube descrever de maneira aceitável o que é a doença, relacionando-a a alterações celulares e/ou à mudanças na pele, tal como o aparecimento de manchas, pintas, feridas e/ou verrugas. Entretanto, identificou-se uma grande porcentagem de pessoas que descreveram a doença apenas como algo sério ou preocupante, não verbalizando informações relevantes sobre as principais características da doença, principais sintomas ou formas de prevenção. Identificou-se alta porcentagem de pessoas que disseram não tomar medidas preventivas em relação à doença. Quanto às estratégias de prevenção ao câncer de pele, a que foi mais frequentemente citada pelos participantes foi a aplicação de protetor solar especialmente pelas mulheres. Além disso, também foram identificadas diferentes estratégias de prevenção entre os gêneros.

Palavras-chave: campanha de prevenção, câncer de pele, comportamentos de prevenção.

A ATUAÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO NAS PRÁTICAS DE SAÚDE RELACIONADAS AOS CUIDADOS COM A PELE: DISCUSSÃO E PROPOSTAS. *Eliza Galo Silva, Márcia Cristina Caserta Gon* (UEL, Londrina, PR).

A pele é o órgão mais exposto e mais extenso do corpo humano, exigindo cuidados específicos para a manutenção de sua saúde e para o controle e prevenção de doenças que podem afetá-las. Doenças de pele como dermatoses ou dermatites exigem procedimentos que devem ocorrer com periodicidade, podendo ser necessários fazê-los todos os dias ou mais de uma vez ao dia por um período de tempo determinado. Caso



seja uma doença crônica, os cuidados com a pele podem ser necessários durante toda a vida do indivíduo. Esses procedimentos envolvem o uso de medicamentos tópicos, administração de compressas, aplicação de curativos, dentre outros. Outros cuidados com a pele, como prevenção do câncer ou envelhecimento precoce da pele também exigem cuidados diários como o uso filtro solar e cremes, baixa exposição ao sol, uso de roupas e acessórios que protejam a pele dos raios solares, dentre outros. Estes comportamentos, muitas vezes, não fazem parte do repertório do indivíduo e por isso precisam ser modelados por mediadores, como profissionais de saúde, professores e pais ou cuidadores. Além disso, os procedimentos para promover a saúde da pele nem sempre possuem consequências em curto prazo, diminuindo assim a probabilidade de que o indivíduo continue a executar esses procedimentos no futuro. O comportamento precisa então ficar sob o controle de regras e instruções, o que exige que o indivíduo tenha também repertório de autocontrole. Dessa forma, o comportamento de cuidar da pele precisa ser ensinado e reforçado para que o indivíduo passe a emití-lo na frequência e topografia adequadas. Os programas e medidas de intervenção conduzidos pelos profissionais e serviços de saúde têm focado no uso de cartilhas, *folders* e campanhas publicitárias informativas, as quais detalham quais cuidados ter com a pele. No entanto, apenas a informação e o conhecimento sobre quais cuidados ter podem não ser suficientes para que o comportamento passe a ocorrer. O conteúdo e enfoque da intervenção deve levar em conta a história comportamental e o contexto específico do indivíduo. Além disso, a adesão às instruções descritas nesses materiais precisa ser antecedida por orientações detalhadas que permitam a modelagem do comportamento. A Análise do Comportamento tem atuado na promoção da saúde da pele especialmente por meio de projetos de extensão acadêmica, desenvolvendo materiais que orientem os indivíduos sobre a topografia e frequência dos comportamentos desejáveis e que informam sobre quais consequências em longo prazo esses cuidados podem trazer. O objetivo deste trabalho é discutir a atuação do analista do comportamento no contexto dessas intervenções e os possíveis campos e propostas de trabalho que visem contribuir para a prevenção primária de doenças de pele. O analista do comportamento tem como diferencial fazer uma análise funcional dos comportamentos relacionados com a saúde da pele, e pode propor diferentes intervenções para casos e indivíduos específicos, para o tratamento ou prevenção de doenças e, desta forma, contribuir a partir de seu referencial teórico e metodológico para a aquisição e manutenção dos repertórios de cuidados da pele.

Palavras-chave: cuidados com a pele, análise do comportamento, controle e prevenção de doenças.

Apoio financeiro: Eliza Galo Silva é aluna de iniciação científica e bolsista da Fundação Araucária.



MESA REDONDA 5

POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA EM DERMATOLOGIA PEDIÁTRICA: PESQUISA, AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO *Marisa Richartz, Jardson Fragoso Carvalho, Márcia Cristina Caserta Gon* (UEL, Londrina, PR), *Mariana Salvadori Sartor* (Instituto de Estudos e Psicoterapia Analítico-Comportamental; IEPAC, Universidade Positivo – UP; FAE Centro Universitário, Curitiba, PR), *Robson Zazula* (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR).

A Dermatologia Pediátrica mostra-se como um importante campo de pesquisa e de intervenção para o profissional de Psicologia. O número de estudos enfatizando a relação entre Psicologia e Dermatologia aumentou nos últimos quinze anos. Apesar deste aumento, ainda é escasso o número de trabalhos encontrados na literatura sobre o assunto no Brasil quando comparado à produção de conhecimento em outros países. Em paralelo, observa-se uma demanda crescente de encaminhamento de pacientes dermatológicos para profissionais de Psicologia. Dermatose crônica pode ser definida como toda e qualquer doença cuja principal manifestação clínica seja o acometimento patológico do tegumento, de longa duração (pelo menos seis semanas), e para a qual não exista terapêutica curativa. Dentre as principais doenças crônicas que acometem a pele já na infância, destacam-se a dermatite atópica, a psoríase e o vitiligo. Estudos indicam que cerca de 20% da população mundial até os cinco anos de idade apresentam sintomas de doenças crônicas de pele, especialmente a dermatite atópica. Além disso, observa-se elevada frequência de crianças e adolescentes com transtornos comportamentais relacionados a escoriações na pele classificados na psicologia como escoriação neurótica e na dermatologia como dermatite paraartefacta. Estes transtornos caracterizam-se por comportamentos repetitivos e compulsivos de picar, escoriar, coçar, arranhar ou furar determinadas regiões da própria pele. Baixa adesão ao tratamento médico, estresse prolongado, ansiedade e dificuldades de interação social são problemas frequentes relatados em pesquisa sobre comportamento destas crianças e adolescentes e também de seus cuidadores. Por esta razão, considera-se importante a realização de pesquisas que visem identificar e analisar o padrão comportamental de crianças com doença de pele e de seus cuidadores, a para que propostas de intervenção mais efetivas sejam direcionadas às necessidades dessa população. No caso de crianças com dermatite atópica, por exemplo, estudos sugerem que estas apresentam maior frequência de problemas de comportamento do tipo internalizante, e aquelas com vitiligo e psoríase apresentam maior probabilidade de apresentar problemas de comportamento do tipo externalizante. Os pais destas crianças relatam ser emocionalmente tensos, ter sentimentos de culpa e ser mais propensos a demonstrar superproteção em relação à criança. Sentem-se exaustos quanto ao tratamento médico, desamparados, culpados, com raiva e depressivos quanto à doença. Deste modo, propõe-se com a mesa redonda apresentar avaliações e intervenções comportamentais utilizadas em pacientes com doenças de pele. Para tanto, propõe-se com o primeiro trabalho apresentar estudos de avaliação comportamental em dermatologia pediátrica com foco nas principais temáticas identificadas na área, a saber: adesão ao tratamento, problemas de comportamento e práticas parentais. O segundo trabalho objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa que avaliou os efeitos de um programa de orientação comportamental com os cuidadores, sobre os comportamentos de obediência e desobediência de crianças com dermatite atópica, quanto ao uso de medicamento tóxico. O terceiro trabalho propõe apresentar estudos que abordem a temática da escoriação



neurótica, por meio de uma revisão de literatura de artigos publicados em periódicos da área da saúde que apliquem a terapia de reversão de hábito como técnica para o tratamento da escoriação neurótica.

Palavras-chaves: Dermatologia Pediátrica, avaliação comportamental, intervenção comportamental, escoriação neurótica.

AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL EM DERMATOLOGIA PEDIÁTRICA: ESTUDOS SOBRE ADESÃO AO TRATAMENTO, PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E PRÁTICAS PARENTAIS *Mariana Salvadori Sartor* (Instituto de Estudos e Psicoterapia Analítico-Comportamental, IEPAC Universidade Positivo – UP, FAE Centro Universitário, Curitiba, PR), *Robson Zazula* (Faculdade Dom Bosco, Cornélio Procópio, PR), *Márcia Cristina Gon* (UEL, Londrina, PR).

A avaliação comportamental é uma prática recente na Psicologia, por meio da qual informações sobre o indivíduo são fornecidas aos profissionais. O paradigma da avaliação comportamental se caracteriza pela avaliação do repertório total do indivíduo em relação com seu ambiente, por meio da identificação de variáveis, classes de respostas bem como a previsão da probabilidade de emissão de comportamentos no futuro. Além disso, o modelo da avaliação comportamental é condizente com o conceito de saúde, uma vez que este é bastante amplo e multideterminado. No contexto da saúde, a avaliação comportamental se caracteriza pela identificação de variáveis relacionadas diretamente ao processo saúde e doença. No entanto, a realização de avaliações comportamentais nesta área apresenta uma série de limitações, tais como a alta demanda combinada com o déficit de profissionais, especialmente no serviço público de saúde, irregularidade nas visitas ao serviço ambulatorial, emergências médicas que dificulta a realização de avaliações mais detalhadas, dentre outros. Quanto aos pontos positivos, destacam-se: a identificação precoce de problemas que poderão influenciar diretamente a saúde do paciente, programação de intervenções específicas relacionadas ao tratamento. Dentre as principais problemáticas abordadas em avaliações comportamentais em Dermatologia Pediátrica, destacam-se a adesão ao tratamento, a ocorrência de problemas de comportamento infantil e as práticas parentais. A adesão ao tratamento, isto é, a realização de tarefas relacionadas ao tratamento, pela criança e/ou adolescente ou cuidador, a partir das instruções médicas verbalizadas pelos profissionais de saúde se caracteriza como a principal problemática da área médica. Atualmente observa-se que entre 30% e 40% das crianças ou adolescentes com dermatite atópica não seguem adequadamente as instruções médicas para o tratamento. Dentre as crianças com psoríase, constatam-se maiores porcentagens de não seguimento das instruções (entre 40% e 50%). Como justificativas para a baixa adesão, destacam-se o alto custo da resposta e os efeitos indesejáveis da aplicação de medicamentos. Problemas de comportamento infantil são outra temática investigada com frequência nas avaliações comportamentais. São comuns relatos de cuidadores de crianças e adolescentes com dermatose crônica sobre problemas de comportamento tanto do tipo internalizantes quanto externalizantes. Tais comportamentos tornam-se mais relevantes à medida que são apresentados durante a execução das orientações médicas/do tratamento médico prescrito. Dentre os pacientes com dermatite atópica, pesquisas sugerem maior frequência de crianças avaliadas pelos cuidadores com dificuldade de socialização e problemas de comportamento do tipo internalizante. As práticas parentais são o terceiro alvo das avaliações comportamentais, uma vez que tais doenças afetam especialmente



crianças na primeira infância, período no qual os pais necessitam atuar ativamente no tratamento. Deste modo, pode-se afirmar que a qualidade do relacionamento entre estas crianças e seus cuidadores influencia diretamente na apresentação de problemas de comportamento, seguimento das recomendações médicas e na melhora ou não dos sintomas apresentados. Estudos mostram que crianças com doenças crônicas de pele são descritas por seus cuidadores com maior frequência com problemas de comportamento do que crianças sem a doença. Deste modo propõe-se apresentar estudos de avaliação comportamental em dermatologia pediátrica com foco nestas três temáticas.

Palavras-chave: Dermatologia Pediátrica, avaliação comportamental, práticas parentais.

PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO COMPORTAMENTAL PARA PAIS DE CRIANÇAS COM DERMATITE ATÓPICA *Jardson Fragoso Carvalho, Márcia Cristina Caserta Gon* (UEL, Londrina, PR).

Na Dermatologia pediátrica diversas doenças crônicas, em especial a dermatite atópica, que têm influência negativa sobre a qualidade de vida dos pacientes. A dermatite atópica é uma doença de pele que impõe uma grande sobrecarga de natureza psicológica (estresse, ansiedade, depressão, sentimentos de frustração e outros) e financeira (pomadas, cremes, medicamentos sistêmicos, dietas específicas) para os pacientes, pois há uma necessidade de um cuidado quase que ininterrupto em decorrência dos sintomas e pelo estigma associado à visibilidade da condição da pele. Tendo em vista sua prevalência na infância e seu curso crônico, a dermatite atópica demanda uma grande responsabilidade sobre as famílias das crianças envolvidas, sobretudo no processo de adesão ao tratamento médico. Pesquisas demonstram que programas educativos têm efeitos positivos sobre a adesão ao tratamento e potenciais benefícios para o tratamento da dermatite atópica, principalmente para a criança e seus cuidadores. Este trabalho tem o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de orientação comportamental breve com os cuidadores, sobre os comportamentos de obediência e desobediência de crianças com dermatite atópica, quanto ao uso de medicamento tópico. Participaram do estudo crianças com idade de 5 a 12 anos, diagnosticadas com a doença. O delineamento utilizado consistiu de linha de base e três fases de avaliação (avaliação dos Antecedentes, Consequentes e Avaliação Final) para definir o efeito da intervenção nos participantes. Foram analisadas as interações de quatro díades criança-cuidador. A intervenção educacional foi programada com base no modelo clínico proposto por Eyberg (1988) acerca da interação parental com os comportamentos de obediência/desobediência das crianças e foi composta por quatro sessões de 120 minutos de duração. Foram registradas as frequências de comportamentos dos cuidadores (instrução direta, instrução indireta, orientação física, elogios descritivos e *time out*) e das crianças (obediência, desobediência e comportamentos inapropriados) por meio de observação direta. Os resultados demonstraram que todas as mães seguiram as instruções dadas nas sessões de orientação quanto ao tipo de instrução e consequências a serem dadas para as crianças. Constatou-se que o uso de instruções diretas aumentou a probabilidade de comportamentos de obediência em todos os participantes. Os dados também revelaram que a presença da consequência positiva (elogio) foi relacionada com a menor taxa de comportamentos inapropriados durante a execução da tarefa. Os resultados destas pesquisas indicam que intervenções de curto prazo podem ser eficazes no auxílio da aquisição dos repertórios de autocuidados de



crianças com dermatite atópica, tendo como consequência uma melhor adesão ao tratamento.

Palavras-chave: Dermatite atópica, relação cuidador-criança, orientação de pais.

Apoio Financeiro: *Jardson Fragoso Carvalho* recebeu bolsa CAPES.

TERAPIA DE REVERSÃO DE HÁBITO NO TRATAMENTO DA ESCORIAÇÃO NEURÓTICA: REVISÃO DE LITERATURA EM PERIÓDICOS DA SAÚDE. *Marisa Richartz, Márcia Cristina Caserta Gon* (UEL, Londrina, PR)

O estudo objetivou analisar o uso da terapia de reversão de hábito no tratamento da escoriação neurótica. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados Bireme, PschyARTICLE e Web of Science. Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: *Habit Reversal, skin picking, psychological treatment e behavior analysis*. Apenas os artigos que descreviam procedimentos da terapia de reversão de hábito e que estavam disponibilizados com acesso livre no Portal da Capes foram incluídos na pesquisa. Os estudos com participantes portadores de síndromes genéticas e com fundamentação teórica divergente da análise do comportamento foram excluídos. Foram selecionados sete artigos na revisão de literatura e desses, cinco abordavam o tema da escoriação neurótica especificamente e dois faziam apenas referência a essa condição e a abordavam juntamente com outros problemas dermatológicos. Os artigos selecionados foram avaliados a partir das seguintes categorias de análise: amostra, método (descrição do procedimento e número de sessões) e resultados. Em relação às características da amostra, concluiu-se que os estudos foram realizados com participantes adultos com desenvolvimento típico, a exceção de um que foi realizado com um menino de nove anos de idade diagnosticado com Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade e que apresentava dificuldades na aprendizagem e na fala. A análise do número de sessões realizadas concluiu que houve uma variância na duração do tratamento: enquanto três artigos descreverem três sessões semanais, dois relataram quatro sessões com follow-up e dois descreveram mais de quatro sessões semanais. A análise das fases da terapia de reversão de hábito que foram utilizadas no tratamento concluiu que o treino de conscientização e de resposta concorrente foi utilizado em todos os tratamentos propostos, a exceção de um que não o utilizou. Além disso, dois artigos relataram uma fase de suporte social e um relatou manejo de consequências reforçadoras positivas para períodos livre de escoriação neurótica. Os procedimentos terapêuticos utilizados na terapia de reversão de hábito para o tratamento da escoriação neurótica foram avaliação funcional, autoregistro, estratégias psicoeducacionais, delimitação e treinamento de resposta concorrente, procedimentos de ACT e revisão dos procedimentos propostos. Os resultados dos estudos mostraram redução na frequência do comportamento de escoriação neurótica dos participantes com a terapia de reversão de hábito. Apesar disso, é necessário verificar as limitações do delineamento experimental dos estudos e a necessidade de um melhor controle experimental. O comportamento de escoriação neurótica foi medido indiretamente, por meio de fotos ou autoregistro, em seis dos sete artigos analisados. Discute-se a necessidade pesquisas sobre o tratamento da escoriação neurótica. O número de artigos encontrados na literatura evidencia a escassez de estudos sobre o tema. Diante disso, sugerem-se



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

pesquisas com diversidade de métodos e medidas de comportamento, e com diferentes populações (crianças, adolescentes e pessoas com desenvolvimento atípico).

Palavras-chave: escoriação neurótica, *skin picking*, terapia de reversão de hábito.

Apoio Financeiro: Marisa Richartz recebeu bolsa da CAPES.



MESA REDONDA 6

RELAÇÕES VERBAIS E SIMBÓLICAS: ESTUDOS CONCEITUAIS, EMPÍRICOS E APLICAÇÕES. *Priscila Giselli Silva Magalhães, Grauben José Alves de Assis* (Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, PA), *Rosana Aparecida Rossit* (Universidade Federal de São Paulo, SP), *Melania Moroz* (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino – PUC-SP, SP), *Luciana Chequer Saraiva Messa, Elizeu Borloti* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES).

A literatura da Análise do Comportamento tem apresentado uma crescente produção de estudos empíricos e de revisão sobre comportamento verbal e simbólico. Uma mesaredonda com o tema “*Relações verbais e simbólicas: estudos conceituais, empíricos e aplicações*” mostra-se relevante, pois permite a divulgação de resultados desses estudos produzidos por diferentes laboratórios de pesquisa. Os estudos aqui apresentados são provenientes de três instituições de ensino e pesquisa de três Estados brasileiros, aprovados pelo comitê de ética. Dois estudos utilizaram o paradigma de equivalência de estímulos para investigar o comportamento simbólico, a partir do qual os autores desenvolveram diferentes procedimentos de ensino e aplicações na educação. O terceiro estudo envolveu uma análise conceitual das relações verbais. Os estudos envolveram alunos de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e sexo. Finalmente, a mesa redonda pode se configurar como uma condição relevante para o incentivo e intercâmbio dos pesquisadores que deles participam regularmente, através de grupos de trabalho.

Coordenador: *Grauben José Alves de Assis*

O SÍMBOLO VERBAL E O “CONTRÁRIO” DOS FATOS: UMA ANÁLISE FUNCIONAL DA IRONIA VERBAL. *Luciana Chequer Saraiva Messa, Elizeu Borloti* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, ES).

Para Skinner, no campo verbal, a função de um “símbolo” é mais evidenciada quando um ouvinte se engaja numa ação eficiente ao responder ao comportamento do falante. Essa eficiência dependerá da extensão e da precisão do controle do estímulo do comportamento do falante. Como essa precisão não é comum, a ironia é, talvez, o exemplo por excelência de extremos de eficiência ou ineficiência na manipulação do comportamento de um ouvinte. Uma vez que a ironia é tradicionalmente estudada como “figura de linguagem”, mas raramente analisada como comportamento, este trabalho teórico tem o objetivo de apontar um conceito de ironia na obra *Verbal Behavior* de Skinner (1957) e juntar o conceito do autor com as definições de ironia contidas na obra de Paiva (1961), *Contribuição Para Uma Estilística da Ironia*, considerada clássica pelos linguistas. O método consistiu em interpretar um conceito de ironia no texto de Skinner, discriminando sentenças contendo a palavra ironia (ou outras palavras relacionadas) e seus eventos antecedentes e consequentes; depois, foram encontradas regularidades de certas funções inerentes ao conceito de ironia em Skinner. Assim formou-se um conceito de ironia em Skinner que foi juntado às definições de ironia em Paiva, observando os traços em que os autores se complementam. Os resultados mostram que a



ironia em Skinner pode ser conceituada como comportamento verbal sob controle múltiplo – audiência múltipla, estímulos múltiplos (especialmente não verbais) e operações motivacionais a partir desses estímulos e audiências múltiplas – com a função de deixar que o ouvinte produza uma resposta (em geral contrária ao que foi dito). As nuances das consequências sobre as audiências permitirão classificar funcionalmente subtipos de ironia: sarcasmo, sátira, alegoria, cinismo, etc. A ridicularização (com ou sem humor) de uma das audiências pode ou não ser consequência sobre as outras audiências. Estes elementos do conceito de ironia do autor são compartilhados pelas definições de ironia de Paiva: ele fornece uma descrição da função da ironia a partir do contexto do controle múltiplo do comportamento verbal, emitido com a propriedade irônica, que inclui audiências (pelo menos duas) como parte desse contexto; ela demonstra uma relevante contribuição na diferenciação dos dois tipos (satírica, difemística, restritiva e contornante) e climas (ingênuo, retórico, sagrado, científico e familiar) da ironia, que podem indicar funções diferentes e importantes da ridicularização que não foram diretamente abordadas por Skinner. A unificação das abordagens de Skinner e de Paiva aponta para a principal função do estudo da ironia: analisar a produção e a compreensão do comportamento verbal irônico levando em consideração o contexto (controle de estímulo) e a audiência múltipla que definem tipos e climas de ironias. Conclui-se pela crítica à busca do como a ironia é “utilizada” pelo falante, em detrimento de uma análise funcional do comportamento verbal irônico que aponta onde, como e porque (para que) esse comportamento é emitido.

Palavras-chave: ironia, Análise do Comportamento, Linguística.

DIVERSIFICANDO A APLICAÇÃO DO MODELO DE RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA. *Melania Moroz* (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP).

O estudo de Sidman(1971) e os posteriores com seus colaboradores (dentre os quais o de Sidman e Tailby, 1982) possibilitaram a formulação do modelo de equivalência de estímulos. Tal formulação teve papel seminal para a Análise do Comportamento, isto porque abriu um campo de pesquisas voltado ao estudo de relações de equivalência. Relações de equivalência são relações novas que emergem sem terem sido diretamente ensinadas e cujos estímulos são intercambiáveis; dizer que os estímulos são intercambiáveis significa dizer, em outras palavras, que os estímulos afetam de forma similar o indivíduo. A emergência e o intercâmbio entre os estímulos têm sido resultado do ensino de relações condicionais; para tanto, comumente é utilizado o procedimento de escolha de acordo com o modelo (MTS). A literatura com foco nas relações de equivalência de estímulos atesta que as contribuições são provenientes de pesquisas realizadas em diversas regiões geográficas, evidenciando que o interesse por esse campo de estudos não se restringe aos pesquisadores norte-americanos. No Brasil, as pesquisas na área de relações de equivalência foram realizadas, com maior frequência, nas duas últimas décadas. Inúmeros trabalhos, tanto básicos quanto aplicados, foram produzidos; se os estudos básicos apresentam-se como forte tendência nesse campo de estudos, em tempos mais recentes os trabalhos aplicados tornaram-se mais presentes. Parte dos estudos aplicados é direcionada à Educação, particularmente focalizando o ensino de repertórios acadêmicos. Dentre os repertórios-alvo do ensino, o mais frequentemente estudado tem sido a leitura, embora também haja pesquisas, em menor número,



focalizando a escrita e repertórios em matemática. O ensino de tais repertórios tem sido, via de regra, em nível inicial; no caso de Língua Portuguesa, a leitura e escrita têm como unidades de ensino a palavra, seja composta apenas por sílabas simples seja contendo alguma complexidade; a leitura generalizada é avaliada em novas palavras, compostas por sílabas treinadas ou por variações delas, o mesmo ocorrendo com o repertório de escrita. Também os repertórios em matemática têm sido aqueles focalizados no processo inicial de escolarização, como numeração e operações. O potencial de aplicação do modelo de relações de equivalência, porém, é amplo, pois possibilita atuar com repertórios mais complexos. Este é o caso de pesquisas sobre ensino de verbos; de leitura e escrita, tendo frases como unidade de ensino; de frações e de leitura de imagens. Na presente exposição, serão considerados alguns desses trabalhos, aplicados em contexto educacional, os quais foram realizados por participantes do NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino (PUCSP).

Palavras-chave: equivalência de estímulos, leitura, tecnologia.

RELAÇÕES SIMBÓLICAS EM SURDOS COM E SEM PRÉ-REQUISITOS MATEMÁTICOS. *Priscila Giselli Silva Magalhães, Grauben José Alves de Assis* (Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará), *Rosana Aparecida Rossit* (Universidade Federal de São Paulo, SP).

No ensino de habilidades monetárias os procedimentos de escolha com o modelo (MTS), exclusão e de escolha com o modelo com resposta construída (CRMTS) têm se mostrado efetivos. Entretanto, desconhece-se qual procedimento mostra mais eficiente para o ensino desta habilidade. Outra variável investigada foram os pré-requisitos neste tipo de relação simbólica. Diante disso, o objetivo geral deste trabalho foi comparar diferentes procedimentos de ensino e de testes de habilidades monetárias para crianças surdas e verificar a emergência de novas relações simbólicas em crianças com e sem pré-requisitos monetários. A pesquisa foi realizada em uma Unidade Pública de Ensino Especializada para surdos, em Belém. Um notebook com tela de 17” com um software (REL 5.3.3 for Windows) foi utilizado para a condução dos experimentos. No experimento 1 participaram 6 crianças surdas distribuídas em dois grupos experimentais (com e sem pré-requisitos matemáticos). Houve ensino via MTS entre valores em LIBRAS e: preços (AB), figuras de moedas (AC) e figuras de notas (AD), seguidos dos testes de simetria e transitividade. Houve emergência de relações para a maioria dos participantes. O ensino via MTS em componentes envolveu relações entre preços e figuras de moedas (DB) e figuras de notas e figuras de moedas (DC), seguido de testes de simetria, transitividade e de generalização (simulação de compra e venda). Houve diferença no desempenho entre os participantes dos Grupos I e II, o que confirma a importância de pré-requisitos para aprendizagem de relações monetárias. No experimento 2 em andamento, o ensino por meio do procedimento de exclusão a outras 6 crianças surdas com e sem pré-requisitos matemáticos de relações AB, AC e AD. Em seguida os participantes foram expostos a sondas de exclusão das relações AB, AC e AD com valores não ensinados por meio do MTS. Testes de equivalência entre preços e figuras de moedas (BC), figuras de moedas e preços (CB) e preços e figuras de notas (BD) foram aplicados para verificar se há emergência de novas relações simbólicas. Testes de generalização de manutenção foram aplicados ao final do experimento. No experimento 3, seis outras crianças com e sem pré-requisitos matemáticos foram expostas ao ensino por meio do CRMTS de relações AB, AC e AD e, posteriormente, a



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

testes de simetria e de transitividade destas relações. Após o experimento testes de generalização e de manutenção serão aplicados. Os resultados dos três experimentos permitem conclusões acerca do procedimento mais eficiente para o ensino de habilidades monetárias e que se amplie a investigação sobre a necessidade ou não de pré-requisitos para aprendizagem deste tipo de habilidade.

Palavras-chave: relações simbólicas, equivalência monetária, surdez.

Apoio financeiro: CNPq e CAPES/PROESP.



MESA REDONDA 7

O ESTUDO DO COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO, DA PESQUISA À CLÍNICA. *Natália Mendes Ferrer da Rosa, João Juliani, Marcos Roberto Garcia* (UNIFIL, PsicC, Londrina, PR), *Murilo Nogueira Ramos, Paula Renata Cordeiro de Lima* (UEL, PsicC, Londrina, PR).

A mesa tem como objetivo apresentar a importância do estudo do comportamento supersticioso. Paula Renata Cordeiro de Lima irá apresentar o conceito de comportamento supersticioso para a Análise do Comportamento: uma interação organismo/ ambiente mantida pela apresentação contígua, e não contingente, de reforçadores. A definição de Superstição, no entanto, se apresenta como: padrões de comportamentos supersticiosos que não necessariamente entram em contato com a consequência, sendo selecionado por práticas culturais. Comportamentos supersticiosos e superstições permeiam as relações humanas, mantendo-se através de reforçadores sociais positivos e da esquiva de possíveis eventos aversivos. Muitas vezes as crenças supersticiosas (que são descrições das contingências que não correspondem com a contingência em vigor) tornam-se variáveis importantes em queixas clínicas. Uma pessoa pode passar a emitir rituais e comportamentos supersticiosos, acreditando que possa impedir que eventos aversivos aconteçam. Tal prática é comum entre os seres humanos, no entanto, pode tornar-se prejudicial impedindo que outras interações e relações sociais se estabeleçam e se mantenham. Para relatar a presença desses rituais e padrões comportamentais na clínica, Murilo Nogueira Ramos fará um relato de caso clínico, de um cliente que chegou ao consultório com diagnóstico de Transtorno Obsessivo Compulsivo, observou-se que alguns dos comportamentos chamados de compulsivos eram selecionados pela contigüidade do reforço e não tinham relação de contingência entre o comportamento emitido da consequência observada (i.e., superstição) A partir da ideia de que o comportamento supersticioso é uma prática cultural, cabe a nós estudarmos como ele pode se estabelecer e se manter em um grupo. Poucas pesquisas experimentais demonstram como o comportamento supersticioso pode se estabelecer e como pode ser mantido nas relações em grupo - microssociedades. O experimento apresentado por Natália Mendes Ferrer da Rosa funcionou como uma ferramenta para analisar muitos aspectos da transmissão cultural em condições controladas. Foram liberados pontos em tempo variável, não contingentes aos comportamentos emitidos pelos participantes. Foram observadas algumas falas dos participantes demonstrando o efeito da contigüidade entre os eventos. Foi observado que o ganho de pontos contíguos aos comportamentos foi essencial para o aparecimento de falas “supersticiosas” passando de uma geração para a outra. Os conceitos de comportamento supersticioso, crenças supersticiosas e superstição são importantes para que se possam entender as funções de comportamentos e assim orientar o planejamento possíveis intervenções no contexto aplicado.

UM ESTUDO SOBRE COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO EM UMA MICROSSOCIEDADE LABORATORIAL. *Natália Mendes Ferrer da Rosa, João Juliani, Marcos Roberto Garcia* (UNIFIL, PsicC, Londrina, PR).

A Análise do Comportamento define o comportamento supersticioso como a relação operante em que uma resposta ocorre porque foi fortalecida por um estímulo não contingente a ela, sendo controlada por reforçamento acidental. Este experimento



funciona como ferramenta para analisar aspectos da transmissão cultural em condições controladas. Participaram do estudo oito universitários. Este experimento foi composto por cinco “gerações” (uma nova geração era a saída de um membro e entrada de outro no grupo). A primeira geração começou com quatro (4) participantes, sendo que a cada dez (10) minutos um deles se retirava por meio de sorteio para outro participante entrar. No experimento os participantes tiveram que escolher uma mesa (verde, amarela, vermelha ou azul), onde cada mesa tinha uma pilha de anagramas a serem resolvidos. Após escolher a mesa, a geração começou a resolver o anagrama. Foram liberados pontos em intervalos médios de tempo de um minuto, não contingentes às resoluções ou comportamentos emitidos pelos participantes, isto é, independentes do desempenho dos participantes na resolução dos anagramas. A análise dos dados considerou a análise dos relatos verbais dos participantes e também os dados obtidos por meio da aplicação de um instrumento pós resolução de anagrama. O grupo escolhia a cor da mesa para resolução de anagrama, porém era cada sujeito que atribuía notas às mesas, respondendo ao instrumento de coleta de dados separadamente. Foi observado que o ganho de pontos contíguos aos comportamentos que os participantes emitiram foram essenciais para o aparecimento de falas “supersticiosas”. Para conseguir mais pontos e resolver mais anagramas, os participantes foram formulando teorias de como consegui-los (comportamento supersticioso). Além da análise das falas, o comportamento supersticioso pode ser observado pelo tempo de permanência dos participantes em cada mesa e pela nota dada para cada uma delas. Das quatro mesas disponíveis, a mais escolhida e que teve maior nota foi a amarela. Na primeira geração enquanto os participantes resolveram anagramas, ocorreu o ganho de 2 bônus enquanto estavam na mesa amarela, o que parece ter sido decisivo na mudança de valores médios atribuídos pelos sujeitos para esta mesa, o que persistiu até a última geração. Podemos dizer que o grupo não transmite, ele cria contingência para que o comportamento se mantenha, e conseqüentemente o reforço acaba ocorrendo pelo tempo de permanência nas mesas. O ganho de pontos contíguos aos comportamentos que os participantes emitiram foi essencial para a prevalência da escolha da mesa amarela para a resolução de anagramas, o que parece ter estabelecido uma cultura de preferência pela escolha desta mesa, da primeira até a última geração, mesmo na última não havendo mais participantes que estiveram na primeira geração, quando os primeiros bônus foram recebidos.

Palavras-chave: comportamento supersticioso, microssociedade, Análise do Comportamento, práticas culturais.

O COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO NA CLÍNICA, UM RELATO DE CASO. *Murilo Nogueira Ramos* (UEL, PsicC, Londrina, PR)

O cliente chegou ao consultório e apresentou queixa de Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC). O TOC é considerado um padrão comportamental em que alguns comportamentos (encobertos ou públicos) se tornam muito frequentes e aversivos (i.e., obsessão) e então se observa outra classe comportamental, chamada de compulsão, que tem a função de “tentar” se esquivar, fugir da obsessão e os eventos relacionados a ela. O cliente é do sexo masculino, tem 26 anos fez faculdade de Jornalismo em São Paulo e atualmente reside em Londrina. Mudou para Londrina em função de uma mulher que conheceu em congressos e encontros jornalísticos. Iniciou-se um namoro entre eles e ele aceitou morar e trabalhar com ela. Os comportamentos relacionados ao TOC são frequentes: desviar de todas as árvores, e não pisar em pedras e pisos escuros. Segundo



relato, faz isso porque escuro lembra sujo associado a algo pecaminoso, como prostituição (i.e., obsessão). Relata que imagina uma Santa fazendo gestos obscenos. Se sente “culpado”, acha que vai para o inferno ou vai ser castigado de alguma maneira. Como forma de se esquivar desses eventos aversivos, vai para casa tomar banho (i.e., compulsão). O cliente consegue descrever esses pensamentos como não condizentes com a realidade. No entanto, continua a se comportar assim, caso contrário pensa muito sobre o assunto e isso se torna aversivo. No trabalho salva suas produções em números pares (i.e., compulsão). Pois números ímpares o lembram do número 1 que lembra um dedo do meio fazendo um gesto obsceno, e mais uma vez pensa que poderia ser castigado (i.e., obsessão). Então, repete os comportamentos compulsivos, como por exemplo, salvar novamente o arquivo do trabalho. Quando divide um copo com outra pessoa, pensa que está contaminado (i.e., obsessão) e vai para o banheiro tomar banho, lavar as mãos e a boca (i.e., compulsão). Quando é tocado em um braço ele se toca no outro braço para, segundo o cliente, ficar tudo regulado e não ser castigado. Provavelmente tais comportamentos compulsivos, são fruto de conseqüências reforçadoras contíguas e não contingentes (comportamento supersticioso). O cliente relata que, talvez, nunca tenha contraído nenhuma doença grave, ou nunca ter sido castigado (i.e., eventos aversivos) porque emite todos esses padrões comportamentais chamados de compulsivo. Senso assim, os comportamentos compulsivos (e.g., não pisar no preto para não ser castigado, salvar o arquivo em números pares) são reforçados negativamente, contiguamente, pela ausência de doença ou de castigos (eventos aversivos), porém não existe relação contingente entre os eventos comportamentais compulsivos e a esquivas de doença, apenas existe relação temporal de contigüidade, suficientes para selecionar o comportamento compulsivo.

Palavras-chave: transtorno obsessivo compulsivo, Análise do Comportamento, comportamento supersticioso.

CONCEITOS DO COMPORTAMENTO SUPERSTICIOSO. *Paula Renata Cordeiro de Lima* (UEL, PsicC, Londrina, PR)

A mesa em questão tem como objetivo apresentar conceitos relevantes para a compreensão de eventos como comportamento supersticioso, regras e crenças supersticiosas e superstição. A definição de comportamento supersticioso para a Análise do Comportamento surgiu a partir da observação da manutenção de respostas que não eram contingentes à liberação de reforçadores, porém eram contíguas a esse evento. A partir disso, interações reforçadas de forma somente contígua, e não contingente, passaram a ser chamadas de comportamento supersticioso. Estudos experimentais demonstraram que a liberação de reforçadores independentes de respostas específicas pode selecionar padrões de comportamentos que ocorreram na hora, ou próximo da liberação do reforçador. A maioria desses estudos foi realizado utilizando esquemas de reforço e tem em seus delineamentos componentes nos quais os participantes (animais ou humanos) são submetidos a esquemas de reforço nos quais os reforços são apresentados de forma independente a resposta (como o VT, esquema de tempo variável, no qual há liberação de reforçadores independentes da resposta em intervalos de tempo variáveis; ou FT, esquema de tempo fixo, no qual há a apresentação do reforçador independente da resposta em intervalos fixos de tempo). A liberação do reforço mesmo de forma não contingente aumenta a frequência do comportamento emitido de forma contígua à liberação, criando assim um padrão de Comportamentos Supersticiosos. Para compreender como os comportamentos supersticiosos são adquiridos e mantidos por



humanos é importante compreender o conceito de regra e crença supersticiosa. Regras supersticiosas são descrições de contingência que não correspondem com a contingência real, ou seja, há a descrição de relações de contingência (*se ... então*) que não acontecem, pois os eventos são contíguos (acontecem ao mesmo tempo). Crenças supersticiosas também é uma descrição não condizente com a contingência em vigor, no entanto este relato é próprio do sujeito que vive a contingência, não lhe é proposto por outro (como uma regra). Regras supersticiosas, uma vez aprendidas passam a ser crenças supersticiosas. Por fim, para que o temo de relações supersticiosas seja abordado de forma completa, é necessário compreender o conceito de Superstição. Como mostrado anteriormente, o comportamento supersticioso é selecionado no nível ontológico (pela história de reforçamento daquele organismo específico), a Superstição por sua vez é selecionada através do nível cultural de seleção. Um organismo específico não precisa ter entrado em contato com uma história de reforçamento ou punição para seguir superstições. Elas são ensinadas através do comportamento verbal (regras supersticiosas passadas entre gerações) e mantidas através de reforçadores sociais (o indivíduo pode passar a vida toda sem passar pelas contingências descritas nas superstições). Os três conceitos aqui propostos são descrições de práticas comuns nas relações humanas e por isso devem ser investigados e compreendidos com cuidado. A compreensão da sua importância, das diferenças entre eles e do papel que cada um representa na formação e manutenção de padrões supersticiosos é essencial para que essas relações supersticiosas (no âmbito individual ou cultural) possam ser compreendidas da melhor forma possível e assim manipuladas quando necessário.

Palavras-chave: comportamento supersticioso, contiguidade, superstição.



MESA REDONDA 8

OS DESAFIOS NA TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL INFANTIL: CONTRUÇÃO DE VÍNCULO TERAPÊUTICO, ADESÃO AO TRATAMENTO E FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS. *Bruna Moraes Aguiar, Kellen Martins Escaraboto Fernandes, Patrícia Motta Cordeiro Gonçalves* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Universidade Estadual de Londrina, UNOPAR, UniFil, Londrina, PR).

Para o analista do comportamento entender a Psicologia como ciência e profissão implica em assumir uma formação sólida no que se refere aos pressupostos filosóficos que fundamentam sua prática, em conhecer e estudar a Análise Experimental do Comportamento e a Análise Aplicada do Comportamento. Uma das grandes dificuldades encontradas tem sido a de garantir a competência da formação de seus membros e, em vista disso, surge uma preocupação com a formação do analista do comportamento, principalmente quando este profissional atende uma clientela específica, quer seja, a infantil. A terapia infantil apresenta peculiaridades que a diferencia da terapia com adultos e as principais estão relacionadas às habilidades apresentadas pelo terapeuta infantil, às condições relativas ao vínculo terapêutico, a adesão à terapia, a avaliação do comportamento da criança e das condições familiares e a estruturação do processo terapêutico, uma vez que ao optar por este tipo de atendimento o profissional precisa adquirir e aperfeiçoar habilidades específicas que se diferenciam daquelas requeridas na formação de terapeutas comportamentais que fazem opção pelo atendimento apenas de adultos. Neste contexto, o papel do supervisor é uma variável importante, pois compete a ele programar contingências específicas que proporcionarão a instalação, de um repertório apropriado em terapeutas iniciantes. Os principais objetivos deste trabalho serão discutir as estratégias utilizadas para favorecer a formação de alunos do terceiro ao quinto ano de psicologia, tendo como foco a apresentação de um programa elaborado para aquisição de habilidades terapêuticas os quais envolvem o fortalecimento do referencial teórico dos alunos, o ensino de uma conduta ética, a garantia da capacitação para o atendimento clínico através da utilização em supervisão de práticas e vivências com materiais lúdicos, aumentando a possibilidade de garantia em relação a qualidade dos atendimentos. Serão discutidas as dificuldades encontradas em supervisão clínica. Também será realizado um relato e discussão sobre o estabelecimento e manutenção do vínculo terapêutico e as estratégias utilizadas em contexto clínico com uma criança de aproximadamente 9 anos, do sexo feminino, a qual encontrava-se, no início dos atendimentos, saindo de um processo de institucionalização e iniciando um processo de adoção. A criança apresentava dificuldades significativas para estabelecer vínculo e um dos comportamentos-alvo em terapia era a construção do mesmo. Finalmente serão discutidos os possíveis motivos que levaram uma criança de 11 anos, que apresentava enurese, e sua família, a desistência do processo terapêutico após a introdução de um programa com alarme de urina. Os dois atendimentos relatados fazem parte de um projeto social, vinculado a um grupo de estudos e supervisão em Terapia Analítico Comportamental Infantil, desenvolvido em um Instituto particular de Análise do Comportamento na cidade de Londrina - Paraná.

Palavras-chave: terapia analítico comportamental infantil, supervisão clínica, vínculo terapêutico, enurese.

Coordenador: *Kellen Martins Escaraboto Fernandes*



O PAPEL DO SUPERVISOR CLÍNICO PARA A FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS INFANTIS. *Kellen Martins Escaraboto Fernandes* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, UNOPAR, Londrina, PR)

A formação de terapeutas tem sido amplamente discutida e tem se tornado um desafio constante. Quando se entende a Psicologia, como ciência e profissão, uma das grandes dificuldades encontradas tem sido a de garantir a competência da formação de seus membros e, em vista disso, surge uma preocupação com a formação do analista do comportamento, principalmente com o profissional que atende uma clientela específica, quer seja, a infantil. A terapia infantil apresenta peculiaridades que a diferencia da terapia com adultos, e uma das principais refere-se às habilidades apresentadas pelo terapeuta infantil, uma vez que, ao optar por este tipo de atendimento o profissional precisa adquirir e aperfeiçoar habilidades específicas que se diferenciam daquelas requeridas na formação de terapeutas comportamentais que fazem opção pelo atendimento apenas de adultos. Além de habilidades relacionadas ao comportamento do terapeuta, como observar sistematicamente, reforçar diferencialmente, solicitar e dar informações e orientar, o terapeuta infantil deve aprender a engajar-se em atividades de fantasia e compartilhar de fantasia com a criança, promover modelo para a criança em dramatizações e jogos, formular regras e o zelar pelo seu cumprimento e descrever sobre o que a criança esta fazendo. Neste contexto o papel do supervisor é uma variável importante, pois compete a ele programar contingências específicas que proporcionarão a instalação, de um repertório apropriado em terapeutas iniciantes. Percebe-se, portanto, que além de uma ampla formação em Behaviorismo Radical, Análise Experimental do Comportamento e Análise Aplicada do Comportamento, o supervisor deve favorecer o fortalecimento dos conhecimentos teóricos do aluno, o ensino de uma conduta ética, garantindo a capacitação para o atendimento clínico e para que o cliente tenha um atendimento adequado. Diante dos dados expostos acima, os principais objetivos deste trabalho serão apresentar um programa desenvolvido em um grupo de supervisão em terapia analítico comportamental infantil que atende 15 alunas do terceiro ao quinto ano de psicologia, as quais participam como observadoras e terapeutas. O programa consiste na ampliação do referencial teórico das participantes através de leitura e discussão de material pertinente a cada caso atendido, em ampliação de repertório lúdico através de vivências, práticas com jogos, histórias e outros recursos lúdicos e na instrumentalização de habilidades práticas em clínica através da vivências e role-playing utilizados durante as supervisões. Também serão discutidas as dificuldades encontradas neste contexto, de acordo com a avaliação da supervisão. O trabalho foi desenvolvido em um Instituto que promove atendimento à comunidade de baixa renda na cidade de Londrina/Paraná.

Palavras-chave: terapia analítico comportamental infantil, supervisão clínica, formação de terapeutas.

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES TERAPÊUTICAS: ESTRATÉGIAS PARA A CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DO VÍNCULO TERAPÊUTICO. *Patrícia Motta Cordeiro Gonçalves* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Associação dos Deficientes Físicos de Londrina, Londrina, PR)

Uma das dificuldades vivenciadas pela grande maioria dos estudantes de Psicologia e terapeutas iniciantes diz respeito às habilidades terapêuticas, principalmente, quando



estas se referem ao atendimento de um público que demanda habilidades específicas, tal como o de crianças e adolescentes. Ao escolher atender adultos, muitos terapeutas acreditam que a dificuldade será menor, pois, provavelmente, tratar-se-á de um grupo social, com interesses e preocupações semelhantes aos seus e, tal dado poderá favorecer a interação. No entanto, no atendimento à população infantil, normalmente, o que se observa são episódios comportamentais, os quais são denominados por este grupo como ansiedade e angústia frente às primeiras sessões. As perguntas mais frequentes relacionam-se ao desempenho em relação ao atendimento, às habilidades lúdicas e a estruturação do vínculo terapêutico. Todos esses questionamentos remetem a incerteza de possuir um repertório comportamental adequado e suficiente para as interações na clínica infantil. Assim, aqueles que se propõem a tal tarefa passam a buscar a instrumentalização de tal padrão, por meio de leituras, pesquisas e, principalmente, pela escolha de um supervisor que possa favorecer o aprendizado e aprimoramento de respostas comportamentais que favoreçam o atendimento. A escolha do supervisor, muitas vezes está atrelada a observação por parte do aluno de características do mesmo, como formação, experiência e variabilidade comportamental. Embora teóricos busquem descrever as etapas do processo terapêutico infantil e os comportamentos necessários por parte do terapeuta, apenas a descrição de regras e procedimentos não é suficiente para o aprendizado, pois, muitas vezes, torna-se necessária a modelagem direta de tais respostas. Além das habilidades terapêuticas exigidas para o atendimento com o adulto, são necessárias habilidades específicas como o brincar, a utilização de diferentes estratégias lúdicas, a utilização da fantasia, o contato com os cuidadores, novas formas de coletar informações e de se mostrar empático. Dentre as fases do processo terapêutico infantil, a principal e, talvez, a mais difícil seja a de estabelecimento e manutenção do vínculo terapêutico, em especial, quando um dos comportamentos-alvo do cliente se refere a essa dificuldade. Assim, os objetivos principais do presente trabalho serão discutir e relatar as estratégias utilizadas para o desenvolvimento e manutenção do vínculo terapêutico no atendimento a uma criança de 9 anos, sexo feminino, com histórico de moradia de rua, abrigamento e adoção, com a queixa principal de dificuldade de expressão de sentimentos e estabelecimento de vínculos. Foram utilizados durante os atendimentos jogos, histórias e vivências para favorecer o desenvolvimento de tal repertório. Os resultados apresentados apontam para uma ampliação do repertório comportamental não só da criança como também da terapeuta.

Palavras-chave: terapia infantil, terapeuta iniciante, habilidades terapêuticas.

A DESISTÊNCIA EM TERAPIA ANALÍTICO- COMPORTAMENTAL INFANTIL: AS VARIÁVEIS CONTROLADORAS E DIFICULDADES ENCONTRADAS EM UM CASO DE ENURESE. *Bruna Moraes Aguiar; Bruna Zolim Canali.* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, UEL, UniFil, Londrina, PR).

A desistência da terapia pode ser caracterizada pela interrupção prematura do tratamento psicoterápico por parte do cliente, sem um encaminhamento do terapeuta. Alguns autores consideram “abandono” a desistência do paciente quando ainda está na lista de espera e nem chega a iniciar o tratamento. Outros o consideram como situações em que o cliente, após certo número de sessões, interrompe o tratamento antes de receber alta. Desta forma, apesar do psicólogo planejar um número maior de sessões, o paciente não comparece mais às mesmas, muitas vezes sem dar nenhuma explicação.



Por mais que sejam investigados, parece não existir consenso entre os autores sobre os motivos que levam a esta desistência do processo terapêutico. Neste sentido, antes de analisá-los, é importante lembrar que há uma grande diferença entre a desistência da terapia por adultos e por crianças, já que no segundo caso são os pais que decidem iniciar e parar o processo terapêutico. Daí surge a necessidade de incluir e compreender os fatores familiares que influenciam a desistência e a permanência na terapia, além das características da criança em si. A literatura aponta que características parentais como nível de estresse, estado civil, desajustamento conjugal, etnia, cultura, saúde mental, número alto de eventos sociais e comportamento antissocial das mães são fatores que estão frequentemente associados à desistência do tratamento. Também são considerados fatores influentes problemas severos e crônicos de comportamento antissocial, quociente de inteligência (QI), atrasos acadêmicos, contato com pares antissociais, estar em grupo de minoridade, ser filho não biológico dos pais, viver em moradia com acomodações pobres e estar submetido a práticas parentais educativas adversas. Além disso, há outras variáveis como: idade dos pais, grande distância até o local de atendimento e o nível socioeconômico baixo. Contudo, estudos mostram que a qualidade do vínculo entre terapeuta-cliente também é de extrema importância para a permanência e sucesso da psicoterapia. A enurese noturna pode ser definida como uma micção involuntária durante o sono, pelo menos duas vezes por semana, em crianças sem anomalias congênitas ou adquiridas, do trato urinário, ou sistema nervoso, em idade na qual o controle esfinteriano habitualmente está presente. O tratamento consiste na aplicação de um programa estruturado que envolve a criança e a família e que tem como uma das condições a utilização um aparelho com alarme de urina combinado com a intervenção de treinamento de controle de micção. Diante do exposto, esse trabalho tem por objetivo analisar os possíveis motivos que levaram uma criança do sexo masculino, 11 anos, que apresentava enurese, e sua família à desistência do processo terapêutico levantando discussões acerca dos comportamentos apresentados por estas pessoas nas fases iniciais e de acompanhamento do programa e sua correlação com o alto custo das exigências propostas pela intervenção. A criança era atendida em um projeto social desenvolvido em um Instituto particular de Análise do Comportamento na cidade de Londrina- Paraná.

Palavras-chave: desistência de terapia infantil, enurese, Análise do Comportamento.



MESA REDONDA 9

SONO NORMAL E PROBLEMAS DE SONO E DE COMPORTAMENTO NA CRIANÇA E ADOLESCENTE. *Márcia Pradella-Hallinan* (UNIFESP, SP), *Maria Laura Nogueira Pires* (UNIFESP, UNESP, Assis), *Renatha El Rafihi Ferreira* (UEL, USP).

O objetivo da mesa-redonda é apresentar uma visão multidisciplinar do sono na infância e adolescência, abordando aspectos gerais do sono, tópicos de prevalência e as repercussões comportamentais da insônia comportamental nessa população. Inicialmente, a Dra. Márcia Pradella-Hallinan irá abordar a ontogênese do sono e expor uma visão geral das principais características do sono ao longo do desenvolvimento, distúrbios do sono e parassonias (despertares confusionais, sonambulismo, terror noturno e pesadelos). A seguir, a Dra. Maria Laura N. Pires irá apresentar tópicos sobre a epidemiologia dos hábitos e problemas de sono em crianças e adolescentes. Para tanto, irá apresentar os resultados obtidos em estudos epidemiológicos conduzidos por sua equipe envolvendo crianças e estudantes adolescentes. Finalizando, a Ms Renatha Rafihi Ferreira irá mostrar dados da literatura referentes as repercussões da insônia no comportamento da criança.

Debatedora: *Maria Rita Zoega Soares* (UEL, USP).

Coordenação: *Maria Laura Nogueira Pires*

SONO NORMAL E DISTÚRBIOS DE SONO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. *Márcia Pradella-Hallinan* (Departamento de Psicobiologia e Instituto do Sono, UNIFESP, SP).

A importância do sono e dos distúrbios do sono na infância tem se fortalecido como uma área de prioridade, tanto clínica quanto de pesquisa, para uma variedade de profissionais da saúde, desde que sua presença geralmente se associa a um conjunto de implicações ao pleno desenvolvimento físico, comportamental e emocional. No recém-nascido, o sono inicia-se, em geral, pelo sono ativo (semelhante ao sono REM) e constitui cerca de 50% do tempo total de sono. O bebê pode dormir de 16 a 20 horas por dia, alternando estados de sono e vigília em ciclos de 3 a 4 horas, constituindo o denominado sono polifásico. A partir dos 6 meses de vida, pode-se subdividir o sono calmo, assim denominado por apresentar um traçado típico no eletroencefalograma, em estágios, como utilizado para crianças e adultos, com predomínio de ondas delta. Na pré-adolescência, o período de vigília é máximo e os ciclos de sono aumentam lentamente até atingirem, na adolescência, os valores de adultos, de cerca de 90 minutos. Com o chamado estirão do crescimento na puberdade, há um aumento da sonolência diurna. Atualmente, entende-se a preferência do adolescente em dormir tarde como resultado de uma combinação de fatores, tanto de ordem social (como pressão dos pares) quanto de ordem biológica (alteração nos ritmos biológicos, levando a um atraso na fase do sono). Embora muitos distúrbios de sono ocorram tanto em crianças como em adultos e sejam do ponto de vista fenomenológico os mesmos, alguns distúrbios são observados de forma predominante nas crianças. Entre os distúrbios respiratórios de sono, merecem destaque a síndrome da morte súbita do lactente e as pausas respiratórias (apneias). Entre os distúrbios não respiratórios, a dificuldade no estabelecimento do ciclo vigília-sono ou em iniciar e manter o sono recebe destaque. A partir do primeiro



mês de vida, o bebê tende a concentrar os maiores períodos de sono durante a noite e a maioria deles tem um ciclo bem definido de sono noturno com a idade de um ano. Sabe-se que as atitudes dos pais influenciam grandemente no estabelecimento deste ciclo, e que uma rotina de ir para a cama em que a criança se sinta segura e feliz é primordial. O ambiente em que a criança vive e dorme também influencia o aprendizado de bem dormir. Ainda contribuem fatores psicológicos, como ansiedade e medos da criança e respostas inadequadas dos pais a tais fatores e problemas de ordem psiquiátrica na família, tal como depressão e uso de drogas. Para esses problemas de sono, que em geral se iniciam no primeiro ano de vida e podem ser estender para os próximos anos, recomenda-se a adoção de práticas de higiene do sono. Na criança, as repercussões dos distúrbios de sono associados ao sono interrompido podem se manifestar como sonolência diurna e dificuldade no aprendizado. Entre as principais causas de sono interrompido estão os despertares confusionais, sonambulismo, terror noturno e pesadelos.

Palavras-chave: sono, distúrbios do sono, infância.

Apoio: Associação Fundo de Incentivo à Psicofarmacologia (AFIP), Departamento de Psicobiologia, UNIFESP.

HÁBITOS E PROBLEMAS DE SONO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES ESCOLARES: TÓPICOS DE PREVALÊNCIA. *Maria Laura Nogueira Pires* (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis, SP).

Problemas com sono se apresentam como têm sido reconhecidos como uma relevante questão de saúde. O exame dos hábitos e problemas de sono na população infantil vem sendo realizado por nossa equipe por meio de um estudo com amostra não-clínica, do tipo conveniência (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Regional de Assis; parecer 358/2010). O recrutamento é feito, mediante convite, entre mães que são usuárias de creches da cidade de Assis-SP e do círculo de convivência da equipe executora. Até o momento foram analisadas as respostas parentais à Escala de Distúrbios de Sono para Crianças de Bruni referentes a 94 crianças (F=40, M=54) com idade média de 5,3 anos (DP= 3,4). A análise do tempo de sono mostrou que aproximadamente uma em cada dez crianças pré-escolares (de 3 a 5 anos de idade) ou escolares (de 6 a 12 anos de idade) dorme menos do que 8 horas por noite. A frequência de bebês (1 ou 2 anos de idade) que dormiam menos do isso foi ligeiramente inferior (7,7%). As respostas aos itens referentes à subescala Distúrbio de Iniciar e Manter o Sono foram categorizadas em "Ocasionalmente" (1 a 2 vezes por mês) ou "Habitualmente" (1 a 2 vezes por semana ou mais). Os resultados mostraram que habitualmente uma em cada duas crianças em idade pré-escolar ou escolar relutava para ir para a cama e um terço delas tinha dificuldade para adormecer. Embora a relevância do sono para a saúde do adolescente, há também uma carência de estudos sobre o tema no cenário nacional, particularmente no que se refere a inquéritos epidemiológicos com amostras representativas dessa população. Nesse contexto, examinamos os hábitos de sono de adolescentes escolares por meio da aplicação de um questionário multidimensional, fechado, de autopreenchimento e sem identificação pessoal, aplicados coletivamente em sala de aula, e respondidos voluntariamente (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Regional de Assis; parecer



358/2010). O sorteio sistemático das turmas em cada cidade se deu de maneira proporcional à estratificação segundo tipo de ensino, localização e turno. Foram excluídos do banco de dados os questionários sem informações sobre gênero e idade, ou de estudantes com idade superior a 18 anos, o que resultou numa banco de 1.253 questionários válidos para análise. Informações sobre dificuldades com o sono foram obtidas por meio das perguntas: “Você tem dificuldade para dormir ou pegar no sono?” e “Você acorda muitas vezes durante a noite?”, com opções de resposta: nunca, poucas vezes, muitas vezes, sempre. Aproximadamente um em cada dez estudantes (11,5%) referiu que tem dificuldade para dormir numa base frequente (muitas vezes ou sempre) dificuldade para dormir, e 6,3% referiram que frequentemente despertavam várias vezes ao longo da noite. A contribuição destes dados epidemiológicos será discutida à luz da literatura nacional e internacional.

Palavras-chave: hábitos de sono, problemas de sono, epidemiologia.

Apoio: Fundunesp, CNPq.

PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS AVALIADOS PELO CHILD BEHAVIOR CHECKLIST (CBCL) EM CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE SONO. *Renatha El Rafihi Ferreira* (Departamento de Psicologia Clínica, USP, SP), *Maria Laura Nogueira Pires* (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis, SP), *Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras* (Departamento de Psicologia Clínica, USP, SP).

O sono é um processo fisiológico e comportamental fundamental para o bem estar e saúde do organismo. Apesar disto, as dificuldades com o sono muitas vezes são negligenciadas na prática clínica. Por isso, é evidente a necessidade de compreender a importância de um sono saudável para o desenvolvimento, bem como os prejuízos causados por uma má qualidade de sono. O sono na infância pode exercer influências em estágios específicos do desenvolvimento, indicando um papel na aquisição da linguagem e no processo de aprendizagem. A literatura aponta que a má qualidade de sono pode prejudicar o funcionamento diurno e afetar aspectos comportamentais, emocionais e escolares da criança. Além disso, estudiosos apontam que o comprometimento do sono na infância está associado à irritabilidade, agressividade, impulsividade, baixa tolerância à frustração, respostas de ansiedade e depressão, hiperatividade, labilidade emocional, desatenção e estresse familiar. A restrição de sono pode comprometer a memória e afetar o desempenho em tarefas que exigem atenção. Os problemas de sono na infância são bastante persistentes e podem durar até a vida adulta. Estudiosos salientam que as dificuldades relacionadas ao sono na infância podem constituir indicadores de risco de dificuldades cognitivas e comportamentais na vida adulta. Há uma reconhecida relação bi-direcional entre dificuldades com o sono e problemas comportamentais na infância. Por isso a importância de uma adequada avaliação e posterior intervenção para os problemas de sono em crianças. Para avaliar a presença de problemas de comportamento em crianças são utilizados instrumentos e questionários. Dentre esses instrumentos, o Child Behavior Checklist (CBCL) foi desenvolvido por Achenbach e Rescorla destinado a obter taxas padronizadas de problemas comportamentais de crianças a partir do relato dos pais. O instrumento avalia os seguintes fatores: Reatividade Emocional, Respostas de Ansiedade/Depressão, Queixas Somáticas, Problemas de Atenção, Comportamento Agressivo e Problemas de



Sono. Considerando que a má qualidade de sono pode prejudicar a saúde e o bem estar de crianças, o objetivo do presente estudo foi realizar uma revisão sobre problemas comportamentais avaliados pelo instrumento Child Behavior Checklist (CBCL) de crianças com problemas de sono. Para isto foi realizado um levantamento em duas bases de dados: SCOPUS e PSYCOINFO, no período de 22 a 29 de fevereiro de 2012. As palavras-chave utilizadas foram: sleep problems, children, behavioral problems, child behavior checklist, CBCL. Os principais problemas de sono encontrados nas publicações selecionadas foram: problemas para dormir, despertares noturnos e ronco. O ronco apresentou uma possível associação com sintomas físicos e dificuldades sociais. Já a dificuldade para adormecer e o despertar noturno apresentaram associação com respostas de ansiedade e depressão, problemas de atenção e queixas somáticas. Esta revisão fornece evidências para a relação entre prejuízos no sono e problemas comportamentais.

Palavras-chave: Sono, crianças, Child Behavior Checklist.

Apoio: CNPq



MESA REDONDA 10

HISTÓRIA COMPORTAMENTAL E CUSTO DA RESPOSTA. *Carlos Eduardo Costa* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Talita Regina de Lima Cunha* (Departamento de Psicologia Experimental, USP, São Paulo, SP; Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Paula Renata Cordeiro de Lima*, *Thais Bianchini* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Investigar as variáveis que influenciam a resistência do comportamento a mudança é um tema importante para a Análise do Comportamento. Variáveis da história comportamental e o custo da resposta podem ser variáveis importantes na determinação dessa resistência à mudança. Resultados de pesquisas sugeriram que, após uma história de exposição a um programa de reforço em FR, altas taxas de respostas continuavam a ser observadas mesmo quando o programa de reforço mudava para um FI com custo. Nestas pesquisas, sob FI-custo os participantes ganhavam 100 pontos quando a contingência de reforço em FI era cumprida e perdiam um ponto para cada resposta emitida durante a sessão experimental. Todavia, em uma pesquisa recente em nosso laboratório, que buscou replicar esses resultados, universitários foram expostos a seguinte sequência de programas de reforço: FR60 – FI 15 s custo 1 – FR60 – FI 15 s custo 10. Os resultados indicaram que a taxa de respostas tendeu a diminuir quando o programa mudou de FR para FI-custo (tanto no custo 1 quanto no custo 10). Dadas as discrepâncias nestes resultados, algumas pesquisas foram realizadas buscando-se manipular algumas variáveis que pudessem revelar quais fatores poderiam aumentar ou diminuir a resistência do comportamento a mudanças quando um programa de reforço é alterado de FR para FI-custo. Na primeira pesquisa, denominada “DIFERENTES MAGNITUDES DO CUSTO DA RESPOSTA EM UM MÚLTIPLO FI FI, APÓS UMA HISTÓRIA EM UM MÚLTIPLO FR FR”, os autores avaliaram se a magnitude do custo (perda de 1 ou 10 pontos) e a ordem em que o custo com magnitudes diferentes era apresentado, afetaria a resistência do comportamento à mudança. Na segunda pesquisa, denominada “EXTENSÃO DA HISTÓRIA EM FR E O DESEMPENHO SUBSEQUENTE EM FI-CUSTO”, os autores avaliaram se a extensão da história de reforço em FR (5, 10 ou 20 sessões de 30 minutos cada) afetaria a resistência do comportamento à mudança, quando o programa de reforço fosse alterado para FI-custo. Finalmente, na terceira pesquisa, denominada “HISTÓRIA COMPORTAMENTAL E CUSTO DA RESPOSTA: EFEITOS DA RESPOSTA DE CONSUMAÇÃO”, buscou-se avaliar o papel da presença vs. ausência de uma resposta de consumação nos efeitos de história comportamental em um programa de reforço FI com custo, após uma exposição a um programa de reforço em FR. De modo geral, em todas as pesquisas, a taxa de respostas diminuiu quando a contingência de reforço foi alterada de um FR para um FI com custo.

Palavras-chave: história comportamental; custo da resposta; esquemas de reforçamento.

Coordenador: *Carlos Eduardo Costa*

DIFERENTES MAGNITUDES DO CUSTO DA RESPOSTA EM UM MÚLTIPLO FI FI, APÓS UMA HISTÓRIA EM UM MÚLTIPLO FR FR. *Carlos Eduardo Costa; João Paulo Pereira de Souza; Thais Bianchini* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR); *Tatiany Honório*



Porto (Departamento de Psicologia Experimental; USP, SP); *Luiz Alexandre Barbosa de Freitas* (UFMT, MT).

Algumas pesquisas sugeriram que taxas altas de respostas, selecionadas por um programa de reforço em FR, tendem a ser mantidas mesmo quando as contingências de reforço mudam para FI ou FI-custo. Todavia, resultados discrepantes têm, recentemente, sido obtidos. O presente trabalho procurou dar prosseguimento à investigação do efeito da história de exposição a um FR sobre o desempenho subsequente em um FI-custo. O objetivo foi investigar se (1) a mudança de um múltiplo FR FR para um múltiplo FI-custo FI-custo produziria diminuição na taxa de respostas e se (2) a magnitude do custo e sua ordem de apresentação afetaria a mudança na taxa de respostas diferencialmente. Participaram nove universitários. A tarefa experimental consistiu em pressionar, com o mouse, um botão que aparecia na tela de um computador para ganhar pontos (creditados em um contador acima do botão de respostas). Na Fase 1, todos os participantes foram expostos ao múltiplo FR 60 FR 60 até que o responder em cada componente fosse estável por quatro sessões consecutivas. Para atingir esse critério de estabilidade os participantes foram expostos a seis ou sete sessões de 30 minutos cada. A cor do botão de respostas era diferente em cada um dos componentes do programa de reforço múltiplo. Na Fase 2 os participantes foram distribuídos em dois grupos. Os participantes do Grupo 1 foram expostos um múltiplo FI t s-custo 1 FI t s-custo 10 e os do Grupo 2 a um múltiplo FI t s-custo 10 FI t s-custo 1. O valor do intervalo (t) foi calculado utilizando a média dos intervalos entre reforços em cada componente nas quatro últimas sessões da Fase 1. Os participantes dos dois grupos foram expostos ao múltiplo FI-custo FI-custo por 10 sessões de 30 minutos cada. Ao final de cada sessão os pontos eram trocados por dinheiro. Os participantes emitiram altas taxas de respostas no múltiplo FR FR. Na Fase 2, as taxas de respostas diminuíram na primeira sessão para oito dos nove participantes. Na segunda sessão a taxa de respostas havia diminuído para os nove participantes. Além disso, a ordem de apresentação do custo (i.e., se o custo 1 precedia custo 10 ou vice-versa) pareceu mais importante que a magnitude do custo per se. Ou seja, depois de passar pela contingência de custo pela primeira vez (perda de 1 ou 10 pontos) a taxa de respostas diminuiu mais rapidamente no segundo componente. Esses resultados sugerem que o custo da resposta é uma variável que aumenta drasticamente a probabilidade de que o comportamento fique sob o controle das contingências presentes.

Palavras-chave: história comportamental; custo da resposta; magnitude do custo.

Apoio Financeiro: Esta pesquisa foi parcialmente financiada com recursos da Fundação Araucária (Programa de Apoio a Pesquisa Básica e Aplicada – Chamada 14/2009 – protocolo 10924). João Paulo Pereira de Souza e Thais Bianchini receberam bolsas IC/UEL.

EXTENSÃO DA HISTÓRIA EM FR E O DESEMPENHO SUBSEQUENTE EM FI-CUSTO. *Talita Regina de Lima Cunha* (Departamento de Psicologia Experimental, USP, São Paulo-SP, Brasil; Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Paula Renata Cordeiro de Lima, Carlos Eduardo Costa* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

A persistência comportamental designada, nesse contexto, como manutenção das taxas de respostas mesmo com a mudança nas contingências em vigor, tem sido muito



investigada e, em alguns casos, têm-se encontrado discrepâncias nos resultados de experimentos que investigam variáveis semelhantes. Em alguns estudos observou-se a persistência comportamental quando o programa de reforço mudava de FR para FI-custo e em outros estudos tal persistência não foi observada. Em um programa de FI-custo, os participantes recebiam 100 pontos para a primeira resposta emitida após a passagem do período de tempo especificado pelo FI e perdiam um ponto para cada resposta emitida durante o intervalo entre reforços. Nos estudos em que houve persistência comportamental, os participantes eram expostos a 10 horas em FR para, depois, a contingência de reforço ser alterada para FI-custo. Nos estudos em que não houve persistência, a exposição ao FR variou entre 45 minutos e 3 horas antes da exposição ao FI-custo. Portanto, a extensão da história poderia ser uma variável responsável pela diferença nos resultados. O presente trabalho investigou se a extensão da história de reforço afeta a persistência comportamental quando a contingência de reforço mudou de um programa FR para um programa FI-custo. Participaram do estudo 17 universitários, cuja tarefa experimental era pressionar, com ajuda do *mouse*, um botão retangular (botão de respostas) que se encontrava no centro inferior de um monitor de computador. Assim que a contingência exigida era cumprida o participante deveria pressionar outro botão (resposta de consumação) para que os pontos fossem creditados no contador, que se localizava no centro do monitor. Os participantes foram distribuídos em três grupos com diferentes quantidades de treino em FR (5, 10 e 20 sessões de meia hora cada para os Grupos 1, 2 e 3, respectivamente). Em seguida, todos os participantes dos três grupos foram expostos a cinco sessões de meia hora cada em FI-custo. Os resultados obtidos indicaram que quando a contingência mudou de FR para FI-custo a taxa de respostas diminuiu até a última sessão do FI-custo para quatro de seis participantes do Grupo 1; para os cinco participantes do Grupo 2 e para cinco de seis participantes do Grupo 3. Esses resultados sugerem que não houve relação entre a extensão da história e a persistência comportamental em FI-custo, após história de exposição ao FR. Futuras pesquisas precisam ser delineadas com o objetivo de investigar outras variáveis que possam ser responsáveis pelas divergências encontradas entre estudos com alta e baixa persistência comportamental como, por exemplo, presença ou ausência de resposta de consumação e delinear as 10 horas de exposição em FR com sessões de uma hora cada (i.e., 10 sessões).

Palavras-chave: história comportamental; custo da resposta; extensão da história.

Apoio Financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Fundação Araucária (Programa de Apoio a Pesquisa Básica e Aplicada – Chamada 14/2009 – protocolo 10924). Talita Regina de Lima Cunha recebeu bolsa de mestrado da CAPES. Paula Renata Cordeiro de Lima recebeu bolsa IC/CNPq.

HISTÓRIA COMPORTAMENTAL E CUSTO DA RESPOSTA: EFEITOS DA RESPOSTA DE CONSUMAÇÃO. *Paula Renata Cordeiro de Lima* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Talita Regina de Lima Cunha* (Departamento de Psicologia Experimental, USP, São Paulo, SP; Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Carlos Eduardo Costa* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).



Resultados de pesquisas sugeriram que uma resposta de consumação (i.e., aquela dirigida ao evento reforçador e que interrompe o comportamento operante sob estudo) aumenta a probabilidade de pausas pós-reforço e taxas de respostas mais baixas em FI. Pesquisas nas quais, após uma história de exposição ao FR, as taxas de respostas mantinham-se altas, mesmo com a mudança da contingência para um FI-custo, não usavam resposta de consumação. O presente trabalho teve como objetivo avaliar o papel da presença vs. ausência de uma resposta de consumação nos efeitos de história comportamental em um programa de reforço FI com custo, após uma exposição a um programa de reforço em FR. Participaram 10 universitários, distribuídos em dois grupos. A tarefa experimental consistiu em pressionar, com o auxílio do mouse, um botão que aparecia na tela de um computador (botão de respostas) para ganhar pontos, que eram creditados em um contador, acima do botão de respostas. Os participantes de ambos os grupos foram expostos a 10 sessões de 30 minutos cada em um programa de reforço em FR 40 (Fase 1). Subsequentemente, os participantes foram expostos a cinco sessões de 30 minutos cada em um programa de reforço em FI 10 s custo 1 (Fase 2). Em cada uma das fases do procedimento o botão de respostas era apresentado com uma cor: amarelo na Fase 1 e azul na Fase 2. Quando os participantes do Grupo 1 completavam a contingência em vigor, um smile aparecia na tela. O participante deveria clicar sobre um botão acima do smile (botão da resposta de consumação) para que o smile desaparecesse e 100 pontos fossem creditados no contador. Os participantes do Grupo 2, recebiam os 100 pontos diretamente no contador, sem a exigência da resposta de consumação. Durante o FR 40 os participantes deveriam emitir 40 respostas no botão para que a contingência de reforço fosse cumprida e durante o FI 10 s custo 1 os participantes deveriam emitir uma resposta após 10 segundos (contados desde o último smile para o Grupo 1 ou dos pontos creditados no contador para o Grupo 2) para que a contingência de FI 10 s fosse cumprida; mas os participantes perdiam 1 ponto para cada resposta emitida antes de completado o intervalo (i.e., o custo 1). No final das sessões, os pontos eram trocados por dinheiro (R\$ 0,03 a cada 100 pontos). Durante a exposição ao FR 40 os participantes de ambos os grupos emitiram altas taxas de respostas. Quando o programa de reforço mudou para FI-custo, todos os participantes do Grupo 1 e quatro dos cinco participantes do Grupo 2 diminuíram as taxas de respostas. Esses resultados sugerem que a presença ou ausência de uma resposta de consumação aparentemente não influencia na diminuição da taxa de respostas em um programa de FI-custo, após uma história de FR com altas taxas de respostas.

Palavras-chave: custo da resposta, resposta de consumação, história comportamental.

Apoio Financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Fundação Araucária (Programa de Apoio a Pesquisa Básica e Aplicada – Chamada 14/2009 – protocolo 10924). Paula Renata Cordeiro de Lima recebeu bolsa IC/CNPq. Talita Regina de Lima Cunha recebeu bolsa de mestrado da CAPES.



MESA REDONDA 11

A FAP NA PRÁTICA: ANÁLISE DE CASOS CLÍNICOS SOB O FOCO DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA. *Josy de Souza Moriyama* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Camila Carmo de Menezes* (Uniararas – Fundação Hermínio Ometto), *Mariana de Toledo Chagas*, *Edmarcia Manfredin Vila* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Desde resultados de estudos sobre as diferentes psicoterapias, que apontaram a importância dos fatores inespecíficos, isto é, do estilo, características ou comportamentos do terapeuta, estudiosos em clínica tem buscado compreender e investir na relação terapêutica. A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), fundamentada no Behaviorismo Radical, surge como um modelo de se fazer psicoterapia voltado primordialmente para a relação entre terapeuta e cliente. A FAP tenta utilizar a interação terapeuta-cliente visto que esta é uma das poucas informações que o terapeuta clínico pode ter acesso direto. Em alguns casos as pessoas não percebem que parte de seu sofrimento é originado na relação interpessoal. Cabe ao terapeuta que utiliza a FAP identificar essas interações em seus clientes, apontar tais problemas e auxiliá-los a encontrar maneiras mais eficazes de se relacionar (que não produzam tanto sofrimento). O principal instrumento de mudança na FAP é a análise funcional desta relação terapeuta-cliente. A relação terapêutica tenderia a evocar comportamentos do cliente que fazem parte de uma classe funcional relacionada aos seus problemas. Nesta interação, também podem ser aprendidos ou fortalecidos novos comportamentos, mais adequados, que deverão ser generalizados para outras relações sociais, extraconsultório. Os comportamentos-alvo do cliente, denominados Comportamentos Clinicamente Relevantes (CRBs), são divididos em três categorias: a) CRB1 ou problema clínico; b) CRB2 ou progressos do cliente; e c) CBR3 ou análise funcional do cliente de seu próprio comportamento. A meta da terapia é que o cliente diminua a emissão de CRBs1 e aumente a emissão de CRBs2 e CRBs3. No entanto, a identificação de comportamentos do cliente enquanto CRBs não deve ser realizada a partir de aspectos topográficos, mas sim funcionais. Os comportamentos do terapeuta que são clinicamente relevantes em relação ao problema do cliente são denominados: a) T1 – comportamentos que mantêm a dificuldade do cliente, T2 – comportamentos que reforçam a melhora do cliente e T3 – análise da relação entre o comportamento do terapeuta e cliente. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar três casos clínicos, atendidos pelas autoras deste trabalho, nos quais se caracterizavam por diferentes queixas, atendidos por terapeutas diferentes, e nos quais a terapia analítico-funcional foi utilizado como instrumento de intervenção durante parte do processo clínico. Pretende-se com este trabalho mostrar as diferentes formas de se analisar a relação terapêutica dentro da terapia comportamental, levando-se em conta os diferentes problemas clínicos e as diferenças individuais do terapeuta na condução da FAP. Desta forma, os casos serão descritos, a fim de apontar os momentos em que a FAP pode ser utilizada, as classes de respostas selecionadas para análise, e o modo como cada terapeuta a conduziu.

Palavras-chave: terapia analítico-funcional, análise de caso, clínica analítico-comportamental.

Coordenadora: *Camila Carmo de Menezes*



UTILIZANDO A FAP PARA ABORDAR COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS NA PRÓPRIA RELAÇÃO TERAPEUTICA: UM CASO CLÍNICO. *Josy de Souza Moriyama* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

Desde resultados de estudos sobre as diferentes psicoterapias, que apontaram a importância dos fatores inespecíficos, isto é, do estilo, características ou comportamentos do terapeuta, estudiosos em clínica tem buscado compreender e investir na relação terapêutica. A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), fundamentada no Behaviorismo Radical, surge como um modelo de se fazer psicoterapia voltado primordialmente para a relação entre terapeuta e cliente. Entre seus pressupostos está o de que o cliente apresentará na relação com o terapeuta comportamentos bastante semelhantes àqueles apresentados em suas demais relações. Dessa maneira, clientes que apresentam comportamentos agressivos em ambiente natural, provavelmente apresentarão comportamentos funcionalmente semelhantes nas sessões com o terapeuta. Apesar das discussões teóricas sobre a necessidade em se manter uma postura de aceitação incondicional e audiência não punitiva perante o cliente, muitas vezes, o terapeuta precisa consequenciar de modo negativo alguns de seus comportamentos. O modelo da FAP pode ser útil nestes casos, orientando o terapeuta a analisar com o cliente as semelhanças entre seus comportamentos na sessão (CRBs1) e aqueles apresentados em ambiente natural (Os1), assim como as conseqüências dos seus comportamentos. Este trabalho buscará promover discussões sobre este tipo de intervenção a partir da descrição de um caso clínico atendido pela autora. O cliente era um jovem de 25 anos, cuja queixa inicial era totalmente divergente dos comportamentos agressivos enfocados posteriormente. Inicialmente serão analisados alguns dados da história de contingências do cliente, provavelmente relacionados com o desenvolvimento dos comportamentos de agressividade, entre outros comportamentos considerados como problema. Serão apresentadas as estratégias utilizadas para criar uma relação terapêutica com vínculo consistente para que o cliente permanecesse no processo, apesar da terapeuta não manter uma postura de audiência não punitiva. Outras estratégias a serem abordadas serão o modo como a terapeuta demonstrou quais os comportamentos realmente relevantes a serem enfocados e como eles estavam relacionados à queixa inicial do cliente. Alguns exemplos de falas do cliente e terapeuta serão analisados, para descrever momentos críticos e provavelmente relevantes para algumas mudanças nos comportamentos do cliente, inicialmente com a terapeuta e posteriormente em seu ambiente natural. Com o término do processo o cliente havia desenvolvido comportamentos mais hábeis para obter reforçadores, alternativos aos comportamentos agressivos, em vários contextos de vida, entre eles: profissional, familiar e pessoal. Além disso, foram resolvidos os problemas que compunham a queixa inicial, já que eram produto de seu padrão comportamental de agressividade.

Palavras-chave: bloqueio de esquiva, habilidades sociais e psicoterapia individual.

A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO TERAPEUTA E DO AUTOCONHECIMENTO NA TERAPIA ANALÍTICO FUNCIONAL: ANÁLISE DE UMA TERAPEUTA EM SESSÃO. *Camila Carmo de Menezes.* (Uniararas – Fundação Hermínio Ometto).



A FAP, psicoterapia analítico funcional (Kohlenberg e Tsai 1991), é uma proposta de intervenção psicoterapêutica comportamental que se destina, mais especificamente, ao tratamento de problemas de natureza interpessoal, cujo comportamento problema do cliente possa vir a ocorrer na interação do terapeuta, no *setting* terapêutico. A FAP tenta utilizar a interação terapeuta-cliente visto que esta é uma das poucas informações que o terapeuta clínico pode ter acesso direto. Em alguns casos as pessoas não percebem que parte de seu sofrimento é originado na relação interpessoal. Cabe ao terapeuta que utiliza a FAP identificar essas interações em seus clientes, apontar tais problemas e auxiliá-los a encontrar maneiras mais eficazes de se relacionar (que não produzam tanto sofrimento). O principal instrumento de mudança na FAP é a análise funcional desta relação terapeuta-cliente. A relação terapêutica tenderia a evocar comportamentos do cliente que fazem parte de uma classe funcional relacionada aos seus problemas. Nesta interação, também podem ser aprendidos ou fortalecidos novos comportamentos, mais adequados, que deverão ser generalizados para outras relações sociais, extraconsultório. Para que a análise da relação seja possível, é necessário que o terapeuta se avalie na relação, ou seja, que ele discrimine a relação entre o seu comportamento e o comportamento do cliente, e entenda a funcionalidade que o comportamento de um tem para o outro. Desta forma, pretende-se, neste trabalho, discutir os aspectos acima mencionados e exemplificar como ocorre este processo em um caso clínico. Em específico, será enfatizada a análise que a terapeuta faz do seu comportamento na sessão considerando suas variáveis históricas e atuais. O cliente era um homem de 40 anos, biomédico, aluno de um programa de doutorado, que procurou a terapia em decorrência de um término do relacionamento de 5 anos. O processo terapêutico teve como base de análise a relação terapeuta-cliente, e o foco da apresentação será descrever como o terapeuta ficou sob controle de suas respostas emocionais frente ao cliente para entender possíveis problemas que culminaram no término de sua relação. Relatar como a terapeuta precisou enfrentar dificuldades pessoais para conseguir trazer a análise da relação para a terapia. E como este processo foi realizado visando a melhoria dos relacionamentos pessoais do cliente fora das sessões terapêuticas. O resultado deste processo terapêutico implicou em maior autoconhecimento do cliente frente às suas relações interpessoais, e novos padrões foram sendo aprendidos dentro da própria relação e se generalizaram para fora da terapia.

Palavras-chave: terapia analítico-funcional, autoconhecimento, análise de caso.

A IMPORTÂNCIA DA FORMULAÇÃO DE CASO PARA APLICAÇÃO DA PSICOTERAPIA ANALÍTICA FUNCIONAL *Mariana de Toledo Chagas, Edmarcia Manfredin Vila* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

A FAP (Psicoterapia Analítica Funcional) tem como base a relação terapêutica, vista como ideal para a utilização dos princípios da Análise do Comportamento e como principal estratégia de mudança. Os comportamentos-alvo do cliente, denominados Comportamentos Clinicamente Relevantes (CRBs), são divididos em três categorias: a) CRB1 ou problema clínico; b) CRB2 ou progressos do cliente; e c) CBR3 ou análise funcional do cliente de seu próprio comportamento. A meta da terapia é que o cliente diminua a emissão de CRBs1 e aumente a emissão de CRBs2 e CRBs3. No entanto, a identificação de comportamentos do cliente enquanto CRBs não deve ser realizada a



partir de aspectos topográficos, mas sim funcionais. Assim, a formulação de caso do cliente configura-se como essencial para aplicação da FAP, possibilitando ao terapeuta reconhecer as especificidades de cada caso e estabelecer metas de tratamento. O objetivo deste trabalho é descrever alguns aspectos da formulação de caso de uma cliente, cujo atendimento foi realizado na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e baseou-se em grande parte nos pressupostos da FAP. A queixa inicial da cliente foi de apresentar comprometimento da fala – troca de palavras, troca de letras nas palavras, fala infantilizada, gagueira, emissão de sons sem significado – e enrijecimento e paralisia muscular ocasionais nos braços e na face. Estes comportamentos tiveram início após uma discussão da cliente com uma pessoa atendida por ela em seu ambiente de trabalho. A partir de dados coletados com a própria cliente, com seu marido e sua mãe, constatou-se que alguns padrões exibidos por ela em ambiente natural eram mantidos por diferentes reforçadores. Quando a cliente falava de maneira errada, por exemplo, seu marido e sua mãe prontamente falavam por ela. A possibilidade de emissão desse CRB1 durante a sessão de intervenção permitiu a aplicação da FAP. A terapeuta passou a evocar esse comportamento e criar condições para o desenvolvimento de CRB2, buscando reforçá-los naturalmente, quando ocorriam. Nas primeiras sessões terapêuticas, a cliente solicitava a presença do marido para falar por ela. A partir de uma análise dos possíveis mantenedores desse comportamento, o marido foi orientado a não participar mais das sessões. No início do tratamento, foram criadas condições para que a cliente falasse com a terapeuta, como conversar sobre situações amenas do cotidiano. Suas tentativas eram reforçadas pela terapeuta, que dava seguimento a essas conversas, se esforçava para compreender o que a cliente dizia, ressaltava os progressos obtidos por ela, entre outros. No decorrer do tratamento, esses comportamentos passaram a ser diferencialmente reforçados, passando a cliente a voltar falar de maneira clara. A análise dos comportamentos relevantes da cliente e de suas variáveis de controle permitiu um melhor direcionamento da intervenção, indicando à terapeuta como responder a estes comportamentos no momento em de sua ocorrência.

Palavras-chave: relação terapêutica, reforçamento diferencial, psicoterapia analítico-comportamental.

Apoio financeiro: Mariana de Toledo Chagas recebeu bolsa da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



MESA REDONDA 12

PESQUISAS EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E SAÚDE: REVISÃO DA LITERATURA E DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO. *Silvia Aparecida Fornazari, Simone Martin Oliani, Hellen Cristine Machado De Mello, Geniela Lopes, Ingrid Caroline De Oliveira Ausec, Katia Daniele, Jardson Fragoso Carvalho, Henrique Bayer Gonçalves, Márcia Cristina Caserta Gon, Maria Rita Zoéga Soares, Lígia Tristão Casanova* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

A compreensão do comportamento humano no contexto da saúde e da doença é preocupação do analista do comportamento. Para o desenvolvimento desta área, os esforços devem se voltar para produzir conhecimento sobre fatores comportamentais da manutenção da saúde, comportamentos de riscos em saúde, enfrentamento das doenças, a comunicação, tomadas de decisões em condições de adoecimento e adesão ao tratamento. O primeiro trabalho apresentado nesta mesa refere-se ao estudo do procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA), que mostra resultados relevantes na redução de comportamentos inadequados e instalação de comportamentos adequados para pessoas com problemas de saúde, seja com problemas de desenvolvimento atípico ou problemas crônicos de saúde. O objetivo do trabalho foi realizar uma análise das publicações que envolvem o procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA) para instalação de comportamentos adequados pró-saúde. As buscas foram realizadas no período de janeiro 2005 a abril de 2011, na base de dados do Portal Capes, JEAB, JABA, entre outros, com as palavras chaves em inglês e no portal BVS-psi com palavras chave em português. A segunda apresentação considera o comportamento alimentar, que tem sido uma das grandes preocupações da sociedade contemporânea. O *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) foi a primeira revista científica internacional com o objetivo de divulgar pesquisas aplicadas da Análise do Comportamento. O seu aparecimento possibilitou a proliferação de artigos de tal modo a promover autonomia da aplicação enquanto área de pesquisa. Por esta razão, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática de artigos do JABA sobre problemas de comportamento alimentar em crianças nos últimos dez anos. Para isso, realizou-se uma busca eletrônica diretamente na base de dados do periódico com as seguintes expressões: “Food behavior”, “Food refusal”, “Food consuming”, “Food disturb”, “Feeding disturb”, “Feeding refusal”, “Feeding disorder”, “Food selectivity” e “Disruptive mealtime”. Os critérios de inclusão foram artigos de pesquisas que tratassem de avaliações ou intervenções sobre problemas de comportamento alimentar. Finalmente, a terceira apresentação considera o desenvolvimento de um instrumento voltado para a intervenção no câncer infantil, que é uma variável que provoca mudanças na vida do paciente e de sua família desde o momento do diagnóstico até o fim do tratamento. O ambiente hospitalar envolve diversos estressores, condições que são ocasião para o desenvolvimento de diferentes padrões comportamentais. Nessa situação, é importante que o paciente apresente comportamentos de adesão, que são relevantes para a execução do procedimento (quimioterapia) e que envolvem respostas colaborativas que permitem a participação ativa da criança. Para a criança com câncer, aderir ao tratamento é uma tarefa com alto custo de resposta. Nesse sentido, foi elaborada uma estratégia de intervenção psicológica que incluiu o planejamento de contingências que facilitassem a adaptação da criança às situações de tratamento. O material foi desenvolvido como um recurso



lúdico-informativo, a partir de um programa aplicado a crianças submetidas à quimioterapia em regime ambulatorial, no Hospital Universitário de Londrina.

Palavras-chaves: Psicologia da Saúde, Análise do Comportamento.

Coordenadora: Silvia Aparecida Fornazari

UTILIZAÇÃO DE PROCEDIMENTO DE REFORÇO DIFERENCIAL DE COMPORTAMENTOS ALTERNATIVOS EM SAÚDE: LEVANTAMENTO E ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA. *Silvia Aparecida Fornazari, Simone Martin Oliani, Hellen Cristine Machado De Mello, Geniela Lopes, Ingrid Caroline De Oliveira Ausec, Katia Daniele Biscouto* (Mestrado em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

A Psicologia da Saúde preocupa-se com a compreensão do comportamento humano no contexto da saúde e da doença, e para o desenvolvimento desta área, os esforços devem se voltar para produzir conhecimento sobre fatores comportamentais da manutenção da saúde, comportamentos de riscos em saúde, enfrentamento das doenças, a comunicação, tomadas de decisões em condições de adoecimento e adesão ao tratamento. O analista do comportamento, enquanto profissional de saúde deve estar atento às inúmeras variáveis associadas ao tratamento de um paciente e organizar contingências para instalação e manutenção do comportamento de adesão. Procedimentos de reforço diferencial, enquanto esquemas complexos de reforçamento têm sido usados na redução dos comportamentos inadequados, podendo incluir treino de repertório adequado. O procedimento de DRA mostra resultados relevantes na redução de comportamentos inadequados e instalação de comportamentos adequados para pessoas com problemas de saúde, seja com problemas de desenvolvimento atípico ou problemas crônicos de saúde. O objetivo do trabalho foi realizar uma análise das publicações que envolvem o procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA) para instalação de comportamentos adequados pró-saúde. As buscas foram realizadas no período de janeiro 2005 a abril de 2011, na base de dados do Portal Capes, JEAB, JABA, entre outros, com as palavras chaves em inglês e no portal BVS-psi com palavras chave em português. Nos resultados das buscas foram encontrados 190 artigos de 2005 a 2011 e destes foram selecionados 20 artigos que incluíam intervenções na área da saúde. Na maior parte dos estudos os participantes eram crianças e adolescentes com desenvolvimento atípico e poucos com adultos com problemas de comportamento. As principais análises destas publicações foram: insuficiente número de publicações do tema no Brasil; falhas na descrição dos procedimentos, impedindo a replicação; comparação da eficácia do DRA em relação ao DRO; crítica sobre utilização de modelos animais como base para a análise da utilização em modelos humanos, com extrapolação e inferências equivocadas; comparação da eficácia da utilização de DRA em relação a extinção, e procedimentos sem a utilização de análise funcional do comportamento. Considerando que o procedimento de DRA é eficiente na instalação de comportamentos pró-saúde, sugere-se a realização de mais pesquisas e publicações na área, considerando não só a manutenção dos comportamentos adequados instalados, como também adesão ao tratamento.

Palavras-chaves: DRA, Psicologia da Saúde, Análise do Comportamento.



COMPORTAMENTO ALIMENTAR: REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS DO PERIÓDICO JABA ENTRE 2001 E 2010. *Jardson Fragoso Carvalho, Henrique Bayer Gonçalves, Márcia Cristina Caserta Gon* (UEL, Londrina, PR)

O ato de se alimentar tem sido uma das grandes preocupações da sociedade contemporânea. Comer bem ou comer mal são expressões utilizadas com frequência pelo senso comum para estabelecer relações de causa ou prevenção de doenças. O alimentar-se pode ser considerado um comportamento complexo que envolve muitas variáveis de controle. A sua principal função é a de manter a homeostase do corpo frente às mudanças ambientais de curto prazo. No caso específico de crianças, a alimentação é constituída pela formação de hábitos quanto à forma e tipo de alimento consumido ensinado pelas famílias. O Journal of Applied Behavior Analysis (JABA) foi a primeira revista científica internacional com o objetivo de divulgar pesquisas aplicadas da Análise do Comportamento. O seu aparecimento possibilitou a proliferação de artigos de tal modo a promover autonomia da aplicação enquanto área de pesquisa. Por esta razão, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática de artigos do JABA sobre problemas de comportamento alimentar em crianças nos últimos dez anos. Para isso, realizou-se uma busca eletrônica diretamente na base de dados do periódico com as seguintes expressões: “Food behavior”, “Food refusal”, “Food consuming”, “Food disturb”, “Feeding disturb”, “Feeding refusal”, “Feeding disorder”, “Food selectivity” e “Disruptive mealtime”. Os critérios de inclusão foram artigos de pesquisas que tratassem de avaliações ou intervenções sobre problemas de comportamento alimentar. Foram encontrados 30 estudos que atenderam aos critérios de inclusão. As categorias de análise foram: (a) objetivo dos estudos, (b) caracterização dos participantes e; (c) estratégia/procedimento de intervenção. Constatou-se a partir da revisão que os estudos tiveram por objetivo investigar os efeitos de diferentes variáveis que possam interferir no comportamento alimentar de crianças na faixa etária de 10 meses a 14 anos com patologias físicas (doenças do trato gástrico) ou transtornos cognitivos ou desenvolvimento típico. Diferentes estratégias de avaliação e/ou de intervenção foram utilizadas, predominando o delineamento de sujeito único. Procedimentos que utilizaram reforçamento positivo (por exemplo, o DRA), em alguns estudos, não se mostraram suficientes para aumentar o consumo de alimentos sólidos ou líquidos. Portanto, o reforço positivo por si só pode não ser eficaz em casos em que o consumo oral é ausente. A extinção à fuga foi um procedimento válido e com altos índices de aumento no consumo dos alimentos, no entanto, este implica em controle aversivo do comportamento-alvo. Por este motivo, estratégias menos aversivas foram utilizadas como alternativas a estes procedimentos. Apesar das divergências de técnicas e estratégias nos estudos revisados, a combinação de procedimentos permitiu o controle mais eficiente do comportamento alimentar, alvo de análise e de intervenção. Discute-se que a associação de técnicas se faz necessária para aumentar a ingestão de alimentos para crianças com e sem deficiência.

Palavras-chave: comportamento alimentar, revisão sistemática, JABA

Apoio Financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Agência de Fomento CAPES. *Jardson Fragoso Carvalho* recebeu bolsa CAPES/ Demanda Social.

CÂNCER: ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL COM CRIANÇAS EM QUIMIOTERAPIA. *Maria Rita Zoéga Soares, Lígia Tristão*



Casanova (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina).

O câncer infantil é uma variável que provoca mudanças na vida do paciente e de sua família desde o momento do diagnóstico até o fim do tratamento. O ambiente hospitalar envolve diversos estressores, condições que são ocasião para o desenvolvimento de padrões comportamentais que podem dificultar a adesão ao tratamento. Nessa situação, é importante que o paciente apresente classes de comportamentos relevantes para a execução do procedimento (quimioterapia), que incluem respostas colaborativas e com participação ativa. Para a criança com câncer, aderir ao tratamento é uma tarefa com alto custo de resposta. Assim, baseado na observação do comportamento de crianças e em entrevistas realizadas com profissionais, pacientes e familiares, uma estratégia de intervenção foi elaborada com o intuito de planejar contingências que facilitem a adaptação da criança às situações de tratamento, com o objetivo de descrever o ambiente hospitalar; informar a função dos profissionais e o motivo do tratamento; identificar a percepção da criança sobre a enfermidade e a hospitalização; incentivar a expressão de sentimentos e pensamentos frente a situação. O material foi desenvolvido como um recurso lúdico-informativo, a partir de um programa aplicado a crianças submetidas à quimioterapia em regime ambulatorial, no Hospital Universitário de Londrina. Elaborado para promover informação sobre o câncer e o tratamento, em um nível adequado de compreensão, o material foi estruturado em forma de fichas (total de 24), que descrevem características e fases do tratamento, precauções que devem ser tomadas, informações gerais (células, câncer, exames médicos/rotina, quimioterapia, hospitalização, centro cirúrgico, leucemia, enfermidade de Hodgkin y Linfoma Não – Hodgkin, expressão de sentimentos e autoimagem), explicação sobre os motivos para a execução do procedimento e eventuais efeitos desagradáveis. Os resultados demonstraram efetividade do material com relação a melhor compreensão da criança e da família de aspectos relacionados à doença e ao tratamento; comunicação mais efetiva entre equipe de profissionais, paciente e família; acesso aos comportamentos encobertos; organização de contingências para a aquisição de classes de respostas (adesão), o que auxilia profissionais no sentido de fomentar a adaptação, a cooperação e a adesão ao tratamento. Espera-se que o presente estudo possa contribuir para a identificação de estratégias efetivas para a preparação de crianças para procedimentos médicos invasivos, auxiliando na adaptação ao tratamento e na adesão, diminuindo o sofrimento, o medo e a ansiedade. A psicologia deve contribuir para aperfeiçoar programas de intervenção e propor novas estratégias que atendam as necessidades de pacientes no contexto da saúde.

Palavras chave: câncer infantil, intervenção psicológica, adesão.

Apoio financeiro: Fundação Araucária

Bolsa IC: UEL e Fundação Araucária



MESA REDONDA 13

PSICOLOGIA DO ESPORTE: O TREINADOR ESPORTIVO. *Wilton Carlos de Santana, Ticiane Siqueira Ferreira, Silvia Regina de Souza, Thalita Canato, Amanda Morais, Silvia Regina de Souza (UEL, Londrina, PR), Camila Harumi Sudo (UTFPR, PR), Sâmia Hallage (Task Consultoria e Comitê Olímpico Brasileiro), Eduardo Neves Pedrosa de Cillo (Universidade Anhembi Morumbi).*

O comportamento do treinador tem sido alvo de investigações devido à influência do seu comportamento sobre a satisfação e o desempenho de atletas. Treinadores capazes de motivar os atletas, de planejar estratégias de jogo e levar seu time à melhor *performance*, de realizar diagnósticos precisos e de usar instruções adequadas, contribuem de maneira efetiva para o aprendizado e o desempenho de seus atletas. Porém, frequentemente, se observa o despreparo dos treinadores para conduzir mais eficazmente seus treinos. Como exemplo, a pressão dos treinadores tem sido apontada como uma das principais causas do abandono de uma modalidade esportiva principalmente quando se trata de jovens atletas. Esta mesa tem por objetivo relatar e discutir trabalhos com treinadores esportivos de diferentes modalidades. Serão apresentados quatro trabalhos. O primeiro trabalho discute o papel das competições na infância, enfatizando o trabalho do treinador. O segundo apresentará os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi avaliar efeitos de um programa de capacitação de treinadores sobre comportamentos verbais emitidos por um treinador de basquete em cadeira de rodas no ensino de uma jogada ensaiada. O desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiências aponta a necessidade de mais investigações com esta população, uma vez que, a prática esportiva por pessoas com deficiência pode contribuir, quando bem conduzida, para o autoconhecimento e a superação de limites diante de sua condição corporal. O Terceiro trabalho tem por objetivo relatar e discutir os efeitos de um programa de capacitação sobre os comportamentos de um treinador de futebol das categorias Sub-15 e Sub-17 a partir do relato de seus atletas. Finalmente, o quarto trabalho consiste na observação e registro das verbalizações de um treinador de basquetebol, de uma equipe das categorias de base de um clube esportivo da cidade de São Paulo com vistas a identificar possíveis fontes de controle para os comportamentos do treinador e dos dois atletas, a partir do entrelaçamento de contingências sociais. Em vista da importância do comportamento dos treinadores sobre o dos atletas, a realização de pesquisas nessa área são importantes, pois elas permitem identificar aspectos específicos da interação entre treinador e atletas que possam ser alvo de futuras intervenções, bem como a elaboração de intervenções que atendam as necessidades tanto dos atletas quanto dos próprios treinadores.

PEDAGOGIA DO ESPORTE: COMPETIR NA INFÂNCIA É ESTRESSANTE OU EDUCACIONAL? *Wilton Carlos de Santana (UEL, Londrina, PR)*

Fazer esporte implica em competir. É inevitável. A competição é um dos fenômenos mais atraentes para os esportistas. Por isso, não aderimos aos discursos que buscam subtrair as práticas competitivas do processo de ensino-treino dos jogos esportivos coletivos entre crianças. Esse trabalho visa discutir qual o tratamento pedagógico que se poderia imprimir à competição nessa fase da vida. Inicialmente discutem-se os dois tipos possíveis de competição: a educacional e a estressante. A competição do tipo estressante é centrada no alto rendimento, ou seja, no rendimento elevado, ótimo. Ela é



fim. De modo geral, prima pela formalidade. Há indícios de que a competição do tipo estressante é prática recorrente no esporte infantil. Em alguns tipos de esporte, como por exemplo, o futebol, as crianças já enfrentam a realidade de jogadores profissionais (“ou produz ou sai!”). Essa prática coloca a criança sob a pressão constante de ser titular, atuar bem e vencer campeonatos nas diferentes categorias em que atuam. O fato é que a ansiedade do meio tende a substituir o desejo de se divertir da criança, que passa a jogar para atender expectativas de agentes socializadores, como pais, familiares e técnicos. Esse tipo de pressão pode gerar o indesejado estresse competitivo. Na competição estressante “vencer é o que importa”. A competição do tipo educacional é centrada no autotendimento, ou seja, no rendimento próprio, possível. Ela é meio. De modo geral, prima pela informalidade. Compreende-se que nesse tipo de competição o que se deve valorizar são as relações e não as vitórias e as derrotas. Nesse sentido, o adversário não é um inimigo que se deve destruir, mas uma referência para que se avalie a competência, habilidade ou talento para se resolver problemas de natureza cognitivo-motora, sócio-moral e emocional. Na competição educacional “aprender é o que importa”, mas enganam-se os que pensam que não se buscará a vitória quando se compete, pois competir exige empenho. Entende-se que a competição na infância pode ser tanto estressante quanto educacional. E isso dependerá do tipo de competição que os adultos privilegiarem. Compete aos professores a tarefa pedagógica de organizar o ambiente competitivo numa perspectiva educacional e não estressante, de modo a que ela apóie o desenvolvimento infantil.

Palavras-Chave: competição, Pedagogia do Esporte, infância.

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE TREINADORES PARA O ENSINO DE JOGADA ENSAIADA EM BASQUETE COM CADEIRA DE RODAS. *Ticiania Siqueira Ferreira, Silvia Regina de Souza* (UEL, Londrina, PR).

O desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiências físicas teve sua origem com a reabilitação dos veteranos da Segunda Guerra Mundial, particularmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. No Brasil, o esporte adaptado teve início em 1957 com o basquetebol em cadeira de rodas. A amplitude que tomou os Jogos Olímpicos adaptados levou à maior divulgação da mídia, em vista dos resultados expressivos que os atletas paraolímpicos têm obtido. Se a preocupação inicial com deficientes praticantes de alguma modalidade esportiva era a saúde e a inclusão social que o esporte poderia proporcionar a essa população, atualmente, com o desenvolvimento dos jogos competitivos adaptados e com a maior chance de “profissionalização” do esporte para deficientes, o aprendizado de habilidades e aperfeiçoamento de desempenho são também focos de atenção. Apesar da notoriedade que o esporte com pessoas deficientes tem ganhado, pesquisas que têm como participantes essa população ou seus treinadores ainda são escassas. Sendo assim, essa pesquisa teve por objetivo avaliar os efeitos de um programa de capacitação de treinadores sobre comportamentos verbais emitidos por um treinador de basquete em cadeira de rodas no ensino de uma jogada ensaiada. Participaram da pesquisa um treinador e dez jogadores com idade entre 16 e 41 anos. A pesquisa foi dividida em quatro etapas. Na Etapa 1, foi selecionada a jogada a ser ensaiada durante os treinos. Na Etapa 2 (linha de base), foram filmadas cinco sessões de treino e calculou-se a taxa de emissão de instruções, encorajamentos, correções, elogios e punições fornecidos aos atletas pelo treinador. Também se registrou o ensino da jogada e os comportamentos dos jogadores durante sua realização. A Etapa 3



(intervenção) foi composta por três sessões de capacitação do treinador e a Etapa 4 (pós-intervenção) foi semelhante em estrutura a Etapa 2. Os resultados mostram que com o início da intervenção e à medida que os jogadores apresentaram melhora no desempenho da jogada houve diminuição das instruções e de comentários punitivos, aumento na taxa de comentários reforçadores e encorajadores e mudança na qualidade das instruções fornecidas pelo treinador durante os treinos. Verificou-se também melhora no desempenho dos atletas no respeitante a jogada ensaiada. O desenvolvimento dos jogos competitivos adaptados torna o aprendizado de habilidades e aperfeiçoamento de desempenho técnico/tático aspectos importantes a serem considerados nos treinos. Dessa forma, pesquisas futuras que investiguem essas questões são importantes.

Palavras-chaves: jogada ensaiada, basquete em cadeira de rodas, comportamento do treinador.

ASSESSORIA A ATLETAS E TREINADORES DA CIDADE DE LONDRINA: INTERVENÇÃO COM UM TREINADOR DE FUTEBOL. *Thalita Canato, Amanda Morais, Silvia Regina de Souza* (UEL, Londrina, PR), *Camila Harumi Sudo* (UTFPR, PR), *Sâmia Hallage* (Task Consultoria e Comitê Olímpico Brasileiro).

O futebol é considerado uma das modalidades esportivas mais populares no mundo. Além disso, para muitos, o futebol é visto como uma fonte de esperança para ascensão social. Brasileiros desprovidos economicamente sonham em melhorar de vida através dos gramados. Contudo, a rotina de treinos de jovens jogadores faz com que muitos se afastem dos estudos e da família, o que pode se tornar prejudicial principalmente para a grande maioria que não consegue uma posição de destaque na carreira. Além disso, frequentemente, se observa o despreparo dos treinadores para conduzir mais eficazmente seus treinos. Nessa direção, estudos têm sido conduzidos investigando a influência de comportamentos de treinadores sobre os atletas e destacado a importância de capacitar esses profissionais para interações mais positivas com os mesmos, isso tem acontecido porque melhorias no rendimento de atletas podem ser obtidas com intervenções que visem esta interação. Este trabalho teve por objetivo investigar os efeitos de um programa de capacitação sobre os comportamentos de um treinador de futebol das categorias Sub-15 e Sub-17 a partir do relato de seus atletas. Inicialmente 16 atletas responderam a responderam à Escala de Comportamento do Treinador - versão atleta (ECT-A). Em seguida, realizaram-se sete sessões de intervenção com o treinador nas quais se discutiram questões como: auto-observação, utilização de planilhas de registro de comportamento, estratégias para motivar o comportamento dos atletas e análise de vídeos. Sessões de *role-playing* foram conduzidas. O programa de intervenção ocorreu por um período de sete meses. Finalmente, os atletas responderam novamente a ECT-A. Os resultados mostraram que para os atletas da Sub-17 houve um aumento no escore das questões referentes às *dimensões reforço pessoal positivo, reforço pessoal negativo e preparação mental*. Para os atletas da Sub-15 verifica-se um aumento no escore das questões relativas às *dimensões treinamento e condicionamento físico e reforço pessoal negativo*. Para as demais dimensões analisadas pela escala observa-se que houve uma diminuição nos escores das questões. Relatos verbais dos atletas, ainda, indicam que o comportamento do treinador mudou após a intervenção. Entre as mudanças observadas cita-se: melhor comunicação entre atletas e treinador, o treinador começou ouvir mais os atletas e o *feedback* se tornou mais frequente. Apesar



das mudanças relatadas, questões relacionadas ao procedimento podem ter interferido com os resultados obtidos e sugerem a necessidade de novas investigações.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, futebol, treinador.

INTERAÇÃO ENTRE TREINADOR E ATLETAS: OBSERVAÇÃO E REGISTRO DOS EFEITOS DE VERBALIZAÇÕES DE UM TREINADOR DE BASQUETEBOL SOBRE O DESEMPENHO DE JOGADORES EM TREINAMENTOS. *Eduardo Neves Pedrosa de Cillo* (Universidade Anhembi Morumbi)

A área denominada como Análise de Jogo surgiu como produto da necessidade de profissionais das Ciências do Esporte de sistematizar dados que pudessem apontar para a qualidade e eficácia de procedimentos utilizados em treinamentos esportivos, e seus efeitos em competições. A observação e o registro de informações provenientes destas duas categorias de eventos permite, então, avaliar a especificidade do planejamento e periodização da preparação esportiva. Recentemente, psicólogos do esporte também tem se utilizado de recursos desta área para avaliar o trabalho de outros profissionais de comissão técnica, preparar e avaliar as suas próprias práticas. A importância de tal avaliação consiste, justamente, na possibilidade de analisar criticamente os procedimentos e intervenções derivadas, frequentemente associadas à psicologia do esporte, aumentando assim as chances de ampliar a credibilidade da área junto à comunidade científica e à sociedade de um modo geral. O presente trabalho consistiu na observação e registro das verbalizações de um treinador de basquetebol, de uma equipe das categorias de base de um clube esportivo da cidade de São Paulo. O objetivo final do trabalho foi o de identificar possíveis fontes de controle para os comportamentos do treinador e dos dois atletas, a partir do entrelaçamento de contingências sociais. A escolha dos dois atletas (P1 e P2) deveu-se ao fato de que, aparentemente, o técnico dispensava-lhes tratamentos diferentes tanto nos treinos quanto nos jogos, sendo que P1 era considerado titular e P2 reserva. A partir de duas sessões de treinamento observadas, foram criadas categorias para as verbalizações do treinador e para os comportamentos dos atletas, utilizadas posteriormente em outras cinco sessões de observação. Os resultados foram interpretados sob a ótica de profecias autorealizadoras, na medida em que o treinador formulou regras acerca do comportamento dos atletas e, sob controle, destas, passou a emitir verbalizações que tenderam a manter os mesmos na perpetuação de padrões rígidos de comportamento. Um dado que corrobora tal afirmação é o de que o treinador interagiu preferencialmente com o atleta P1, em detrimento de P2, mesmo estando os dois em quadra pelo mesmo período de tempo. Além disso, o treinador preferiu emitir instruções a *feedbacks* corretivos.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; comportamento verbal; treinador.



MESA REDONDA 14

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA À CAPACITAÇÃO E ATENDIMENTO DE PAIS: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES. *Silvia Aparecida Fornazari, Denyane Saegusa Tadayozzi, Géssica Denora Ribeiro, Karen Caroline de Oliveira Rancura, Aline Cristina Monteiro Ferreira, Hellen Cristine Machado de Mello, Marcela Gonçalves Brandina* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR) *Joseani Kochhann, Kellen Martins Escaraboto Fernandes* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, UEL, UNOPAR, Londrina, PR)

O analista do comportamento compreende o homem como resultado de sua interação com o ambiente. Por isso, a interação familiar é tão importante para o desenvolvimento e manutenção dos comportamentos que são emitidos pelas crianças, considerando comportamentos adequados e também aqueles que são considerados socialmente inadequados. O primeiro trabalho tem o objetivo de apresentar e discutir dificuldades encontradas na adesão de pais em procedimentos de pesquisa. Foi desenvolvido um projeto para capacitação de pais de crianças da lista de espera da clínica-escola da Universidade Estadual de Londrina, que apresentavam queixas relacionadas a problemas de comportamento e/ou habilidades sociais. O procedimento foi dividido em duas etapas: Etapa 1 – Preparação e Etapa 2 – Intervenção (aplicação do software “Ensino”) e Análise. As aplicações foram iniciadas com os pais interessados, porém nenhum deles terminou a capacitação. Os resultados obtidos nos levam a inferir as seguintes hipóteses: atribuição do comportamento-problema à criança e falta de reconhecimento sobre sua participação na manutenção e aquisição destes comportamentos; dificuldade no uso do computador (principal ferramenta da intervenção); dificuldade de deslocamento até a clínica-escola da UEL; desinteresse, indisponibilidade de horários; discordância dos conteúdos apresentados no software (provavelmente devido a não finalização do programa informatizado, que levaria à adequada compreensão do mesmo), entre outros. O segundo trabalho apresentado nesta mesa redonda trata do atendimento clínico em grupo de pais que tem sido apontado como uma alternativa eficaz para atender a crescente demanda de procura por tratamentos terapêuticos encontrada na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo em que o ambiente familiar pode ser propício ao treinamento de comportamentos adaptativos nas crianças, também pode favorecer a aquisição de condutas inadequadas pela falta de disciplina efetiva dos pais ou por outros problemas por eles vivenciados tais como, conflito conjugal, depressão, circunstâncias sócio-econômicas adversas, divórcio, dentre outros problemas. Com o intuito de tornar as relações familiares mais saudáveis, de reduzir os altos índices de desistência da psicoterapia e de avaliar o tempo despendido no processo terapêutico com a criança para obter mudanças positivas em relação ao comportamento da criança; além do atendimento individual da criança, quatro mães foram convidadas a participar de um grupo terapêutico analítico comportamental. Por fim, a terceira apresentação traz um trabalho teve como objetivo a capacitação de pais de crianças com necessidades educacionais especiais que apresentam problemas de comportamento. A capacitação foi realizada por meio de instrumento informatizado (software “ENSINO”). Participaram da capacitação 04 (quatro) mães que tinham seus filhos matriculados em sala de aula de educação especial e/ou inclusão, em uma escola da rede municipal de ensino, na cidade de Londrina, no segundo semestre de 2011. O procedimento constou de 1) avaliação inicial, 2) intervenção e 3) avaliação. Observou-se que apesar do trabalho com o conteúdo da



capacitação ter sido individual e sem o auxílio das pesquisadoras, formou-se um vínculo característico de grupo, envolvendo as mães e as pesquisadoras, onde foram compartilhadas dificuldades, expectativas, sentimentos e comportamentos genuínos de empatia, aceitação e solidariedade, o que parece ter auxiliado para a consecução e finalização da intervenção.

Palavras-chave: Análise do Comportamento Aplicada, capacitação de pais, atendimento de pais.

Coordenadora: *Profa. Dra. Sílvia Aparecida Fornazari*

ADESÃO DE PAIS EM PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: DIFICULDADES E LIMITAÇÕES. *Sílvia Aparecida Fornazari, Denyane Saegusa Tadayozzi, Géssica Denora Ribeiro, Karen Caroline de Oliveira Rancura, Aline Cristina Monteiro Ferreira* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar e discutir dificuldades encontradas na adesão de pais em procedimentos de pesquisa. Foi desenvolvido um projeto para capacitação de pais de crianças da lista de espera da clínica-escola da Universidade Estadual de Londrina, que apresentavam queixas relacionadas a problemas de comportamento e/ou habilidades sociais. A proposta foi oferecer aos pais orientação psicológica, de modo que isso pudesse ajudar na queixa em relação à seus filhos, agilizando o processo terapêutico ou até resolvendo a situação. Ainda, o atendimento prestado dessa forma poderia atingir um maior número de pessoas concomitantemente, uma vez que a demanda da clínica é muito grande, e o tempo de espera tende a ser longo. O procedimento foi dividido em duas etapas: Etapa 1 – Preparação e Etapa 2 – Intervenção e Análise. A Etapa 1 consistiu na realização de entrevistas por meio das quais foram selecionados os indivíduos com características correspondentes a população do projeto. Foram marcadas duas reuniões com os pais selecionados, com o intuito de explicar sobre o projeto, aplicar o teste IHS e verificar o interesse dos mesmos em participarem do programa. É importante ressaltar que a participação do pai no projeto não eliminava a chance de atendimento da criança, que permaneceria na lista de espera da Clínica-Escola, caso após a finalização do programa fosse constatado que a terapia ainda seria necessária. Nessa etapa, dos dezoito pais confirmados para reunião, somente seis compareceram, e quatro destes manifestaram interesse em aderir ao projeto. Etapa 2 – A intervenção consistiu em uma filmagem inicial dos pais em interação com os filhos e na aplicação do software “ENSINO” e discussões posteriores. As aplicações foram iniciadas com os pais interessados, porém mesmo tendo sido explicado todo o funcionamento e números de sessões necessárias, assim como possíveis benefícios, nenhum dos pais terminou a aplicação do software, alegando falta de horários e dificuldade em entender as tarefas a serem realizadas, por mais que isso não tenha sido manifestado e nem observado pelas pesquisadoras nos contatos anteriores. Os resultados obtidos nos levam a inferir as seguintes hipóteses sobre as dificuldades encontradas: atribuição do comportamento-problema à criança e falta de reconhecimento sobre sua participação na manutenção e aquisição destes comportamentos; dificuldade no uso do computador (principal ferramenta da intervenção); dificuldade de deslocamento até a clínica-escola da UEL; desinteresse, indisponibilidade de horários; discordância dos conteúdos apresentados no software (provavelmente devido à não finalização do programa informatizado, que levaria à adequada compreensão do mesmo), entre outros.



Quando desistiram de participar do procedimento, as mães utilizaram-se dos motivos acima citados, sempre se certificando de que seus filhos ainda continuariam na lista de espera para atendimento individual na clínica, demonstrando o não reconhecimento de sua participação na queixa relacionada à criança. Dessa forma, a apresentação e discussão de tais dificuldades, demonstra a necessidade da inclusão de uma etapa de sensibilização para a adesão ao programa, lembrando que as atitudes dos pais são, muitas vezes, determinantes para obtenção de resultados positivos no repertório comportamental de seus filhos.

Palavras-chave: capacitação de pais, adesão; comportamentos inadequados.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Fundação Araucária

TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL EM GRUPO: ATENDIMENTO DE MÃES. *Joseani Kochhann, Kellen Martins Escaraboto Fernandes* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, UEL, UNOPAR, Londrina, PR).

O atendimento clínico em grupo tem sido apontado como uma alternativa eficaz para atender a crescente demanda de procura por tratamentos terapêuticos encontrada na sociedade contemporânea. Em se tratando da psicoterapia analítico-comportamental infantil, é evidente a necessidade da participação dos pais, uma vez que eles são agentes efetivos para mudanças no comportamento infantil. Ao mesmo tempo em que o ambiente familiar pode ser propício ao treinamento de comportamentos adaptativos nas crianças, também pode favorecer a aquisição de condutas inadequadas pela falta de disciplina efetiva dos pais ou por outros problemas por eles vivenciados tais como, conflito conjugal, depressão, circunstâncias sócio-econômicas adversas, divórcio, dentre outros problemas. Tais fatores podem prejudicar a adesão dos pais ao processo psicoterápico, uma vez que costumam atribuir tal fracasso às habilidades do terapeuta ou às dificuldades comportamentais apresentadas pelas crianças, acarretando em prejuízo à todas as instâncias envolvidas no processo. Com o intuito de tornar as relações familiares mais saudáveis, de reduzir os altos índices de desistência da psicoterapia e de avaliar o tempo despendido no processo terapêutico com a criança para obter mudanças positivas em relação ao comportamento da criança; além do atendimento individual da criança, quatro mães foram convidadas a participar de um grupo terapêutico analítico comportamental. Fez-se a opção por esta clientela por diferentes fatores, tais como, serem elas quem se responsabilizavam em conduzir as crianças para os atendimentos, por passarem mais tempo junto dos filhos e pela ausência da figura de pai ou outro cuidador em algumas famílias. A modalidade de atendimento foi escolhida por favorecer as mães a compreensão de que elas não eram as únicas a apresentar determinado problema, por favorecer a estruturação da aprendizagem pelo modelo do outro, o que é um aspecto preventivo, e por facilitar a discussão sobre os problemas, a cooperação mútua, e ainda, com o estabelecimento de um princípio educativo por meio do trabalho em equipe. Os encontros são realizados quinzenalmente por duas terapeutas e o projeto faz parte dos atendimentos realizados em um grupo de estudos e supervisão em uma clínica particular na cidade de Londrina-Paraná. O presente trabalho destacará as questões relacionadas ao perfil da clientela atendida, as queixas apresentadas pelas crianças e pelas mães e as estratégias desenvolvidas junto ao grupo para o favorecimento do vínculo terapêutico e da



autoexposição. Também serão apresentados os resultados obtidos nas condições acima expostas e discutidas as dificuldades pertinentes à adesão ao processo psicoterápico.

Palavras-chave: atendimento de mães em grupo terapêutico, vínculo terapêutico, autoexposição.

PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE PAIS POR MEIO DE INSTRUMENTO INFORMATIZADO. *Silvia Aparecida Fornazari, Hellen Cristine Machado de Mello, Marcela Gonçalves Brandina, Aline Cristina Monteiro Ferreira* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

O presente trabalho teve como objetivo a capacitação de pais de crianças com necessidades educacionais especiais que apresentam problemas de comportamento. A capacitação foi realizada por meio de instrumento informatizado (software “ENSINO”), contendo conceitos e princípios da Análise do Comportamento, idealizado e desenvolvido pela professora/autora deste e financiado pela Fundação Araucária. Participaram da capacitação 04 (quatro) mães que tinham seus filhos matriculados em sala de aula de educação especial e/ou inclusão, em uma escola da rede municipal de ensino, na cidade de Londrina, no segundo semestre de 2011. Após os procedimentos iniciais de contato com a direção e reunião com os pais, com o objetivo de sensibilização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, iniciou-se o procedimento propriamente dito. O mesmo constou de uma avaliação inicial, onde os pais passaram por uma filmagem em situação lúdica com o filho, além de uma entrevista semiestruturada, e, preenchimento de um protocolo de avaliação, com o objetivo de indicar o conhecimento dos pais a respeito dos conceitos e princípios contidos no software. A intervenção ocorreu através da interação com o software, realizada em uma sala de informática da escola, com as quatro mães em mesmo horário, em computadores individuais, com auxílio da pesquisadora apenas para entrada no software, sem interferência no processo de aquisição do conteúdo. Essas sessões ocorreram em média, em três encontros semanais, de aproximadamente uma hora e meia a duas horas cada, contando com um intervalo para que as mães pudessem descansar, sendo oferecido neste momento, um pequeno lanche. Após a conclusão do software as mães passaram por situação de avaliação pós- intervenção, onde realizaram as mesmas atividades da avaliação inicial, para que fosse possível avaliar o conhecimento adquirido através da capacitação. No momento, esses dados ainda estão em processo de análise e discussão, porém, a partir dos relatos verbais das mães, durante o processo de intervenção e avaliação final, pode-se perceber que houve uma ampliação da percepção destas mães sobre o comportamento dos seus filhos e sobre a importância da interação ambiental envolvida nos comportamentos considerados como problemas. Esses relatos têm sido considerados de grande relevância para as pesquisadoras envolvidas, em função de essa capacitação ter exigido um alto custo de resposta destas mães, tanto para a conclusão do software quanto para estarem presente nas reuniões. As dificuldades encontradas para se realizar um projeto de capacitação que requeira vários encontros são inúmeras, desde a disposição e confiabilidade dos pais para com o projeto, até questões práticas, como a disponibilidade de horários das pessoas envolvidas. Observou-se que apesar do trabalho com o conteúdo da capacitação ter sido individual e sem o auxílio das pesquisadoras, formou-se um vínculo característico de grupo, envolvendo as mães e as pesquisadoras, onde foram



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

compartilhados dificuldades, expectativas, sentimentos e comportamentos genuínos de empatia, aceitação e solidariedade, o que parece ter auxiliado para a consecução e finalização da intervenção.

Palavras-chave: capacitação de pais, instrumento informatizado, Análise do Comportamento.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Fundação Araucária



MESA REDONDA 15

ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA: CONCEITUAÇÃO E APLICAÇÕES AO CONTEXTO EDUCACIONAL E SOCIAL. *Guilherme B. Filgueiras, Kellen Martins Escaraboto Fernandes, Patricia Motta Gonçalves* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, UNOPAR, Faculdade de Apucarana, Associação de Deficientes Físicos de Londrina, Colégio Interativa de Londrina, Londrina, PR)

Cada vez mais tem se discutido a importância da Psicologia em diferentes contextos de atuação e sobre as contribuições que a Análise do Comportamento pode oferecer. Nos últimos anos, houve um crescimento, significativo da atuação psicólogo nas Políticas Públicas, em especial na área de Assistência Social e na Psicologia Escolar. No que se refere à Assistência Social, uma das principais possibilidades de intervenção do psicólogo é a proteção à família, gestantes, infância, adolescência e velhice dos indivíduos; amparo a crianças e adolescentes carentes, integração dos indivíduos no mercado de trabalho; promoção da habilitação/reabilitação da pessoa com deficiência e integração na sociedade, e, garantia dos benefícios necessários aos idosos e às pessoas com deficiência que tem direito. O Psicólogo, nessa área de atuação, busca a compreensão dos problemas sociais vivenciados por pessoas e grupos e que estejam em situação de vulnerabilidade e risco social, desenvolvendo junto destas pessoas práticas que garantam acesso aos direitos de forma humana e ética, favorecendo o desenvolvimento de sujeitos capazes de reflexão social e política, com atitudes de enfrentamento, autonomia e emancipação. No que se refere a Psicologia Escolar, a atuação pode ser conduzida no âmbito da educação formal realizando pesquisas, diagnósticos e intervenções preventivas ou corretivas em grupo e/ou individualmente. É função deste profissional, além de observar, analisar e intervir em todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino-aprendizagem. Já na área da Pesquisa aplicada, o profissional investiga os comportamentos levando em consideração as peculiaridades metodológicas exigidas por um ambiente de maior complexidade, tendo objetivos propostos ainda não são muito bem consolidados, mas com pelo menos três usos do termo “aplicada”, quer sejam relacionados à aplicação de um corpo teórico desenvolvido em laboratório como modelo explicativo para os problemas sociais, geralmente atribuído a modalidades de pesquisa que visam investigar as variáveis mantenedoras de um problema em seu contexto de origem e, compreendendo tanto a prestação de serviço como a investigação de variáveis complexas envolvidas com o problema de pesquisa. Diante dos dados acima expostos, os principais objetivos desta mesa redonda serão abordar os contextos de atuação de Analistas do Comportamento, aqui representados pela discussão sobre os objetivos da Pesquisa Aplicada e dos problemas éticos e epistemológicos que podem surgir nesta área de atuação. Também será discutida a abrangência da atuação de uma Psicóloga Comportamental em um serviço da Secretaria de Assistência Social de Londrina, que atende pessoas com deficiência e suas famílias e sobre intervenções realizadas junto a professores e alunos, no âmbito da Psicologia Escolar.

Palavras-chave: Psicologia Aplicada, Psicologia Social e Psicologia Escolar.



QUESTÕES METODOLÓGICAS, ÉTICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA PESQUISA E APLICAÇÃO. *Guilherme B. Filgueiras* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Faculdade de Apucarana, Londrina, PR)

A Análise Experimental do Comportamento é o ramo de pesquisa responsável pela validação e verificação das leis comportamentais. O estabelecimento de um corpo teórico Analítico Comportamental foi pautado nos princípios básicos estudados em laboratório, principalmente com animais não humanos. Com o desenvolvimento de novos instrumentos de pesquisa pôde-se iniciar o estudo dos princípios básicos também com humanos - entretanto, para a investigação do comportamento humano em contextos mais amplos e complexos, sabe-se que a análise reduzida e fragmentada feita em laboratório, bem como os métodos desenvolvidos para esse tipo de pesquisa, não contempla variáveis responsáveis pela determinação dos comportamentos socialmente relevantes. Então, para se investigar os comportamentos levando em consideração as peculiaridades metodológicas exigidas por um ambiente de maior complexidade, realiza-se a chamada Análise Aplicada do Comportamento. A aplicação enquanto prestação de serviço parece estar bem estabelecida na literatura analítica comportamental. Refere-se a tentativa de resolução de problemas comportamentais socialmente relevantes a partir do conhecimento gerado em laboratório. Utiliza-se então uma gama de ferramentas oriundas da pesquisa básica para prestação de serviço à comunidade. Neste tipo de aplicação o interesse pelas variáveis mantenedoras do problema fica em segundo plano. Quando o termo “aplicação” se refere a pesquisa, os objetivos propostos ainda não são muito bem consolidados. Pode-se verificar que pelo menos dois usos do termo “aplicada” são feitos por analistas do comportamento. O primeiro uso é geralmente atribuído a modalidades de pesquisa que visam investigar as variáveis mantenedoras de um problema em seu contexto de origem; e o segundo uso do termo compreende tanto a prestação de serviço (enquanto intervenção) como a investigação de variáveis complexas envolvidas com o problema de pesquisa. Esse último uso do termo “aplicação” tem como objetivo a produção de técnicas específicas a serem utilizadas em âmbitos sociais. Dadas as três possibilidades de uso do termo “aplicada” realizadas por analistas do comportamento, alguns questionamentos sobre os tipos de pesquisa e aplicação podem surgir: a produção de conhecimento por prestação de serviço atende às necessidades metodológicas de uma pesquisa científica? Somente a análise das variáveis mantenedoras de problemas socialmente relevantes atende ao caráter pragmático de uma ciência do comportamento? A aplicação de técnicas a contextos novos atende aos aspectos éticos de uma pesquisa? Uma discussão sobre essa dimensão aplicada da Análise do Comportamento se faz necessária visto que questionamentos metodológicos, éticos e epistemológicos podem surgir a partir das diferentes modalidades de aplicação e pesquisa.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, pesquisa básica, pesquisa aplicada.

CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO À PSICOLOGIA SOCIAL. *Patrícia Motta Cordeiro Gonçalves* (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, Associação de Deficientes Físicos de Londrina, Londrina, PR).

Cada vez mais tem se discutido a importância da Psicologia em diferentes contextos de atuação e sobre as contribuições que a Análise do Comportamento pode oferecer. Nos



últimos anos, houve um crescimento, significativo, da atuação do Psicólogo nas Políticas Públicas, em especial na área de Assistência Social, que apresenta como principais funções a proteção à família; amparo a crianças e adolescentes carentes, integração dos indivíduos no mercado de trabalho; promoção da habilitação/reabilitação da pessoa com deficiência e integração na sociedade, e, garantia dos benefícios necessários aos idosos e às pessoas com deficiência que tem direito. O Psicólogo, nessa área de atuação, busca a compreensão e enfrentamento dos problemas sociais vivenciados por pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e risco social a partir de práticas que garantam acesso aos direitos, favorecendo o desenvolvimento de sujeitos capazes de reflexão social e política, com atitudes de autonomia e emancipação. Ao se propor ao trabalho social, o analista do comportamento procura entender o comportamento social tal como comportamento operante, ou seja, por meio de uma análise funcional das contingências de reforçamento e punição às quais os indivíduos estão expostos, partindo do princípio de que os comportamentos aprendidos respondem às contingências ambientais de acordo com as consequências obtidas anteriormente. Ao se utilizar da análise funcional para prever e controlar o comportamento, o Analista do Comportamento contribuirá para a mudança das realidades sociais através da melhora na qualidade de vida dos indivíduos e das famílias. Para isso, poderá auxiliá-los na identificação de variáveis que controlam seus comportamentos e propor estratégias de mudanças, favorecendo o desenvolvimento de objetivos e estratégias de enfrentamento para lidar com riscos aos quais possam estar expostos. Ao propor a utilização da análise funcional como instrumento de trabalho, o profissional estará levando em consideração a importância de se conhecer as contingências presentes no presente e passado para entender porque os indivíduos se comportam da maneira como o fazem. A partir do que fora exposto, o objetivo do presente trabalho é relatar a atuação em um serviço da Secretaria de Assistência Social de Londrina que atende pessoas com deficiência e suas famílias, tendo como referencia a discussão sobre a possibilidade de intervenção junto a uma família usuária do serviço. A família em questão reside em moradia precária, com duas pessoas portadoras de deficiência, uma com deficiência intelectual associada a transtorno psiquiátrico e outra com deficiência intelectual e física, tendo como cuidador um idoso. Dadas as dificuldades apresentadas pela família (falta de acesso à atendimentos médicos, privação de alimento, questionamento da comunidade quanto aos cuidados oferecidos), alguns dos procedimentos adotados foram: atendimento domiciliar com os membros familiares para coletar dados, elaboração de análise funcional e de estratégias de intervenção; realização de estudos de caso para o planejamento de ações junto aos demais serviços que atendem a família; intervenção junto aos profissionais de saúde a fim de promover o entendimento do contexto ao qual a família estava inserida; desenvolvimento de estratégias para o fortalecimento emocional e enfrentamento das situações estressoras com o cuidador.

Palavras-chave: assistência social, análise funcional, psicologia comportamental.

A ATUAÇÃO DO ANALISTA DO COMPORTAMENTO EM CONTEXTO EDUCACIONAL: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ACOMPANHAMENTO TERAPEUTICO. *Kellen Martins Escaraboto Fernandes*. (Instituto de Análise do Comportamento em Estudos e Psicoterapia, UNOPAR, Colégio Interativa de Londrina, Londrina, PR)



Um dos principais questionamentos que a psicologia tem feito relaciona-se ao que ela pode contribuir ou oferecer à Educação. Dentre as especialidades, encontramos a do Psicólogo Escolar/ Educacional, cuja atuação pode ser desenvolvida no âmbito da educação formal realizando pesquisas, diagnósticos e intervenções preventivas ou corretivas em grupo e/ou individualmente. É função deste profissional, além de observar e analisar, intervir em todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino- aprendizagem. Os objetivos acima expostos poderiam parecer bem estruturados em uma prática cotidiana se não houvesse confusão acerca do papel deste profissional em contexto educativo. Muitos pais e professores ainda acreditam que a função do psicólogo na escola limita-se ao trabalho com crianças que apresentam transtornos de comportamento e/ou condutas, a avaliação de alunos com dificuldades de aprendizagem ou ao atendimento e/orientação às famílias diante de diferentes demandas apresentadas pelas mesmas. Diante deste contexto, cabe ao psicólogo responder em seu cotidiano de trabalho a alguns questionamentos e o primeiro deles deve estar relacionado ao seu direcionamento teórico e em que objetiva a sua prática. O analista do comportamento que atua em contexto educativo pode oferecer em sua prática cotidiana um conjunto de conceitos e princípios derivados da pesquisa experimental; uma metodologia para a aplicação desses conceitos e princípios, os quais estão diretamente relacionados às práticas de ensino. Também pode delinear pesquisas que lidam com mudanças individuais e oferecer uma filosofia da ciência que insiste em explicações objetivas acerca das relações entre o comportamento individual e suas condições determinantes. Tais aspectos se fazem necessários diante da demanda encontrada nas escolas em função da falta de formação adequada dos pedagogos para atuar junto de crianças que apresentam necessidades pedagógicas diferenciadas ou transtornos de conduta. Faz-se objetivo deste trabalho apresentar as práticas organizadas para formação de pedagogos, as quais estão relacionadas a um modelo de treinamento instrucional de professores para atuar junto a crianças que apresentam dificuldades de comportamento. Também será apresentada uma intervenção para instrumentalização de rotinas escolares em uma criança com Síndrome de Down, o qual foi realizado em uma escola particular na cidade de Londrina- Paraná, atendido por uma estagiária, aluna do quinto ano de Psicologia, supervisionado por uma psicóloga escolar, com formação analítico- comportamental. Os resultados apontam para uma melhora em relação as intervenções dos professores junto às crianças, bem como para uma melhora sobre a compreensão acerca do papel do analista do comportamento e das possibilidades de atuação em contexto escolar.

Palavras- chave: Psicologia Escolar, aplicações educacionais, rotinas escolares, formação de pedagogos.



MESA REDONDA 16

EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS, ENCADEAMENTO DE PALAVRAS E JOGOS, NO ENSINO DE LEITURA E DE ESCRITA. *Silvia Regina de Souza, Thalita Canato* (UEL, Londrina, PR), *Martha Hübner* (USP, SP), *Verônica Bender Haydu, Ana Carolina Zuanazzi Fernandes* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Grazielle B. F. R. Pellizzetti* (UEL, Faculdade Assis Gurgacz, PR), *Silvia Regina de Souza* (UEL, Londrina, PR).

Para a Análise do Comportamento, ler e escrever são operantes complexos que envolvem controles múltiplos. A partir do estudo de Sidman (1971) muitos outros foram desenvolvidos investigando o ensino dessas habilidades a partir do modelo de equivalência de estímulos. Mais recentemente, os pesquisadores têm envidado esforços no desenvolvimento de novas tecnologias que possam ser empregadas para o ensino como, por exemplo, os jogos devido ao seu caráter motivacional. Esta mesa tem por finalidade relatar e discutir pesquisas que empregaram o modelo de equivalência de estímulos, encadeamento de palavras e/ou jogos para o ensino de leitura e escrita. O primeiro trabalho investigou se o uso de palavras de ensino que apresentam variação de posição e recombinação de sílabas produz leitura e escrita generalizada recombinativa (Estudo 1) e se o conhecimento prévio das sílabas que compõem as palavras de ensino altera o desempenho na leitura e escrita dessas palavras e de palavras de generalização (Estudo 2). O segundo trabalho visou ensinar a leitura de sentenças por meio do ensino de relações condicionais entre estímulos para a formação de classes de equivalência das palavras faladas, palavras impressas e figuras; o ensino de encadeamento de palavras para a formação de classes ordinais; o ensino de relações condicionais entre sentenças faladas, sentenças escritas e animações (cena da sentença); e a demonstração da aquisição do comportamento de ler por meio de um teste de leitura de palavras ensinadas e de palavras de generalização. As sentenças e as animações foram apresentadas em três tempos verbais (presente, futuro e passado) com flexão de número. Finalmente, o terceiro trabalho investigou se um jogo de tabuleiro educativo, aplicado por mães, produz a leitura e a escrita das palavras ensinadas e de novas palavras formadas a partir da recombinação das sílabas dessas palavras quando palavras, combinadas mais sistematicamente, são usadas como estímulos experimentais.

Coordenadora: Paula Renata Cordeiro de Lima

OS EFEITOS DO ENSINO DE UM CONJUNTO DE SÍLABAS SOBRE O DESEMPENHO DE CRIANÇAS EM LEITURA E ESCRITA RECOMBINATIVA: EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E USO DE UM JOGO DE TABULEIRO. *Silvia Regina de Souza, Thalita Canato* (UEL, Londrina, PR), *Martha Hübner* (USP, SP).

Esse estudo teve por objetivo investigar se o uso de palavras de ensino que apresentam variação de posição e recombinação de sílabas produz leitura e escrita generalizada recombinativa (Estudo 1) e se o conhecimento prévio das sílabas que compõem as palavras de ensino altera o desempenho na leitura e escrita dessas palavras e de palavras de generalização (Estudo 2). Participaram dos Estudos 1 e 2, respectivamente, oito e seis crianças da Educação Infantil designadas aleatoriamente para quatro grupos. Para o Grupo 1 foram usadas, como estímulos experimentais, quatro palavras que apresentam



sílabas que ocupam posições variadas nas palavras e são recombinadas e quatro palavras de generalização. Para o Grupo 2 foram usadas quatro palavras que não apresentam essas características e quatro palavras de generalização. Para os Grupos 3 e 4 as palavras de ensino foram semelhantes as usadas com as crianças do Grupo 1, contudo, para o Grupo 3 houve o ensino das sílabas que compunham as palavras de treino por meio do procedimento de *MTS*. Ambos os estudos foram compostos por três etapas. Na Etapa 1 (Pré-teste) foram testadas as relações entre figura e palavra falada, entre palavra falada e figura, entre palavra impressa e palavra falada pela criança, entre palavra impressa e figura e entre palavra falada e escrita manuscrita. Na Etapa 2 (Intervenção), as crianças eram levadas a uma sala e convidadas a jogar com o pesquisador. Foram realizadas quatro sessões nas quais um jogo de tabuleiro que ensina as relações entre palavra impressa e conjunto de sílabas, palavra impressa e figura, figura e conjunto de sílabas, palavra impressa e escrita manuscrita, palavra falada e figura, palavra impressa e palavra falada foi usado. Finalmente, as mesmas relações testadas no Pré-Teste foram novamente avaliadas (Pós-teste). Os resultados mostraram que, quanto às palavras de ensino, em ambos os estudos, houve aumento no número de palavras corretamente lidas, de sílabas corretamente selecionadas e de palavras corretamente construídas. Quanto às palavras de generalização não houve mudanças expressivas. Comparando-se o desempenho das crianças de ambos os grupos do Estudo 1 (Grupos 1 e 2) nas relações testadas verifica-se que não houve diferença entre eles. Comparando-se o desempenho das crianças de ambos os grupos do Estudo 2 (Grupos 3 e 4) constata-se que as crianças para as quais houve o ensino das sílabas apresentaram melhor desempenho. Novas investigações mostram-se necessárias.

Palavras-chave: jogo, controle por unidades mínimas, leitura recombinativa.

Apoio: Fundação Araucária (Bolsa Produtividade em Pesquisa para Silvia Regina de Souza) e CNPq (Bolsa Iniciação Científica para Maria Clara Jaeger e Vanessa Ximenes e apoio financeiro Convênio N.: 418/2009).

PRODUÇÃO DE SENTENÇAS NO PASSADO, PRESENTE E FUTURO: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO. *Verônica Bender Haydu, Ana Carolina Zuanazzi Fernandes* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

As contribuições do modelo da equivalência de estímulos ao ensino de leitura foram amplamente documentadas. Na maioria dos estudos foram demonstradas as variáveis relevantes para o ensino de leitura de palavras. Uma das questões que não foi completamente esclarecida é como ensinar, por meio desse modelo ou de modelos complementares, o ensino de leitura de sentenças. O presente estudo visou responder essa questão propondo uma sequência de etapas de procedimento com o ensino de relações condicionais entre estímulos que levam à formação de classes de equivalência das palavras faladas, palavras impressas e figuras; o ensino de encadeamento que leva à formação de classes ordinais; o ensino de relações condicionais entre sentenças faladas, sentenças escritas e animações, representando a cena da sentença; e o teste de substituíbilidade demonstrando a produção de sentenças. Participaram do estudo oito crianças, de ambos os gêneros, com a idade variando entre 7 e 9 anos, que frequentavam o 2º e 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada e que não liam fluentemente palavras com dificuldades da língua, e sentenças com mais do que duas



palavras. Foi usado um *Notebook* e figuras coloridas correspondendo às palavras de ensino e animações em formato *gif*, as quais foram inseridas no *Software* PROLER (versão 6.4), por meio do qual foram realizadas as tarefas de escolha de acordo com modelo e as de ordenação. As sentenças e as animações eram apresentadas em três tempos verbais (presente, futuro e passado) e no plural e singular, envolvendo cinco palavras. O procedimento de ensino foi composto por seis etapas, sendo que a complexidade das sentenças foi aumentada gradativamente até que fossem apresentadas as sentenças completas que incluíam uma quantidade, o sujeito da oração, o verbo e o objeto direto (por exemplo: Duas meninas compraram três pães). Foi comparado o desempenho de cada participante (P) no pré e pós-teste de palavras e de sentenças, e também na realização de leitura de sentenças inéditas (sentenças de generalização). Todos os participantes apresentaram um aumento na porcentagem de acertos no pós-teste de palavras de ensino em comparação ao pré-teste, sendo as diferenças de 10% (P2 e P4), 20% (P1), 30 % (P8), 40 % (P3 e P5), 50% (P6 e P7). Também se observou que todos os participantes apresentaram um aumento na porcentagem de acertos no pós-teste de sentenças em comparação ao pré-teste, sendo as diferenças de 70% (P2), 77,5% (P1 e P4), 80 % (P3), 82,5 % (P6), 87,5% (P7); 90% (P5) e 100% (P8). No teste de sentenças de generalização, um participante apresentou 60% (P2) de acertos, dois acertaram 80% de acertos (P4 e P5), dois acertaram 90% (P1 e P8) e três acertaram 100% (P3, P6, P7). O procedimento mostrou ser eficaz e eficiente para o ensino de leitura de palavras e de sentenças que envolviam variação no tempo verbal (presente, passado e futuro) e quanto à flexão gramatical de número.

Palavras-chave: equivalência de estímulos, ensino de leitura, classes ordinais.

Apoio: Fundação Araucária (Bolsa Produtividade em Pesquisa para Verônica Bender Haydu) e CNPq (Bolsa Iniciação Científica para Ana Carolina Zuanazzi Fernandes e apoio financeiro Processo N.: 400729/2010-5)

O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA E O CONTROLE POR UNIDADES MENORES QUE A PALAVRA POR MEIO DE UM JOGO DE TABULEIRO APLICADO POR MÃES. *Grazielle B. F. R. Pellizzetti* (UEL, Faculdade Assis Gurgacz, PR), *Silvia Regina de Souza* (UEL, Londrina, PR).

Este trabalho teve como objetivo investigar se um jogo de tabuleiro educativo, aplicado por mães, produz a leitura e a escrita das palavras ensinadas e de novas palavras formadas a partir da recombinação das sílabas dessas palavras quando palavras, combinadas mais sistematicamente, são usadas como estímulos experimentais, comparando-se os resultados obtidos com os de Souza e Hübner (2010). Participaram do estudo três díades (mãe e seu filho), sendo as crianças estudantes da Educação Infantil. Como estímulos experimentais foram usadas seis palavras de ensino e oito palavras de generalização formadas pela recombinação das sílabas das palavras de ensino. O estudo foi composto por cinco etapas (Pré-Teste, Treino das mães, Intervenção, Sonda, Seguimento). Primeiramente realizou-se o Pré-teste, no qual foram testadas as relações entre palavra impressa e palavra falada pela criança (comportamento textual), entre palavra falada e conjunto de sílabas (construção da palavra ditada), entre palavra falada e escrita manuscrita (ditado) e entre figura e palavra impressa (emparelhamento entre palavra impressa e figura). Em seguida realizou-se a fase de Treino com as mães. Esta fase, na qual pesquisadora e mãe jogaram, foi



composta de três sessões conduzidas com cada uma das mães individualmente. Posteriormente, foi realizada a etapa de Intervenção, em que houve as sessões de jogo entre mãe e filho(a). A cada três sessões de jogo foram realizadas sessões de Sonda, com os mesmos procedimentos empregados na primeira etapa. A fase de intervenção durou, em média, quatro horas e doze minutos. Depois de transcorridos 25 dias da última sessão de Sonda, procedeu-se a uma nova sessão – Etapa de Seguimento – semelhante em estrutura à realizada na sessão de Sonda. Verificou-se que, embora tenha havido aumento no número de palavras de ensino lidas corretamente, de emparelhamentos corretos entre figura e palavra impressa e de sílabas selecionadas corretamente para a construção das palavras, o desempenho dos participantes não se manteve. Quanto às palavras de generalização observa-se que houve um aumento no número de sílabas corretamente selecionadas, principalmente para os Participantes 1 e 3. Quanto às mães, os dados obtidos sugerem que elas seguiram as orientações dadas pela pesquisadora, conduzindo apropriadamente as sessões com os filhos. Finalmente, no que se refere aos comportamentos da mãe em reforçar, punir e chamar a atenção da criança no decorrer do jogo, constata-se que o comportamento de elogiar o desempenho das crianças foi mais frequente que os comportamentos de punir e ou chamar sua atenção. Os resultados obtidos sugerem a possibilidade da utilização do jogo de tabuleiro pelas mães e devido aos resultados obtidos pelas crianças, constata-se a necessidade de mais pesquisas na área.

Palavras-chave: leitura recombinativa, jogos, pais, equivalência de estímulos.

Apoio: Faculdade Assis Gurgacz (Bolsa de estudos para Grazielle B. F. R. Pellizzetti).



MESA REDONDA 17

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA À FORMAÇÃO DO PROFESSOR. *Nádia Kienen, Silvio Paulo Botomé, Olga Mitsue Kubo, Silvia Aparecida Fornazari, Cassiana Stersa Versoza, Verônica Bender Haydu, Mariana Rodrigues Proença, Patrícia Belgamo Rossetto, Josiane Ferreira Zorzenon* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Skinner considera a educação a maneira mais eficaz de garantir a sobrevivência da cultura e, para tanto defende o seu planejamento explícito e sistemático. Os professores assumem papel especial nessa tarefa e, portanto, a sua formação deve ser assunto prioritário entre os profissionais preocupados com a área, incluindo analistas do comportamento. O primeiro trabalho desta mesa apresenta que a capacitação do psicólogo implica em uma formação básica que habilite esse profissional não somente à capacitação para intervenção direta sobre processos comportamentais, mas também à capacitação para ser pesquisador e “professor”. A intervenção como “professor” é comumente concebida de forma muito restrita, mais caracterizada como a intervenção de um profissional que ministra disciplinas no ensino fundamental ou médio, do que como um profissional que capacita outras pessoas, nos mais diversos contextos e situações, a lidar com processos comportamentais, sempre que a capacitação de outrem se faz necessária. A intervenção do psicólogo como “professor” não está limitada à atuação no ensino formal, compreendendo intervenções em quaisquer situações em que seja necessário capacitar alguém a lidar com comportamentos (próprios ou de outrem). O segundo trabalho apresentado nesta mesa discute-se a necessidade de olhar para a formação de professores e para a Educação como um sistema complexo, formado por diferentes agentes e determinado dentro dessa complexidade de relações. O objetivo deste estudo foi analisar os artigos de estudos empíricos publicados no JABA entre 2000 e 2011 sobre formação de professores para diferenciar aqueles que se caracterizam como intervenções comportamentais dos que são de cunho cultural. A análise dos artigos foi feita a partir dos elementos de análise propostos por Mallot & Glenn (2006), quais sejam: produtos comportamentais, consequências funcionais, número de participantes, variedade de comportamentos e *locus* de mudança. Por fim, o terceiro trabalho apresenta um exemplo de um programa de capacitação no qual professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de educação de Londrina, PR, estão aprendendo princípios básicos da análise do comportamento através de um software. Isso se faz importante uma vez que esses conceitos podem ser aplicados diretamente às situações de ensino como, por exemplo, o comportamento do aluno em relação ao professor, às suas técnicas de ensino e às contingências de reforço em sala de aula. O objetivo principal é permitir que o profissional, através da análise funcional, consiga identificar o que está mantendo os comportamentos inadequados de seus alunos e assim possa intervir utilizando o procedimento de DRA, no qual se coloca em extinção o comportamento inadequado e se reforça um comportamento adequado previamente ensinado. Espera-se com esse trabalho colaborar com o processo de inclusão, que visa reduzir preconceitos, proporcionando às profissionais da educação, habilidades para trabalharem de maneira eficiente com seus alunos.

Coordenadora: Profa. Dra. Nádia Kienen

Palavras-chave: formação de professores; Análise do Comportamento; Educação.



COMPORTAMENTOS BÁSICOS DO PSICÓLOGO PARA LIDAR COM A CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES. *Nádia Kienen, Silvio Paulo Botomé, Olga Mitsue Kubo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

A capacitação do psicólogo implica em uma formação básica que habilite esse profissional não somente à capacitação para intervenção direta sobre processos comportamentais, mas também à capacitação para ser pesquisador e “professor”. A intervenção como “professor” é comumente concebida de forma muito restrita, mais caracterizada como a intervenção de um profissional que ministra disciplinas no ensino fundamental ou médio, do que como um profissional que capacita outras pessoas, nos mais diversos contextos e situações, a lidar com processos comportamentais, sempre que a capacitação de outrem se faz necessária. A intervenção do psicólogo como “professor” não está limitada à atuação no ensino formal, compreendendo intervenções em quaisquer situações em que seja necessário capacitar alguém a lidar com comportamentos (próprios ou de outrem). Pode ser utilizada, por exemplo, em treinamentos empresariais, capacitação de pais, cônjuges, profissionais da área da saúde que necessitam planejar modificações de comportamento em seus clientes, entre outros. Capacitar professores para que estes possam produzir modificações de comportamento em seus alunos faz parte do trabalho do psicólogo como “professor”. Para tanto, é necessário que o psicólogo aprenda comportamentos altamente complexos, tais como: caracterizar necessidades de aprendizagem relacionadas a processos comportamentais; construir programas de produção de aprendizagem relacionados a processos comportamentais; aplicar e avaliar esses programas, dentre outros. Descobrir quais comportamentos os professores necessitam desenvolver para estarem capacitados a lidar com seus alunos e propor programas de aprendizagem com base nessas descobertas é parte constituinte do trabalho do psicólogo como profissional que capacita professores. A educação, ainda que compreendida por dirigentes do país, gestores de ensino, pais e até pelos próprios educandos como algo central para o crescimento pessoal e do país, parece estar se tornando cada vez menos significativa na vida dos indivíduos. Enquanto o ensino e a escola estiverem dissociados da vida, no sentido de serem ensinados novos comportamentos pouco significativos para que as pessoas possam “viver bem”, produzindo qualidade de vida para si e para os demais, talvez os aprendizes continuem sentindo-se tentados a “dizer ‘Adeus!’ à educação formal” (Keller, 1999, p. 21). E, talvez, a citação de Keller não se restrinja apenas à educação formal, mas à educação que ocorre em qualquer contexto em que pessoas necessitem aprender novos comportamentos para poderem lidar de maneira mais adequada com a realidade com a qual se deparam – incluindo professores como aprendizes que podem ser capacitados por psicólogos. Parece um grande desafio, não apenas aos psicólogos, profissionais responsáveis por intervirem por meio de ensino, sobre processos comportamentais, mas a quaisquer profissionais que têm o ensino como possibilidade de intervenção.

Palavras-chave: capacitação do psicólogo, professor de Psicologia, capacitação de professores.

BREVE REVISÃO DE PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PUBLICADAS NO *JOURNAL OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS* ENTRE 2000 E 2011. *Cassiana Stersa Versoza, Verônica Bender Haydu, Silvia Aparecida Fornazari* (Mestrado em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)



Skinner considera a educação a maneira mais eficaz de garantir a sobrevivência da cultura e, para tanto defende o seu planejamento explícito e sistemático. Os professores assumem papel especial nessa tarefa e, portanto, a sua formação deve ser assunto prioritário entre os profissionais preocupados com a área, incluindo analistas do comportamento. Discute-se hoje em dia a necessidade de olhar para a formação de professores e para a Educação como um sistema complexo, formado por diferentes agentes e determinado dentro dessa complexidade de relações. Só entendendo as contingências em um âmbito mais global é que será possível programar intervenções mais eficazes. Para esse tipo de análise e intervenção são utilizados conceitos como metancontingência e macrocontingência, que permitem a análise de relações as quais tem como consequência produtos culturais. O objetivo deste estudo foi analisar os artigos de estudos empíricos publicados no JABA entre 2000 e 2011 sobre formação de professores para diferenciar aqueles que se caracterizam como intervenções comportamentais dos que são de cunho cultural. A análise dos artigos foi feita a partir dos elementos de análise propostos por Mallot & Glenn (2006), quais sejam: produtos comportamentais, consequências funcionais, número de participantes, variedade de comportamentos e *locus* de mudança. Após a análise, os artigos foram classificados quanto ao tipo de intervenção realizado, os quais poderiam ser (a) contingência operante, (b) macrocontingência, (c) metacontingência e (d) contingência não selecionadora. Foram selecionados todos os artigos que tinham como uma das palavras chave a palavra *teacher training* (treinamento de professores) e que haviam sido publicados dentro do período delimitado. Dos sete artigos localizados e analisados, apenas um tinha como foco explícito de interesse da pesquisa, um produto cultural através da intervenção em uma macrocontingência. As demais intervenções ocorreram no nível comportamental, sendo o foco o próprio indivíduo. Esses dados apontam para a necessidade de os analistas do comportamento ampliarem o foco de análise de suas intervenções a fim de contribuírem mais eficazmente na solução de problemas sociais, pois, apesar de os analistas do comportamento enfatizarem a importância da Educação e da formação de professores, os estudos publicados no JABA, no período da revisão feita para o presente estudo, revelam que os procedimentos e programas de intervenção descritos focalizaram as contingências comportamentais. Portanto, eles têm efeitos restritos e pontuais, sem tomar os problemas apresentados nos contextos da intervenção em sua amplitude, sendo falhos, portanto, ao oferecer contribuições significativas para solução do problema da Educação em nossa sociedade.

Palavras-chave: formação de professores, análise do comportamento e cultura, educação.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA: CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL POR MEIO DO SOFTWARE “ENSINO”. *Silvia Aparecida Fornazari, Mariana Rodrigues Proença, Patrícia Belgamo Rossetto, Josiane Ferreira Zorzenon* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de educação estão aprendendo princípios básicos da análise do comportamento através de um software desenvolvido para sua capacitação. Isso se faz importante uma vez que esses conceitos podem ser aplicados diretamente às situações de ensino como, por exemplo, o comportamento do aluno em relação ao professor, às suas técnicas de ensino e às



contingências de reforço em sala de aula. O software também proporciona alternativas comportamentais para que o professor possa lidar com os problemas de comportamento de maneira mais adequada. Os materiais utilizados são: Software “ENSINO”, que se divide em três etapas: (1) conceitos básicos da Análise do Comportamento; (2) análise funcional e capacitação no procedimento de reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA); e (3) capacitação em habilidades sociais. Cada etapa é composta por fases de treino e de teste, na qual são necessários 80% de acerto para prosseguir. Inventário de Habilidades Sociais: que consiste em um instrumento de auto-relato, composto por 38 itens que descrevem situações de interação social em contextos distintos. Também foram utilizados computadores portáteis e filmadora. O objetivo principal é permitir que o profissional, através da análise funcional, consiga identificar o que está mantendo os comportamentos inadequados de seus alunos e assim possa intervir utilizando o procedimento de DRA, no qual se coloca em extinção o comportamento inadequado e se reforça um comportamento adequado previamente ensinado. Estão participando da capacitação 10 professoras da escola, das quais 4 lecionam em classe especial, a diretora e 2 pessoas da secretaria de educação, sendo que os encontros ocorrem na própria rede de ensino na qual as professoras atuam. Antes da aplicação do software as professoras fizeram o Inventário de Habilidades Sociais e relataram quais eram as maiores dificuldades encontradas em sala de aula. Especificaram comportamentos inadequados de alguns alunos, exemplificando situações em que esses comportamentos ocorriam e quais eram as atitudes por elas tomadas. Após esse encontro, foram realizadas filmagens em sala de aula e posteriormente a aplicação do software. A fase de aplicação ainda esta em andamento, no entanto assim que finalizada, será aplicado novamente o Inventário de Habilidades Sociais e feita uma nova filmagem, para que sejam comparados os resultados anteriores e posteriores ao software. Depois da análise, será realizada uma devolutiva com as professoras, assinalando em que momentos elas conseguiram aplicar os conceitos aprendidos e em que momentos isso não ocorreu, tentando identificar possíveis variáveis que contribuíram para os resultados. Espera-se com esse trabalho colaborar com o processo de inclusão, que visa reduzir preconceitos, proporcionando às profissionais da educação, habilidades para trabalharem de maneira eficiente com seus alunos.

Palavras-chave: Educação, inclusão, capacitação de professores.

Apoio financeiro: Fundação Araucária

Bolsa IC: UEL e Fundação Araucária



MESA REDONDA 18

CONTROLE INSTRUCIONAL: EFEITOS DA CONSEQUÊNCIA SOBRE O SEGUIMENTO DE REGRA. *Livia Gabriela Selleti Massabki, Regina Ferreira Luppi, Stella Sorace Spagolla* (UniFil, Londrina, PR), *João Juliani* (UniFil, PUC-PR, Londrina, PR), *Marcos Roberto Garcia* (Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP e UniFil, PUC-PR, Londrina, PR), *Marina Tropia Fonseca Carioba Arndt, Rogério Alves Amantéa, Polyana Carla Magon* (UniFil, Londrina, PR), *Luis Antônio Lovo Martins* (Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP), *Taís da Costa Calheiros, Ana Paula Ollier e Silva* (UniFil, Londrina, PR).

Segundo Skinner (1953, p.109), “o estímulo verbal ‘venha jantar’ é a ocasião na qual os comportamentos ir para a mesa e sentar-se são usualmente reforçados com comida. O estímulo verbal torna-se efetivo em aumentar a probabilidade daqueles comportamentos e é produzido pelo falante por causa disso.” A frase do Skinner nos remete a uma discussão acerca do papel das consequências no seguimento de regra. A ênfase parece instigante por discutir um tipo de controle de estímulo diferente da ênfase dada pela área, o estímulo antecedente. As três pesquisas apresentadas fazem a ponte entre os controles antecedentes e consequentes, demonstrando os tipos de controle que cada estímulo assume na relação com a resposta. Duas pesquisas mostram o efeito da consequência sobre respostas distintas (verbal e não verbal) em uma tarefa instruída. A terceira pesquisa investiga o efeito da consequência em seguir regras dadas por um falante (um fantoche). No procedimento desta pesquisa, o falante emite regras que apresentam correspondência com a contingência e que não apresentam. Todas as pesquisas objetivam esclarecer os efeitos de ambos os controles de estímulos envolvidos numa contingência verbal.

Coordenador: João Juliani

Palavras-chave: controle instrucional, correspondência verbal/não verbal, comportamento do ouvinte, consequência.

CORRELAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO VERBAL E NÃO VERBAL: POSSÍVEIS EFEITOS QUANDO A CONSEQUÊNCIA É CONTINGENTE AO COMPORTAMENTO VERBAL. *Livia Gabriela Selleti Massabki, Regina Ferreira Luppi, Stella Sorace Spagolla* (UniFil, Londrina, PR), *João Juliani* (UniFil, PUC-PR, Londrina, PR), *Marcos Roberto Garcia* (Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP e UniFil, PUC-PR, Londrina, PR).

O presente estudo organizou uma situação experimental envolvendo uma instrução, seguida de desempenhos verbais e não verbais, buscando os possíveis efeitos de um operante sobre o outro ou até mesmo de uma independência entre eles. Seu objetivo foi verificar como se estabelecem as relações produzidas pela instrução e pelo contato com a contingência. Participaram do estudo seis estudantes universitários. A coleta consistiu de duas fases. Na 1ª fase, todos os participantes foram colocados diante de um programa de computador (ProgRef) e era dada uma instrução de como ganhar os pontos. O programa tinha duração de 10 minutos na fase de treino e na fase de teste (cada sessão durava 1 minuto) respectivamente. Nelas vigoravam dois componentes: VR 30 (sinalizado pela cor vermelha) e DRL 5 (sinalizado pela cor azul) em esquema múltiplo, cada um desses com duração de 30 segundos (situação não verbal). Ao final de cada



minuto, nas duas fases, era entregue ao participante uma folha de registro para que assinalasse questões de múltiplas escolhas, contendo respostas condizentes e não condizentes à instrução (situação verbal). Na fase de teste, a sinalização dos esquemas (cores) era invertida e era mantida a instrução da fase de treino. Assim como na fase de treino, a cada sete folhas respondidas de acordo com a instrução, o participante ganhava uma entrada para o cinema. Os dados obtidos mostram que um participante (P1) apresentou controle distinto entre as situações verbal e não verbal, dois participantes (P2 e P3) comportaram-se sob controle da instrução, um participante (P5) se comportou sob controle não verbal (atividade no computador) e para dois (P4 e P6) não foi possível identificar qual tipo de controle ocorreu, se verbal ou não verbal. O procedimento adotado suscita a discussão de que a consequência contingente ao comportamento verbal produz dois tipos de controle: verbal e indefinido.

Palavras-chave: controle verbal, controle não verbal, controles distintos e controle indefinido.

EFEITOS DA INSTRUÇÃO NO COMPORTAMENTO QUANDO A CONSEQUÊNCIA É CONTINGENTE À RESPOSTA NÃO VERBAL. *Marina Tropa Fonseca Carioba Arndt, Rogério Alves Amantéa, Polyana Carla Magon* (UniFil, Londrina, PR), *Marcos Roberto Garcia* (Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP e UniFil, PUC-PR, Londrina, PR), *João Juliani* (UniFil, PUC-PR, Londrina, PR).

A proposta deste trabalho foi avaliar o efeito da instrução verbal sobre o desempenho não verbal em uma situação experimental envolvendo o controle instrucional. Participaram do estudo seis estudantes universitários. Foi utilizado um programa de computador (ProgRef). Inicialmente, os participantes recebiam uma instrução com a descrição completa das contingências e, em seguida, foram submetidos a duas fases. A primeira fase (treino) consistiu em 10 sessões de um minuto cada envolvendo um esquema múltiplo VR 30, sinalizado por uma barra vermelha, e DRL 5, por uma barra azul. Ao final, era entregue para cada participante uma folha de registro para que assinalasse a resposta condizente à instrução. Quando isso ocorria, o experimentador acrescentava certo e quando a resposta não era condizente, o experimentador não consequenciava. O procedimento da fase de teste era idêntico ao da primeira, exceto com as cores que sinalizavam os componentes foram invertidas (VR 30 azul e DRL 5 vermelho). A cada 70 pontos ganhos na atividade de clicar, em ambas as fases, o participante ganhava uma entrada para o cinema. Os dados obtidos sugerem que quatro participantes (P2, P3 e P6) ficaram sob controle distinto em relação à atividade não verbal (clicar na barra na tela do computador) e verbal (selecionar as informações na folha de registro). Os outros dois participantes (P1 e P5) apresentaram dados que sinalizam para a interferência do controle verbal sobre o não verbal, o desempenho na tarefa não verbal do teste foi inferior a 10% da atividade, enquanto que o desempenho na atividade verbal foi acima de 90%. O procedimento adotado revela que, quando a consequência recai sobre o comportamento não verbal gera maior probabilidade de controle distinto entre os comportamentos verbais e não verbais.

Palavras-chave: controle verbal, controle não verbal, controles distintos.



A CONFIABILIDADE DO FALANTE SOBRE O COMPORTAMENTO DE SEGUIR REGRAS. *Luis Antônio Lovo Martins* (Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP), *Marcos Roberto Garcia*, (Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, SP e UniFil, PUC-PR, Londrina, PR), *João Juliani* (UniFil, PUC-PR, Londrina, PR), *Tais da Costa Calheiros*, *Ana Paula Ollier e Silva* (UniFil, Londrina, PR).

O comportamento verbal é definido como sendo um operante que exige a mediação reforçadora de um ouvinte treinado pela mesma comunidade verbal. O seguimento de regras, por parte do ouvinte, pode ser influenciado pela confiabilidade que o falante proporciona a ele. O objetivo desta pesquisa foi analisar o efeito de consequências imediatas e atrasadas no seguimento de regras. Oito crianças com idade variando de seis a nove anos participaram deste estudo, tendo sido separadas em dois grupos (Grupo 1 e Grupo 2), ambos submetidos a três condições experimentais (condição A, condição B e condição C) distintas. Nas três condições experimentais o participante recebia uma instrução de como se comportar diante da tela do computador. A instrução especificava a resposta do participante: a apontar para um dos dois quadrados coloridos (azul e vermelho) apresentados no monitor, estas instruções poderiam ser seguidas ou não pelo participante. As instruções foram dadas por um fantoche (falante) que aparecia no monitor. Na condição A, o falante emitiu 100% de regras verdadeiras (que descrevem a contingência de reforço) com consequências imediatas, caracterizando a fase de treino. Em seguida, o falante emitiu tais regras com o mesmo arranjo experimental, mas com consequências atrasadas em sete dias, caracterizando a fase de teste. Na condição B, foi emitido 50% de regras verdadeiras com consequências imediatas, na fase de treino, e, em seguida, o mesmo arranjo experimental era consequenciado de forma atrasada em sete dias, na fase de teste. Na condição C, foi emitido 0% de regras verdadeiras com consequências imediatas, na fase de treino, e atrasadas, na fase de teste. O Grupo 1 seguiu ao esquema A-B-C e o Grupo 2, ao esquema C-B-A. No Grupo 1, dois sujeitos apresentaram 100% de respostas de seguimento de regra, e os outros dois apresentaram 98,3% de respostas de seguimento de regra, totalizando o equivalente a 99,17% de seguimento. No Grupo 2, um sujeito apresentou 100% de respostas de seguimento de regra, dois sujeitos apresentaram 96,7% de respostas, e o outro apresentou 83,3% de respostas de seguimento, totalizando 94,17% de seguimento, para o grupo em questão. Os resultados referentes às condições experimentais com consequenciação imediata (treino) e atrasada (teste) para o seguimento de regra foram também analisados separadamente para cada grupo. Nas fases de treino, o Grupo 1 apresentou 100% de seguimentos de regra, enquanto o Grupo 2 apresentou 95% de seguimentos de regra. Nas fases de teste, o Grupo 1 apresentou 98,3% de seguimentos de regra, enquanto o Grupo 2 apresentou 93,3% de seguimentos de regra. Os dados revelam que, quando a resposta condizente com a regra não é consequenciada, ocorre uma variação, e se essa variação não for consequenciada, a ressurgência do seguimento da regra ocorre com poucas respostas de não seguimento. A relação entre falante e ouvinte construída por meio do reforço imediato determinou o efeito da regra quando as consequências foram atrasadas.

Palavras-chave: comportamento governado por regras, controle instrucional, mandos, comportamento verbal.



COMUNICAÇÕES ORAIS

A CORRESPONDÊNCIA É, REALMENTE, UMA QUESTÃO DE PROCEDIMENTO? *Nathália Mieko da Silva Hosoya*(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus de Paranaíba, MS), *Cristiane Alves* (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus de Paranaíba, MS).

Quando a questão é comportamento humano, muita ênfase tem sido dada ao comportamento verbal. Afinal, o ser humano é um ser, potencialmente, verbal. E, por isso, uma parcela significativa da complexidade do comportamento dos indivíduos tem sido atribuída ao comportamento verbal. Neste contexto, pesquisadores têm-se debruçado a investigar a relação entre o que a pessoa diz e o que ela faz. A verdade, a mentira, a promessa cumprida ou não, a omissão e o uso da fala como ferramenta terapêutica ou educacional são questões cotidianas beneficiadas pelas pesquisas em Psicologia, mais precisamente, pelos estudos baseados na relação entre comportamento verbal e não verbal. Esta área de investigação é denominada de “Correspondência”. As pesquisas que abrangem este tema são recentes, o primeiro estudo data de 1968, nele, os autores propuseram um procedimento eficaz para a aquisição da correspondência, o Treino de Correspondência. Desde então, muitas pesquisas tem sido realizadas, a fim de desvendar a relação entre o comportamento verbal e o comportamento não verbal correspondente. A partir de uma revisão de literatura, foi possível constatar que, apesar de a maioria das pesquisas manterem um procedimento padrão, constituído por Linha de Base (LB), Reforço da Verbalização (RV) e Treino da Correspondência (TC), são muitas as possíveis interpretações para a ocorrência de correspondência. Ressalta-se ainda que, algumas pesquisas atribuem, à queda nas publicações em meados da década de 90, à rigidez do procedimento e a escolha de uma mesma classe de participantes, no caso, crianças. Posto isto, a presente pesquisa teve como objetivo revisar os artigos nacionais e internacionais publicados referentes ao tema, separando-os em classes de acordo com as possíveis interpretações e explicações de como se constitui a relação entre os operantes verbal e não verbal. Da revisão dos artigos, pode-se concluir que há diversas possibilidades de entender a relação entre o comportamento verbal e o não verbal correspondente, dentre elas: 1) “dizer” e “fazer” como tendo função dos operantes verbais “tato” e “mando”; 2) “dizer” como estímulo discriminativo para o “fazer”; 3) a relação entre “dizer” e “fazer” pode sofrer a influência de variáveis como autocontrole, reforçamento diferencial, história de reforçamento, número de respostas requeridas; 4) “dizer” e “fazer” como um operante complexo; ou ainda 5) “fazer” independente ou dependente funcionalmente do “dizer”, ou vice-versa. Verificou-se ainda que, embora a estrutura do procedimento, de modo geral, seja a mesma na maioria dos estudos LB, RV, TC, as pesquisas se diferem quanto ao arranjo das contingências experimentais, tais como, coletar dados em grupo ou individualmente, o momento de liberação de reforçadores, as respostas alvo utilizadas e, mais recentemente, na escolha do público alvo. Em posse destes resultados, o presente trabalho fornece subsídios para a defesa da questão, que foi também levantada por outros pesquisadores, de que compreender a correspondência possa ser, realmente, uma questão de procedimento.

Palavras-chave: comportamento verbal, correspondência, procedimento.



A IMPORTÂNCIA E AS DIFICULDADES DA DESCRIÇÃO DE CLASSES DE COMPORTAMENTOS NA PROGRAMAÇÃO DE ENSINO. *Marcia Josefina Beffa, Maria de Lourdes M. Horiguela* (Unespar, Fecea, PR, Unesp, Marília, SP).

Ensinar e aprender, apesar de intrinsecamente relacionados, não oferece àqueles que se interessam pela Educação clareza do como se dá esse processo de interação. O planejamento elaborado com base nos comportamentos a serem desenvolvidos, bem como na escolha de procedimentos para atingir os objetivos traçados, consiste numa preparação fundamental para uma atuação docente de qualidade, porém desconsiderada na prática diária. Destaca-se a importância de considerar a relação entre o que o aprendiz faz e as condições diretamente relacionadas a tal ação: as condições antecedentes, a ação e as condições conseqüentes que sucedem tal ação. Na Programação de Ensino é necessário verificar a relação que se estabelece entre os objetivos comportamentais, a escolha das condições de ensino e o desempenho dos alunos no desenvolvimento, manutenção e generalização de comportamentos. O ponto de partida é a descrição dos comportamentos-objetivo e um arranjo de contingências de ensino com vistas a modelar os comportamentos desejados. Estas definições geralmente ocorrem a partir do conhecimento já produzido sobre os comportamentos a serem aprendidos e devem ser identificados e decompostos dos menos abrangentes para os mais abrangentes, um processo de dividir o comportamento em pequenas unidades de comportamentos hierarquizando-os sequencialmente para, assim, identificar quais aprendizagens são necessárias para que o aluno apresente o comportamento-objetivo. O estudo consistiu em descrever e analisar as classes de respostas envolvidas no elaborar problema de pesquisa, orientadoras na escolha e confecção de atividades no programa. Sendo o desempenho dos alunos nas atividades considerado uma medida comportamental destes objetivos ou classes e pré-condição no desenvolvimento do comportamento terminal, foi realizada uma análise e proposta de alterações quanto à reformulação das classes e ou das atividades, seja inclusão, omissão, redefinição ou reordenação de classes e atividades. O estudo aponta para a complexidade do processo de colocar uma resposta sob o controle de determinados estímulos, bem como falhas no processo de planejamento no arranjo de contingências, na descrição e hierarquização das classes de respostas e nos procedimentos e atividades propostas para desenvolvimento do objetivo terminal. Por isso, uma avaliação das classes de comportamentos, a correspondência com o desempenho dos alunos, bem como se essas classes são contingências favoráveis ao desenvolvimento dos comportamentos intermediários e terminal, são dados de fundamental importância para alterações no arranjo de tais contingências e cumprimento do objetivo do programa quanto ao desenvolvimento de elaborar o problema de pesquisa.

Palavras-chave: classes de comportamento, problema de pesquisa, análise de contingências.

Apoio financeiro: Fundação Araucária (PR)



A RELAÇÃO TERAPÊUTICA NA PSICOTERAPIA ANALÍTICA FUNCIONAL (FAP): UM ESTUDO DE CASO. *Claudia Razente Cantero, Simone Martin Oliani* (PsicC – Instituto de Psicoterapia e Análise do Comportamento, Londrina, PR)

O presente caso pretende ilustrar os benefícios da aplicação da Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) no contexto clínico analítico-comportamental. A FAP enfoca essencialmente na relação terapeuta-cliente, especialmente profunda, tocante e intensa. O atendimento do caso clínico selecionado foi realizado em uma clínica-escola, com início em abril de 2010. Renato tinha dezesseis anos, foi encaminhado pelo Centro de Referência de Assistência Social por violência doméstica. Renato é fruto de relacionamento extraconjugal de seu pai, que mora fora. Sua mãe faltava-lhe com os cuidados necessários, envolviam-se em agressões verbais e físicas e há dois anos morava com sua avó. Renato descrevia que sentia raiva de sua mãe, falava bem de seu pai e não tinha muitas esperanças em relação à sua vida futura. Falava com amargor das pessoas com quem se relacionava, não se mostrava sensível às relações interpessoais, dizia que devolvia às pessoas a forma como elas o tratavam. Nas sessões, Renato não falava sobre si. Dizia que se vestia para chamar atenção, e confirmava que seus comportamentos lhe produziam vantagens. Não descrevia seus comportamentos e as conseqüências que produziam. Quando a terapeuta solicitava a descrição de comportamentos encobertos, Renato se esquivava e voltava a produzir comentários ácidos a respeito das pessoas, fortemente munido de palavrões e alto tom de voz. A terapeuta procurou fortalecer a relação ao máximo com carinho e atenção a Renato. Após três meses de terapia, Renato relatou à terapeuta uma festa que teve como protagonista os comportamentos adversos e irresponsáveis no trato com os demais. A terapeuta, sensível ao que o cliente descrevia de suas relações interpessoais, descreveu-lhe como se sentiria em seu ambiente, quais as conseqüências de seus comportamentos e fez análise funcional dos comportamentos considerados problemáticos. A proposta da FAP auxiliou a terapeuta a estar de coração aberto para as necessidades do cliente, no frágil momento em que ele discriminou as conseqüências de sua ação. O foco foi trazer para nossa relação as conseqüências de seus comportamentos fora da sessão. A sessão que procedeu ao enfrentamento foi de renovação. Renato se mostrou mais sensível, e a terapeuta descrevia funcionalmente a análise de sua história, mostrando quais eram as conseqüências de seus comportamentos a curto, médio e longo prazo. A terapeuta incentivava Renato a descrever como ele estava se sentindo, a partir de modelos que ela fornecia. A relação foi se tornando mais intensa, e Renato mostrava-se mais sensível, descrevia e analisava as conseqüências da sua forma de se comportar, interagindo com as pessoas positivamente com elas, não sobre elas. A FAP auxiliou Renato a discriminar sobre quais contingências seus comportamentos estavam sob controle, além de torná-los sensíveis a elas, aumentando seu repertório social e diminuindo comportamentos de fuga e esQUIVA. Ao longo de um ano de trabalho complexamente intenso, a terapeuta sentiu-se satisfeita e prazerosamente feliz pelas conquistas adquiridas por Renato. Deste modo, a utilização da FAP no contexto clínico garante mérito em casos de dificuldade de relacionamentos interpessoais e formação de vínculo.

Palavras chave: relação terapêutica, FAP, análise funcional.



ANÁLISE FUNCIONAL DE EVENTOS ANTECEDENTES E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO: O QUE MOTIVA A DESOBEDIÊNCIA? *Camila Carmo de Menezes*. (Uniararas – Fundação Hermínio Ometto), *Márcia Cristina Caserta Gon* (UEL, Londrina, PR).

Uma das queixas mais comum dos pais que procuram atendimento clínico é o comportamento de desobediência. Pesquisas em análise funcional têm demonstrado que a descrição das variáveis antecedentes pode auxiliar na intervenção de problemas comportamentais, como a desobediência. Embora o número de estudos nesta área seja, ainda, escasso, os resultados têm demonstrado a relevância em compreender melhor as funções das variáveis antecedentes nos problemas de comportamento. Neste sentido, a avaliação funcional do comportamento de desobediência de crianças pode ajudar a identificar variáveis que influenciam sua ocorrência. A análise das variáveis antecedentes, em específico, ajuda a estabelecer contingências de reforçamento que mantêm o comportamento, isto porque elas podem alterar o valor reforçador de alguns eventos e aumentar ou diminuir a probabilidade de respostas que produzem estes reforçadores. O termo operação estabelecadora foi utilizado para descrever operações ambientais que poderiam ser efetuadas sobre o organismo para produzir modificações comportamentais, mais especificamente aquelas relações ambiente-comportamento descritas tradicionalmente como *drive*, impulso ou motivação. O termo operação estabelecadora pode ser descrito em função de seus dois efeitos principais: o efeito estabelecador e o evocativo. Uma operação estabelecadora pode: alterar momentaneamente a efetividade reforçadora de um evento ou estímulo, o que é denominado de efeito estabelecador; e alterar momentaneamente a frequência de respostas que têm sido anteriormente reforçadas por estes eventos ou estímulos, o que é denominado de efeito evocativo. Assim, o presente trabalho tem como objetivo: (1) discutir a influência dos eventos antecedentes no comportamento, (2) demonstrar como a avaliação direta do comportamento através da análise funcional pode ser realizada, e (3) exemplificar os efeitos da manipulação de variáveis antecedentes específicas (atenção e dificuldade da tarefa) no comportamento de desobediência de uma criança. As variáveis manipuladas nestas condições foram a dificuldade da tarefa (fácil ou difícil) e a atenção materna (presença ou ausência). Este exemplo é parte de um trabalho de dissertação de mestrado da primeira autora, no qual se utilizou um delineamento de multielementos. A criança passou assim por diversas sessões nas quais eram alteradas condições antecedentes (dificuldade da tarefa e atenção da mãe). As sessões eram de 10 minutos e todas foram gravadas e posteriormente analisadas. A análise dos resultados mostrou que a manipulação destes eventos antecedentes alterou a frequência das respostas de desobediência. E o método utilizado permitiu descrever a função destas variáveis, fortalecendo ou enfraquecendo contingências envolvidas na manutenção do comportamento de desobediência. Por fim pretende-se discutir como estes dados e o método utilizado podem ser úteis na avaliação clínica como parte do processo terapêutico.

Palavras-chave: desobediência, análise funcional, operação estabelecadora.



ANÁLISE FUNCIONAL DE UMA QUEIXA DE UM CASO DE COMPORTAMENTO ANTISOCIAL E AGRESSIVO. *Fabiana Cava, Simone Martin Oliani* (Faculdade Pitágoras de Londrina, PR).

Ao abordar um caso de terapia comportamental infantil, torna-se necessário atentar-se para os aspectos específicos desta forma de atuação, diferenciando-a das formas de intervenção com adultos. Uma característica essencial desta modalidade de trabalho é a participação ativa dos pais ou cuidadores no processo, pois como a psicologia comportamental atua com a modificação do ambiente, vale ressaltar que os pais tem um papel primordial com a criança, pois são estes que estão dispostos a maior parte das contingências que modelam e mantêm os comportamentos infantis. O objetivo deste trabalho é analisar uma queixa de comportamento anti-social, buscando as relações causais do problema relatado, a avaliação diagnóstica do caso e as intervenções propostas a partir dos dados coletados em entrevistas com mãe, tia e professoras e observações do cliente no ambiente escolar, bem como do ambiente terapêutico. Além dos resultados obtidos até o presente momento. Partindo dos objetivos, os atendimentos foram planejados tendo em vista intervenções que possibilitassem ao cliente: expressão de sentimentos, aumento de repertório comportamental, analisar o objetivo das regras, trabalhar o medo do cliente em dormir sozinho, emitir comportamentos adequados como forma de adquirir reforçadores ambientais, discriminar as contingências ambientais e as respostas adequadas a diferentes situações e aconselhamento familiar. Os comportamentos antisociais e agressivos podem ter muitos determinantes e as intervenções podem se dar em vários níveis. No caso apresentado analisou-se a importância de se trabalhar em primeiro lugar o cliente, ampliando o seu repertório com a aprendizagem de comportamentos alternativos aos agressivos e antisociais. Porém, requer mudanças advindas das pessoas que fazem parte do contexto ambiental da criança, como forma de alterar as contingências que mantinham o comportamento inadequado e assim, optou-se por orientações aos familiares como forma de proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento de atitudes apropriadas. O tratamento proposto para o caso apresentou resultados positivos para o cliente, com o alcance dos objetivos propostos, pois pode-se avaliar que os comportamentos iniciais considerados como anti-sociais (bater, xingar) diminuíram de frequência em casa e no ambiente escolar. As intervenções realizadas focaram os antecedentes e as consequências dos comportamentos do cliente, permitindo que o mesmo pudesse avaliar o que acontecia anteriormente e posteriormente à apresentação de suas respostas, descrevendo a que estímulos respondia em seu contexto e que mudanças poderia causar com suas alterações comportamentais. Com o aprendizado de novos comportamentos durante as sessões de psicoterapia, foi-se reforçando diferencialmente este novo repertório do cliente e possibilitando que as novas respostas fossem generalizadas no ambiente extrasessão. O que se pode verificar pelos relatos da mãe, professora e do próprio cliente é que houve um aumento de reforçadores no ambiente de D., contribuindo assim para que estes comportamentos adequados se mantenham no repertório e não sejam extintos. O aumento no número de reforçadores no ambiente proporcionou a diminuição da ansiedade e agressividade do cliente, que passou a discriminar as contingências presentes no contexto e a adequação de suas respostas como forma de aumentar ainda mais as formas de reforço advindas da comunidade verbal em que está inserido.

Palavras chaves: análise funcional, psicoterapia infantil, agressividade.



AValiação DA Relação Terapêutica EM Diferentes Momentos DO Processo Terapêutico. *Weslem Martins Santos* (Faculdades Integradas de Paranaíba, MS), *Juliano Setsuo Violin Kanamota* (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, MS), *Roberto Alves Banaco* (Núcleo Paradigma, São Paulo, SP), *Priscila Ferreira de Carvalho Kanamota* (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP), *Vitor Detomini* (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, MS).

Na pesquisa em psicoterapia dois grandes conjuntos de variáveis são considerados na explicação dos processos de mudança clínica do cliente. De um lado se encontram as denominadas variáveis específicas, que compreendem, por exemplo, a orientação teórica e metodológica empregada pelo terapeuta, sua experiência clínica e as técnicas das quais se utiliza ao longo das intervenções. Por outro lado, as variáveis denominadas como “não específicas”, ou como mais recentemente se tem sugerido, “não especificadas”, compreendem a relação terapêutica. Essa mudança na nomenclatura ocorreu em razão do caráter definitivo que sugeria a primeira, enquanto a segunda diz respeito a variáveis ainda não especificadas, que poderão se tornar especificáveis na medida em que a pesquisa sobre os componentes da relação terapêutica avance. Nesse contexto, esse estudo teve por objetivo descrever os comportamentos do terapeuta em diferentes momentos da terapia, relacionando-os ao estabelecimento e manutenção da Relação Terapêutica. Foram categorizados os comportamentos do terapeuta em duas sessões terapêuticas, de duas clientes (cliente 1 e cliente 2), em dois momentos distintos (início e meio) do processo terapêutico, a partir do Sistema Multidimensional de Categorização de Comportamentos na Interação Terapêutica - SIMCCIT. Além disto, em cada momento (início e meio) as clientes responderam ao Working Alliance Inventory (WAI), para avaliar a qualidade da relação terapêutica. Os resultados demonstraram que três categorias permaneceram como as mais frequentes nas duas sessões terapêuticas analisadas, são elas: Solicitação de Relato, Empatia e Facilitação. Embora esse padrão também tenha sido observado na sessão referente ao período intermediário da terapia, observou-se maior frequência relativa das demais categorias comportamentais, como Interpretação, Recomendação e Reprovação, que apresentaram menor frequência na sessão correspondente ao início da terapia. A maior frequência das categorias Solicitação de Relato, Empatia e Facilitação parece estar relacionada, no início da terapia, com uma maior avaliação pela Cliente 2 da Relação Terapêutica. A menor frequência dessas categorias, seguida de maior frequência das categorias Interpretação, Recomendação e Reprovação parecem estar relacionadas, na sessão correspondente ao período intermediário, a uma menor avaliação pela Cliente 1 da Relação Terapêutica, conforme resultados do WAI. Concluiu-se que as diferenças nas frequências das categorias comportamentais apresentadas nas duas sessões analisadas podem estar relacionadas com as diferentes avaliações das clientes a respeito da qualidade da relação terapêutica. Dessa maneira, os dados sugerem que uma maior frequência de verbalizações do terapeuta relacionadas à intervenção, embora relevante para o avanço da terapia, parece produzir impactos sobre a ligação entre cliente e terapeuta, o que poderia gerar uma menor avaliação do primeiro a respeito da Relação Terapêutica estabelecida com o segundo.

Palavras-chave: relação terapêutica, comportamentos do terapeuta, terapia analítico-comportamental.



BIOGRAFIAS DE SKINNER NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NACIONAIS: RETRATO OU CONSTRUÇÃO? *Mariana Frediani Sant'Ana, Carolina Laurenti* (Laboratório de Filosofia de Metodologia da Psicologia, Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR).

A palavra biografia vem do grego (βιογραφία: *Bíos* – significando vida e – *gráphein* significando escrita), e é definida como a descrição da vida de uma pessoa. Há diferentes modos de encaminhar essa definição. Uma delas entende que a biografia consiste em um retrato fiel de uma vida finalizada, a captação de uma história já dada e, por isso, imutável. Um bom biógrafo seria aquele capaz de descobrir os principais fatos que marcaram a vida de uma pessoa, e de enredá-los em uma cronologia que expressasse de maneira precisa a história do biografado, de modo a ser assimilada passivamente pelo leitor da biografia. Ainda que, nessa perspectiva, o estudo biográfico assumia, amiúde, um caráter exegético, as biografias foram usualmente concebidas como leituras secundárias, cuja função era de entretenimento. Tal concepção também se estendeu ao contexto científico: os dados biográficos, mesmo retratando a vida de um eminente cientista, não eram capazes de fornecer ganho cognitivo à compreensão da evolução científica. Porém, estudos iniciados na década de 1980 pela história da ciência mostraram a importância da biografia tanto para a construção da história quanto para a compreensão das transformações científicas. Além disso, houve uma mudança com respeito à natureza do trabalho biográfico. A biografia deixou de ser tratada como espelho da vida do biografado para ser concebida como uma interpretação, na qual o biógrafo atua como construtor de uma história, selecionando aspectos de uma vida caracterizada por eventos desconexos, não lineares. Tal seleção é orientada não só por questões cognitivas, mas também afetivas, motivacionais, e contextuais, de modo que a biografia pode ser entendida como produto da interação entre biógrafo, biografado, público-alvo e contexto. Dada a importância da biografia para a compreensão da história da ciência, este trabalho analisa como as biografias de B. F Skinner são apresentadas nos manuais e livros de história da psicologia, discutindo: quais aspectos de sua vida e obra são ressaltados, quais críticas são atribuídas a ele, e quais equívocos conceituais são cometidos com respeito aos seus principais textos. Isso foi feito por meio do exame de três biografias apresentadas em importantes livros de história da psicologia nacionais. Essa análise mostrou que as biografias ressaltam diferentes aspectos da vida de Skinner, cuja imagem oscila entre a figura de um psicólogo revolucionário no contexto da psicologia científica e a de um psicólogo cujos feitos não tiveram grande impacto, autor de uma teoria já ultrapassada e bastante criticada, assumindo uma importância meramente histórica. Considerando que os manuais introdutórios são utilizados por professores para apresentar as principais vertentes da psicologia, a discussão da importância e do caráter interpretativo do material biográfico pode ser útil para que o estudante de psicologia adote uma postura crítica em relação à obra do psicólogo biografado. Assim, a proposta deste trabalho não é a de estabelecer um tribunal sobre a veracidade ou a falsidade das biografias de Skinner, mas destacar a relevância dos usos dessas informações na formação de estudantes e pesquisadores.

Palavras-chave: biografia, Skinner, manual de história da psicologia.



CAPACITAÇÃO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA PROFISSIONAIS DA ÁREA PEDAGÓGICA POR MEIO DO SOFTWARE “ENSINO”. *Silvia Aparecida Fornazari, Giuliana Inocente, Bruno Sterza Baggio, Francislaine Flâmia Inácio, Maria Beatriz Carvalho Devides*, (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Pessoas com deficiências múltiplas podem apresentar alta taxa de emissão de comportamentos inadequados como: birra, autolesão, agressão, estereotipia e comportamento aberrante relacionado à sexualidade, criando a necessidade de redução desses comportamentos e aprendizado de práticas consideradas adequadas que as ajudem no seu desenvolvimento social, físico e cognitivo. A capacitação realizada neste trabalho visou a redução de comportamentos inadequados e aumento do repertório de comportamentos adequados de seus usuários, utilizando-se dos princípios da análise do comportamento aplicada: análise funcional e reforço diferencial de comportamentos alternativos (DRA). O procedimento consistiu em capacitar os quatro profissionais de um instituto especializado de Londrina-PR através do *software* “ENSINO”. O *software* consiste em apresentar algum conceito e em seguida mostrar um exemplo cotidiano referente ou não ao conceito dado, o participante terá que responder se é verdade que o conceito é referente ao exemplo ou se é falso. É formado por três etapas que apresentam, respectivamente: 1) conceitos da Análise do Comportamento (Comportamento, Resposta, Consequência, Estimulo Antecedente, Contingência, Reforço, Punição, Extinção, Discriminação, Generalização, Reforço diferencial, Análise funcional e DRA); 2) categorias de comportamentos inadequados, incluindo o que fazer a partir dos conceitos de análise funcional e DRA (Estereotipia, Autolesão, Agressão, Birra, Comportamento inadequado relacionado à sexualidade e Indisciplina); 3) conceitos de habilidades sociais (Comportamentos de civilidade, Fazer e responder perguntas, Assertividade, Solicitar mudança de comportamento, Resolução de problema, Componentes não verbais das habilidades sociais, Habilidades empáticas, Elogiar e Receber elogios). Cada etapa possui uma fase de treino e uma de teste, esta última irá avaliar se o conceito foi aprendido, se a porcentagem de acertos for menor que 80% o participante irá realizar novamente a fase de teste e treino deste conceito. Os resultados apontam, na Etapa 1 em que dentre os 14, 3 conceitos foram repetidos cada um por um participante diferente. A Etapa 2 foi a que apresentou maior número de repetições, sendo “agressão”, “comportamento inadequado relacionado à sexualidade” e “indisciplina” repetidos por dois participantes em cada uma dessas categorias. Na última etapa não houve repetições, esta foi a que apresentou maior índice de acertos. De acordo com a análise dos resultados provenientes do trabalho realizado observa-se que os profissionais que passaram por essa capacitação obtiveram no *software* aplicado uma média de acertos na Etapa 1, de 87% no treino e 90% na fase de teste; na Etapa 2 obtiveram 86% no treino e 74% no teste, o que demonstra que a Etapa 2 foi a que necessitou de maior número de repetições para obtenção do critério para mudar para a Etapa 3, que teve a média de 92% no treino e de 97% no teste, o que demonstra o melhor resultado em todas as Etapas. O que indica que o recurso informatizado utilizado é válido, pois proporciona a aprendizagem dos conceitos da análise do comportamento aplicada e esperam-se, conseqüentemente melhores atendimentos por parte dos profissionais aumentando a qualidade de vida da população de estudo.

Palavras-chave: deficiência múltipla, *software*, Análise do Comportamento.

Apoio financeiro: PROEX - UEL



CAPACITAÇÃO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA PROFISSIONAIS DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONDRINA: COMPARAÇÃO ENTRE DOIS MODELOS DE ENSINO INFORMATIZADO. *Sílvia Aparecida Fornazari, Carolina Martins Rizardi, Marcio Francisco Dias, Marina Rodrigues Salviati, Raquel Akemi Hamada.* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

Instituições que atendem pessoas com deficiências múltiplas enfrentam, entre alguns problemas, a alta emissão de comportamentos socialmente inadequados por parte de sua clientela. Com vistas para este problema, realizou-se um trabalho de natureza extensionista, que teve por objetivo capacitar os profissionais de um instituto especializado para o manejo dos comportamentos inadequados de seus usuários. Para tal, trabalharam-se, em momentos diferentes, dois softwares de ensino para capacitação dos profissionais. O conteúdo destes trazia noções básicas da Análise do Comportamento (AC) aplicadas à aprendizagem e ao manejo de comportamentos, em especial os inadequados, destacando-se conceitos como reforço, punição e extinção, ensinando ainda procedimentos de intervenção comportamental comoo DRA (Reforço Diferencial de Comportamentos Alternativos) e a Análise Funcional. A fim de verificar as diferenças entre o número de acertos dos participantes nos conceitos ensinados nos softwares, realizou-se uma comparação entre a média de acertos de todos os participantes em cada etapa dos dois softwares. Para a capacitação dos profissionais da saúde do instituto, foi utilizadoo software “Ensino a Professores”. Esse software é constituído de três etapas: 1) conceitos da aprendizagem na Análise do Comportamento (em duas fases), 2) Análise Funcional; e 3) procedimento de DRA. Para a capacitação dos profissionais da educação, foi utilizado o software “Ensino”, elaborado por um projeto de pesquisa do PGAC/UUEL. Essa versão também é constituída de três etapas. Entretanto, diferencialmente ao primeiro software, a primeira etapa deste trabalha conceitos da análise do comportamento, a segunda trabalha análise funcional e DRA em conjunto e, a terceira, habilidades sociais. Através dos resultados obtidos pelos softwares, foi possível constatar uma média de acertos maior que 80% para os dois softwares, sendo que no software “Ensino” (87 %), a média de acertos foi maior do que no “Ensino a Professores” (83%). Uma hipótese para a explicação da diferença de resultados entre os dois softwares se deve a: no primeiro, a metodologia utilizada é a de *matchingtosample*, sendo que cada conceito da AC era apresentado de modo randômico e tinha de ser relacionado à sua definição, e no segundo, os conceitos eram trabalhados um a um, com respostas de verdadeiro ou falso para cada conceito, obtendo-se uma aprendizagem mais eficaz no último modelo; ainda, enquanto no primeiro os conceitos eram ensinados randomicamente, no segundo tem-se uma sequência de conceitos a serem aprendidos, partindo-se da noção de reforço às de extinção, discriminação e generalização(Etapa 1), até as noções de Análise Funcional e DRA (Etapa 2) e de Habilidades Sociais (Etapa 3). Conclui-se ainda que a maior integração dos conceitos no segundo software (Etapa 2 apresenta os conceitos de Análise Funcional e DRA para uma mesma situação), o que favoreceu a aprendizagem dos profissionais. Ainda, o software “Ensino” pode ser considerado mais abrangente porque inclui os conceitos de Habilidades Sociais, que podem ter importância destacada no trabalho com problemas de comportamentos.

Palavras-chave: capacitação de profissionais, *software* de ensino, deficiência múltipla.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Apoio Financeiro: O trabalho obteve apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Londrina, em forma de bolsa de iniciação extensionista aos alunos autores do resumo.



CARACTERIZAÇÃO DOS USUÁRIOS DO SERVIÇO DE ACONSELHAMENTO GENÉTICO-UEL: SÍNDROME DE DOWN *Vania Galbes, Rafaela Zago de Mello, Renata Grossi, Áderson Luiz Costa Junior, Alex Eduardo Gallo, Wagner José Martins Paiva* (Departamento de Biologia Geral e Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR; Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento da Universidade de Brasília, DF).

A definição mais aceita atualmente sobre o Aconselhamento Genético se refere ao processo de comunicação que lida com problemas associados com a ocorrência ou com risco de ocorrência de uma doença genética em uma família e tem como principal finalidade prevenir uma enfermidade gênica ou cromossômica, deste modo diminuindo a frequência dessas anomalias na população humana. O aconselhamento Genético vai além do diagnóstico médico, os conselheiros genéticos devem atuar como facilitadores de um processo complexo de entendimento do que está ocorrendo com a família e agindo para que os consulentes façam um processo de ajuste perante a nova situação a ser vivenciada pela família. O Serviço de Aconselhamento Genético (SAG) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) tem capacidade de absorver até quatro pacientes por semana e visa: proporcionar o diagnóstico através do exame do cariótipo; oferecer esclarecimentos técnicos e/ou médicos do problema e orientações ao paciente/família. O paciente agenda a data do exame do cariótipo e quando chega para a coleta de sangue é abordado por estagiárias da Psicologia, que aplicam um Roteiro de Bioética para avaliar a autonomia do paciente encaminhado ao serviço. Percebeu-se que a maior parte dos pacientes é encaminhada por médicos, mas estes não fornecem informações claras a respeito do exame ou sobre os motivos do encaminhamento. Após a coleta do sangue, o paciente e/ou familiar é entrevistado, cujas informações auxiliarão na elaboração e realização da devolutiva, após o resultado. O presente trabalho tem como objetivo apresentar a caracterização da população com o resultado de Síndrome de Down nos anos 2009 e 2010. Os dados foram coletados a partir da categorização das informações da Entrevista Inicial e tabulados através do software Excel. Com base nos dados tabulados foi possível verificar que dos 86 casos que possuíam o termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo paciente/responsável, 22 tiveram o resultado de Síndrome de Down, sendo 11 de cada sexo e 19 deles com idade entre 01 dia e 1 ano. Em relação a idade da mãe a predominância foi da faixa etária entre 21 e 30 anos com 9 casos, seguido pela faixa etária de 31 a 40 anos com 7 casos. O motivo de encaminhamento mais frequente realizado pelos médicos foi características de Síndrome de Down, relatado em 19 casos. Do total de pacientes, 15 já receberam algum atendimento especializado antes de realizar o exame do cariótipo. Em relação às dificuldades apresentadas pelos pacientes quatro relataram ser em relação ao desenvolvimento físico e dois sobre aprendizagem. Sobre as dificuldades dos cuidadores problemas financeiros e de origem social foram o mais citado com 2 casos cada. Dos casos atendidos, 19 possuem rede de apoio sendo ela formada por familiares e amigos. As variáveis de contexto aqui identificadas favorecem uma análise médica e a atuação da psicologia, podendo facilitar o prognóstico do desenvolvimento da doença, ao aperfeiçoar e dinamizar o papel dos encaminhamentos e dos atendimentos a serem realizados e fortalecendo o repertório de participação das famílias nos atendimentos recomendados.

Palavras-chave: caracterização da população, síndrome de down, serviço de aconselhamento genético.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da PROEX.



COMENTÁRIOS DE UM TREINADOR DE FUTEBOL EM CONDIÇÕES DE TREINO E COMPETIÇÃO. *Juliano Setsuo Violin Kanamota, Lays Fernanda Belineli* (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

Vistas a importância e eficácia do uso do reforçamento na aprendizagem de novos comportamentos e habilidades é de grande relevância que as verbalizações dos treinadores sejam em grande parte desta natureza. Além de funções consequentes, as falas podem ter funções discriminativas, antecedentes ao comportamento. Essas falas podem ser caracterizadas como instruções e regras, as quais descrevem como o comportamento deve ser emitido. Quando as regras e instruções são completas, identificam o momento em que a ação deve ocorrer, a ação e as respectivas consequências, possibilitando clareza ao instruído. As regras e instruções são eficazes no ensino de novas habilidades, contudo, o reforço diferencial dos comportamentos alvos aumenta a probabilidade de tais comportamentos acontecerem novamente. Assim ficar apenas sob controle das regras não permite um desempenho melhorado, tal fato é mais provável que ocorra sob controle das contingências naturais do comportamento. O principal objetivo deste trabalho é categorizar e comparar comentários feitos pelo treinador direcionados aos atletas (alunos da escolinha de futebol) em situações de treino e competição e identificar diferenças ou semelhanças em cada situação observada e déficits ou excessos comportamentais nos comentários realizados. Participou da pesquisa um professor de educação física, treinador de uma escolinha de futebol. Foram observados dois treinos que precederam cada competição (T1A, T2A; T1B, T2B), nos quais foram feitas as gravações, por meio de um gravador MP4 pendurado em forma de colar no pescoço do participante, dos comentários do treinador direcionadas aos atletas. Em um segundo momento, foi realizada a gravação dos comentários do treinador direcionadas aos atletas em situação de competição (JÁ e JB). As verbalizações em ambos os contextos foram transcritas em um *notebook*, categorizadas pelo pesquisador e três auxiliares de pesquisa e comparadas pelo pesquisador. Os comentários do treinador foram categorizados de acordo com duas grandes categorias de análise: Negativa (demonstra desacordo com as atitudes do atleta), que se subdivide em Corretiva (aponta que as atitudes devem ser modificadas) e Irônico-repressiva (aponta com ironia que a atitude foi indesejada). Positiva (demonstra acordo com o desempenho do atleta), que subdivide-se em Reforçadora (aponta que o atleta deve manter ou repetir o comportamento apresentado), Motivadora (motiva a melhora do desempenho do atleta) e Instrucional (apresenta o que o atleta deve fazer em determinadas situações). Os resultados apontam que a categoria Instrucional ocorre com maior frequência em ambas as situações de análise. Os dados indicam, no entanto, uma diferença na frequência total de comentários. A frequência total de comentários foi maior durante ambos os jogos em comparação aos treinos precedentes. Além disto, a ocorrência de comentários reforçadores é pouco frequente, fato que pode ter implicações no aprendizado dos alunos/jogadores, fato que deveria ser investigado em estudos futuros.

Palavras-chaves: Psicologia no Esporte, categorização de comentários, Análise do Comportamento.



COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE SENTENÇAS EM IMPLANTADO COCLEAR PRÉ-LINGUAL: ESTUDO DE CASO. *Anderson Jonas das Neves* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, UNESP, Bauru, SP), *Ana Cláudia Moreira Almeida-Verdu* (Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, UNESP, Bauru, SP).

A compreensão e produção oral de sentenças é extensão qualitativa de competências de ouvinte e falante na comunidade verbal, sendo que a deficiência auditiva severa ou profunda pode comprometer a aquisição destas habilidades. Ao receber o implante coclear, restaura-se a sensação auditiva, exigindo um longo processo de reabilitação, no qual estudos da Análise do Comportamento oferecem contribuições na aquisição de repertórios receptivos e expressivos, por meio da equivalência de estímulos. O estudo de Golfeto (2010) permite compreender a aquisição destes repertórios aplicados às sentenças, representando significativo avanço para os estudos da área. O presente trabalho visou ensinar, em contexto clínico, relações condicionais de seleção de figuras correspondentes a sentenças ditadas e de ecóico dessas mesmas sentenças em uma criança com implante coclear e verificar os efeitos desse ensino sobre a nomeação de figuras a partir de sentenças. O aprendiz tinha 7 anos, gênero masculino, aluno do primeiro ano do ensino regular, com deficiência auditiva profunda pré-lingual, usuário de implante coclear há cinco anos, sendo acompanhado em serviços especializados em instituição de referência da região. Foram realizadas 17 sessões de 40 minutos, em média, em uma clínica-escola de uma universidade pública paulista. Como materiais foram utilizados um computador com programa PowerPoint® e o jogo Lince® para apresentação das tarefas de ensino e testes; as sessões foram registradas por uma câmera de vídeo. Os estímulos experimentais constituíram-se em um conjunto de sentenças ditadas (A) e por figuras correspondentes (B); as sentenças e as figuras foram organizadas em matrizes de ensino onde os elementos de ensino combinavam-se em substantivo-adjetivo e em sujeito-verbo-complemento. O delineamento consistiu em Pré-Teste de nomeação de sentenças (BD), Ensino de seleção de figuras após a sentença ditada (AB) e repetição de sentenças (AD), Pós-teste de nomeação e testes de nomeação de generalização recombinaiva de elementos que ocupavam a mesma função em sentenças distintas. Na matriz substantivo-adjetivo, o aprendiz não obteve acertos no pré-teste de nomeação de sentenças (0%), o que indica a ausência desta competência expressiva, após o ensino, obteve 79,19% no pós-teste de nomeação e 100% de acertos nas tarefas de generalização recombinaiva. Na matriz sujeito-verbo-complemento, não obteve acertos nos pré-testes e após a fase de ensino, seu desempenho foi preciso (100%) nos pós-testes, e na emergência recombinaiva de novas sentenças (100%) nos testes de generalização. Supõe-se que o planejamento das matrizes e o delineamento proposto no ensino foram condições para a obtenção da relação desejada entre repertório receptivo-expressivo envolvendo sentenças ensinadas, possibilitando a emergência de nomeação de novas sentenças, devido à generalização recombinaiva. Conclui-se neste estudo que, o contexto clínico sistematicamente planejado para o ensino de novos comportamentos considerados simbólicos foi efetivo para o estabelecimento de repertório expressivo adequado e emergência gerativa de novas sentenças no repertório lingüístico do aprendiz.

Palavras-chave: repertório recombinaivo, nomeação de sentenças, implante coclear.



COMUNICAÇÃO ANIMAL, EMOÇÃO E EXPRESSÕES FACIAIS. *Natalia Mendes Ferrer da Rosa* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina), *Célio Estanislau* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina).

A Psicobiologia, antes de ser uma área ou um campo de estudo, caracteriza-se como uma abordagem, uma maneira de se estudar o comportamento a partir de noções biológicas. Essa abordagem biológica do comportamento, mais que trazer ao debate da Psicologia temas novos, apresenta novas maneiras de se estudar temas clássicos. Ao levar ao debate informações biológicas, tanto sobre o funcionamento do organismo, como interpretações em termos de história evolutiva e de valor de sobrevivência, a Psicobiologia pode contribuir para diversos temas da Psicologia. O objetivo deste trabalho será o de abordar a comunicação emocional, com ênfase nas expressões faciais em humanos e outros animais. Em diversos animais, um indivíduo é capaz de influenciar os outros por meio de sinais: mudanças de postura, mudanças de cores, secreção de odores, sons, produção de luzes, campos elétricos, e expressões faciais. Esses sinais revelam status, estados corpóreos, territórios e emoções. Esta apresentação priorizará as expressões faciais (EF), pois o seu estudo pode dar aos pesquisadores uma base importante para entender e melhorar a comunicação interpessoal e intercultural humana. Tais expressões são identificadas em outros animais além dos seres humanos. Ao falarmos dos seres humanos, podemos identificar as mesmas EF em diversas culturas. Algumas emoções têm uma expressão que é universal, embora a forma como cada emoção é representada na linguagem, regras sobre a gestão de emoções, atitudes sobre cada emoção, e as suas consequências sociais variam entre e dentro das culturas. As primeiras EF consideradas universais foram: raiva, medo, nojo, alegria, tristeza e surpresa. Mais recentemente, a expressão de desprezo tem atingido certo grau de concordância sobre sua universalidade. Curiosamente, é a única que é apresentada de forma unilateral, as demais são apresentadas bilateralmente (expressada nos dois lados da face). Embora alguns autores tenham proposto a existência de outras EF universais, os estudos ainda não as comprovaram suficientemente. A existência de emoções básicas, universalmente reconhecidas tem considerável importância na Psicologia. Tais expressões servem como uma plataforma para se pensar na filogênese e compreender a interseção entre as influências biológicas e culturais sobre o comportamento. A literatura científica levantada traça interessantes paralelos entre o comportamento humano e o de outros animais e indica que o estudo das expressões faciais se faz de extrema importância para a atuação de diversos psicólogos, seja nas áreas de clínica, saúde, social, recursos humanos, jurídica ou do esporte, afinal a todo o momento os mesmos se deparam com tais expressões.

Palavras-chave: Psicobiologia, expressões faciais, comunicação animal.



CONTRIBUIÇÕES DO PARADIGMA DA EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM ADOLESCENTE COM DISTÚRBIOS NA FALA. *Anderson Jonas das Neves* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, UNESP, Bauru, SP), *Ana Cláudia Moreira Almeida-Verdu* (Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, UNESP, Bauru, SP).

O contexto clínico evidencia-se enquanto lócus de ensino, uma vez que por meio do planejamento de contingências de ensino, criam-se condições efetivas para aprendizagem de novos repertórios. No que concerne ao ensino de repertórios a pessoas com necessidade educacionais especiais, o comportamento verbal se constitui em um alvo importante, por permite o acesso e manejo do aprendiz em diferentes contextos acadêmicos e sociais que exigem o ler, o escrever, o ouvir e o falar, sendo que os paradigmas da equivalência de estímulos têm fornecido o critério operacional para o planejamento destas condições de ensino. O presente trabalho visou ensinar, em contexto clínico, relações condicionais de seleção de figuras, de escrita e de composição silábica em uma criança atrasos na linguagem oral e verificar os efeitos desse ensino sobre a nomeação de figuras. O aprendiz tinha 11 anos, gênero masculino, aluno do quinto ano do ensino regular, com diagnóstico de Hipoplasia Cerebelar, o que produz o comprometimento significativo da linguagem oral-expressiva e coordenação motora fina. As sessões foram, realizadas no primeiro semestre de 2011 em uma clínica-escola de uma universidade pública paulista. Como materiais foram utilizados o brinquedo Montpark do Gugu® (quatro objetos tridimensionais, sendo martelo, parafuso, serrote e rosca), figuras impressas correspondentes, vídeos no computador, atividades impressas, papel sulfite, jogo das letras® e jogo da força®. Os estímulos experimentais constituíram em nos conjuntos A (palavras ditadas martelo, parafuso, serrote e rosca), B (figuras e objetos correspondentes), C (palavras impressas) e E (palavras correspondentes divididas em sílabas). O delineamento consistiu em três etapas: pré-testes das relações presentes no ensino, ensino de relações condicionais e pós-testes (repetição do pré-teste). No pré-teste, o aprendiz apresentou desempenho aquém de 50% em todas as tarefas de seleção (AB), escrita diante da figura (BF), composição da palavra por sílabas diante da figura (BE) e nomeação de figuras (BD). Na etapa de ensino, este foi exposto sistematicamente a três tentativas em cada bloco de ensino de relações condicionais, sendo articulado com procedimentos de correção apresentava erros e quando acertava seu desempenho era elogiado. As relações condicionais ensinadas foram: seleção do objeto ou figura diante da palavra ditada (AB), imitação vocal (AD) quando ocorriam distorções na pronúncia, escrita por ditado (AF), nomeação diante do objeto/figura (BD), composição da palavra pelas sílabas diante da figura (BE), escrita diante da figura (BF), seleção de figura diante da palavra impressa (CB) e leitura (CD). Quando exposto ao pós-teste, o aprendiz demonstrou aumento do escore em nomeação de figuras (BD) precisa (100%), possivelmente pela modelagem da topografia vocal durante o ensino ecóico. Outro elemento relevante é que o fortalecimento da leitura e da escrita funciona com recurso suplementar para precisão da nomeação, devido ao controle grafo-fonológico das unidades mínimas da palavra. Infere-se ainda que, o ensino das demais relações condicionais pode, indiretamente, ter favorecido o fortalecimento deste operante verbal oral. Conclui-se neste estudo que, o contexto clínico sistematicamente planejado para o ensino de novos comportamentos considerados simbólicos foi efetivo para a melhora, sobretudo o estabelecimento da nomeação com correspondência pontual do aprendiz.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Palavras-chave: desenvolvimento da linguagem, educação especial, hipoplasia cerebelar.



DE VOLTA À ESCOLA: A REINSERÇÃO DO ALUNO EM TRATAMENTO DE CÂNCER. *Maria Rita Zoéga Soares, Claudia RazenteCantero, Leila Caroline Ciola, Eva Carolina Guimarães* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

O câncer é considerado uma experiência difícil principalmente para crianças porque, na maioria das vezes, sofre para se adaptar ao tratamento, seus efeitos (modificações físicas) e conseqüências (alterações em sua rotina diária). Enquanto protagonista deste processo deve ser informada e orientada sobre a doença e o tratamento, além de mudanças que ocorrerão em sua vida. Após confirmação do diagnóstico, o tratamento torna-se prioridade e a criança deve se submeter a determinados procedimentos médicos, precisando se afastar por um período do ambiente escolar. Sabe-se que a escola é um contexto importante para o desenvolvimento da criança como um todo e consolida as bases para sua participação na sociedade. Assim, faz-se necessário que nesse período, professores compreendam a importância de realizarem adequações em práticas pedagógicas de acordo com as necessidades da criança enferma. O presente trabalho teve por objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre o apoio e a orientação educacional de crianças que estão em tratamento oncológico. Evidencia-se a importância da relação entre escola e hospital, o que contribui para o rendimento acadêmico da criança e o fortalecimento do repertório comportamental relacionado ao enfrentamento e a melhoria na qualidade de vida. Cabe a escola preparar professores e funcionários, bem como oportunizar troca de experiências e conhecimento entre profissionais da área da saúde, investindo em aprimoramento profissional de qualidade e evitando a defasagem escolar do paciente oncopediátrico. Alguns programas de orientação foram criados com o objetivo de capacitar e instrumentalizar professores e alunos sobre as características do câncer, etologia, formas de tratamento e efeitos colaterais. Alunos e professores bem informados podem auxiliar o retorno e a adaptação da criança em tratamento à escola. Em relação ao ambiente hospitalar, merece destaque a formulação da Política Nacional de Educação Especial, que propõe que a educação em hospital seja realizada por meio da organização de classes hospitalares para auxiliar a manter o contato com o ensino regular. Nesta modalidade, o professor procura adequar a programação às atividades em andamento nas classes originais dos alunos. A escolarização é um direito da criança e a classe escolar possibilita sua inserção em atividades cotidianas e contribui para que ela se perceba ainda membro desse contexto. Tal situação, além de contribuir para o retorno às atividades acadêmicas e sociais, evita o afastamento prolongado ou ausências esporádicas que produzem prejuízos acadêmicos. Enfim, tanto o hospital como a escola devem dispor de programas e atividades específicos ao atendimento de necessidades globais da criança em tratamento do câncer. Professores devem se deslocar ao contexto hospitalar com intuito de garantirem o acesso a conteúdos e adaptando as atividades acadêmicas ao contexto de tratamento. Do mesmo modo, a escola deve receber orientação de profissionais da saúde com relação a aspectos relacionados à enfermidade, tratamentos e possíveis efeitos colaterais. Tal condição contribui para o desenvolvimento de repertório comportamental que facilite a adaptação da criança e promova, com outros alunos e profissionais, um contexto para melhor compreensão, discussão e aceitação de limitações impostas pela doença e tratamento.

Palavras-Chave: tratamento oncológico, reinserção escolar, classe hospitalar.



DIFERENTES CLASSIFICAÇÕES DE REFORÇO E O ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Tais da Costa Calheiros, Rodrigo Dal Ben de Souza* (Centro Universitário Filadélfia, Londrina, PR), *Victor Hugo Bassetto* (Centro Universitário Filadélfia, PsicC, Londrina, PR), *Simone Martin Oliani* (Universidade Estadual de Londrina, PsicC, Londrina, PR).

A conceituação de reforço, reforçador e reforçamento, enquanto procedimento e processo, nem sempre fica clara para o terapeuta iniciante, nem tampouco para o graduando que geralmente desempenha a função de Acompanhante Terapêutico (AT) em uma intervenção extraconsultório, sendo a busca por fundamentação teórica um movimento contínuo desses terapeutas e graduandos. O presente trabalho apresenta uma análise da produção científica a respeito de diferentes classificações de reforço, enquanto processo e procedimento, em relação à atuação do Acompanhante Terapêutico. A partir dessa caracterização introdutória, o presente trabalho contribui para uma prévia organização do campo de estudo e aponta possíveis direcionamentos para novas pesquisas sobre o tema. Para tal fim, foi feita uma revisão bibliográfica de artigos científicos identificados a partir do Google Acadêmico, utilizando as seguintes palavras-chave, dispostas entre duplas aspas e com o critério de ter uma dessas expressões: “*reforço natural*”; “*reforço arbitrário*”; “*reforço intrínseco*”; “*reforço extrínseco*”; “*reforço automático*”; “*reforçamento natural*”; “*reforçamento arbitrário*”; “*reforçador intrínseco*”, “*reforçador extrínseco*”; “*reforçador automático*”, no período de 2002 a 2012, no idioma português, com publicação *online* em revistas científicas, podendo ser referente à pesquisa experimental, teórica ou aplicada em Psicologia. O Google Acadêmico foi escolhido por agrupar diversas bases de dados, como o Scielo e BVS. A análise dos dados foi feita de forma quantitativa e qualitativa. Foram obtidos 25 artigos, registrados em duas tabelas comparativas de caracterização da produção científica: 1) Número de publicações por área de conhecimento em Psicologia (Teórica/Conceitual, Experimental e Aplicada) em cada ano do período selecionado; 2) Caracterização dos artigos científicos por categorias de análise: objetivo e método (participantes, procedimento, resultados, discussão). De todos os artigos encontrados, nenhum estava voltado para o trabalho do AT, nem tampouco fazia menção aos conceitos experimentais aplicados nessa prática. A partir disto, foi feita uma nova busca, com os mesmos critérios de seleção anteriores, utilizando as palavras-chave “*acompanhante terapêutico*” e “*análise do comportamento*”. Resultaram três artigos que discorrem sobre a atuação do AT, sendo que apenas um artigo menciona alguma das diferentes classificações de reforço, elencadas anteriormente como palavras-chave. Esses trabalhos acerca do Acompanhante Terapêutico foram analisados qualitativamente a partir das informações da Tabela 2. A partir da amostra selecionada, os dados revelam escassez da produção científica acerca dessa possível articulação entre as diferentes classificações de reforço e a atuação do AT. A formação do profissional ou graduando em Psicologia interessado nesse tipo de experiência precisa ser discutida, estudada e divulgada nas publicações científicas, fundamentando o aprimoramento de conceitos técnicos às intervenções extraconsultório, as quais acontecem em contextos complexos e dinâmicos.

Palavras-chave: reforço, acompanhante terapêutico, Análise do Comportamento.



DESENVOLVIMENTO DE UM GUIA EDUCATIVO PARA PAIS DE ATLETAS. *Thalita Canato, Silvia Regina de Souza* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Pesquisadores da análise do comportamento têm desenvolvido ao longo dos anos diferentes materiais e tecnologias que contribuem para que as pessoas possam ampliar e aperfeiçoar habilidades. Entre eles estão os jogos de tabuleiros, livros informativos, vídeos, jogos de cartas e *software*, usados nos mais diferentes contextos. Uma das áreas de inserção da psicologia e análise comportamento é o esporte e a atividade física. Atualmente, muitas crianças e adolescentes praticam atividade física ou esporte de alto rendimento. Algumas persistem por anos na prática de uma modalidade, outras trocam de modalidade com frequência e muitas desistem. São vários os motivos que levam uma criança a praticar esportes, entre eles, o incentivo dos pais. Os pais são os maiores incentivadores e os torcedores mais presentes nas competições, desempenhando um papel importante, pois torcem, elogiam e motivam os filhos e a equipe. No entanto, sabe-se que muitos apresentam alguns comportamentos que podem prejudicar o desempenho dos filhos no esporte, sendo que muitas vezes, não imaginam que poderiam prejudicar a criança. Entre esses comportamentos estão as instruções durante as competições; as críticas aos atletas, árbitros e treinadores; e as comparações com outras crianças, que podem ser irmãos e primos ou colegas de equipe. A partir de observações da relação entre pais e filhos no esporte, do relato de treinadores e pesquisas na área, percebeu-se a necessidade de desenvolver um guia educativo para pais de atletas, com o objetivo de auxiliar na orientação desses pais, possibilitando a aprendizagem de comportamentos que possam contribuir para uma melhor interação entre eles, seus filhos, a equipe e os treinadores. Para elaboração do guia foi realizada uma pesquisa bibliográfica no Portal de Periódicos da Capes e *sites* de busca da *internet*. O guia foi desenvolvido com ilustrações e dividido em: Parte I- antes da competição, Parte II- durante a competição, Parte III- o treinador e os pais, Parte IV- resultado da competição, Parte V- Lembretes. Em cada situação das Partes I, II, III e IV, são apresentados modelos de comportamentos dos pais, considerados adequados e inadequados. O material foi avaliado por seis pais de atletas. De acordo com o relato dos pais o guia é adequado para o ensino de alguns comportamentos, além de lhes permitir refletir sobre a interação entre eles e seus filhos. O desenvolvimento de materiais como o guia para os pais é importante pois com a ajuda deles é possível desenvolver investigações que contribuam para melhorar a interação entre pais e filhos.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, guia educativo, pais de atletas.

Apoio financeiro: Thalita Canato recebe bolsa da Agência de Fomento CAPES.



DROGAS: UMA PREOCUPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA. *Patrícia de Fátima da Silva, Adriana Dosso* (Departamento de Psicologia, UNIPAR-Universidade Paranaense, Cascavel, PR)

Escola tem um papel fundamental em nossa sociedade, e a seu valor tem acrescido pela ampliação das possibilidades de melhorias para projetos de educação antidrogas. É muito importante observar que o uso de drogas está associado a um número muito grande de problemas, principalmente violência, acidentes e AIDS (SENAD, 2010). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o termo “droga” inclui todas as substâncias químicas, naturais ou sintéticas, que modificam o funcionamento do organismo, ou seja, podem ser lícitas ou ilícitas, e se introduzidas no organismo através da corrente sanguínea, atinge o sistema nervoso central, onde provocam alterações no estado emocional (psíquico) e no grau de consciência, além das alterações de comportamento. As substâncias capazes de alterar o funcionamento mental ou psíquico são denominadas psicotrópicas ou psicoativas. Essas substâncias atuam no Sistema Nervoso Central, modificando a maneira de sentir, pensar e agir do indivíduo. Assim, essas alterações psicológicas e sociais afetam principalmente a relação dos adolescentes, ou seja, quando essas substâncias entram em contato com o organismo, a mesma compromete tanto a consciência quanto o comportamento do adolescente, apresentando sintomas, como: agressividade, isolamento, dentre outros. Logo, a escola acaba sendo muitas vezes o palco privilegiado dessas atuações, e por isso ela tem o dever de alertar/informar sobre a prevenção do uso das drogas, tendo como aliado fundamental o incentivo da família em acompanhar o desenvolvimento de seus filhos no ensino, assim como, usarem de métodos preventivos (oficinas educativas e palestras) para comunicar sobre práticas de atividades de redução de danos, ou seja, ações que visem minimizar as consequências danosas obtidas pelas drogas. A escola como é uma instituição que está vinculada com seus alunos deve criar estratégias que envolva toda a comunidade num enfrentamento coletivo, tendo parcerias com outras secretarias do estado (saúde, assistência social, policiais) para minimizar os problemas causados pelas substâncias. De acordo com Rocha (1988), os programas educacionais antidrogas têm como objetivo, a consciência social de ser um bom cidadão para garantir os serviços oferecidos do governo: segurança, trabalho e dignidade; o desenvolvimento de modos responsáveis: familiar, cultural, esportiva, proporcionando ação no sistema de valores, no autoconhecimento e no relacionamento social. A partir dos programas educacionais, pode-se pensar em formas de tratamento, que segundo Taub (2004), existem variadas formas disponíveis para o abuso e a dependência de álcool e drogas. Entre eles se destacam profissionais (médico, psicólogo, etc.) e também grupos de autoajuda e comunidades terapêuticas. Porém, não existe uma forma de tratamento que seja universalmente a melhor, isto é, a pessoa pode tentar vários caminhos até encontrar o mais eficaz para si. E os projetos e planos educacionais têm que haver em sua estrutura esquemas de avaliação, para que na prática possa verificar sua eficácia, tendo mudanças positivas.

Palavra Chave: drogas na escola, substâncias, programas educacionais.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com o apoio financeiro da UNIPAR



EFEITOS DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL PARA PAIS DE ADOLESCENTES COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E DÉFICITS EM HABILIDADES SOCIAIS. *Priscila F. C. Kanamota, Alessandra T. Bolsoni-Silva* (UNESP, Bauru, SP), *Jucimeri Thewes, Hannah Cláudia Gimenes, Vanderlei de Souza Monteiro, Juliano Setsuo Violin Kanamota* (UFMS, Paranaíba, MS).

O ensino de práticas educativas parentais por meio de um programa padronizado de intervenção para pais/ cuidadores em grupo, é apontado em diversos estudos como efetivo para o desenvolvimento de habilidades sociais educativas de pais/cuidadores e a redução dos problemas de comportamento de filhos, em idade pré-escolar. O presente trabalho teve como objetivo apresentar os resultados obtidos com a utilização de um programa de intervenção para pais/cuidadores em atendimento psicoterápico individual, com mães de filhos adolescentes. Participaram da pesquisa duas mães (P1 e P2) com indicativos de déficit em práticas educativas positivas e excesso de práticas educativas negativas, cujos filhos adolescentes apresentavam problemas de comportamento internalizantes e externalizantes. Foram utilizados os instrumentos RE-HSE-P (Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais); o CBCL (ChildBehaviorChecklist) e o inventário RAF (Recursos do Ambiente Familiar), os quais foram aplicados antes e após o processo terapêutico. As intervenções foram realizadas semanalmente, totalizando 14 encontros, nos quais discutidos temas como: Iniciar e manter conversação, Fazer e responder perguntas; Expressar sentimentos positivos; Conhecer direitos humanos básicos; Expressar opiniões; Conhecer diferenças entre comportamento habilidoso, não habilidoso ativo e não habilidoso passivo; Expressar sentimentos negativos; Fazer e recusar pedidos; Lidar com críticas; Estabelecer limites: Consistência na forma de interação como os filhos; Atitudes dos pais que dificultam o estabelecimento de limites aos filhos; Ignorar comportamentos problema; Consequenciar comportamentos socialmente habilidosos, dar atenção, expressar afeto e Solicitar mudança de comportamento. Os resultados apontaram o desenvolvimento de habilidades sociais educativas parentais para ambas as participantes, além da redução de problemas de comportamento para um dos adolescentes. A análise dos dados do instrumento RE-HSE-P revelam, por meio de uma análise funcional, os padrões de interação mãe-filho em três quesitos: comunicação, expressividade e estabelecimento de limites. Os três quesitos indicaram no pós-teste, em comparação ao pré-teste, aumento das habilidades educativas parentais para ambas as mães, aumento na habilidade social dos filhos de P1 e P2 e a redução nos problemas de comportamento da filha de P1. A análise do CBCL da filha de P1 no pré-teste indicou escore clínico para comportamentos internalizantes e externalizante. No pós-teste, os escores para comportamento inter e externalizantes foram clínico e não clínico, respectivamente. Os resultados do inventário RAF avaliados em três domínios (processos proximais, relação família -escola e estabilidade na vida familiar) indicaram aumento para P1 e P2 no pós-teste em relação ao pré-teste. Dessa forma, pode-se perceber que resultados semelhantes aos encontrados em terapia de grupo com pais de pré-escolares, puderam ser observados na intervenção individual com mães de filhos adolescentes.

Palavras-chave: habilidade social educativa parental, psicoterapia, problema de comportamento.



EFEITO DO ENCADEAMENTO DE PALAVRAS EM UM TESTE DE CONECTIVIDADE E DO ENSINO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS ENVOLVENDO ANIMAÇÕES SOBRE A LEITURA DE SENTENÇAS. Ana Carolina Zuanazzi Fernandes, Verônica Bender Haydu (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

A dificuldade em se ensinar a leitura com compreensão e escrita para crianças e, até mesmo, adultos têm sido relatada cotidianamente pelos educadores, havendo a necessidade de se desenvolver métodos que sejam eficientes para o ensino dessas habilidades. Estudos realizados em condições controladas com o modelo da equivalência de estímulos têm mostrado que esse modelo é eficaz para o ensino de leitura de palavras tanto para crianças quanto jovens e adultos. No presente estudo, investigaram-se quais são os efeitos que o ensino de leitura de palavras por meio do modelo de equivalência de estímulos, seguido pelo ensino de sentenças por meio de encadeamento tem sobre a leitura com compreensão das sentenças ensinadas e de sentenças inéditas (sentenças de generalização). Participaram do estudo oito crianças, de ambos os gêneros, com a idade variando entre 7 e 9 anos, que frequentam o 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental na cidade de Londrina e que não liam fluentemente palavras com dificuldades da língua portuguesa e que não sabiam ler sentenças com mais do que duas palavras. O procedimento, foi composto por seis etapas, sendo que a complexidade de cada etapa foi aumentando gradativamente até que se alcançasse a aprendizagem de sentenças completas. Foi empregado um *Notebook*, com monitor de 15", o programa PROLER (software – Sistema Computadorizado para o Ensino de Comportamentos Conceituais) para a apresentação das tarefas de MTS (*matchingtosample*). Foi comparado o desempenho de cada participante no teste de encadeamento de sentenças mistas e no teste de conectividade com sentenças inéditas. Também foi feita a comparação entre o pré-teste e o pós-teste. Cinco participantes tiveram melhor desempenho no teste de conectividade (P01 5%; P03 12%; P05 11%; P07 8% e P08 3%) após passarem pelo treino de encadeamento bem como pelo teste de sentenças mistas. Quando comparado o pré-teste com o pós-teste, percebe-se uma melhora na leitura fluente dos participantes. A leitura de palavras no pós-teste teve melhores resultados quando comparado com o pré-teste (aumento de 10% - P02 e P04; 20% - P01; 30% - P08; P03 e P05 e 50% em P06 e P07). A leitura de sentenças que foram ensinadas durante o procedimento também foi melhorada (aumento de 40% - P02; 60% - P04; 80% - P01, P03 e P06; 90% - P08 e aumento de 100% em P05 e P07). Conclui-se com esses resultados que o procedimento de encadeamento bem como o ensino de relações condicionais envolvendo animações teve efeito positivo sobre o ensino de leitura em crianças.

Palavras chave: equivalência de estímulos, leitura, aprendizagem.

Apoio: Verônica Bender Haydu é bolsista produtividade em pesquisa da Fundação Araucária e Ana Carolina Zuanazzi Fernandes é bolsista PIBIC, CNPq; apoio financeiro (Processo N.: 400729/2010-5).

EQUIVOCOS COM O DIAGNÓSTICO DE TDAH: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO.

Paulo Aguiar, Simone Oliani (Faculdade Pitágoras de Londrina, UEL, Londrina)

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno de Aprendizagem, com os estudos e as publicações dos últimos 10 anos, têm sido freqüentemente disseminados pelos meios de comunicação, tornando estes transtornos de domínio público. Assim, a biologização dos comportamentos e a rotulação do sujeito têm sido utilizadas de forma exacerbada, por profissionais da educação e pais, algumas vezes buscando o controle de determinados comportamentos através da medicalização. Professores e coordenadores com dificuldades com a indisciplina escolar, aconselham pais a encaminharem os alunos a um serviço especializado, comumente ao médico neurologista. Dessa forma, os diagnósticos justificam o fracasso escolar, o baixo rendimento e a indisciplina dos estudantes, excluindo quaisquer outras contingências presentes no ambiente escolar ou familiar. O presente estudo relata o atendimento, na escola, de um adolescente que cursava a 7^o serie do ensino fundamental da Rede Pública da cidade de Londrina. O aluno foi encaminhado para atendimento pela instituição, por indisciplina e hiperatividade. Foram realizadas duas entrevistas com a responsável, uma com a coordenadora da escola e vinte sessões de psicodiagnóstico com o aluno, incluindo observação em sala de aula, sendo que os atendimentos ainda prosseguem em andamento. Verificou-se através das sessões realizadas que o aluno, não apresentou os padrões comportamentais do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e do mesmo modo, nenhum outro transtorno. Entretanto, o adolescente foi diagnosticado por um especialista, com depressão e transtorno de ansiedade, sendo usados no tratamento das patologias os correspondentes medicamentos. Todavia, os comportamentos de indisciplina do aluno estão relacionados à função exercida pelas contingências reforçadoras do ambiente escolar e familiar. Nas observações em sala de aula o aluno apresentou comportamentos adequados ao contexto escolar, porém segundo relatos da diretora da escola e da mãe do aluno, havia a suspeita de uso de drogas, sendo corroborado através das sessões. Suponha-se que a indisciplina do aluno estava ligada aos comportamentos de contracontrole com relação às regras inconsistentes e punições escolares e, a falta de arranjo de contingências reforçadoras no ensino. No ambiente familiar havia ausência de diálogo entre os familiares e alguns membros utilizam-se de drogas lícitas e ilícitas como forma de esquiva as contingências aversivas. Este caso parece fazer parte de uma crescente estatística de banalização de diagnósticos, verificou-se que o diagnóstico foi realizado sem uma previa análise das contingências do comportamento do adolescente. Por fim, considerando os dados para o psicodiagnóstico, onde foram analisadas as contingências reforçadoras do ambiente escolar e familiar e as patologias diagnosticadas, avaliou-se que o comportamento do adolescente era funcional considerando as contingências que reforçavam os comportamentos displicentes. Sugere-se que seja realizada uma análise funcional sobre as contingências presentes no ambiente, sendo indispensável um trabalho multidisciplinar entre psicólogos, professores e médicos, de forma, que não ocorra uma medicalização de crianças e adolescentes, sem quaisquer critérios diagnósticos.

Palavras chave: TDAH, uso de drogas, adolescente, análise funcional.



EFEITO DOS COMPORTAMENTOS DE RECOMENDAÇÃO E EMPATIA DO TERAPEUTA NA AVALIAÇÃO DO CLIENTE SOBRE A RELAÇÃO TERAPÊUTICA: RESULTADOS PRELIMINARES. *Priscila F. C. Kanamota; Alessandra T. Bolsoni-Silva* (UNESP, Bauru, SP), *Vitor Corrêa Detomini; Nathalia Mieko da Silva Hosoya, Fernanda Angélica de Souza, Juliano Setsuo Violin Kanamota* (UFMS, Paranaíba, MS).

A relação terapêutica tem sido identificada como uma das principais variáveis relacionadas ao sucesso da psicoterapia. Apesar de não haver na literatura definição precisa de quais comportamentos do terapeuta estão relacionados com o seu estabelecimento, há indicativos de que comportamentos diretivos como dar recomendações estejam correlacionados a baixa adesão em terapia enquanto comportamentos empáticos estejam correlacionados com resultados positivos da terapia. O presente estudo tem como objetivo verificar os efeitos dos comportamentos de Recomendação e Empatia do terapeuta na avaliação do cliente sobre a relação terapêutica. Participaram de terapia individual, duas mães (P1 e P2) de adolescentes com problemas de comportamento externalizantes e/ou internalizantes; uma psicóloga, formada, com registro no Conselho Regional de Psicologia e quatro avaliadores previamente treinados a transcrever e categorizar as falas do terapeuta e clientes. O processo terapêutico foi constituído de 20 sessões, distribuídas em seis fases de acordo com um delineamento experimental de sujeito único (A, B, C, D, A'). Na Fase A, diagnóstica, foram aplicados o CBCL (Child Behavior Checklist), o WAI (Inventário de Aliança de Trabalho), o RAF (Inventário de Recursos do Ambiente Familiar) e realizada duas entrevistas, uma semi-estruturada para investigar queixas e variáveis relacionadas e outra a partir do Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). Na fase B, linha de base, teve início o processo de intervenção terapêutica. A Fase C se caracterizou pela apresentação do comportamento Recomendação como o de maior frequência durante 3 sessões terapêuticas consecutivas. A Fase D se caracterizou pela apresentação do comportamento Empatia do terapeuta como o de maior frequência, também por 3 sessões consecutivas. Na fase A', término da terapia, houve a reaplicação dos instrumentos da Fase A. O inventário WAI foi aplicado ao final de cada etapa da pesquisa. Todas as sessões foram transcritas e as verbalizações do terapeuta e dos clientes foram categorizadas de acordo com o Sistema Multidimensional para a Categorização de Comportamentos. Os resultados demonstram que a relação terapêutica encontrou-se estabelecida para os critérios do instrumento (0.51) a partir da terceira sessão e que aumentou progressivamente para P1 e P2 ao longo do processo terapêutico, não sofrendo interferência negativa durante as fases de recomendação. É necessário salientar que a frequência de comportamentos de empatia permaneceu alta durante todo o processo terapêutico tanto de P1 quanto P2. Discute-se o efeito da variável empatia na relação terapêutica; a possibilidade da variável recomendação não ter efeitos deletérios na relação terapêutica e nos resultados da terapia sob determinadas circunstâncias.

Palavras-chave: relação terapêutica; práticas educativas parentais, terapia comportamental, problemas de comportamento.



FORMAÇÃO, REORGANIZAÇÃO E RESSURGÊNCIA DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES: EFEITOS DE HISTÓRIAS EXPERIMENTAIS DE REFORÇO DO COMPORTAMENTO DE VARIAR E REPETIR. *Aline Santti Valentim, Verônica Bender Haydu* (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá PR; Departamento de Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

A ressurgência de classes de estímulos equivalentes foi observada quando a contingência de punição das respostas foi estabelecida para as relações condicionais ensinadas por último, isto é, para as classes de equivalência reorganizadas. No entanto, verificou-se que além da ressurgência das classes inicialmente formadas também se observa outros tipos de desempenho, os quais provavelmente ocorram devido a diferentes histórias de condicionamento dos participantes. Dada à impossibilidade de acesso a essa variável, a presente pesquisa teve como objetivo estabelecer uma história experimental e investigar o efeito de diferentes histórias de reforço positivo, uma do comportamento de variar e outra do comportamento de repetir, sobre a formação, reorganização e ressurgência de classes de estímulos equivalentes com participantes humanos. Foram selecionados 18 estudantes universitários, aleatoriamente distribuídos em três grupos: um grupo controle sem história experimental e dois grupos experimentais, um com reforço do comportamento de variar e o outro do comportamento de repetir. Os três grupos foram submetidos a contingências de formação, reorganização e ressurgência de classes de estímulos equivalentes. Na Etapa 1, os participantes do Grupo Variar e do Grupo Repetir, foram expostos a contingências de ensino do comportamento de variar e de repetir respectivamente até atingirem critérios específicos. Na Etapa 2, esses dois grupos e o Grupo Sem História foram submetidos em diferentes fases do procedimento ao treino de relações condicionais para a formação, a reorganização e a ressurgência de quatro classes de equivalência com quatro estímulos cada uma. Na Etapa 1, observou-se que foi estabelecido o controle operante da variabilidade e da repetição, demonstrando que esses comportamentos podem ser aprendidos. Verificou-se, ainda, que houve efeito diferencial das histórias sobre a formação e a reorganização das classes de equivalência devido a diferenças no número médio de blocos que os grupos necessitaram para responder de acordo com as contingências estabelecidas. Foram realizados em média: 28 blocos na fase de formação e 23 blocos na fase de reorganização, no caso do Grupo Variar; 19 blocos na fase de formação e 46 blocos na fase de reorganização, no caso do Grupo Repetir; 21 blocos na fase de formação e 24 blocos na fase de reorganização para os participantes do Grupo Sem História. Observou-se, também, diferenças quanto às médias de blocos executados na fase de ressurgência, tendo sido realizados em média: 36 blocos no caso do Grupo Variar; 16 blocos no caso do Grupo Repetir; 7 blocos no caso do Grupo Sem História. Entretanto, não houve efeito diferencial das histórias de variar e de repetir sobre a ressurgência das classes de estímulos equivalentes. Nos três grupos houve participantes que apresentaram ressurgência das classes de equivalência e participantes que apresentaram domínio de outras respostas. Conclui-se que características do procedimento, como o grau de diferença entre as tarefas da Etapa 1 e da Etapa 2, podem ter contribuído para que não fossem estabelecidas relações entre as tarefas e conseqüentemente a falta de efeito da história experimental.

Palavras-chave: classes de estímulos equivalentes; variabilidade; repetição.



GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Silvia Cristiane Murari* (Universidade Estadual de Londrina e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Londrina, PR), *Paula Suzana Gioia* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP); *Claudia Romano* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Gradual – Grupo de intervenção comportamental, São Paulo, SP).

Analistas do Comportamento investigam e atuam no campo da saúde e dentro do espectro de possibilidades de investigação deste campo, se destacam os resultados de pesquisas e a proposição de tecnologias eficazes para avaliação e intervenção de indivíduos com desenvolvimento atípico. A expressão *desenvolvimento atípico* pode ser usada em substituição, por exemplo, de Desordens do Desenvolvimento, Transtorno Global do Desenvolvimento, Transtorno do Espectro Autista, retardo mental, no entanto, nesta experiência a expressão referir-se-á aos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista. Estudos recentes mostram um aumento na incidência de casos e no número de estudos em diferentes áreas na busca da etiologia do transtorno e aprimoramento dos tratamentos. Considerando-se a história particular de analistas do comportamento no tratamento de pessoas com desenvolvimento atípico e o panorama atual da área, é fundamental que programas de pós-graduações tenham espaços para discussões teórico-prático e de desenvolvimento de pesquisa onde se possam coadunar opiniões, como, por exemplo, grupos de estudo. Organizado desde 2009, o grupo de estudos do Laboratório de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sobre desenvolvimento atípico é formado por alunos e ex-alunos de graduação pós-graduação, mestrado e doutorado e instituições parceiras. Ao longo destes anos os participantes periodicamente se reúnem a fim de discutir trabalhos concluídos e em andamentos dos próprios integrantes, assim como a revisão da literatura relacionada com desenvolvimento atípico. O propósito desta comunicação oral é de informar ao público o que vem sendo realizado para permitir a ampliação do grupo por meio da participação de novos membros de diferentes instituições que tenham interesse no estudo e pesquisa sobre o tema. Pretende-se também apresentar um panorama da produção de pesquisas nos diferentes níveis (graduação e pós-graduação). Para atingir o objetivo, realizamos um levantamento de Trabalhos de Conclusão de Curso, Iniciações científicas, Dissertações e Teses sobre desenvolvimento atípico, finalizadas e em andamento desde 1999. Após esta busca, organizamos os dados com o propósito de demonstrar a quantidade do que já foi pesquisado assim como o que vem sendo pesquisado até o momento. Os resultados indicaram um aumento crescente na produção de pesquisas de graduação e pós-graduação sobre o tema a partir de 2005 até o momento. Além disso, houve uma ampliação na produção de estudos na forma de palestras com professores convidados e convênios com instituições que trabalham com esta população para a troca de experiências. Esperamos com esta experiência divulgar os trabalhos realizados na no Laboratório de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e incentivar a criação e a parceria de grupos em outras instituições.

Palavras-chaves: laboratório de pesquisa experimental, integração graduação e pós-graduação, autismo.

Bolsista: Silvia Cristiane Murari é bolsista CAPES.



GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Silvia Cristiane Murari* (UEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Londrina, PR), *Paula Suzana Gioia* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP), *Claudia Romano* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Gradual – Grupo de intervenção comportamental, São Paulo, SP).

Analistas do Comportamento investigam e atuam no campo da saúde e dentro do espectro de possibilidades de investigação deste campo, se destacam os resultados de pesquisas e a proposição de tecnologias eficazes para avaliação e intervenção de indivíduos com desenvolvimento atípico. A expressão *desenvolvimento atípico* pode ser usada em substituição, por exemplo, de Desordens do Desenvolvimento, Transtorno Global do Desenvolvimento, Transtorno do Espectro Autista, retardo mental, no entanto, nesta experiência a expressão referir-se-á aos estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista. Estudos recentes mostram um aumento na incidência de casos e no número de estudos em diferentes áreas na busca da etiologia do transtorno e aprimoramento dos tratamentos. Considerando-se a história particular de analistas do comportamento no tratamento de pessoas com desenvolvimento atípico e o panorama atual da área, é fundamental que programas de pós-graduações tenham espaços de discussões teórico-prático e de desenvolvimento de pesquisa onde se possam coadunar opiniões, como, por exemplo, grupos de estudo. Organizado desde 2009, o grupo de estudos do Laboratório de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sobre desenvolvimento atípico é formado por alunos e ex-alunos de graduação pós-graduação, mestrado e doutorado e instituições parceiras. Ao longo destes anos os participantes periodicamente se reúnem a fim de discutir trabalhos concluídos e em andamentos dos próprios integrantes, assim como a revisão da literatura relacionada com desenvolvimento atípico. O propósito desta comunicação oral é de informar ao público o que vem sendo realizado para permitir a ampliação do grupo por meio da participação de novos membros de diferentes instituições que tenham interesse no estudo e pesquisa sobre o tema. Pretende-se também apresentar um panorama da produção de pesquisas nos diferentes níveis (graduação e pós-graduação). Para atingir o objetivo, realizamos um levantamento de Trabalhos de Conclusão de Curso, Iniciações científicas, Dissertações e Teses sobre desenvolvimento atípico, finalizadas e em andamento desde 1999. Após esta busca, organizamos os dados com o propósito de demonstrar a quantidade do que já foi pesquisado assim como o que vem sendo pesquisado até o momento. Os resultados indicaram um aumento crescente na produção de pesquisas de graduação e pós-graduação sobre o tema a partir de 2005 até o momento. Além disso, houve uma ampliação na produção de estudos na forma de palestras com professores convidados e convênios com instituições que trabalham com esta população para a troca de experiências. Esperamos com esta experiência divulgar os trabalhos realizados na no Laboratório de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e incentivar a criação e a parceria de grupos em outras instituições.

Palavras-chaves: laboratório de pesquisa experimental, integração graduação e pós-graduação, autismo.

Bolsista: Silvia Cristiane Murari é bolsista CAPES.



HISTÓRIA PRÉ-EXPERIMENTAL E FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES. *Raissa Roberti Benevides, Roberta Seles da Costa e Verônica Bender Haydu* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Pesquisas anteriores revelaram que funções comportamentais pré-experimentais podem influenciar no processo de formação de classes de equivalência, de modo que ao serem ensinadas relações condicionais envolvendo estímulos temidos pelos participantes, a probabilidade de emergência de classes de equivalência era menor do que quando envolviam estímulos não temidos. Outro estudo, ao investigar se o ciúme afetaria a formação de classes de equivalência verificou que a formação da relação de equivalência foi facilitada e não dificultada quando essas envolviam estímulos com alto grau de afetividade, que eram familiares. Tomando por base tais apontamentos, o objetivado presente estudo consistiu em investigar se relações pré-experimentais podem vir a dificultar ou facilitar a emergência de relações de estímulos equivalentes que envolvem estímulos com alto grau de afetividade e formando relações conflituosas, visto que o nome do namorado ou da namorada da(o) participante foi relacionado ao da ex-namorada ou do ex-namorado. Participaram deste estudo 10 estudantes universitários que estavam namorando há pelo menos 3 meses e que o namorado(a) possuía uma ex-namorada ou um ex-namorado. Tais estudantes preencheram os formulários necessários e a partir das respostas apresentadas o *software* foi programado para apresentar tarefas de escolha de acordo com modelo em duas etapas. A Etapa 1 era de Treino Misto em que foram treinadas as relações AB, AC e AD, com a estrutura de treino SAN (*Sample-as-Node*) com critério de 90% de acertos. A Etapa 2 tinha três blocos de Teste: (a) linha de base (AB, AC e AD), (b) simetria (BA, CA, DA) e (c) equivalência (BC, CD, BD, CB, DC, DB). Cada bloco tinha 96 tentativas. Os participantes tiveram que formar quatro classes de equivalência, dentre elas uma que tinha que relacionar o nome do namorado(a) ao nome da ex-namorada(o) do mesmo(a), duas que relacionavam o nome de desconhecidos, e uma que envolvia o nome de um casal famoso. Ao final das tarefas, o participante preencheu a Escala de Ciúme Romântico. Por meio de análises estatísticas, foi medido o grau de dificuldade do participante em estabelecer a relação de conflito em comparação às demais e a correlação entre o grau de ciúme e a porcentagem de respostas que caracterizam a formação das classes de equivalência. Observou-se que os participantes P1 e P2, que foram classificados com ciúmes mais altos, (intenso e moderado respectivamente), não alcançaram o critério de 90% no teste de equivalência, confirmando que as relações condicionais conflituosas interferiram na formação de classes de equivalência. Além disso, como esperado, nas relações que envolviam nomes familiares não conflituosos, as classes de casais famosos, foram as com maior porcentagem de acertos. Esses resultados sugerem que a história pré-experimental dos participantes foi uma variável relevante, principalmente, em relação ao efeito de facilitar a emergência de relações entre estímulos, sugerindo-se que essa variável deve ser considerada nos estudos sobre formação de classes de equivalência. No entanto, faz-se necessário a realização de novos estudos para poder demonstrar o efeito de interferência na formação de classes de equivalência de relações com estímulos considerados conflituosos.

Palavras-chave: ciúme romântico, equivalência de estímulos, relações de conflito.

Apoio financeiro: Roberta Seles da Costa recebeu bolsa de I.C. da Fundação Araucária.



INTERVENÇÃO EM GRUPO PARA ENSINO DE PRÁTICAS PARENTAIS A PAIS DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO. *Alex Eduardo Gallo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), *Katia Daniele Biscouto* (Mestrado em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Geysa Machado Cascardo*, *Amanda Oliveira de Moraes*, *Ariadne Cristina Suzuki de Lima*, *Talita Machado Vieira* (Graduação em Psicologia, UEL, Londrina, PR), *Leonardo Cheffer* (Mestrado em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Diversos setores da sociedade tem discutido o papel dos pais na educação dos filhos, especialmente com o advento da Lei da Palmada. Muitos comportamentos disruptivos, por parte das crianças, têm preocupado as famílias, pois não sabem como lidar e controlar tais problemas. O presente estudo avaliou os efeitos de um programa de intervenção com objetivo de ensinar práticas parentais a 26 pais de crianças com queixa de problemas de comportamento, em dez sessões de intervenção. Os pais foram divididos em três grupos. Inicialmente, avaliou-se o repertório de entrada por meio do ChildBehaviorChecklist e Inventário de Estilos Parentais. Após tal avaliação, os pais participaram de 10 sessões de intervenção, em grupo, onde foram trabalhados temas como estabelecimento de limites, regras e análise funcional dos comportamentos dos filhos. Finalmente, foram novamente aplicados o ChildBehaviorChecklist e Inventário de Estilos Parentais, para avaliação dos resultados finais. Dos vinte e seus participantes, somente onze terminaram o programa, indicando baixa adesão, provavelmente em função dos interesses dos pais, ou seja, no primeiro grupo vinte e três mães procuraram atendimento para seus filhos, com queixa de problemas de comportamento; dezessete aceitaram participar do estudo e somente oito compareceram as sessões, concluindo com três participantes. No Grupo 2 vinte e seis pais procuraram atendimento, semelhante ao Grupo 1, oito aceitaram participar do estudo, comparecendo as sessões e nenhum concluiu o programa. No Grupo 3 vinte e três pais se inscreveram a partir de divulgação do serviço em jornal de circulação regional, onze aceitaram participar do estudo, comparecendo as todas as sessões, sendo que oito concluíram o programa. Os resultados indicaram diminuição nos problemas de relacionamento com os filhos, visto no pré-teste médio no ChildBehaviorChecklist de 76,8 e 53,7 (Grupos 1 e 3) e pós teste de 66,3 e 36,4 (Grupos 1 e 3); pontuação média pré-teste no Inventário de Estilos Parentais de -1,57 e -1,4 (Grupos 1 e 3) e pós-teste de 5,33 e 4,7 (Grupos 1 e 3). Os resultados mostraram diferenças de repertórios entre os grupos, sendo que os participantes que procuraram atendimento para seus filhos apresentaram indicadores mais elevados no ChildBehaviorChecklist do que os pais que procuraram o serviço, para aprenderem a lidar com comportamentos inadequados das crianças. Em ambos os casos, os pais apresentaram poucas habilidades parentais, embora o aumento das habilidades positivas tenha sido pequeno, comparado com a diminuição das habilidades negativas. Apesar dos resultados, futuras intervenções poderiam explorar elementos que aumentassem a adesão e expandir o número de sessões, para verificar melhores resultados.

Palavras-chave: práticas parentais, intervenção em grupo, problemas de comportamento, análise do comportamento.

Apoio Financeiro: Fundação Araucária, convênio 233/2010.



INDIVÍDUO E HOMEM: APROXIMAÇÕES ENTRE BAUMAN E SKINNER.

Fábio Henrique Silva de Souza, Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia de Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR)

Zygmunt Bauman, sociólogo de renome atualmente, lança um olhar aguçado sobre como mudanças sociais, políticas e econômicas “liquefizeram” as sociedades e a vida dos indivíduos. Segundo o diagnóstico crítico realizado por Bauman, o neoliberalismo e as práticas da sociedade de consumo têm desastrosas consequências sociais, psicológicas e ecológicas. A transição do discurso ético e político em defesa de uma sociedade boa e justa para um discurso que põe o indivíduo e interesses privados como centro, conduziram a uma privatização da política e um afastamento da ação coletiva do espaço público. O sociólogo analisa como os indivíduos estão envolvidos em atividades e deveres solitários, longe do engajamento coletivo. Um bom exemplo das tarefas da individualidade pós-moderna é a construção compulsiva da identidade, atrelada à ideologia do consumismo. Com o intuito de resgatar a ação coletiva a favor do bem comum, o sociólogo examina como se encontra o homem e seu potencial político na sociedade líquida moderna e, para tanto, utiliza-se de dois conceitos-chave para o presente trabalho: o indivíduo *de facto*, capaz de se autodeterminar e realizar seus desejos; e o indivíduo *de jure*, culpabilizado pelo próprio fracasso. Assim como Bauman, o psicólogo norte-americano B. F. Skinner também se preocupava com questões sociais, principalmente com a miséria e a destruição provocadas pelos homens. Vivendo em um mundo ameaçado pela poluição ambiental, fome, miséria e por uma guerra nuclear, Skinner defendia que a Análise do Comportamento poderia apresentar uma solução para acabar com as mazelas sociais e práticas danosas para as culturas. Segundo ele, teses tradicionais sobre o homem não ajudaram a compreender o comportamento, assim como não foram úteis para evitar ou diminuir os problemas humanos. Dessa forma, para reavaliar e planejar melhor práticas culturais que promovam a sobrevivência das culturas, Skinner dedica-se ao estudo científico do homem, sem perder de vista a dimensão ética e política desse empreendimento. O objetivo deste trabalho é apresentar as análises propostas por Bauman e Skinner a respeito do homem e de seu potencial político para mudança social, buscando estabelecer um diálogo entre esses autores. Por meio de análises textuais e estruturais dos textos, definiram-se conceitos vitais para a pesquisa, junto com a elaboração de esquemas e leituras de apoio sobre o assunto. Como resultado do trabalho, traçou-se um paralelo entre os conceitos sobre indivíduo dos dois autores. Foi possível estabelecer uma relação interessante entre o indivíduo *de facto* de Bauman e a análise feita por Skinner sobre o “homem autônomo”; já o indivíduo *de jure* aproxima-se da definição tradicional de homem como integralmente determinado pelo ambiente, especialmente pelo ambiente social. Os paralelos entre as análises de Skinner e Bauman mostram não só a possibilidade de um diálogo virtuoso entre duas áreas de conhecimento, a psicologia e a sociologia, como também a atualidade da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Bauman, Skinner, indivíduo.



INTERAÇÕES VERBAIS SOBRE POLÍTICA PARTIDÁRIA EM BLOGS: DIVERSIDADE E UNIFORMIDADE COMPORTAMENTAL. *Maria de Lima Wang, Maria Eliza Mazzilli Pereira (PUC-SP, SP).*

Uniformidade parece ser subproduto típico de discussões de temas sobre os quais integrantes de uma comunidade verbal compartilham crenças bem estabelecidas. Em busca de esclarecer essa questão, neste trabalho compararam-se interações verbais em dois blogs (*Estudo 1*), para identificar aspectos que pudessem ser caracterizados como diversidade ou como uniformidade na interação de participantes sobre um tema-alvo. Serviram como fonte um *post* relacionado com PSDB e PT publicado em um blog e reproduzido no outro blog e respectivos comentários. Classificaram-se os comentários segundo dois aspectos principais: 1) quanto a concordância ou discordância de participantes ao interagirem entre si sobre aspectos do *post*, do comentário de outro participante e outros aspectos; 2) quanto ao posicionamento de participantes especificamente sobre partidos políticos/representantes de partidos mencionados nos episódios verbais analisados. Em ambos os blogs, encontraram-se mais discordâncias do que concordâncias nas interações de participantes entre si em geral. Em relação ao posicionamento de participantes sobre política, especificamente no que diz respeito a verbalizações favoráveis ou desfavoráveis a um partido e seus representantes, em um dos blogs encontrou-se polarização de participantes entre PSDB e PT: parte se posicionou de forma favorável ao PSDB; parte se posicionou de forma desfavorável ao PT, e vice-versa. No outro blog, encontrou-se uniformidade na maneira como os participantes se posicionaram sobre PSDB/PT e representantes desses partidos. Nesse blog, em quase todos os comentários em que os participantes se posicionaram sobre PSDB/representante do PSDB, eles se posicionaram de forma desfavorável a esse partido/representante. A maior parte dos participantes que se posicionou sobre o PT/representante do PT, posicionou-se de forma favorável a esse partido/representante. Discute-se que a diversidade pode até emergir naturalmente em discussões de comunidades verbais na internet a respeito de política partidária, mas sua manutenção, a médio e longo prazo, parece depender da disposição de contingências específicas para esse fim. No *Estudo 2*, propõe-se analisar interações verbais sobre política, realizadas no segundo blog em quatro períodos diferentes, para verificar se posicionamentos de participantes sobre PSDB/PT e sobre representantes desses partidos estão se tornando menos diversos ao longo dos anos, bem como identificar possíveis variáveis responsáveis pelo resultado encontrado.

Palavras-chave: interações verbais pela Internet, comportamento verbal sobre política; comunidades verbais na internet, controle mútuo mídia-consumidor, Internet e uniformidade/diversidade comportamental.



JOGOS EDUCATIVOS E O MODELO DA EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS APLICADOS AO ENSINO DA LEITURA PARA JOVENS E ADULTOS PARAENSES EM CONTEXTO COLETIVO. *Olívia Misae Kato* (Universidade Federal do Pará), *Verônica Bender Haydu* (UEL, Londrina, PR), *Dulce Maia Machado*, *Tayná Beatriz Evangelista de Sousa*, *Wellem Cristina Marques Cavalcante*, *Gabriela Di Paula Dias Ribeiro* (Universidade Federal do Pará, Pará, PA).

O modelo da equivalência, apesar de comprovada eficácia, foi usado para programar atividades de ensino de leitura em um número restrito de pesquisas aplicadas, desenvolvidas em situações de sala de aula. Este estudo visou avaliar um programa de ensino de leitura de palavras em situação coletiva de sala de aula, a alunos no início do processo de letramento de uma Escola de Jovens e Adultos (EJA). O programa de ensino de leitura empregado foi desenvolvido para ensinar leitura começando com palavras que não apresentam as consideradas dificuldades da língua portuguesa até as que as apresentam. Além disso, as atividades sugeridas pelo programa combinam diversas estratégias de ensino, como escolha de acordo com modelo, escolha por exclusão e recombinação de unidades que compõem as palavras. Além disso, o programa envolve jogos de mesa, gincana e relato de histórias em suas diferentes etapas. Participaram da pesquisa alunos em fase de alfabetização da EJA da cidade de Belém (PA). Duas fases foram programadas. Na Fase 1, foi realizado um pré-teste individual de leitura. A Fase 2 foi composta por cinco etapas, nas quais se aplicou o programa de ensino de leitura e foram ensinadas as relações condicionais (palavras ditadas – figuras e palavras ditadas – impressas). Após cada etapa foi aplicado um teste de leitura com compreensão das palavras de ensino e de palavras de generalização. Após cada teste de leitura com compreensão era programada uma atividade com jogos, que consistiam Loto com palavras ditadas e figuras, gincana de ditado e Dominó de palavras impressas e figuras. A cada dois passos, uma nova história era contada, utilizando as duas palavras a serem introduzidas nos dois passos de ensino subsequentes. Posteriormente, as histórias passavam a ter três palavras de ensino. Verificou-se que todos os participantes foram capazes de ler as palavras ensinadas e, também, apresentaram a emergência da leitura recombinativa de algumas palavras, mas somente um deles leu todas as palavras de generalização. Os participantes atingiram acima de 80% de acertos nos testes de leitura dos Passos 1 e 2, especialmente das palavras de ensino. Ocorreu uma redução nesse percentual de acertos nos últimos passos. Supõe-se que essa redução pode ser atribuída parcialmente às variáveis de procedimento não controladas como um aumento do grau de dificuldade com uma gradação acima do que os alunos foram capazes de acompanhar. Os resultados indicam a necessidade de estabelecer maior controle pelas sílabas durante o ensino para promover a emergência imediata da leitura textual recombinativa e das relações de equivalência, que documentam a leitura com compreensão.

Palavras-chave: equivalência de estímulos, jogos educativos, leitura recombinativa.

Apoio: O projeto de pesquisa tem apoio financeiro da Fundação Araucária e Verônica Bender Haydu é bolsista produtividade em pesquisa da Fundação Araucária.



MANIPULAÇÃO DE ANTECEDENTES E CONSEQUENTES PARA COMPORTAMENTOS DE OBEDIÊNCIA EM CRIANÇAS COM DERMATITE ATÓPICA: PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO AOS PAIS. *Amanda Castilho de Mattos, Bruna Daniele Coelho Amano da Mota, Deivid Regis dos Santos, JardsonFragoso Carvalho, Márcia CrsitinaCasertaGon* (UEL, Londrina, PR)

A Dermatite Atópica (DA) é uma doença inflamatória da pele, com um curso cronicamente recidivante, com ocorrência de episódios de prurido intenso, liquenificação, pele seca e susceptibilidade a infecções cutâneas. A DA é uma das doenças de pele crônica mais comuns na população mundial. Não há uma causa definida para a DA e, provavelmente, a doença é produto de interação de vários fatores, dentre os quais se buscam explicações gênicas e ambientais. De modo geral, está associada a outras doenças de caráter alérgico tais como a asma e a bronquite. Por ser uma doença de alta prevalência e incidência na infância, observada já no primeiro ano de vida, os pais, enquanto cuidadores primários, são responsáveis pela adesão ao tratamento médico. Além disso, a obediência da criança às instruções dadas pelos pais para realizá-lo é um comportamento que deverá ser apresentado, sobretudo, pelas mães. Por esta razão, os pais devem ensinar às crianças comportamentos mais adaptativos para a promoção da saúde e com finalidade de evitar os fatores que exacerbem os sintomas e prejudiquem a qualidade de vida da família. Pesquisas demonstram que programas educativos têm efeitos positivos sobre a adesão ao tratamento e potenciais benefícios para o tratamento da dermatite atópica, principalmente para a criança e seus cuidadores. Na Análise do Comportamento, pesquisas focadas na relação cuidador-criança no momento do tratamento tópico tem revelado a importância dessa interação para aquisição de repertórios de autocuidados por parte das crianças. Este trabalho tem o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de orientação comportamental breve com os cuidadores, sobre os comportamentos de obediência e desobediência de crianças com DA, quanto ao uso de medicamento tópico. Participou do estudo uma criança com idade de 07 anos acompanhada de sua mãe, diagnosticadas com a doença. O delineamento utilizado consistiu de linha de base e duas fases de avaliação (avaliação dos Antecedentes e avaliação dos Consequentes) para definir o efeito da intervenção no participante. Foram analisadas as interações da mãe com a criança em um ambiente de brincadeira. A intervenção educacional foi programada com base no modelo clínico proposto por Eyberg (1988) sobre a importância da interação parental com os comportamentos de obediência/desobediência das crianças e foi composta por três sessões de 120 minutos de duração. Foram registradas as frequências de comportamento da cuidadora (instrução direta, instrução indireta, orientação física, elogios descritivos e *time out*) e da criança (obediência, desobediência e comportamentos inapropriados) por meio de observação direta. Os dados obtidos demonstraram que a mãe seguiu as instruções dadas nas sessões de orientação quanto ao tipo de instrução e consequências a serem dadas para as crianças. Foi observado que o uso de instruções diretas aumentou a probabilidade de comportamentos de obediência. Observou-se também que o reforçamento positivo (elogio) foi relacionado com um decréscimo de comportamentos inapropriados durante a execução da tarefa. A pesquisa pode contribuir para que intervenções de curto prazo sejam pesquisadas a fim de se obter manipulações de variáveis eficazes na aquisição dos repertórios de autocuidados de crianças com dermatite atópica.

Palavras-chave: Dermatite atópica, relação cuidador-criança, orientação de pais.



METACONTINGÊNCIAS DA ESCOLA INCLUSIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Annamaria Coelho de Castilho, Maria Júlia Lemes Ribeiro* (Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR).

O conceito de metacontingências, proposto por Sigrid Glenn na década de 80, oferece uma nova luz à leitura comportamental de fenômenos sociais. Trata-se de contingências comportamentais entrelaçadas que produzem um produto agregado comum, sendo este uma prática cultural. O movimento da Escola Inclusiva surge na década de 70 defendendo que a escolarização de alunos com e sem necessidades educativas especiais deveria ocorrer no mesmo ambiente (escola regular) e que estratégias fossem desenvolvidas para que estes alunos pudessem aprender juntos na mesma sala de aula. Naquele momento, caracterizado como período de integração, o alunado era atendido em classes especiais dentro da escola regular ou ainda em escolas especiais para as diferentes deficiências. A noção de inclusão prima pela equiparação de oportunidades entre as pessoas que apresentam alguma necessidade especial e as que não. Deste modo, não é esperado que sejam utilizadas as mesmas formas de instrução a todos os aprendizes, mas sim que se conheçam as diferenças e a partir disto sejam traçados planos de ensino eficazes a todos. Ainda, é importante destacar que o aluno com necessidades educativas especiais não é somente aquele com uma deficiência (intelectual, sensorial, física, ou múltipla), mas, de acordo com a Política Nacional na Perspectiva da Educação Especial, o estudante que apresenta dificuldades, como transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades, de forma geral, que necessita de estratégias e/ou aprovisionamentos diferenciados durante o ensino. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma revisão bibliográfica da produção sobre conceito de metacontingência, de base teórica da análise do comportamento, no que diz respeito ao fenômeno social da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas escolas regulares como uma prática cultural. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, em indexadores de revistas científicas da área, e de dissertações e teses. Dos resultados encontrados, foram lidos seus resumos e selecionados para leitura do texto completo e análise aqueles que contemplavam a inclusão e o conceito de metacontingência em sua redação e/ou palavras-chave. Foram encontrados artigos e dissertações de produção brasileira e internacional. Conclui-se que a produção sobre a inclusão como uma prática cultural analisada à luz do conceito de metacontingências ainda é incipiente. Considerando que a verdadeira inclusão depende de muitas mudanças nas contingências atuais do quadro educacional brasileiro, do comportamento de uma série de agentes sociais (governos federal, estadual e municipal, professores, comunidade científica, dentre outros), trabalhos como os elencados por esta pesquisa podem fornecer uma profunda análise das metacontingências envolvidas nas relações entre as ações destes agentes que pode ser tomada como um valioso referencial para avanços do processo inclusivo.

Palavras-chave: metacontingências, inclusão, educação especial.

Apoio financeiro: Annamaria Coelho de Castilho é bolsa CAPES.



MÉTODOS UTILIZADOS PARA AVALIAR A ADESÃO AO TRATAMENTO DO DIABETES TIPO 1: REVISÃO DE LITERATURA. *Julia Archangelo Guimarães, Luziane de Fátima Kirchner, Maria Fernanda Monteiro, Maria Luiza Marinho-Casanova* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento; UEL, Londrina, PR).

O conceito de adesão ao tratamento varia muito entre os estudos, dependendo da forma como ela é avaliada. Realizar revisão de literatura sobre a avaliação da adesão permite identificar a diversidade dos métodos utilizados, e pode contribuir para que eles sejam mais bem empregados. Esse trabalho buscou identificar os métodos de avaliação da adesão ao tratamento do diabetes do Tipo 1 em estudos empíricos publicados entre 2000-2010. Foram analisados 101 artigos, levantados em busca feita pela base de dados *Web of Science*. Os artigos levantados foram arquivados no programa *End Note X4*[®] e os dados transferidos para o banco de dados *Microsoft Office Access2007*, distribuídos em 16 campos, dentre eles: tipo de pesquisa, objetivos do estudo, faixa etária e quantidade de diabéticos do tipo 1 envolvidos no estudo, e método utilizado na avaliação da adesão. Os resultados indicaram que 78 pesquisas são de levantamento de dados, 20 tiveram como objetivo avaliar a relação familiar e a adesão ao tratamento, 32 envolveram a população de adolescentes diabéticos, e 19 a população de crianças diabéticas. Em relação ao método utilizado para avaliar a adesão, prevaleceram aqueles que: utilizaram um informante (n=60), sendo o portador da doença quem mais informou os dados; avaliaram um (n=34) ou cinco (n=25) componentes do tratamento médico; por meio de um único procedimento de avaliação (n=68), sendo os instrumentos padronizados a medida de avaliação mais utilizada (n=39). As dimensões avaliadas, como frequência, duração e/ou horário de execução do componente do tratamento, foram diferentes entre os estudos. Entretanto, dos 33 estudos que avaliaram um componente, 24 mediram somente uma dimensão deste componente. Os dados levam ao questionamento de que os métodos utilizados para avaliar a adesão, nos estudos levantados, não estão de acordo com sugestões apresentadas na literatura para tornar resultados da avaliação da adesão mais confiáveis: utilizar diversos informantes e procedimentos para avaliar um único componente tratamento médico, abrangendo todas as dimensões desse componente (como por exemplo, dimensões de ajuste da dose e horários de aplicação do componente insulina). O ajustamento adequado de tais sugestões não é uma tarefa fácil, pois se sabe que a adesão é variável difícil de ser medida. Discussões a respeito de métodos de avaliação da adesão precisam ser mais desenvolvidas.

Palavras-chave: Diabetes mellitus, adesão ao tratamento, revisão de literatura.



O EFEITO DE DIFERENTES INSTRUÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO EM DRL E A SENSIBILIDADE COMPORTAMENTAL. *Fernanda Castanho Calixto, Carlos Eduardo Costa* (Programa de Pós-graduação em Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Grande parte dos comportamentos humanos é adquirida por meio de regras. A aquisição e manutenção do comportamento controlado por regras tem sido alvo de estudos experimentais que se propõem a elucidar o efeito das regras sobre o comportamento humano. Dados de pesquisas demonstraram que a aquisição de novos comportamentos é facilitada quando regras são utilizadas para o ensino, pois esses comportamentos podem ser emitidos antes mesmo que o organismo mantenha contato com suas consequências imediatas. No entanto, alguns estudos apontam que as regras podem levar a uma redução na sensibilidade comportamental às contingências programadas. Baseado nesse fato, a aquisição facilitada e a redução na sensibilidade comportamental seriam considerados características do comportamento adquirido por meio de regras. Tendo em vista essas características, torna-se importante a investigação dos efeitos de regras na aquisição de um comportamento e o efeito da regra na sensibilidade comportamental a mudanças nas contingências programadas. O objetivo do presente trabalho foi investigar o efeito da exposição à contingência e a diferentes regras sobre o desempenho em DRL e sobre o responder frente a alterações nas contingências programadas. Com esse propósito, quinze participantes foram distribuídos em três grupos experimentais e expostos a uma tarefa de apertar um botão (*mouse* do computador). O experimento foi constituído de duas fases consecutivas com duração de 20 minutos cada. Na Fase 1 os grupos foram caracterizados de acordo com a instrução fornecida aos participantes: G1 (Instrução Mínima), G2 (Instrução Correspondente) e G3 (Instrução Discrepante). Nessa fase estava em vigor o programa de reforço DRL 5 s. O objetivo da Fase 1 foi avaliar o efeito das diferentes instruções no desempenho dos participantes no programa de reforço. Imediatamente após a Fase 1 os participantes de todos os grupos foram submetidos à Fase de 2 na qual nenhuma resposta emitida foi reforçada - Extinção. O objetivo da Fase de 2 foi verificar como o diferente modo de exposição na Fase 1 afetou o comportamento dos participantes frente a mudança na contingência programada. Os dados foram tabulados na forma de figuras que demonstram a frequência por minuto da resposta de apertar o botão em ambas as fases e a proporção de mudança na Fase 2 em relação a Fase 1. Uma análise preliminar dos dados da Fase 1 demonstrou que, dos 15 participantes, apenas dois, P5 (G1) e P9 (G2), não ficaram sob controle do programa de reforço utilizado. Os dados da Fase 2 apontam que, o comportamento dos participantes do G1 e do G3 apresentou maior proporção de mudança em relação a Fase 1 em comparação aos participantes do G2. Essa análise preliminar sugere que, o controle pelo programa de reforço se sobressaiu ao controle pela regra quando a mesma era discrepante em relação à contingência programada (G3), e que uma história com regras correspondentes gerou menor proporção de mudança enquanto que, uma história com regras mínima e uma história com regra discrepante gerou maior proporção de mudança.

Palavras-chave: regras, insensibilidade, DRL.

Apoio financeiro: Fernanda Castanho Calixto é bolsista de Mestrado da Fundação Araucária.



O USO DE PSICOEDUCAÇÃO COM ADOLESCENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO BIPOLAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA. *Mariana de Toledo Chagas e Maria Rita Zoéga Soares* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

O Transtorno Bipolar do Humor caracteriza-se como um transtorno de humor crônico, levando a desvios marcantes no desempenho habitual do indivíduo e tendendo a recorrer de forma cíclica ou habitual. O Transtorno Bipolar está relacionado à ocorrência de episódios de mania, hipomania, depressão ou episódios mistos. Este quadro é associado a alterações fisiológicas importantes no indivíduo, levando a necessidade de tratamento farmacológico para seu controle. No entanto, estudos vêm mostrando que intervenções terapêuticas, associadas ao tratamento medicamentoso, trazem grandes benefícios aos pacientes. Uma das intervenções mais indicadas para pacientes diagnosticados com Transtorno Bipolar é a psicoeducação, que consiste em fornecer informações ao paciente sobre seu diagnóstico, com o objetivo de aumentar a adesão ao tratamento e identificar precocemente o surgimento de sintomas, auxiliando na prevenção de recaídas. Sabe-se que os primeiros sintomas do transtorno surgem, comumente, na adolescência e que a gravidade e a frequência dos episódios aumentam na ausência de tratamento adequado, levando a um pior ajuste social do paciente e a maiores riscos de hospitalizações e tentativas de suicídio. Assim a psicoeducação com adolescentes poderia ter o efeito de tratamento precoce do transtorno, levando ao melhor prognóstico. Diante disto, o objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão da literatura existente na área e analisar os programas de psicoeducação que vem sendo utilizados com adolescentes diagnosticados com Transtorno Bipolar. Para isso, foi realizada uma busca bibliográfica em duas bases, Lylacs e PsycNET, utilizando os termos *bipolar disorder*, *psychoeducation* e *adolescentou adolescence*. Como poucos artigos foram encontrados para a faixa etária selecionada para este trabalho, foram incluídos como resultados da busca artigos sobre intervenções psicoeducacionais para crianças diagnosticadas com Transtorno Bipolar. No total, onze trabalhos foram recuperados e analisados. Na maior parte da literatura encontrada, o tema e adolescência ou infância era abordado tendo como foco intervenções com famílias ou cuidadores de pacientes diagnosticados com este transtorno nessas faixas etárias. As intervenções com famílias mostraram-se efetivas, sendo realizadas em diferentes modalidades, como psicoeducação multifamiliar ou com famílias individuais. Apenas um dos estudos citava o uso de psicoeducação diretamente com pacientes adolescentes, mas descrevia uma intervenção baseada em técnicas efetivas com adultos, o que poderia dificultar seu uso com outras faixas etárias. Constata-se que, apesar dos grandes benefícios que a intervenção precoce em pacientes com Transtorno Bipolar pode trazer no prognóstico da doença, poucos estudos tem focado no desenvolvimento de estratégias de intervenção psicoeducacionais para adolescentes diagnosticados com o transtorno.

Palavras-chave: transtorno bipolar, psicoeducação, adolescência.

Apoio financeiro: Mariana de Toledo Chagas recebeu bolsa da CAPES.



PATOLOGIZAÇÃO E MEDICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM DESAFIO PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO. *Paulo Aguiar, Simone Oliani* (Faculdade Pitágoras de Londrina, UEL, Londrina, PR).

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) está sendo considerado a “doença da hora”, principalmente com as publicações nos últimos 10 anos. A patologização dos comportamentos e rotulação do sujeito tem sido utilizada de forma exacerbada, por profissionais da educação e pais, algumas vezes buscando o controle de determinados comportamentos através da medicalização. Assim, professores e coordenadores com dificuldades com a indisciplina escolar, aconselham pais a encaminharem os alunos a um serviço especializado. Esta prática tem suscitado divergência entre profissionais da saúde e educadores, principalmente com os últimos estudos que questionam o efeito da medicação em longo prazo. O presente estudo relata o atendimento, na escola, de um adolescente que cursava a 7^o série do ensino fundamental da Rede Pública, diagnosticado por um especialista com TDAH. O aluno foi encaminhado para atendimento pela escola, por baixo rendimento escolar, indisciplina e déficit de atenção. Foram realizadas quatro entrevistas com os pais, uma com a coordenadora da escola e dez sessões de psicodiagnóstico com o aluno, incluindo observação em sala de aula. Verificou-se no decorrer das sessões que o adolescente não apresentou os sintomas descritos no DSM-IV TR para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Entretanto, o adolescente foi diagnosticado com TDAH por um especialista, utilizando Ritalina durante três anos. Após o período a especialista tentou suspender o tratamento, afirmando que o adolescente já sabia distinguir o “certo e o errado”, porém houve relutância da mãe. Através das sessões realizadas pode-se observar que o comportamento do cliente estava relacionado à função exercida pelas contingências reforçadoras do ambiente escolar e familiar. As observações realizadas em sala de aula apontavam que o adolescente se comportava tipicamente como os demais alunos: conversando, fazendo bagunça e cantando. Segundo os pais, em casa o adolescente não tinha como prática estudar e suas atividades eram jogar vídeo game, uso do computador e jogar futebol com os amigos. Hipotetiza-se que o baixo rendimento escolar e a indisciplina do aluno estavam ligados a comportamentos de contra-controle com relação as regras inconsistentes e punição escolares e, a falta de arranjo de contingências reforçadoras no ensino. No ambiente familiar havia ausência de diálogo entre pais e o filho, regras para o comportamento pró-estudo e supervisão positiva deste comportamento. Este caso parece fazer parte de uma crescente estatística de banalização do diagnóstico do TDAH, sendo Ritalina a medicação comumente usada no tratamento e vinculada como a “droga da obediência”. Verificou-se que o diagnóstico foi realizado sem considerar as características do TDAH e estava pautado apenas nos relatos dos responsáveis, sem uma previa análise das contingências do comportamento do adolescente. Por fim, considerando os dados para o psicodiagnóstico, onde foram analisadas as contingências reforçadoras do ambiente escolar e familiar e os critérios diagnósticos para TDAH, avaliou-se que o comportamento do adolescente era funcional considerando as contingências que reforçavam os comportamentos displicentes. Sugere-se um trabalho multidisciplinar entre professores, psicólogos, médicos e pais para evitar que as questões relacionadas aos problemas de disciplina se transformem em uma biologização da vida.

Palavras chaves: adolescente, TDAH, psicodiagnóstico, Análise do Comportamento.



POSIÇÕES DE B. F. SKINNER SOBRE OS EFEITOS INDESEJÁVEIS DO REFORÇO POSITIVO. *Anthônia de Campose Maura Alves Nunes Gongora* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

O controle positivo do comportamento exerce um papel central na constituição do corpo teórico da Análise do Comportamento. O princípio do reforço tem sido norteador das práticas comportamentais no campo da análise comportamental aplicada. Diante das vantagens que o controle comportamental, por meio de procedimentos de intervenção fundamentados em reforço positivo pode oferecer, em geral, os analistas do comportamento recomendam-no como alternativa ao uso de outro tipo de controle: o controle aversivo. Comumente recomenda-se que o uso do controle aversivo do comportamento seja evitado em função de seus subprodutos indesejáveis amplamente divulgados. Por outro lado, muito pouco se discute sobre os possíveis efeitos indesejáveis do reforço positivo. Essa apresentação tem como objetivo relatar os resultados de um estudo de posições de Skinner sobre os efeitos indesejáveis do reforço positivo. Foram selecionados alguns textos de Skinner, em que o autor discutia efeitos do controle positivo. Após análise dos textos, verificou-se que as preocupações de Skinner, em relação aos efeitos indesejáveis do reforço positivo, em geral, estão relacionadas à suscetibilidade evoluída ao reforço positivo e à relação deste com as práticas culturais que estamos criando e mantendo. Verificou-se também que essas preocupações ficam mais evidentes quando o autor analisa o terceiro tipo de seleção, e apresenta a necessidade de um planejamento cultural. Skinner afirma que, atualmente, algumas suscetibilidades ao reforço podem ser mais letais do que promover a sobrevivência da espécie, pois quando o meio ambiente muda, a capacidade de ser reforçado por um dado evento pode vir a ser uma desvantagem biológica. Outro processo importante para a sobrevivência das espécies foi a evolução da sensibilidade às consequências imediatas. Por meio das contingências filogenéticas da espécie humana algumas suscetibilidades a certos tipos de reforçadores evoluíram e foram selecionadas, uma vez que, foram importantes para a sua sobrevivência. Entretanto, essas suscetibilidades acarretam alguns problemas para a adaptação a certas contingências ambientais em que vivemos. Exemplos disso são os problemas com obesidade e superpopulação, entre outros. Desse modo, a suscetibilidade ao reforço positivo pode causar problemas para uma cultura. Os indivíduos controlados pelas consequências imediatas e reforçadoras não conseguem se comportar de maneira que produzam consequências reforçadoras, muitas vezes postergadas, para o grupo. Surgem, então, conflitos entre os bens pessoais e os bens dos grupos; entre consequências imediatas e de longo prazo. Para superar tais problemas, Skinner frisa a importância do planejamento cultural. Para o autor engajar-se no bem da cultura significa enfrentar essa suscetibilidade evoluída ao reforço positivo, imediato, e promover práticas culturais com condições de tornar mais efetivas as consequências remotas do comportamento. Conclui-se desses resultados que o uso do reforço positivo, não é um procedimento simples para que o cuidado e os estudos relativos aos seus efeitos sejam negligenciados. Precisamos tentar entender todo tipo de controle e todos os tipos de efeitos que possam estar envolvidos na aquisição e na manutenção do comportamento, se quisermos compreendê-lo em toda a sua complexidade, sejam esses efeitos diretos ou indiretos, desejáveis ou indesejáveis.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, reforço positivo, efeitos indesejáveis.



PROCEDIMENTO DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS APLICADO AO CONTEXTO TERAPÊUTICO. *Gisela Guilherme, Annie Wielewicki* (Instituto Innove, Londrina, PR)

Um problema corresponde a uma situação na qual a resposta capaz de produzir uma determinada condição reforçadora está ausente. Resolver um problema implica em manipular variáveis que aumentem a probabilidade do aparecimento de tal resposta. No contexto clínico, psicoterapeutas frequentemente se deparam com situações nas quais não possuem uma resposta efetiva em seu repertório comportamental. Isto é ainda mais evidente quando se trata de terapeutas inexperientes, em razão do seu repertório restrito devido a poucas oportunidades de exposição a contingências que proporcionassem o desenvolvimento de habilidades de terapeutas. Sendo assim, o presente trabalho busca contribuir com psicólogos clínicos que se deparam com dificuldades durante o processo terapêutico, sem, contudo, identificar qual o problema e/ou comportamentos a serem emitidos para solucioná-las. Para tanto, será apresentado o processo de resolução de problemas utilizado por duas terapeutas iniciantes. Ambas apresentavam dificuldades em elaborar análises funcionais, planejar a intervenção e creditavam esse contexto à inexperiência profissional. Após o emprego do processo de resolução de problemas, foi constatado que, no caso A, o problema referia-se à dificuldade da terapeuta em identificar a queixa da cliente, bem como dados relevantes de seu ambiente atual e, no caso B, à dificuldade em identificar a condição que produzia sensação de desconforto diante do cliente. Foi realizado um levantamento de alternativas, com base na literatura e em orientações de profissionais com experiência clínica e, para o Caso A, optou-se por complementar a supervisão a partir do relato do caso, que já era realizada, com a gravação em áudio e transcrição de uma sessão e, no Caso B, pela discussão em grupo com profissionais que haviam tido acesso ao cliente durante sua participação em grupo terapêutico. Em ambos os casos foram identificados quais repertórios estavam dificultando a fluidez do atendimento. No Caso A, as descrições que a cliente realizava de seu contexto não apresentava coerência ou sequência, o que dificultava a compreensão do mesmo. No Caso B, o cliente se comportava de modo intimidador, fazia ameaças sutis e confrontos constantes. Nos dois casos pode-se observar que as terapeutas apresentaram dificuldades em reconhecer os comportamentos-problemas dos clientes já que estavam mais sob controle de suas regras e expectativas em relação ao atendimento em detrimento do controle pelas contingências atuais. Quando o ambiente não correspondeu às tais expectativas, a primeira hipótese levantada foi de inexperiência e fracasso como terapeutas. Porém, fazendo uso do procedimento de resolução de problemas, houve não só a obtenção da resposta solucionadora, neste caso, a identificação dos repertórios que produziram as sensações tidas como ruins, mas também o aumento do autoconhecimento das terapeutas e ampliação do repertório de atendimento e manejo de situações-problema. Após terem empregado o procedimento de resolução de problemas, tornou-se possível a realização de análises funcionais e elaboração de estratégias de intervenção adequadas.

Palavras-chave: solução de problemas, terapeutas inexperientes, intervenção psicoterápica.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (processo 14353/2010), por meio do Programa Universidade Sem Fronteiras, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina no ano de 2010. As autoras receberam bolsa da SETI.



PROPAGANDA INSTITUCIONAL CRIA CONTINGENCIAS PARA MUDANÇA DE COMPORTAMENTOS DE GRUPO? - *Márcia Caroline Portela Amaro, Marcos Vinicius Regazzo, Maria Clara Jaeger Godoy, Maria Fernanda Monteiro, Maura Gloria de Freitas* (Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR)

Culturalmente, o cuidado masculino com a saúde não é algo valorizado, especialmente nas camadas sociais mais baixas, podendo ser visto como uma descaracterização da masculinidade. Um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde aponta elevados índices de mortalidade entre homens jovens (20 a 30 anos), fase em que a produtividade física e econômica está no ápice. Os dados refletem, portanto, que os homens em geral têm mantido uma conduta prejudicial à própria saúde, implicando na diminuição da sua expectativa de vida. Comportamentos do homem brasileiro que tragam como consequência ações preventivas em relação a sua saúde física e mental são pouco identificados e a falta de cuidado com a saúde física e mental envolve o comportamento de cada indivíduo em particular, porém podemos considerar uma prática característica dessa população. Compreender o comportamento de vários membros de um mesmo grupo pode significar identificar que contingências controlam a ação de diferentes pessoas de forma similar e modelando comportamentos semelhantes, como aqueles que não provêm cuidados ao corpo. Com vistas a prevenção da saúde do homem, o Governo Federal propôs no ano de 2009a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, para facilitar o acesso dessa população aos serviços necessários para esse fim. Conscientizar essa população em relação aos cuidados necessários com sua saúde e quais as consequências do descuido com seu corpo são fundamentais para mudanças nas práticas do homem brasileiro. No Brasil, a propaganda tem sido utilizada com elevada frequência pelo Governo Federal quando o objetivo é oferecer condições para novas ações ou requisitar da população novas formas de se comportar frente a determinadas contingências. Assim, conscientizar o homem brasileiro em relação a sua saúde é disponibilizar contingências para que aprendam a se comportar cuidando de seu corpo e saúde. Com base nessas considerações, esse trabalho investigou efeito que uma propaganda institucional proposta pelo Ministério da Saúde teve para a mudança de comportamentos emitidos pelo homem brasileiro em relação a sua saúde. Os participantes da pesquisa foram 19 indivíduos do sexo masculino com idade compreendida entre 18 e 50 anos. Foi solicitado que cada participante respondesse a um questionário semiestruturado após assistirem a uma propaganda institucional veiculada nos maiores meios de telecomunicação do país e que tratava dos cuidados que homem deve ter em relação a sua saúde. Os resultados obtidos apontaram que a propaganda é eficaz para fazer com que o homem se identifique com as situações ali apresentadas, porém não consegue disponibilizar contingências que alterem a forma dessa população se comportar frente a sua saúde, nem alterar formas já eficazes de viver sem prevenção da sua saúde física e mental. Tabelas que dispõem todos os dados coletados e uma discussão da interrelação das variáveis identificadas serão apresentadas para subsidiar a conclusão que aponta a necessidade de melhor compreensão, por parte das agências governamentais de como disponibilizar contingências para modelar o comportamento de conscientizar ações preventivas em relação a saúde do homem.

Palavras-chave: ação preventiva, comportamento de grupos, saúde do homem.



REFORÇAMENTO ARBITRÁRIO E DROGADICÇÃO: REVISÃO DOS TRABALHOS PUBLICADOS NO JOURNAL OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS. *Mariana de Toledo Chagas, Verônica Bender Haydu e Maria Rita Zoega Soares* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

O consumo e a dependência de drogas estão associados a prejuízos para os indivíduos que os realizam, bem como a inúmeros problemas sociais. Explicações variadas são dadas ao fenômeno. Nos manuais de classificação diagnóstica, é tratado como um transtorno e identificado principalmente, a partir de aspectos topográficos. A Análise do Comportamento compreende que a adicção é um comportamento aprendido e determinado por variáveis ambientais. A droga pode ser considerada um estímulo ambiental que assume diferentes funções em sua relação com o organismo. A análise funcional deve levar em conta, ainda, a ocorrência de outros reforçadores no ambiente do indivíduo. Programas de intervenção para drogadicção eficazes devem ter como meta não apenas a redução do comportamento de auto-administração de drogas, mas o desenvolvimento de repertórios comportamentais alternativos, que possam ser mantidos por reforço não-arbitrário, já que estudos apontam que intervenções clínicas baseadas em reforço arbitrário apresentam algumas limitações. A classificação de um reforçador enquanto arbitrário tem como base a relação que essa consequência tem com o comportamento que a produz, não sendo resultado natural ou automático do responder. O objetivo deste trabalho foi analisar o tipo de reforço predominante nos programas para tratamento da adicção a drogas publicados no JABA (Journal of Applied Behavior Analysis). A busca foi feita em artigos publicados entre 1968 a 2011 na ferramenta virtual do próprio periódico, a partir das palavras-chave *addiction*, *substance use* e *drug*. Selecionou-se 15 artigos que descreviam programas de intervenção para usuários de drogas a partir da manipulação de estímulos consequentes. Os dados dos estudos foram organizados a partir de ano de publicação, tipo de intervenção, número de participante, comportamento-alvo selecionado para intervenção, estímulos consequentes utilizados para manipulação do comportamento-alvo e realização ou não de avaliação de seguimento. Os resultados mostraram que houve um crescente número de publicações sobre o tema na última década. A maior parte dos estudos recuperados propôs intervenções para o uso de nicotina, cocaína e heroína, com média de 54 participantes. Os estudos tinham como objetivo avaliar a abstinência a partir do uso de reforçadores positivos. Para isso, dinheiro, vale-brindes, doses de metadona, acesso a emprego e participação em sorteios foram usados como estímulos reforçadores. Conclui-se que os estímulos consequentes utilizados nos programas de intervenção podem ser classificados como arbitrários. São discutidas algumas implicações disso para a efetividade da intervenção, como a produção de efeitos apenas em desempenhos específicos, volta do comportamento às taxas iniciais de ocorrência quando cessa o reforçamento e o não favorecimento da aprendizagem de novos comportamentos.

Palavras-chave: adicção, drogas, reforço arbitrário.

Apoio financeiro: Mariana de Toledo Chagas recebeu bolsa da CAPES.



REGRAS DISCREPANTES OU CORRESPONDENTES ÀS CONTINGÊNCIAS PRESENTES NO COTIDIANO DE UMA FAMÍLIA COM MEMBRO AUTISTA.

Camila Straforin de Oliveira (Curso de Psicologia, ICH-UNIP, Araraquara - SP, Brasil), *João dos Santos Carmo* (DPsi, CECH- UFSCar, São Carlos, SP), *Edilaine Helena Scabello* (Curso de Psicologia, ICH- UNIP, Araraquara - SP, Brasil), *Valeria Mendes* (DPsi, CECH-UFSCar, São Carlos, SP).

Ter uma criança com autismo em casa não afeta apenas os pais e sim toda a dinâmica familiar. Ao lidar com o membro autista, os familiares passam a gerar e seguir regras relacionadas a como interagir e como agir com o indivíduo com acentuadas diferenças comportamentais. Essas regras são, frequentemente, descrições de contingências cotidianas no universo familiar e que podem, em grande medida, determinar algumas respostas em relação ao membro autista. A presente pesquisa teve por objetivo identificar e descrever regras presentes na relação entre membros de uma família com filha autista. Como segundo objetivo, verificou-se se as regras anunciadas pelos membros da família acerca da filha autista eram discrepantes ou confirmadas pelas contingências presentes cotidianamente no trato com a família. Conduziu-se um estudo de caso com entrevistas a cada membro da família, bem como aplicou-se um roteiro de delimitação do perfil do participante, a Escala de Traços Autísticos (ATA) e o questionário de classificação econômica. Os participantes faziam parte de um grupo familiar pertencente à classe média alta de uma cidade do interior de São Paulo e composta por: pai, 45 anos de idade, profissão arquiteto; mãe, 43 anos de idade, profissão administradora de empresa; uma adolescente, com 13 anos de idade e; uma criança autista (J.), de 9 anos de idade, que frequentava a quinta série do Ensino Fundamental. A entrevista foi norteada por uma questão apresentada aos pais e à irmã adolescente: “Fale como é a relação da sua irmã (filha) autista com você e desta com os demais familiares”. A partir da análise dos relatos foi possível identificar e descrever as regras presentes nas relações familiares. As regras presentes com regularidade nas falas dos entrevistados foram (1) J. é normal; (2) Ela é diferente das outras crianças; (3) J. tem algumas limitações. No relato oral da mãe em momento algum houve contradição, pois para esta parece claro que a sua filha tem alguma limitação. Analisando os três relatos, notamos que para o pai e para a irmã adolescente não pareceu estar muito claro que J. apresente alguma limitação, pois em todo momento eles afirmam que esta é normal e os relatos orais da mãe em momento algum fala dessa normalidade da criança e sim afirma que ela é diferente e tem dificuldades. Essas diferenças nos relatos em relação à dicotomia normal x anormal implicavam e refletiam em ações discrepantes entre pai, mãe e irmã adolescente no trato com J. A identificação de regras presentes no cotidiano familiar e a verificação da correspondência (concordância) ou ausência de correspondência (discrepância) entre regras e contingências possibilitaram a discussão dos dados em termos de: valores, crenças, preconceitos e hipóteses explicativas dos familiares em relação à condição de J. A análise pode fornecer indícios relevantes acerca da descrição do relacionamento de familiares com seu membro autista, bem como do desenvolvimento de formas eficazes de orientação a famílias que possuem em sua composição um membro autista, mais especificamente em relação a como lidar mais produtivamente com esse familiar.

Palavras-chave: autismo, relação familiar, regras.



REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E PROCEDIMENTOS TERAPÊUTICOS DOS ESTUDOS DE TERAPIA COM EXPOSIÇÃO À REALIDADE VIRTUAL. *Joseani Kochhann, Verônica Bender*

Haydu (Departamento de Psicologia e Análise do Comportamento – UEL, Londrina, PR).

Os transtornos de ansiedade são observados em um grande número de pessoas em nossa sociedade e procedimentos farmacológicos e psicoterapêuticos são utilizadas como tratamento. A terapia analítico-comportamental tem sido a mais indicada e os profissionais dessa área procuram fazer com que ocorra exposição do indivíduo ao objeto/situação que causa fobia com a finalidade de diminuir a ansiedade na presença do estímulo aversivo. Existem diferentes formas de expor o indivíduo ao estímulo aversivo, como, por exemplo, utilização da realidade imaginária, realidade virtual, realidade aumentada e realidade *in vivo*. O presente estudo tem por objetivo descrever os procedimentos terapêuticos de estudos em que a exposição à realidade virtual (VRET) e realidade aumentada (ART) foram usados como principais recursos no processo terapêutico. Foram realizadas buscas bibliográficas em base de dados com publicações da área e, tabulados em uma planilha do Microsoft Excel os trabalhos encontrados. Em seguida, foi feita uma seleção das publicações que descreviam a VRET e a ART com participantes que apresentavam as seguintes fobias: agorafobia, aracnofobia, claustrofobia, medo de baratas e de dirigir. As seguintes características foram observadas: n° de participantes, n° de sessões, delineamento experimental, tipo de avaliações realizadas, procedimento terapêutico em VRET/ART e nos outros grupos e se foram realizadas sessões de follow-up. Foram encontrados 19 estudos em que a descrição dos procedimentos terapêuticos foi feita. Verificou-se nesses 19 estudos que, de forma geral, os tratamentos são baseados em três etapas: sessões de psico-educação (ensina-se sobre as características dos sintomas provocados pela fobia, técnicas de relaxamento e habituação com o equipamento utilizado), sessões de exposição, sessões de prevenção à recaída e *followup*. Os profissionais da abordagem cognitivo-comportamental são os que mais desenvolvem, atualmente, pesquisas da aplicação das ferramentas em questão. A revisão permitiu constatar que os pesquisadores se preocuparam em avaliar a eficácia da terapia com a aplicação de testes que estabelecem o grau de fobia antes e depois da intervenção. Em quatro procedimentos foi feita uma comparação entre exposição VRET e IVE (*in vivo*). Além disso, alguns estudos apresentaram sessões dedicadas exclusivamente à psico-educação na fase inicial (com exceção de dois dos estudos) e 11 não descreveram sessões de prevenção à recaída. Em 12 dos 19 estudos houve sessões de *followup*. Em todos os procedimentos descritos houve preocupação com o tempo de exposição dos participantes e em promover estratégias para evitar *cybersickness*. Conclui-se que um procedimento ideal deve ser composto das três etapas descritas anteriormente, ressaltando-se o cuidado a ser tomado com o tempo dedicado a cada fase do processo para atingir os objetivos de cada uma.

Palavras chaves: realidade virtual, terapia, fobias.



UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE OS PROCESSOS DE VARIAÇÃO E DE SELEÇÃO NO DARWINISMO. *Monalisa de Fátima F. C. Leão, Verônica BenderHaydu* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

A teoria da seleção natural foi proposta por Darwin em 1859, no livro intitulado “A origem das espécies”, como o modelo explicativo da mudança evolutiva dos seres vivos. Darwin fundamentou sua teoria evolutiva em dois processos, a variação e a seleção natural. O autor esclareceu que o principal processo de evolução é a ação da seleção natural sobre a variação individual. Sendo assim, segundo o modelo darwiniano, a relação entre os processos de variação e de seleção é fundamental para a evolução das espécies. No entanto, nas teorias explicativas tradicionais do fenômeno biológico e no contexto da teoria evolutiva, especificadamente do darwinismo ao neodarwinismo, o tratamento da relação entre os processos de variação e de seleção se mostrou instável. O objetivo deste estudo é analisar a relação entre os processos de variação e de seleção no darwinismo. Para tanto, inicialmente será contextualizado o pensamento científico da época em que a teoria da seleção natural foi proposta. Isso será feito por meio da apresentação das características principais de duas teorias tradicionais utilizadas para explicar os processos vivos, anterior ao darwinismo: o fisicalismo e o vitalismo. Nesse ponto, mostrar-se-á como as ciências físicas clássicas e o conjunto de ideias que caracterizaram o fisicalismo, tais como o essencialismo, o determinismo, o universalismo e o reducionismo, influenciaram no tratamento darwiniano da relação entre os processos de variação e de seleção. Além disso, a apresentação de algumas características do fisicalismo e do vitalismo permitirá, no final do estudo, esclarecer como o modelo de seleção natural pode ser entendido como uma alternativa às explicações tradicionais do fenômeno biológico. Posteriormente, será elucidado o tratamento da relação entre os processos de variação e de seleção no darwinismo, segundo Darwin e alguns neodarwinistas. Pode-se dizer que Darwin, ao propor a teoria da seleção natural, tentou fornecer uma explicação científica para os fenômenos biológicos, ainda sob influência do fisicalismo. No entanto, seus esforços em explicar cientificamente a natureza e a origem das variações, com base nas leis da física, foram malsucedidos, a tal ponto que o autor recorreu ao acaso para explicar o processo de variação. Darwin deixou claro o seu desconforto em relação à referência ao acaso e esclareceu que isso expressava somente a ignorância das leis causais que regem o processo de variação. Para o autor, as variações têm relação direta com a adaptação do organismo e a aleatoriedade não é intrínseca aos fenômenos biológicos. Um novo tratamento à relação entre os processos de variação e de seleção foi dado pelos neodarwinistas. Com as contribuições da síntese moderna, foi possível demonstrar que as variações surgem por meio de mutação ao acaso e que sua ocorrência independe das necessidades do organismo. Sendo assim, a referência ao acaso como fonte de variações refere-se à própria natureza aleatória dos fenômenos biológicos. Em suma, de acordo com os neodarwinistas, a relação entre variação e seleção, no processo de seleção natural, é de complementaridade, mostrando que os dois processos, inevitavelmente, são responsáveis pela evolução dos seres vivos.

Palavras-chave: variação; seleção natural; darwinismo.

Apoio financeiro: Monalisa de Fátima Freitas Carneiro Leão é bolsista de mestrado da CAPES; Verônica Bender Haydu é bolsista produtividade em pesquisa da Fundação Araucária.



UMA LEITURA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DAS RELAÇÕES DE BULLYING NA ESCOLA. *Cristina Tiemi Okamoto* (UEL, Ipac, Londrina, PR), *Leilah Sant'Ana Sabião* (PsicC, Londrina, PR), *Solange Begiato Mezzaroba* (UEL, Londrina, PR), *Marcos Roberto Garcia* (Ipac, PUC-PR, Londrina, PR).

O *bullying* se tornou assunto recorrente na mídia nos últimos tempos e passou a ser preocupação não só para os envolvidos nesses episódios, mas também para pais, professores e para a comunidade em geral. *Bullying* pode ser definido como comportamentos agressivos adotados por um indivíduo, ou mais, em relação à outra pessoa, que ocorrem, geralmente, em ambiente escolar. São considerados *bullying*: bater, cuspir, intimidar, danificar propriedades, roubar, zombar, ridicularizar, xingar, ameaçar, iniciar boatos, entre outros. Muitos desses comportamentos são considerados como brincadeiras da idade por muitas pessoas que testemunham tais episódios. No entanto, causam grandes prejuízos, não só para vida de suas vítimas, como para todos os envolvidos. Apesar de não ser fenômeno novo, passou a ser, há poucos anos, objeto de estudo pelo meio científico. No Brasil são poucos os estudos na área, porém dados alarmantes são levantados. Os prejuízos apontados nesses estudos são relacionados à diminuição do rendimento escolar, autoestima e envolvimento social das crianças. Tendo em vista que há poucos estudos brasileiros da análise do comportamento que pesquisam sobre a ocorrência de *bullying* nas escolas, considera-se importante levantar dados relacionados a essas ocorrências a fim de identificar quais consequências mantém essas classes de respostas. Desse modo, esses dados podem contribuir de modo significativo com possíveis intervenções futuras. Diante desta demanda, com este trabalho pretendeu-se identificar que contingências contribuem para a manutenção da classe de respostas (*bullying*), a partir do levantamento de dados relacionados aos episódios; e, mais especificamente: a) identificar antecedentes e consequentes do comportamento; b) observar e levantar as consequências mantenedoras do comportamento do agressor; c) identificar variáveis importantes relacionadas ao *bullying*; d) levantar possíveis propostas de intervenção buscando diminuição da frequência do *bullying* no ambiente escolar. Para tanto, os participantes desse estudo foram alunos e professores de uma escola privada, da cidade de Londrina-PR, que responderam questionários, que visavam, principalmente, levantar dados relacionados a episódios de comportamento *bullying* na escola. A observação *in loco* também foi adotada com o mesmo propósito. Verificou-se que zombar (humilhar), bater, xingar e apelidar foram os comportamentos designados como *bullying* que mais apareceram e que existem diferentes tipos de manifestação do fenômeno. Ainda, o comportamento do agressor parece ser mantido por diferentes consequentes como submissão das vítimas, postura dos professores, entre outros. Nesse sentido, infere-se necessária uma intervenção que contemple todos os envolvidos e equipe pedagógica, visando capacitar docentes e equipe, e orientar os envolvidos. Por fim, entende-se importante que seja propiciado aos agressores condições para que desenvolvam comportamentos mais amigáveis e sadios, arranjando uma nova contingência em que comportamentos sociais adequados sejam reforçados em detrimento dos agressivos.

Palavras-chave: *bullying*, comportamento agressivo, Análise do Comportamento.



UMA PONTE ENTRE TERAPIA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL E TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE: UM OLHAR SOBRE O TERAPEUTA NA INTERAÇÃO TERAPÊUTICA. *Weslem Martins Santos* (Faculdades Integradas de Paranaíba, MS), *Juliano Setsuo Violin Kanamota* (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, MS), *Roberto Alves Banaco* (Núcleo Paradigma, São Paulo, SP).

Na literatura analítico-comportamental podem ser observados diferentes autores que se propuseram a analisar funcionalmente conceitos empregados por outros sistemas psicológicos. Observa-se nessa literatura, por exemplo, análises de processos comportamentais presentes na definição freudiana dos mecanismos de defesa, bem como interpretações comportamentais de conceitos como transferência e aliança terapêutica. Nesse contexto se defende que o diálogo com outros sistemas psicológicos pode ser relevante, na medida em que as relações empíricas e mesmo, algumas vezes, um conjunto de procedimentos de um modelo podem ser traduzidos nos termos do outro e usado para enriquecê-lo. Numa perspectiva behaviorista radical a interação terapeuta - cliente é colocada como o eixo central do processo terapêutico, evidenciando a importância de se identificar as variáveis que operam sobre o responder do terapeuta na situação terapêutica, em diferentes momentos da terapia. Objetivou-se nesse trabalho construir uma interpretação analítico-comportamental das “atitudes terapêuticas” do terapeuta – que se diversificam ao longo do processo terapêutico – descritas pelo Humanismo, abordagem psicológica, amiúde, identificada como aquela que melhor discute a condição de “ser humano” do terapeuta no relacionamento com o cliente. Conduziu-se, dessa maneira, uma interpretação em termos de variáveis de controle do comportamento do terapeuta, na interação terapêutica, das seguintes “atitudes terapêuticas” apresentadas por aquele referencial psicológico: empatia, aceitação incondicional ou respeito e coerência (indicadas para o início da terapia); e confrontação, imediaticidade e concreticidade (indicadas para o período intermediário da terapia). Observou-se que uma interpretação analítico-comportamental das atitudes terapêuticas acima referidas pode contribuir para um aumento da sensibilidade do responder do terapeuta em relação às variáveis presentes na interação com o cliente. Observou-se, também, que tais atitudes parecem se referir: *Empatia* - hipotetizar os efeitos que as variáveis que controlam o comportamento do cliente teriam sobre o comportamento do terapeuta. *Aceitação incondicional ou respeito* - responder não punitivo diante de ações ou descrições de sentimentos e pensamentos do cliente e alta densidade de reforçadores positivos contingentes a praticamente todas as classes de comportamentos emitidos por ele na sessão; *Coerência* - correspondência entre comportamentos encobertos e abertos do terapeuta (sentir-dizer); *Confrontação* - comportamento verbal público do terapeuta sob controle da não correspondência (dizer – fazer) no comportamento do cliente; *Imediaticidade* - contiguidade dos comportamentos do terapeuta sob controle dos comportamentos clinicamente relevantes emitidos pelo cliente durante a situação terapêutica; *Concretude* - operacionalizar contingências passadas e presentes relacionadas aos comportamentos clinicamente relevantes (CRBs 1, 2 e 3) emitidos pelo cliente durante a sessão. Concluiu-se que o diálogo com o Humanismo foi um exercício pertinente, na medida em que possibilitou a identificação de variáveis de controle que devem operar sobre o responder do terapeuta, enriquecendo a compressão analítico-comportamental do papel desse profissional na situação terapêutica. Destaca-se, também, que a interpretação proposta evidencia a ocorrência de fenômenos comuns à interação terapêutica que são contemplados pelos diferentes sistemas psicológicos correntes, respeitando seus comprometimentos



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

ontológicos e epistemológicos. O ponto central identificado a partir da análise proposta é que exercícios como esse podem abrir possibilidades para a tão necessária comunicação entre clínicos que atuam com diferentes abordagens psicológicas.

Palavras-chave: terapia analítico-comportamental, terapia centrada no cliente, terapeuta.

UMA REFLEXÃO COMPORTAMENTALISTA RADICAL DO TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL. *Camila Leal Martines* (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Maringá, PR) *Carolina Laurenti* (Departamento de Fundamentos da Educação, Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR).

Na contemporaneidade, a centralidade ocupada pela concepção de corpo contribui para uma preocupação exacerbada com a aparência física, permitindo o desencadeamento de quadros como o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC). O TDC é classificado pelo DSM-IV como uma atenção excessiva a um defeito imaginado na aparência de partes específicas do próprio corpo, o que prejudica o desempenho das funções sociais do indivíduo. Analistas do comportamento usualmente traduzem essa definição em uma linguagem analítico-comportamental de modo que sua interpretação e atuação sejam coerentes com a ciência do comportamento. Contudo, a tradução analítico-comportamental de termos nosográficos, quando não acompanhada por uma discussão filosófica, pode encorajar leituras e práticas inconsistentes com o Comportamentalismo Radical, a filosofia da Análise do Comportamento. Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em discutir uma interpretação do Transtorno Dismórfico Corporal que parece ser condizente com os pressupostos filosóficos do Comportamentalismo Radical. Apesar de poder ser eficiente no diálogo com outras disciplinas, a classificação tradicional do TDC sugere concepções realistas desse transtorno. A expressão “defeito imaginado na aparência” remete à existência de uma percepção certa e de uma percepção errada do próprio corpo, de um corpo real e outro imaginário. Essa assimetria acompanha *pari passu* as dicotomias realidade *versus* aparência, e normal *versus* patológico. Os pressupostos comportamentalistas radicais não são consistentes com uma visão realista dos conceitos de corpo e percepção, e tampouco subscrevem a dicotomia entre normal e patológico na compreensão dos fenômenos psicológicos. Isso porque entendem que a realidade não pré-existe ao indivíduo, mas que esta é constituída na relação entre indivíduo e seu ambiente, isto é, *no* comportamento. Ademais, o Comportamentalismo Radical concebe a gênese e a manutenção de todo e qualquer fenômeno psicológico em termos dos processos de variação e seleção do comportamento. No âmbito da Análise do Comportamento, isso encoraja a interpretação de um fenômeno psicológico com base em uma análise funcional, que explica o surgimento e a manutenção desse fenômeno em termos do estabelecimento (seleção), ao longo do tempo, de uma relação de dependência probabilística (variação) entre classes de estímulos e respostas. Nesse sentido, o TDC pode ser entendido como uma classe de respostas que foi selecionada ao longo da história de vida do indivíduo por consequências, em situações específicas; e o seu estudo deve ser permeado por uma visão relacional que alude a uma história de contingências de reforçamento. Igualmente, os conceitos de corpo e percepção são entendidos mediante análise de uma história, em uma perspectiva relacional, o que subsidia a ideia de que a percepção do indivíduo de seu corpo é real na medida em que é funcional. Com efeito, uma tradução analítico-comportamental de nosografias pode acarretar na inclusão, pela Análise do Comportamento, de noções inconsistentes com a sua filosofia. Sendo assim, a visão relacional-funcional da Análise do Comportamento contrasta com uma leitura realista-patológica do TDC, o que, no limite, encorajará estratégias de intervenção distintas. Uma reflexão comportamentalista radical no tratamento do TDC pode contribuir, então, para a produção de um conhecimento analítico-comportamental que articule de modo coerente teoria, prática e técnica.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Palavras-chave: Comportamentalismo Radical, transtorno dismórfico corporal, relacionismo.

Apoio financeiro: PIC – Programa de Iniciação Científica, LAFIMEP – Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia.



UMA REFLEXÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE PLANEJAMENTO DE TÉCNICAS COMPORTAMENTAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL A PARTIR DE UMA ANÁLISE DOS DIFERENTES EFEITOS DESEJÁVEIS E INDESEJÁVEIS DO CONTROLE AVERSIVO E POSITIVO. *Angélica Maria Teodoro Cunha* (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus de Paranaíba-MS), *Monalisa de Fátima Freitas Carneiro Leão* (UEL, Londrina, PR), *Cristiane Alves* (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus de Paranaíba, MS).

Controle aversivo pode ser entendido como um tipo de controle do comportamento estabelecido por contingências de reforço negativo e de punição. Analistas do Comportamento vêm se dedicando a um estudo mais aprofundado em relação à prática aversiva e principalmente, nas possíveis implicações que esta forma de controle pode produzir quando empregada em contextos sociais, tais como a educação e a psicoterapia. Skinner e Sidman, os principais críticos do uso do controle aversivo, argumentaram que as contingências de reforço negativo e de punição geram subprodutos indesejáveis que dificultam a aprendizagem de comportamentos apropriados ou ainda contribui para déficits comportamentais. Por esta razão, os autores destacam a necessidade de evitar esse tipo de controle, quando possível, e sugerem, como alternativa, procedimentos fundamentados em contingências de reforço positivo. No entanto, alguns autores têm questionado essa visão tradicional, argumentando que, tanto as contingências de controle aversivo, como as de controle positivo, podem produzir efeitos comportamentais desejáveis e indesejáveis. Identifica-se como um dos efeitos indesejáveis do controle positivo a restrição de repertório comportamental, bem como, as dificuldades que o indivíduo apresenta no processo de generalização e discriminação de contextos diferentes. Por outro lado, as contingências de reforço positivo são fundamentais para promover sentimentos de autoestima e autoconfiança. Em relação às contingências que compõe o campo do controle aversivo, os estudos mostram que esse tipo de controle produz efeitos indesejáveis, como reações emocionais perturbadoras, padrões de fuga-esquiva e restrição de repertórios comportamentais. Além disso, algumas variáveis como frequência e intensidade parecem favorecer a ocorrência desses efeitos. No entanto, é possível também identificar benefícios à acedência do controle aversivo na aprendizagem de alguns comportamentos como, por exemplo, o comportamento moral, autoconhecimento e como consequência a aquisição do autocontrole. A aprendizagem destes repertórios não só promoveriam repertório eficaz para o indivíduo, mas também, resultados desejáveis para o grupo com qual o indivíduo interage. Argumenta-se desta forma, que tanto as contingências que compõe o controle aversivo e as contingências de reforço positivo quando aplicadas de maneira adequada, podem contribuir para o surgimento de efeitos desejáveis, como a aprendizagem de comportamentos considerados adequados. No contexto dessa discussão, o objetivo deste trabalho é apresentar os diferentes efeitos comportamentais das práticas aversivas e das contingências de reforço positivo, questionando a visão tradicional a respeito do controle aversivo. Ademais, pretende-se levantar algumas discussões a cerca de um planejamento adequado de técnicas baseadas nestes dois tipos de controle, positivo e negativo, diante do nosso contexto educacional atual. Levando em consideração este contexto educacional, o presente trabalho também permitirá reflexões sobre algumas variáveis que influenciam no planejamento de técnicas pautadas em contingências positivas e negativas pelo professor, e sobre a dificuldade de controlar variáveis como intensidade e frequência, que influenciam nos



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

efeitos dos dois tipos de controle, já que o contexto educacional caracteriza-se como sendo um ambiente natural.

Palavras-chave: Educação; controle aversivo; reforço positivo.



PAINÉIS

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO: COMPREENDENDO E DISCUTINDO A REALIDADE ESCOLAR.

Julio César de Camargo, Valquiria Maria Gonçalves e Solange Maria Beggiano Mezzaroba (Departamento de Psicologia Social e Institucional, UEL, Londrina, PR)

Não se pode pensar a escola somente pela ótica do ensino/aprendizagem de conteúdos previamente estabelecidos, uma vez que a instituição é perpassada por uma série de outras questões, que envolvem normas e valores, relacionamento humano e outras características que são únicas para cada escola, como a comunidade na qual está inserida, a faixa etária de seus alunos, as condições de vida dessa população, etc. O papel do psicólogo escolar é o de compreender a dinâmica da instituição como um todo: a rotina de trabalho, as regras e normas vigentes, a relação entre equipe pedagógica, docentes e funcionários, entre professores e alunos e entre os próprios alunos, tanto dentro quanto fora do contexto de sala de aula. O tipo de intervenção que pode ser considerado o mais abrangente dentro do trabalho do psicólogo escolar é aquele realizado junto à equipe de docentes e funcionários, podendo abarcar também a equipe pedagógica e a direção. Nesse contexto, procura-se a realização de trabalhos em grupo, que propiciam a criação de um espaço para reflexão crítica e para discussão da realidade escolar. O objetivo do presente trabalho é apresentar uma reflexão acerca do trabalho realizado por estagiários do quinto ano de Psicologia em uma instituição escolar pública localizada no município de Londrina/PR. A primeira parte do trabalho se caracterizou pela realização de um diagnóstico institucional (observação da rotina de funcionamento do colégio; conversas com a direção, equipe pedagógica, funcionários, professores e alunos; aplicação de um questionário dirigido aos professores.), pelo qual foram levantadas as necessidades do colégio e as possibilidades de intervenção. Na sequência, elaborou-se um curso de extensão para professores e funcionários, com encontros mensais, para realização de discussões, reflexões, leituras e aplicação de técnicas de dinâmicas de grupo. O objetivo de tal intervenção foi construir um espaço para discussão da realidade escolar. O curso oferecido a professores e funcionários do colégio proporcionou a criação de um espaço para discussão e reflexão crítica sobre a realidade escolar, as dificuldades encontradas pelos participantes no dia-a-dia de trabalho e o papel de cada um dentro desse contexto. O curso também trouxe contribuições da Análise do Comportamento em relação aos processos de aprendizagem, autoconhecimento, forma de lidar com os comportamentos e sentimentos dos alunos, controle por regras, entre outras. Conclui-se que, diante da complexidade das relações que permeiam um ambiente educacional, a atuação do psicólogo se mostra fundamental, principalmente no que tange a criação de um espaço onde os profissionais possam refletir sobre a realidade escolar e repensar suas práticas. Além disso, o ensino de conhecimentos básicos sobre Análise do Comportamento, realizado em uma linguagem acessível ao público em geral, foi uma importante instrumentação para que professores e funcionários possam programar ações visando melhorias no cotidiano de trabalho.

Palavras-chave: psicologia escolar, trabalho com a equipe, Análise do Comportamento.



A CONCEPÇÃO FREIRIANA DE ENSINO E SUA RELAÇÃO COM A ANÁLISE COMPORTAMENTAL SKINNERIANA. *Fernanda Mendes Caleiro, Taimon Pires Maio* (Departamento de Ciências Biológicas, UEL, PR).

As tratar de educação e ensino, podemos considerar as ideias do educador Paulo Freire como voltadas para o estudo da escolarização e formação da consciência social crítica dos sujeitos. Freire trabalhou e discutiu sobre conceitos como condicionamento, determinantes sóciohistóricos e o fato de que os sujeitos conscientes de seus determinantes possuiriam maior senso de liberdade e autonomia, o que se caracterizaria pela maior capacidade de intervir sobre sua realidade. Freire entendeu que o discente modifica-se tanto no processo do aprender, como com a consequência de sua ação no mundo, ou seja, o produto social e cultural de sua ação. Burrhus Frederic Skinner, psicólogo norte-americano que estudou experimentalmente a aprendizagem, também avaliou a temática do ensino-aprendizagem. A partir de achados experimentais, Skinner refletiu sobre a eficácia do aprendizado acadêmico, a construção social do conhecimento, bem como o surgimento da autonomia do discente e seu senso de liberdade. Ainda que não tenha se direcionado de forma tão enfática ao problema político da educação, Skinner demonstrava inclinação política democrática em relação ao ensino, o que é expresso em diversas passagens de suas obras. Nestas, Skinner trata do respeito ao conhecimento prévio do discente definido como sua história de condicionamento, e o limite e singularidade apresentado por cada indivíduo no processo de aprendizagem. A partir da leitura dos clássicos de Paulo Freire e Burrhus Frederic Skinner, o presente trabalho buscou avaliar a concepção freiriana de ensino sob a ótica comportamental skinneriana, estabelecendo a interface conceitual entre os estudiosos. Tal proposta justificou-se pela necessidade de abertura de espaço para novas reflexões relativas a possibilidade de construções de práticas de ensino baseadas em evidências que favoreçam aprendizado do discente, sem que estas percam o foco do aprender a problematizar a realidade intra a extra-classe que este deve apresentar para ser ativo no mundo, ou seja, as reflexões políticas e ideológicas necessárias a atividade de tornar-se sujeito. Concluiu-se que os dois estudiosos podem ser definidos como interacionistas e apresentam diversos conceitos em comum no que diz respeito à aprendizagem. Destaca-se em Freire, a concepção de que os indivíduos devem entender-se enquanto seres condicionados, porém ativos perante o mundo, conferindo com a concepção comportamental refletida no conceito de comportamento operante. Ambos propuseram que o professor deve ter um papel de mediador entre o discente e a construção do conhecimento, em detrimento da concepção do professor como um transferidor de conhecimentos à sujeitos passivos, o que confere também com a proposta skinneriana do desenvolvimento de um sistema programado de ensino e de práticas reforçadores positivas, em oposição a práticas coercitivas. Ambos os autores deixaram clara a concepção de que a autonomia constitui-se de repertórios comportamentais que podem ser ensinados mediante a disposição de condições adequadas de ensino. Atenta-se para o fato de que as diferenças de linguagem entre Skinner e Freire não deva configurar um obstáculo na tentativa de vincular os empreendimentos dos autores, sobretudo, àqueles relativos aos conceitos de aprendizagem, de discente e ao papel que o professor deve ter na construção do conhecimento.

Palavras-chave: professor, discente, autonomia.



A EXPERIÊNCIA DE PAIS COM FILHOS INTERNADOS EM UTI NEONATAL. *Jéssica Aires da Silva Oliveira, Liziane Souza Leite* (Faculdade Pitágoras, Londrina, PR).

A hospitalização de um filho é uma condição geradora de ansiedades e fantasias à família. Quando esta hospitalização acontece em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTINeo), ela afeta, principalmente os pais gerando-lhes sofrimento psíquico intenso. Este evento estressor pode ser avaliado como um fator catastrófico na vida da família, visto que o desejo em ter um filho saudável, que não necessite de cuidados, principalmente intensivos, não ocorre. Durante o período da gravidez, a família cria uma fantasia em que seu filho será saudável, e que logo após o nascimento, estará junto a eles no seu conforto familiar. Mas, ao nascer uma criança prematura, seja por algum tipo de malformação congênita ou uma doença grave, este evento cria novas fantasias ameaçadoras e se fortalece com as fantasias já existentes, como o risco de morte. Desta forma, a UTINeo torna-se o conforto necessário para que este filho desejado tenha os cuidados especializados. Ao receberem esta notícia, a família geralmente vivencia sensações de estranheza e impotência, carregada de estresse, ansiedade e angústias. Além da relação existente entre UTI e morte, a separação temporária desde filho é muito dolorosa. A visão da UTI para os pais é de um ambiente assustador, cheio de estímulos dolorosos visuais e auditivos. E a partir desta nova condição, as fantasias criadas, as ansiedades e estresses vivenciados, tornam o enfrentamento da família, especialmente das mães, um fator complicador no processo de hospitalização. Algumas mães vivenciam um medo de estender a ligação afetiva criada com este filho, com medo de perdê-lo e sofrer ainda mais. É comum encontrar mães tentando fugir da situação, outras deprimem por acreditar que não foram capazes de gerar um filho perfeito, outras sentem-se culpadas por ter feito algo que não deveria ter feito durante a gestação ou simplesmente por apresentar algum pensamento de rejeição durante algum momento da gravidez. Este trabalho teve por objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre as vivências e as experiências das famílias com filhos internados em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Esta foi realizada através de uma pesquisa de artigos científicos disponíveis no Scielo, utilizando como palavras-chave UTI Neonatal e famílias. Dentre todos os artigos disponíveis foram selecionados cinco artigos que envolviam a temática. Os resultados nos revelaram que o sofrimento vivenciado pelos pais acarreta instabilidade emocional interferindo na dinâmica familiar. Esta instabilidade identificou-se nos altos níveis de ansiedade, depressão e hostilidade, com dificuldades de ajustamento psicossocial. Desta forma, concluiu-se que estas famílias necessitam de um acompanhamento psicológico para melhor manejo das fantasias e dos estressores causados pela situação de hospitalização dos bebês.

Palavras-chave: sofrimento psíquico, famílias, UTINeo.



A INFLUÊNCIA DE FILMES SOBRE O COMPORTAMENTO AGRESSIVO DE CRIANÇAS. *Ednéia Aparecida Peres Hayashi, Luísa Andrade D' Tolis, Marcela Roberta Jacyntho Zacarin, Marcus Vinícius Galvão, Maria Júlia Picon* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

O comportamento agressivo é uma subclasse do comportamento antissocial que pode ser influenciado por diversas variáveis, como fatores genéticos, baixa autoestima, interações sociais, e até mesmo substâncias tóxicas. O presente estudo teve seu enfoque na aprendizagem social, que diz respeito ao processo de aprendizagem que provém da observação (modelação). Grande parte da aprendizagem social ocorre dessa forma, o que certifica que crianças podem aprender diversos comportamentos através da observação de outras crianças, adultos e, também, de personagens de filmes. O objetivo do presente estudo foi avaliar se há alguma influência de filmes com cenas relacionadas à agressividade na apresentação de comportamentos agressivos (chutes, socos, tapas e xingamentos) por parte de crianças, através da análise de desenhos realizados pelas mesmas. A pesquisa foi realizada durante dois dias, em um Colégio Estadual de Londrina, com treze crianças do sexto ano, com idades entre onze e treze anos (oito meninos e cinco meninas). O filme apresentado foi *Dragonball Evolution* (censura livre), que contém algumas cenas de luta. Depois de concedida a permissão da escola para a realização do estudo, os participantes foram selecionados de forma aleatória e, em seguida, foi enviado um termo de consentimento para os responsáveis. No dia marcado para a primeira coleta de dados, os participantes foram levados até a sala de vídeo do colégio e a eles foi pedido que fizessem um desenho livre e, posteriormente, o filme foi exibido. Após seu término, o mesmo pedido foi feito. No segundo dia, as crianças foram novamente levadas até a sala de vídeo e foi pedido para que realizassem um desenho. A análise dos dados implicou na comparação do conteúdo dos desenhos no pré, pós e no dia seguinte à exibição do filme, feito pelos meninos e, separadamente, os das meninas. Os conteúdos foram divididos em quatro critérios: relacionado ao filme e a comportamento agressivo, relacionado somente a conteúdo do filme, relacionado a comportamento agressivo e ausência de relação a comportamento agressivo. Primeiramente, notou-se que antes do filme, todos os participantes fizeram desenhos que não estavam relacionados a comportamentos agressivos. No pós-filme, cinco garotos realizaram desenhos relacionados ao filme e apenas um dos oito desenhos estava relacionado tanto ao filme quanto a comportamentos agressivos. Quanto às meninas, no pós-filme apenas um desenho estava relacionado a comportamentos agressivos, mas sem relação alguma ao filme. Referente aos desenhos feitos pelos meninos no dia seguinte, um deles estava relacionado ao filme e três estavam relacionados apenas com comportamento agressivo. Já entre as meninas, houve apenas um desenho relacionado a comportamentos agressivos. Após o filme, notou-se que os participantes se comportaram de forma mais agressiva verbalmente, o que pode sugerir certa influência por parte dele sobre o comportamento verbal das crianças. É importante destacar que o colégio no qual a pesquisa foi realizada está localizado em um bairro com alto índice de violência, o que pode ser também uma variável que influencia nos comportamentos de desenhar e verbalização dos participantes.

Palavras chaves: Análise do Comportamento, influência de filmes, comportamento agressivo.



A INFLUÊNCIA DE GÊNEROS MUSICAIS NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL. *Ednéia Aparecida Peres Hayashi, Marcella das Neves Burgos, Marcela Miyuki Cavamura Endo, Mariana Mota Mesquita, Márgara Dias Nicácio* (UEL, Londrina, PR).

A música está presente na história da humanidade desde seus primórdios, sendo que alguns pensadores gregos já elaboravam teorias musicais baseadas nas influências dos sons sobre o corpo humano. Tais conhecimentos serviram como base para outros povos da Antiguidade investigar sobre o assunto. Passados os anos, a influência da música continua sendo foco de pesquisas e um campo a ser explorado por pesquisadores. Tendo em vista os efeitos da música no corpo e atitudes humanas, hoje o foco maior para o uso desta ferramenta é a diminuição do estresse, da ansiedade e até da dor. Entretanto, diferentes gêneros musicais podem influenciar de diversas formas no comportamento das pessoas, podendo ter consequências positivas, como é o caso de usá-la para diminuir o estresse, ou negativas. Com base nisto, a presente pesquisa visou o estudo da relação entre os gêneros musicais (*clássica e heavy metal*) e os comportamentos agressivos de crianças, averiguando se a música do gênero *heavy metal* aumenta a frequência do comportamento agressivo e se a música clássica o diminui. Os participantes desta pesquisa foram três crianças, de ambos os sexos, que estavam na faixa etária de 6 a 10 anos. O local da coleta de dados foi em uma sala da Ludoteca da Universidade Estadual de Londrina (UEL). As crianças foram submetidas, duas vezes por semana, com um intervalo máximo de 6 dias, a ouvirem músicas, por 30 minutos, durante suas atividades normais na Ludoteca, sendo 2 semanas para cada gênero musical selecionado. Durante este período, foram observados e registrados os comportamentos agressivos não-verbais (como: chutar, bater no colega, entre outros) por elas emitidos. Na última sessão de cada gênero musical (4ª e 8ª sessão), foi pedido às crianças que fizessem um desenho livre, onde foi observado somente o conteúdo relacionado ao comportamento agressivo, focando a agressão física. Os resultados obtidos a partir dos desenhos foram que, durante a apresentação do *heavy metal*, a porcentagem de conteúdos relacionados à agressividade foi de 50%, enquanto que nos desenhos feitos durante a música clássica, não foi observado nenhum conteúdo que pudesse se remeter à agressividade. A frequência do comportamento de bater, empurrar o colega e jogar objetos foi maior durante a apresentação da música *Heavy Metal* do que a *Clássica*, aparecendo também comportamentos de morder e sentar em cima dos colegas, sendo estes, porém, em menor frequência. Estes últimos comportamentos não apareceram durante as sessões de música clássica. Assim, os resultados apontam para a influência do gênero musical Heavy Metal sobre comportamentos agressivos de crianças.

Palavras-chave: comportamento agressivo, crianças, música.



A FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE PROFESSORES DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO EM CURITIBA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA. *Karina Pinheiro da Silva, Débora Schmidt de Almeida, Camila Rodrigues Morgado Ribeiro e Bruno Angelo Strapasson* (Universidade Positivo, Curitiba, PR).

O Brasil é um dos países com maior quantidade de analistas do comportamento do mundo e, na psicologia brasileira, os psicólogos que se intitulam como orientados por teorias comportamentalistas (dentre eles os analistas do comportamento) compõem um dos maiores grupos na prática da profissão. Os preceitos teórico-filosóficos da Análise do comportamento implicam, dentre outras coisas, necessidade de análise histórica dos fenômenos de interesse. Entretanto, ainda que alguns estudos tenham tentado retratar o desenvolvimento histórico da Análise do Comportamento no país, pouco se sabe sobre o desenvolvimento dessa perspectiva na cidade de Curitiba. A presente pesquisa objetivou retratar a formação e produção dos professores de Análise do Comportamento de Curitiba a partir de uma análise documental. Os currículos da Plataforma Lattes de 29 professores que lecionam ou lecionaram na cidade foram acessados e informações sobre a época de formação (graduação, mestrado e doutorado) e sobre a quantidade e tipo de produção acadêmica foram registrados. Pode-se constatar que a formação dos professores de Análise do Comportamento não tem sido gradual, havendo anos em que se formaram mais professores (1980, 1992, 2000 e 2004) que nos demais anos. A formação em pós-graduação parece ter sido influenciada diretamente pela instalação do programa de Mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência na Universidade Federal do Paraná entre 2000 e 2004 sendo que um terço dos professores da área obteve seu grau de mestre nesse programa. Adicionalmente, as colaborações entre os professores de AC de Curitiba se concentra em núcleos formados na época do referido programa de mestrado. A Universidade de São Paulo é a instituição que outorgou o grau de mestre para outro terço dos professores e o grau de doutor para mais da metade daqueles que obtiveram esse grau sendo, portanto, uma das instituições mais influentes sobre os professores da cidade. A produção acadêmica apresenta maior frequência de publicações entre os anos de 2000 e 2006. Quando classificadas em publicações com interesses aplicados, teóricos ou básicos, a produção dos professores de AC se concentra no campo aplicado, sendo a pesquisa básica muito pouco expressiva. Dada a posição de estratégica que os professores acadêmicos de uma área do saber exercem sobre a prática profissional correspondente, entende-se que a identificação das características da formação dos professores de AC na cidade de Curitiba bem como da produção desses profissionais ajuda a compreender: a configuração atual dessa área do saber na cidade; a compreender o papel histórico de certos eventos no desenvolvimento da AC em Curitiba; e a planejar intervenções estruturais para ampliar o desenvolvimento da AC na cidade.

Palavras chave: história da Análise do Comportamento, formação acadêmica, produção intelectual.



A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE REGULAR DE ENSINO: ANÁLISE DOS ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS. *Cíntia Aparecida Barbizan, Thaísa Mara de Carvalho, Eliza Dieko Oshiro Tanaka* (Psicologia Social e Institucional, UEL, Londrina, PR)

Este trabalho teve como objetivo investigar, na visão de pais e professores, os aspectos que interferem no processo de inclusão de crianças com Síndrome de Down (SD) na rede regular de ensino. Os participantes da pesquisa foram as mães e as professoras de quatro crianças com SD que freqüentavam a escola regular, sendo que duas crianças freqüentavam escolas regulares da rede pública de ensino, enquanto as outras duas freqüentavam escolas regulares da rede particular. Estas crianças também recebiam atendimento na Associação de Pais e Amigos de Portadores de Síndrome de Down (APSDown) localizada na cidade de Londrina/PR. Dos oito participantes que foram contatados para realizar a entrevista apenas um deles, professor da rede particular de ensino, não participou do processo. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para realização das análises qualitativas, que identificaram os aspectos positivos e negativos do processo de inclusão escolar destas crianças. Encontrou-se entre os aspectos positivos: adaptações nas estratégias/metodologias de ensino, dos recursos pedagógicos e materiais e da capacitação/preparação dos profissionais; apoio de uma instituição especializada em SD; trabalho conjunto entre a escola e esta instituição; adequada inclusão social na escola; relação favorável entre escola e família. Com relação aos aspectos negativos estão: falta de adequação da série escolar à capacidade intelectual da criança; procura dos profissionais da escola por formação especializada apenas quando há necessidade; falta de preparo da escola para lidar com possíveis discriminações; falta de profissionais qualificados (como, por exemplo, psicólogos) dentro da escola. Pode-se verificar através da análise destes resultados que, aparentemente, a maioria das crianças estava incluída mais socialmente do que academicamente, o que trouxe dúvidas em relação à efetividade do processo de inclusão escolar, resultado que corrobora com a maioria dos estudos. Outro fator verificado foi que houve diferenças quanto às escolas regulares de ensino público e particular. Observou-se que a escola particular possuía mais profissionais qualificados do que as duas escolas públicas, entretanto não foi possível obter dados de uma das escolas particulares devido à impossibilidade de contato com a professora. A realização deste trabalho possibilitou ultrapassar os limites do conhecimento teórico acerca do tema inclusão, pode-se dizer que nosso objetivo, identificar os aspectos positivos e negativos da inclusão destas crianças, foi atingido, possibilitando ainda que outras análises fossem realizadas a partir dos dados coletados. Desta forma, pode-se concluir que a inclusão social vem acontecendo nas escolas de forma satisfatória, porém nota-se uma necessidade de aprimoramento do aspecto pedagógico da inclusão escolar. Sendo assim, novas pesquisas na área podem contribuir para avaliar se a inclusão escolar, de fato, vem sendo realizada de forma efetiva.

Palavras-chave: inclusão escolar, inclusão social, Síndrome de Down.



ACESSIBILIDADE SOB O FOCO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.

Gessica Denora Ribeiro; Geysa Machado Cascardo; Giane Figueiredo; Guilherme Dutra Ponce, Margarete Matesco Rocha (Departamento de Psicologia e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

Este trabalho buscou compreender as ações de órgãos responsáveis em prol da acessibilidade em diferentes locais de uma cidade de Londrina –PR, entendendo-as a partir do conceito de metacontingência. A metacontingência implica em uma interação social, ao qual se pode identificar um entrelaçamento de contingências individuais que produz um resultado maior (é, um produto agregado diferente das conseqüências que seguem a ação de cada sujeito) que seleciona a ação coletiva. Dentro dessa perspectiva teórica, a acessibilidade pode ser considerada metacontingência, visto que interage com muitos fatores individuais, que acaba por produzir um resultado maior (diferente para cada sujeito) e que seleciona a ação coletiva. Pois é com a ação coletiva que se pode facilitar o direito de exercer a acessibilidade. Foram realizadas entrevistas não estruturadas com cinco profissionais vinculados profissionalmente a dois órgãos na cidade: Entidade representativa dos profissionais (CREA-PR), Secretaria de Obras e assessoria Especial para Assuntos de Acessibilidade da Prefeitura Municipal de Londrina e Núcleo de Acessibilidade da Universidade Estadual de Londrina. Foi solicitado aos entrevistados que expusessem qual a contribuição ou de que forma as organizações as quais estão vinculadas trabalham a questão da garantia da acessibilidade, tendo em vista as leis disponíveis sobre o assunto. No tema analisado, tal conseqüência seria a garantia dos direitos de acessibilidade das pessoas, Foi possível estruturar um conjunto das contingências entrelaçadas que promovem uma conseqüência comum de longo prazo, identificando os agentes, analisar os comportamentos desses agentes envolvidos, promover um entrelaçamento dos comportamentos desses agentes e “descobrir” os produtos agregados que mantêm a prática de assegurar que a acessibilidade esteja presente na vida das pessoas. as práticas culturais têm origem ontogenética e, além de envolver a interação entre indivíduos, envolvem produtos que não são aqueles que necessariamente mantêm o comportamento individual de cada participante. Notou-se também que as conseqüências que reforçam os comportamentos de cada agente não são necessariamente conseqüências que influenciam diretamente os outros agentes. Os cidadãos, ao exigirem seus direitos à prefeitura, normalmente recorrem com reclamações específicas, particulares. Um cego exige certas melhorias, assim como um cadeirante ou uma gestante pode ter necessidades diferentes. As ações da Assessoria de Acessibilidade são embasadas pelas exigências dos cidadãos – caso estes não tenham reclamações, a Prefeitura não terá porque agir. Desse modo, foi necessária uma visão molar das contingências em questão. O produto agregado que tem sido conseqüência de todas essas contingências é: uma cidade cada vez mais acessível a todos. A exigência de direitos individualmente exercida pelos cidadãos, assim como o envolvimento da Prefeitura na fiscalização e na discussão sobre a acessibilidade nos órgãos e projetos da cidade, assim como o dever dos profissionais envolvidos no urbanismo, mantêm uma conseqüência em longo prazo: a melhora das condições das construções e da educação, para o acesso de todos.

Palavra-chave: Análise do Comportamento, acessibilidade, metacontingência.



ALGUMAS VARIÁVEIS QUE PARTICIPAM DO DISCURSO DO SENSO COMUM EM RELAÇÃO À PSICOLOGIA E AOS PSICÓLOGOS. *Lígia Fernandes da Silva, Suelen Maria de Souza* (Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR).

O senso comum, entendido como conhecimento acumulado a partir de experiências cotidianas e como forma de simplificação da realidade, no contexto da ciência moderna, sofre inúmeras críticas. Acredita-se que ele não pode contribuir para a construção do saber científico. Já no contexto pósmoderno, o conhecimento do senso comum é convidado a dialogar com o científico, de forma a trazer contribuições a este. Tendo isso em vista, o objetivo desta pesquisa foi investigar qual é a visão do senso comum em relação à psicologia e aos psicólogos, e com isso, levantar possíveis variáveis que estariam mantendo o discurso dos entrevistados. Para tanto, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, que contou com 17 colaboradores, escolhidos ao acaso nas imediações da Universidade Estadual de Maringá. Estes tinham idades entre 20 e 50 anos; níveis de escolaridade que variaram desde o Ensino Fundamental até a graduação, e renda que variou desde um a oito salários mínimos. Os colaboradores foram submetidos a entrevistas semiestruturadas, que tiveram como base um questionário elaborado pelas pesquisadoras, contendo 15 questões. As entrevistas foram gravadas, transcritas e então, avaliadas a partir da Análise Comportamental do Discurso, que possibilita o conhecimento das naturezas contextual e histórica que controlam um discurso. As respostas obtidas, foram agrupadas em cinco categorias que apontaram para o objeto de estudo da psicologia e campo de atuação; organizações de trabalho; quem necessita de psicólogo; formas de intervenção do psicólogo; e a imagem que as pessoas tem deste profissional. A partir destas categorias, as variáveis apontadas como possíveis mantenedoras destes discursos foram: escolaridade, renda e contato anterior com a psicologia ou com psicólogos. Como resultado da pesquisa concluímos que o discurso do senso comum em relação à psicologia apresenta certa heterogeneidade, o que é inclusive uma característica própria desta ciência, que ainda hoje não tem um consenso sequer sobre seu objeto de estudo. Além disso, dentre as variáveis que mais parecem influenciar os discursos analisados, destaca-se a influência do relato de terceiros. Devido a experiências positivas e bem sucedidas com psicólogos, todos os relatos foram favoráveis à psicologia e aos psicólogos. Este ponto pode ser entendido tanto como resultado de práticas condizentes com o esperado, por parte dos profissionais, como também uma distorção por parte do senso comum, devido à posição de poder que o psicólogo ocupa diante deste tipo de conhecimento. Percebeu-se que as variáveis escolaridade e renda estavam associadas e que quanto menor elas eram, menos elaborados foram os discursos. O grau de aprofundamento das respostas também se relacionou à questão do interesse do entrevistado em relação à psicologia e com o envolvimento anterior com algum tipo de serviço ofertado por esta área.

Palavras-chave: discurso, senso comum, Psicologia.



ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES SOBRE SEXO E SEXUALIDADE EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES. *Cynthia Borges de Moura, Milena Calgato, Samantha Larissa Torres e Samuel Andrade.* (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, PR).

A literatura caracteriza a adolescência como um período de transição para a maturidade, onde o desenvolvimento físico precede o psicológico e cria uma condição singular de desenvolvimento. Assim, são características dessa fase, a busca da identidade, a grande influência do grupo, o desenvolvimento do pensamento conceitual, e a evolução da sexualidade. Algumas pesquisas mostram que os jovens possuem informações incompletas a respeito da reprodução humana e da sexualidade, fato que se agrava quando se refere ao sexo oposto, além de concepções errôneas sobre sexo e sexualidade. A presente pesquisa tem como objetivo apresentar as concepções sobre sexo e sexualidade de adolescentes participantes de um projeto de educação sexual ofertado pela Secretaria de Saúde aos alunos da rede pública estadual de ensino de Foz do Iguaçu, PR. Objetivou-se ainda comparar as concepções apresentadas por eles, antes e após a participação deles no programa de educação sexual. O estudo foi realizado com 86 adolescentes de ambos dos sexos, do ensino fundamental II e ensino médio, com idades entre 14 e 18 anos. A coleta de dados foi realizada através da aplicação de um formulário contendo duas perguntas objetivas sobre o que os adolescentes entendiam sobre sexo e sexualidade. O mesmo procedimento foi realizado antes e após a participação deles no programa de Educação Sexual, que teve duração de 20h, durante uma semana, ministrado pelos alunos do Curso de Enfermagem da Unioeste, Foz do Iguaçu, sob orientação de uma docente psicóloga. Os dados obtidos foram categorizados de acordo com a semelhança do conteúdo. As concepções de sexo e sexualidade antes das aulas ministradas foram bem diversificadas, sexo foi considerado pela maioria uma “relação entre pessoas” (45,3%) e a resposta mais frequente sobre sexualidade foi “não sei” (23,8%), seguido de sexualidade como sinônimo de “orientação sexual” (22,5%). Após o programa de educação sexual, sexo continuou a ser classificado como “relação entre pessoas” (30,8%), porém a definição de “ato sexual” propriamente dito prevaleceu (41%). Sexualidade foi relacionada ao “descobrimto/ mudanças do corpo” (38,6%), seguida das categorias “sentimento” e “orientação sexual”, ambas com mesmo percentual (20%). Observou-se que as informações que os adolescentes possuíam anteriormente ao programa eram incompletas e/ou distorcidas, principalmente em relação à sexualidade. E que houve significativa mudança de seus conceitos após o programa, no sentido de uma compreensão mais correta sobre os acontecimentos e comportamentos relacionados à própria sexualidade. Conclui-se que a educação sexual nas escolas é fundamental, principalmente nesta faixa etária onde as informações são de grande importância para a formação dos conceitos e das práticas sexuais saudáveis e seguras.

Palavras-chave: sexo, sexualidade, adolescência.



ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E SUSTENTABILIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. *Rodrigo Dal Ben de Souza; Victor Rodrigo Tardem Delefrati e Dr. João Juliani* (Departamento de Psicologia, Centro Universitário Filadélfia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, Londrina, PR)

O consumo eficiente de recursos naturais e a preservação ambiental são fatores fundamentais para a sustentabilidade, ambos estão intimamente ligados ao comportamento humano. Estudos recentes apontam que o ritmo e o modo de consumo desses recursos se mostram insustentáveis e nocivos à vida humana em longo prazo. Em 1970 o primeiro “Dia da Terra” serviu de alerta para a Análise do Comportamento sobre os sérios impactos que o comportamento humano pode gerar no meio ambiente natural. Desde então, pesquisas e intervenções sobre o assunto são propostas. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou responder à questão: Frente ao aquecimento global, de que formas o analista do comportamento pode intervir e gerar comportamentos pró-ambientais que contribuam para a preservação ambiental e sustentabilidade? Realizou-se uma revisão bibliográfica dos textos, artigos e editoriais, publicados na revista *Behavior and Social Issues*, nos últimos dez anos, com as palavras-chave: *sustainability; global warming; pro-environmental behavior; climate change; environmental protection*. Foram encontrados cinco artigos e um texto editorial, dos quais se pode concluir que sustentabilidade pode ser entendida como a probabilidade de um grupo sobreviver e manter suas práticas culturais por um período de tempo. Logo, um comportamento humano sustentável é aquele com alta probabilidade de gerar contingências de sobrevivência e práticas culturais que permanecerão mais ou menos estáveis por um longo período de tempo. O impacto do comportamento humano não sustentável repercute na poluição do ar; mudanças climáticas; poluição de nascentes, rios e mares; geração de resíduos sólidos não degradáveis; contaminação do solo, erosão e desmatamento de matas nativas entre outras áreas atingidas. Os comportamentos alvo de uma intervenção comportamental, buscando o aumento da emissão de comportamentos pró-ambientais, sustentáveis, e a diminuição da emissão de comportamentos não sustentáveis, variam em uma ampla escala, sendo a reciclagem, o uso eficiente de energia elétrica e a diminuição da emissão de poluentes, os principais alvos. Após limitar o comportamento alvo o analista do comportamento conta com três campos estratégicos de intervenção: a) Intervenção voltada para os eventos antecedentes, que devem servir de ocasião para a emissão do comportamento pró-ambiental, que inclui a educação ambiental em escolas e universidades; comandos verbais escritos ou orais, como placas explicativas; modelação e demonstrações dos comportamentos alvo, nos meios televisivos com uso de celebridades, por exemplo; comprometimento público com metas pró-ambientais, por meio de redes sociais; planejamento de espaços físicos, como escritórios, apartamentos, salas de aula, que diminuam o custo do comportamento pró-ambiental; b) Intervenção voltada para eventos consequentes que inclui a manipulação de reforçadores sobre comportamentos pró-ambientais e o procedimento de *feedback*; c) As intervenções voltadas para dimensões culturais tomam forma nas organizações sociais e envolvem a manipulação de leis, impostos, regulação das atividades comerciais, uso de redes sociais para incentivar a compra coletiva de comerciantes ecologicamente corretos etc. Comportamentos e práticas sustentáveis em um mundo com vasta degradação ambiental e recursos limitados não serão, brevemente, opções ou diferenciais, nesse ponto, a Análise do Comportamento dispõe da tecnologia para promover essas práticas e comportamentos.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Palavras-chave: Análise do Comportamento, sustentabilidade, comportamento pró-ambiental.



ANÁLISE DE FATORES ASSOCIADOS À SÍNDROME DE BURNOUT (SB) EM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Josemar Moreira Barbosa, Denise Lannes* (Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ)

O estado da arte sobre a Síndrome de Burnout revela que entre os trabalhos sobre o tema, somente 10% estão relacionados à categoria de professores. O objetivo deste trabalho é levantar fatores de risco da síndrome de Burnout em um estudo de caso com os professores da educação básica, do sistema público de ensino, do município de Mangaratiba (Escola Municipal Caetano de Oliveira) e do município do Rio de Janeiro (Escola Estadual Halfeld), no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Para isso, buscamos medir o nível de Burnout nos sujeitos da pesquisa, através da Lista Maslach de Características do Desgaste Físico e Emocional (MBI - Maslach Burnout Inventory), em suas três dimensões. Estes resultados serão, posteriormente, relacionados às variáveis obtidas a partir das características sócio-econômica-demográficas e da rotina profissional diária dos mesmos. Segundo França (1987, p. 197), Burnout é uma síndrome caracterizada por sintomas e sinais de exaustão física, psíquica e emocional, em decorrência da má adaptação do indivíduo a um trabalho prolongado, altamente estressante e com grande carga tensional. A síndrome está diretamente relacionada a um contato com problemas de sua clientela, durante tempo prolongado. Segundo Codo (2006), quase 50% dos docentes sofre de algum sintoma de burnout e ainda permanecem no trabalho. As análises preliminares de nosso trabalho mostram que a maioria dos docentes investigados obteve pontuações elevadas no MBI. Esta pontuação indica que estes sujeitos já se encontram em fase inicial da síndrome de Burnout, ou com algum sintoma, a qual requer ajuda profissional para debelá-los e garantir, assim, a qualidade no seu desempenho profissional e a sua qualidade de vida (Maslach e Leiter, 1999). Mesmo em caráter preliminar e restrito a um estudo de caso, estes resultados sugerem a relevância do tema, considerando ser uma área de pesquisa pouco explorada, mas de grande repercussão social. Alertando, também, para uma situação que requer providências urgentes no sentido de considerar as necessidades dos docentes e prevenir o estado de exaustão profissional em que se encontram. A melhoria da qualidade da educação em nosso país pode estar diretamente relacionada à saúde dos profissionais da educação. Acreditamos corroborar as discussões sobre a síndrome de burnout, atuação profissional dos docentes e suas condições laborais.

Palavras-chave: *burnout*, educação, Maslach Burnout Inventory.

Apoio financeiro: Josemar M Barbosa recebe bolsa de mestrado da CNPQ.



ANÁLISE DOS EFEITOS DE COMPORTAMENTOS EMITIDOS POR MÃES E CRIANÇAS DEFICIENTES VISUAIS DURANTE A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA. *Paula Hisa Parnaíba Goto, Natália Rosot, Tais Robles, Maura Gloria de Freitas* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

A criança deficiente visual apresenta uma limitação sensorial que pode interferir de forma negativa na aprendizagem de diversas respostas importantes para seu convívio social e para sua autonomia. Atividades passivas, menor exploração do ambiente, pouca interação com pares e maior dependência de adultos, mesmo em atividades da vida diária (AVD), são características comuns dessa população. Além disso, é uma variável que interfere nas práticas educativas dos pais, que muitas vezes precisam de ajuda para aprender a lidar de maneira mais efetiva com as necessidades educacionais especiais de seu filho. Considerando as implicações da deficiência visual para o comportamento da criança e para as habilidades educativas dos pais é fundamental que instituições que se preocupam em reabilitar crianças com essa deficiência compreendam que tanto pais como o adulto responsável pela criança precisam ser preparados de forma hábil para disporem contingências que aumentem a probabilidade de ocorrência de comportamentos mais independentes por parte da criança deficiente visual. Assim, esse trabalho teve o objetivo de identificar comportamentos emitidos por mãe e filho deficiente visual durante a realização de atividades de vida diária (AVD) e quais as consequências dessas ações para o aprendizado, pela criança, de comportamentos que aumentam a probabilidade de não dependerem integralmente do auxílio de outra pessoa para a realização de AVDs. Os participantes foram três mães e seu filho(a) com deficiência visual, que já haviam passado pelo treino de atividades de vida diária (AVD) na instituição de reabilitação visual. A coleta dos dados ocorreu por meio da observação e registro de comportamentos pelas mães durante a realização de diferentes AVD propostas para esse fim. Para isso, as interações entre mãe e filho foram filmadas e posteriormente observadas por dois juízes treinados para essa tarefa. Os resultados demonstraram que, embora as mães tenham sido orientadas pela instituição onde os filhos passam pelo programa de reabilitação visual, sobre como interagir com eles para que possam realizar as atividades de forma independente, elas ainda emitem, com elevada ocorrência, comportamentos que podem prejudicar a reabilitação dessas crianças, no que se refere a comportamentos que visam a independência dessas crianças para ações cotidianas de sobrevivência. Os dados obtidos indicam também que treinos propostos para essa população requerem inicialmente um trabalho mais efetivo com os adultos responsáveis por essas crianças para que compreendam que no seu papel de educador do filho deficiente visual, eles podem dispor contingências que facilitam ou limitam o aprendizado de comportamentos que promovam a autonomia de vida de crianças com essa deficiência.

Palavras-chave: práticas educativas, criança deficiente visual, atividades de vida diária.



ANÁLISE DOS MOTIVOS QUE LEVAM ADULTOS COM LESÃO MEDULAR À PRÁTICA DO HANDEBOL. *Leandro Vinícius Floriano, Gleice Souza* (UNOPAR, Londrina, PR).

Segundo a OMS cerca de 10% da população de qualquer país apresenta algum tipo de deficiência sendo que 2% desse total são de deficientes físicos. A violência urbana tem sido apontada como um dos fatores para o aumento de pessoas com deficiência motora acima dos 20 anos. Sabe-se que a prática de esportes para pessoas com deficiência possibilita diversos benefícios, entre eles cita-se: melhoria da autoimagem, independência, socialização, além da melhora de habilidades motoras. O objetivo deste estudo foi verificar os motivos que levaram atletas praticantes de handebol sobre rodas a iniciarem a prática desse esporte, bem como os problemas enfrentados por eles para a prática dessa modalidade. Participaram do estudo 12 atletas de um time de handebol sobre rodas de uma região do Paraná. Inicialmente os atletas, treinador e dirigentes foram contatados e os objetivos do trabalho foram explicitados. Em seguida, pediu-se aos atletas que respondessem a um questionário contendo 14 questões fechadas e uma aberta que avaliam aspectos como o tipo de deficiência e sua origem, os benefícios da prática esportiva, os fatores que facilitam e dificultam a prática do esporte e como se deu a escolha da modalidade. Para verificar os motivos para a prática do handebol empregou-se uma adaptação do instrumento usado por Pietro (2009) composto por afirmações para as quais os participantes deveriam responder de acordo com a seguinte escala: “1” (insignificante), “2” (pouco significativo) e “3” (muito importante). Posteriormente, os questionários foram recolhidos e as questões analisadas. Os resultados encontrados apontaram que 75% dos participantes tinham entre 20 e 35 anos de idade e maioria deles é do sexo masculino (58,5%). Constatou-se, ainda, que todos os participantes citaram como principais motivos para a prática da modalidade o fato de se sentirem realizados com ela, a possibilidade de melhorar os conhecimentos sobre o esporte, a melhora do desempenho esportivo e a possibilidade de fazer amizades. Retorno financeiro, status social e viagens foram os motivos menos significantes. A melhora na coordenação motora foi citada por 33,3% dos participantes como o principal benefício da prática da modalidade e a dificuldade para deslocar-se até o local de treino o maior problema enfrentado por eles. Os lesados medulares por sua condição têm alteradas várias funções motoras que os levam ao sedentarismo e o esporte lhes permite a utilização de suas capacidades e a aprendizagem de habilidades que contribuirão para melhora no seu desempenho. Em vista dos benefícios que a prática de esportes possibilita a pessoas com deficiência motora, estudos que investiguem os motivos que as levam a prática de um esporte ou seu abandono são importantes porque permitem aos treinadores a elaboração de treinamentos que vão ao encontro das necessidades desta população bem como o desenvolvimento de estratégias de treino que melhorem a adesão de pessoas com deficiência a prática do esporte.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, handebol, deficiência física.



CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA INFANTO-JUVENIL DE UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA. *Camila Erdei Daguer, Francielly Gonçalves Pedroso, Jéssica Aires da Silva Oliveira, Juliane Cristina de Oliveira, Lygia Leite Gurgel do Amaral, Michelle Cristina Gomes, Paula Hisa Paranaíba Goto* (Faculdade Pitágoras de Londrina, Londrina, PR)

As clínicas-escola exercem um importante papel social, pois além de ser um espaço para a atuação de alunos em formação, ofertam atendimento à comunidade, possibilitam a pesquisa e assim contribuem para produção de conhecimento, fundamentando novas formas de atendimento e o aprimoramento delas. Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento que visa descrever a clientela que busca atendimento psicológico na clínica-escola de uma faculdade particular de Londrina, os dados aqui apresentados são referentes à clientela infanto-juvenil. Trata-se de uma pesquisa documental, na qual foram analisados todos os prontuários de crianças e adolescente que passaram pela triagem. A caracterização foi feita de acordo com as seguintes informações: sexo, idade, encaminhamento e queixas. As queixas foram organizadas em sete categorias, denominadas como *comportamento agressivo; problemas sociais; problemas de atenção e hiperatividade; dificuldades escolares; depressão e ansiedade; medos/fobias e transtorno alimentar*. Além da caracterização da clientela citada, este estudo teve como objetivo comparar os dados encontrados com resultados de pesquisas nacionais que descreveram a população atendida em outras clínicas-escola. Segundo a literatura revisada, nas últimas três décadas permanece um padrão de maior procura de crianças do que de adultos, especialmente de meninos, com idade entre seis e 10 anos, encaminhados pela escola, com queixas de agressividade e problemas de aprendizagem. Na atual pesquisa, foram analisados 147 prontuários, sendo 87 de crianças e 60 de adolescentes. Os resultados mostraram que a clientela infanto-juvenil corresponde a apenas 36,4% do total, o que difere dos demais estudos. Já em relação ao sexo, há uma prevalência do sexo masculino, com 61,2%, o que corrobora com os dados encontrados na literatura. Os encaminhamentos das crianças e adolescentes foram realizados por entidades assistenciais/filantrópicas em 21,54% dos casos, em 19,5% por familiares/amigos, 18,4% pela escola e 5,8% foram realizados por médicos/psicólogos, quase 30% do total de encaminhamentos não foram especificados. Em relação às queixas, 41% do total de crianças e adolescentes apresentavam comportamentos agressivos, seguido por problemas sociais (29,2%), dificuldades escolares (25,7%), depressão e ansiedade (25,6%), problemas de atenção e hiperatividade (5,9%), e medos/fobias e transtorno alimentar com 2,2% cada. Cerca de 9% das queixas não se enquadraram em nenhuma categoria, como epilepsia sem causa orgânica, separação dos pais, vitiligo e gagueira. Assim como descrito em outros estudos, agressividade e dificuldades escolares são as queixas mais frequentes entre as crianças; entre os adolescentes, os problemas sociais e agressividade foram as queixas mais comuns nesse trabalho. A única característica que destoa em relação às outras pesquisas foi o fato de a quantidade de crianças e adolescentes ser menor que a de adultos, no entanto, é importante considerar que a clínica-escola onde os dados foram coletados está em funcionamento a pouco mais de dois anos, assim, a prestação de serviço oferecido por essa instituição pode ainda ser desconhecido pela comunidade. Além disso, a quantidade de prontuários analisados não permite a generalização dos dados no sentido de afirmar que houve mudanças nas características da população que procura uma clínica-escola quando comparada com outras cidades ou com pesquisas antigas.

Palavras-chave: Psicologia, clínica-escola, infanto-juvenil.



COMBATENDO A VIOLÊNCIA: PRÁTICAS PREVENTIVAS E INTERVENTIVAS NAS SITUAÇÕES DE BULLYING ESCOLAR. *Tamara Zambaldi Barduco; João Rafael Colavin; Solange Maria Beggiano Mezzarola* (Departamento de Psicologia Social e Institucional, UEL, Londrina, PR).

O *bullying* pode ser caracterizado por agressões físicas e/ou psicológicas de maneira repetitiva e sem motivo aparente. Muitas vezes o comportamento de *bullying* é encarado como brincadeiras infantis de mau gosto, naturais e sem longa duração, mas essas “brincadeiras” podem acarretar consequências nefastas à vítima, além de contribuir para o fomento da violência escolar. Levando em consideração esses aspectos, o presente trabalho tem como objetivo geral esclarecer e conscientizar estudantes, professores e pais sobre a seriedade e importância do fenômeno *bullying* bem como suas consequências. Especificamente, os objetivos deste trabalho são: desenvolver habilidades preventivas em estudantes, professores e pais, como respeito, segurança pessoal, empatia, entre outras; esclarecer professores e *staff* da escola sobre as responsabilidades dos mesmos em relação às consequências sociais, pessoais e penais do *bullying*. Para atingir as metas previstas foram/estão sendo realizadas palestras a professores, oficinas para os estudantes do Ensino Fundamental de escolas estaduais e municipais da cidade de Londrina e região, bem como confecção de material impresso explicativo. Com as palestras aos professores visa-se formar um ambiente propício para discutir as diferentes percepções sobre o *bullying* e as ocasiões em que esse é praticado, e ainda indagações sobre o que pode ser feito para intervir nestas ocasiões ou prevenir suas práticas. Nas oficinas com os alunos cria-se um panorama sobre o fenômeno, além de discussões e problematizações sobre o tema, sobre suas consequências e o que pode ser feito para prevenir e/ou minimizar as agressões, para isso utiliza-se trechos de filmes e atividades que visem a participação dos mesmos. Com o trabalho junto aos professores e estudantes é possível observar a urgência em realizar trabalhos de combate ao *bullying*, pois as escolas e os professores apresentaram dificuldades em relação ao conhecimento do fenômeno e as diversas formas de abordá-lo. Contudo, é de extrema importância a continuação desse trabalho junto com os professores e estudantes, e um trabalho extensivo com os primeiros, pois eles estão em contato direto com os estudantes e podem intervir no momento em que o *bullying* ocorre, modificando assim a realidade do ambiente escolar.

Palavras-chave: *bullying*, escolas, intervenção.



COMPARAÇÃO DAS DÚVIDAS SOBRE SEXUALIDADE ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. *Gabriela Denadai Mantovani, Cynthia Borges de Moura, Bruna Tres e Fernanda Mognon* (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu – PR).

A adolescência é um período de transição para a maturidade, com o desenvolvimento físico precedendo o psicológico. É o elo entre a infância e a idade adulta. As transformações que se iniciam na puberdade, e se estendem ao longo da adolescência, trazem muitas dúvidas, que, se não sanadas corretamente, podem contribuir para a exposição das crianças e adolescentes a práticas sexuais desprotegidas, quando não abusivas. Assim, faz-se necessário ações de educação em saúde para orientar crianças e adolescentes sobre sexo e sexualidade, assim como conhecer melhor o que ambas as faixas etárias pensam, quais dúvidas possuem, para que se possam abordá-las nos programas de modo a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento sexual saudável. O objetivo desta pesquisa foi analisar e comparar as dúvidas de crianças e adolescentes sobre sexo e sexualidade com a finalidade de identificar as diferenças, assim como as principais questões que deveriam ser abordadas ou melhor exploradas em programas de educação sexual. Participaram aproximadamente 300 crianças de 9 à 11 anos e 190 adolescentes de 13 à 17 anos de 13 escolas estaduais e 3 escolas municipais de Foz do Iguaçu, Paraná. As dúvidas eram colocadas em uma “caixa de perguntas” disponível durante aulas de educação sexual ministradas por acadêmicos de enfermagem sob a supervisão de uma docente psicóloga. As perguntas foram transcritas e categorizadas de acordo com a semelhança do conteúdo. Foram analisadas 169 perguntas das crianças e 105 dos adolescentes. As crianças apresentaram mais dúvidas sobre gravidez (32,5%), mudanças corporais e sistemas reprodutor masculino e feminino (29%) e menstruação (14,8%). Os adolescentes também apresentaram muitas dúvidas sobre gravidez (20%) e mudanças corporais e sistemas reprodutor masculino e feminino (17,1%). Além disso, eles começam a apresentar mais dúvidas sobre comportamento sexual (17,1%) e DST's (14,3%), temas que as crianças não apresentam ainda muitas dúvidas, 5,3% e 4,7%, respectivamente. Conclui-se que a educação sexual preventiva a médio e longo prazo nas escolas é necessária, iniciando-se já no final da infância, para que quando começarem as transformações, tanto físicas quanto psicológicas, da adolescência eles já estejam mais bem informados sobre essas mudanças. As crianças parecem ter mais necessidade de informação sobre os temas “mudanças corporais e sistemas reprodutor masculino e feminino” e “menstruação”. Já os adolescentes necessitam retomar esses conteúdos, talvez como base para discutir suas dúvidas quanto ao “comportamento sexual”, que envolvem o quando, e com quem transar e a conseqüências pessoais e sociais advindas desse comportamento.

Palavras-chave: educação sexual, desenvolvimento psicosssexual.

Apoio financeiro: O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Unioeste, bolsa PIC.



COMPORTAMENTOS DE INSTRUTORES DE CENTROS DE FORMAÇÃO DE CONDUTORES QUE INTERFEREM NOS SINTOMAS DE ANSIEDADE DE NOVOS CONDUTORES. *Géssica Denora Ribeiro, Geysa Machado Cascardo, Giane Figueiredo, Hernani Pereira dos Santos, Iulia Sessaki Puls, Ednéia Aparecida Peres Hayashi.* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

O deslocamento faz parte da rotina das pessoas. O trânsito é composto pelas interações humanas, - por comportamentos. A psicologia tem importantes contribuições ao domínio desse campo e é neste âmbito que surge a psicologia do trânsito. A psicologia do trânsito pode ser definida “como o estudo científico do comportamento dos participantes de trânsito”. Um dos principais focos da psicologia do trânsito é o comportamento do motorista desde o aprendizado, passando pela obtenção da carteira de habilitação até o seu desempenho nas vias urbanas. Os comportamentos dos condutores são *processos complexos* e *plurideterminados*, envolvendo a atenção e a percepção, a aprendizagem e o conhecimento de normas e de símbolos, a memória de curto e de longo prazo, a tomada de decisões, dentre outros. Todos estes fatores podem influenciar o desempenho do comportamento dos condutores, que é a principal variável correlacionada às causas de acidentes. Alguns estudos demonstram a correlação entre ansiedade e acidentes de trânsito, e outros demonstram a relação direta entre grau de ansiedade e desempenho na avaliação prática por parte dos condutores na obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Sendo assim, o presente estudo visou investigar a influência dos comportamentos do Instrutor de Trânsito sobre o comportamento do condutor, como parte integrante do processo de aprendizagem na formação deste último, e seu nível de ansiedade na etapa anterior ao teste final de condução para a obtenção da CNH. Buscou-se a identificação dos comportamentos de instrutores que podem interferir no estado de ansiedade dos alunos, aumentando-o ou diminuindo-o. Participaram 13 aprendizes de condutor, com idades entre 18 e 25, de ambos os sexos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário contendo 2 itens que se subdividem em 36 subitens de caráter misto, sendo 18 questões abertas e 18 fechadas. As perguntas eram referentes aos comportamentos dos instrutores que aumentavam e/ou diminuía(m) sintomas de ansiedade e foram embasadas no Inventário de Beck, para Ansiedade. A partir dos resultados, constatou-se que 75% dos entrevistados avaliaram os comportamentos dos instrutores, tais como falar para acalmar ou encorajar; explicar o procedimento, responder às dúvidas; pedir para repetir procedimentos difíceis e demonstração com gestos corporais, como sendo importantes para minimizar o estado de ansiedade dos alunos e favorecer a aprendizagem. Verificou-se também que 84,62 % dos entrevistados relataram não apresentar sintomas de ansiedade nas aulas, indicando que os comportamentos de empatia dos instrutores interferiram na aprendizagem dos alunos. Os resultados indicam que comportamentos dos instrutores que são avaliados como empáticos produzem nos alunos condutores a redução de sintomas de ansiedade e a melhora da aprendizagem.

Palavras-Chaves: Psicologia do Trânsito, instrutores de Centros de Formação de Condutores, ansiedade.



CONTINGÊNCIAS QUE OS PROFESSORES IDENTIFICAM COMO BULLYING. *Jocilaine Fernanda Ferreira, Keila Fernanda Nascimento, Willian Rodrigo do Amaral, Cloves Amorim e Plínio Marco de Toni* (Faculdade Evangélica do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR)

Entre as diversas formas da violência que fazem parte da sociedade atual, estão as manifestações do fenômeno Bullying, cuja frequência ocorre principalmente entre crianças e adolescentes nas escolas. No entanto, o conhecimento crescente deste tema leva a sociedade para um processo de desvalorização ou banalização do mesmo, onde as pessoas passam a acreditar que qualquer forma de violência dentro da escola pode ser definida como Bullying. O papel da escola e dos professores assume um papel fundamental no combate a este fenômeno, uma vez que crianças e adolescentes permanecem na escola durante muito tempo em sua formação educacional. Por este motivo tornam-se muito expostas às diversas formas de conflitos sociais, dentre os quais o Bullying pode torná-los ainda mais vulneráveis de acordo com os fatores sociais predisponentes de violência, como diferenças pessoais, culturais, econômicas, conflitos por espaço ou poder, dentre outros. Por isso, a visão dos docentes pode influenciar de forma positiva ou negativa a incidência desta e de outras formas de violência dentro do ambiente escolar. A partir do momento em que os profissionais da educação passam a banalizar ou negar de forma indireta a presença deste fenômeno, o mesmo pode instalar-se de forma velada e silenciosa, sob o pré-conceito de “brincadeiras entre crianças”, que não geram consequências severas para sua saúde biopsicossocial. O objetivo desta pesquisa foi verificar o conhecimento dos docentes em relação a esta prática, em um Colégio Estadual da cidade de Curitiba/PR. Participaram desta pesquisa o total de 31 educadores do Ensino Médio, 63% do sexo feminino e 37% do masculino, representando uma colaboração satisfatória dos educadores deste colégio, pois totalizaram 75,6% do quadro de professores gerais do colégio. A maior parte dos educadores tem idades entre 41 e 50 anos, totalizando 37% dos participantes, e a média de idade foi de 42 anos, com desvio-padrão de 10,4. Quando questionados se já haviam tomado conhecimento do termo Bullying, 100% dos participantes responderam afirmativamente; 75% afirmaram que conheceram o termo através dos meios de comunicação. Apenas 13% relataram que só receberam conhecimentos sobre o tema através de capacitação realizada dentro da escola. Também se investigou ocorrências de violência contra os docentes, dos quais 39% já sofreram algum tipo de violência no colégio. Destes, 69% relataram ter sido vítimas de agressões verbais, como xingamentos, palavrões e apelidos, 16% foram vítimas de agressões físicas, e 15% de ameaças e intimidações. Conclui-se que o Bullying ocorre com frequência no ambiente escolar, e sua prática desenfreada tende a gerar outras formas de violência, inclusive contra os professores.

Palavras-chave: *bullying*, alunos, professores.



CURSO TEMPORAL DE RESPOSTA AO TESTE DO CAMPO ABERTO EM DUAS CEPAS DE RATOS OPOSTAS QUANTO À ANSIEDADE. *Celio Estanislau* (Dep. Psic. Geral e Anal. Comportamento, UEL, Londrina PR), Alberto Fernandez-Teruel (Departamento de Psiquiatria y Medicina Legal, UAB, Bellaterra, Espanha).

As cepas de ratos Roman Low Avoidance (RLA) e Roman High Avoidance (RHA) foram desenvolvidas por meio de cruzamentos seletivos para lenta ou rápida aprendizagem de uma tarefa de esquiva ativa. Estudos comportamentais, farmacológicos e hormonais indicam que elas apresentam características opostas quanto à ansiedade, à resposta à novidade e ao enfrentamento de situações estressantes, com os RLA sendo mais ansiosos, apresentando mais comportamentos passivos (como congelamento e auto-limpeza) e tendo respostas de estresse mais intensas frente a desafios. A auto-limpeza é um comportamento que é intensificado em resposta à novidade e outros estressores. Sua topografia pode ser classificada quanto à parte do corpo a que é dirigida, região rostral, cabeça ou corpo; e, as transições entre essas regiões ocorrem em sequência cefalocaudal com probabilidade maior que ao acaso. Embora existam estudos que indicam intersecção entre os sistemas que regulam a auto-limpeza e o estresse, em muitas avaliações de ansiedade por meio de testes de comportamento exploratório, a limpeza não é avaliada. Em estudos em que esse comportamento foi avaliado, os resultados são de interpretação vaga. Vale ressaltar entretanto que, geralmente, os testes de comportamento exploratório são de curta duração (3-10 min). Assim, o presente estudo foi destinado a comparar a limpeza em ratos das cepas RLA (n = 12) e RHA (n = 12). O teste do campo aberto foi utilizado como meio de expor os animais à novidade. A fim de se investigar o curso temporal da resposta, as sessões tiveram duração de 30 min, os quais foram divididos em seis blocos de cinco min. Além de medidas convencionais, foram avaliados diversos aspectos “qualitativos” da limpeza: sua distribuição regional, a presença de interrupções (pausas de até 5 s nos episódios) e as sequências apresentadas. Foi encontrado que os RLA apresentam limpeza por muito mais tempo: nos primeiros 10 min seus valores são aproximadamente o triplo dos apresentados pelos RHA. Os tempos em limpeza dos grupos se aproximaram no final da sessão, o que possivelmente se relaciona com a habituação desenvolvida até então. A avaliação da distribuição regional indica que o resultado da duração total mencionado acima deve ser em grande parte atribuído às diferenças entre os grupos quanto à limpeza dirigida ao corpo. Os grupos apresentaram ainda diferenças na presença de interrupções na limpeza, com os RLA as apresentando em maior número, efeito que permaneceu mesmo depois de efetuada uma correção que contemplou as diferenças entre os grupos quanto ao tempo em limpeza (ou seja, em lugar de compararem-se os valores brutos, foram comparadas as frequências de interrupções *por min de limpeza*). A tendência de sequência cefalocaudal foi mais perturbada nos RLA, o que se manifestou por suas maiores porcentagens de transições não-cefalocaudais na maior parte da sessão (exceto no 1º e no último bloco de cinco min). As diferenças entre as cepas RLA e RHA encontradas no presente estudo são congruentes com uma relação entre limpeza e estresse e favorecem a noção de que a avaliação da limpeza pode ser útil no estudo da ansiedade em ratos.

Palavras-chave: ansiedade, campo aberto, curso temporal.

Apoio financeiro: O trabalho foi financiado por MICINN (SAF2009-10532), “Fundació La Marató TV3” (ref. 092630/31), 2009SGR-0051, EURATRANS consortium (grant agrément HEALTH-F4-2010-241504). CE recebeu uma bolsa de pós-doutorado do CNPq (proc. 201456/2011-7).



DEPRESSÃO, QUALIDADE DE VIDA E INSÔNIA EM MULHERES EM PÓS-TRATAMENTO DE CÂNCER DE MAMA. *Renatha El Rafihi Ferreira* (USP, São Paulo, SP), *Maria Rita Zoéga Soares* (UEL, Londrina, PR), *Maria Laura Nogueira Pires* (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Assis).

Os problemas de sono podem comprometer a qualidade de vida, com conseqüências como fadiga, respostas de ansiedade e depressão, dificuldades de concentração, problemas de memória, redução na produtividade do trabalho e agravamento de condições físicas tais como aumento na sensibilidade à dor e diminuição da função imune. A avaliação da qualidade de sono e seu impacto na vida diária de pessoas saudáveis ou doentes têm recebido atenção crescente de pesquisadores. Estudiosos apontam que queixas relacionadas ao sono são problemas clínicos em pacientes com câncer de mama. Porém, poucos estudos investigam a qualidade de sono no pós-tratamento. Nesse contexto, o objetivo da presente pesquisa foi investigar a qualidade de sono de mulheres em pós-tratamento de câncer de mama e suas relações com qualidade de vida e depressão. Participaram do estudo 50 mulheres em pós-tratamento de câncer de mama (grupo clínico) e 50 mulheres controles. Todas responderam a um questionário médico-demográfico e o *Pittsburg Sleep Quality Index (PSQI)*. As participantes do grupo clínico também responderam aos instrumentos *Quality of Life Cancer Survivor (QOL-CS)* e *Brief Zung Self-Rating Depression Scale (BZSDS)*. Os resultados revelaram que 40% das participantes com câncer de mama e 50% das mulheres do grupo controle apresentaram má qualidade de sono. Em comparação com o grupo controle, as queixas de nictúria, calor e despertares noturnos ou precoces foram mais freqüentemente referidos pelas mulheres do grupo clínico ($p < 0,05$). Mulheres do grupo clínico, classificadas pelo *PSQI* como tendo má qualidade de sono, apresentaram latência do sono significativamente maior ($p < 0,02$), uma menor eficiência do sono ($p < 0,03$) e referiram maior comprometimento na qualidade de vida e resposta de depressão, em comparação as demais. No questionário sobre qualidade de vida as mulheres com má qualidade de sono referiram piores pontuações nos itens que avaliam fadiga, mal estar ou dores, qualidade de sono, constipação intestinal e saúde física geral. Quanto ao domínio psicológico, estas mulheres referiram maior comprometimento nos itens enfrentamento, respostas de depressão e ansiedade. No domínio social, este grupo relatou maior prejuízo nos itens referentes aos relacionamentos pessoais, solidão e aspectos financeiros. As correlações entre os escores obtidos pelo grupo clínico no *PSQI*, *QOL-CS* e *BZSDS* mostraram que quanto pior a qualidade de sono (escores mais altos no *PSQI*) pior a qualidade de vida (escores mais baixos no *QOL-CS*; $r = -0,51$) e maior a gravidade de comportamentos de depressão (escores mais altos no *BZSDS*; $r = 0,41$). A presente pesquisa contribuiu para a compreensão da insônia no contexto de câncer de mama ao mostrar que problemas de sono estão fortemente associados com aspectos de qualidade de vida e de bem estar psicológico. Espera-se que este trabalho possa estimular a produção de pesquisas nacionais sobre o tema, servindo como incentivo para o desenvolvimento de intervenções comportamentais para o manejo da insônia nesta população.

Palavras chave: câncer de mama, insônia, depressão, qualidade de vida.



DESCRIÇÃO DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM SITUAÇÕES DE BULLYING ESCOLAR *Tháís Cristina Gutstein, Yara Kuperstein Ingberman* (Mestrado em Psicologia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR).

Atualmente é comum observar situações de violência nos mais diversos ambientes, inclusive a escola. Este trabalho constitui-se como parte de uma pesquisa sobre violência escolar, especificamente sobre bullying, cujo objetivo principal foi elaborar, aplicar e avaliar uma Estratégia de Intervenção de bullying no ambiente escolar. Na proposta de intervenção, o objetivo foi ampliar o repertório de comportamento dos alunos para comportamentos mais eficazes e pró-sociais como alternativos aos comportamentos antissociais de bullying. Inicialmente foi aplicado um questionário em uma amostra de 283 alunos entre 5^a. e 8^a série para verificar índices mais significativos sobre a incidência de bullying escolar. O grupo 62 (6^a. série/N=22) foi identificado como grupo controle (VI=0) e o grupo 71 (7^a. série/N=35) como grupo experimental que recebeu o treinamento (VI=1). A estratégia de intervenção (preventiva secundária) com o grupo experimental envolveu 09 encontros com os alunos da turma e com a psicóloga pesquisadora, realizados duas vezes por semana no horário de aula; 03 encontros com os professores da turma e demais profissionais da equipe pedagógica que optaram pela participação, realizados uma vez a cada semana em horários posteriores às aulas; e 03 encontros com os pais (cuidadores) dos alunos, do grupo experimental, realizados semanalmente no horário matutino. Todos os encontros foram realizados com duração média de 1h e meia cada, realizados no período total de um mês e meio. Ao todo totalizaram 15 encontros, acrescentados por mais 02 encontros posteriores para aplicação de Pós-Teste e *Follow Up* em ambos os grupos. Com os alunos foram abordados temas como Autocontrole e Comportamentos Pró-sociais (Autoconhecimento, Empatia, Organização, Cooperação, Competição, Gratificação, Liderança, Amizade, Respeito, Assertividade, Tolerância, Permeabilidade, Responsabilidade). Cada encontro foi planejado com atividades que envolveram todos os alunos da turma com a pesquisadora. Foram realizadas dinâmicas de grupo, demonstração de vídeos, experiências, histórias, vivências de modo que os participantes pudessem aprender e modificar o seu comportamento em benefício próprio e à comunidade escolar. Com os pais/cuidadores e professores/equipe pedagógica foram abordados temas como Práticas Parentais Positivas e Negativas e suas conseqüências, Modelo Coercitivo e implicações para o contexto familiar e educacional, e Comportamento Moral. Todos os encontros foram desenvolvidos de maneira informativa e vivencial de modo a informar e treinar a instituição familiar e educacional para reduzir o problema da violência escolar. Os resultados iniciais demonstraram que houve redução significativa dos comportamentos de bullying no grupo experimental ($t=13,2$; $df=43$, $p=0,000$), analisados parametricamente com o programa SPSS (versão 13) dos resultados para amostras independentes, do Grupo controle e Grupo experimental, verificados na aplicação do Pré-Teste e Pós-Teste 1. A proposta de intervenção prossegue em processo de análise de resultados finais do Pós-Teste 2 e *Follow up*.

Palavras-chave: violência escolar, *bullying*, estratégia de intervenção;



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO. *Laira Estabile, Paulo Guerra Soares*, (Universidade do Norte do Paraná, Londrina, PR) *Sérgio Dias Cirino* (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG).

O conhecimento científico é cada vez mais importante para o público leigo, pois, ao apropriar-se deste tipo de informação, as pessoas podem tratar melhor dos problemas do dia-a-dia. Neste sentido, a divulgação científica apresenta-se como uma ferramenta necessária para a criação de uma “cultura científica”, ou seja, para que a ciência se torne parte do cotidiano das pessoas. Assim, é importante a abertura do conhecimento científico ao cidadão leigo, por meio dos veículos de comunicação em massa. Assim, levar ao cidadão leigo informações sistematizadas possui uma importância cultural. Todavia, a tarefa do divulgador científico não é fácil. É possível supor que ele não se dê conta de que algumas simplificações tornam o argumento científico inválido, equivocado. Levando estes argumentos em consideração, como será a divulgação científica de conhecimentos psicológicos? Mais especificamente, como são divulgados os conhecimentos relativos à Análise do Comportamento? Para responder a estas questões, parece importante conhecer de que forma a informação tem sido repassada ao público leigo, ou seja, como as teorias da Psicologia são divulgadas pelos veículos de divulgação em massa. O objetivo da presente pesquisa foi analisar como as informações sobre a Análise do Comportamento estão sendo divulgadas pelos veículos de comunicação em massa, mais especificamente pelas revistas *Veja* e *Superinteressante* e pelo *website* da *globo.com*. Em um primeiro momento, o termo “Skinner” foi pesquisado por meio da utilização dos acervos *online* de cada um destes veículos. Foram selecionadas todas aquelas reportagens que continham referência a B. F. Skinner, um dos principais autores da Análise do Comportamento. Os parágrafos que continham o termo “Skinner” foram transcritos e analisados por meio do *software* TextSTAT, que permite, entre outras funções, identificar a frequência de palavras em um texto. No total, foram encontradas 24 reportagens que fazem menção a B. F. Skinner, (15 na *Veja*, 4 na *globo.com* e 5 na *Superinteressante*). A análise da frequência de palavras e radicais nas reportagens indicou que as mais frequentes foram: behaviorismo (18), psicologia (18) e comportamento (16). As análises identificaram ainda que diversos outros pensadores são comumente citados juntamente a Skinner, sendo os mais frequentes Sigmund Freud (3), Ivan Pavlov (3), Carl Rogers (3) e Noam Chomsky (2). Uma análise do conteúdo das reportagens sugere ainda que a maioria das citações que fazem menção a Skinner estão em contextos gerais da Psicologia, e não fazem menção à teoria (33% do total). A maioria das reportagens que se propõem a abordar questões teóricas (29% do total), todavia, conter informações imprecisas sobre a teoria behaviorista. O tipo de análise crítica realizada nesta pesquisa permite que se entenda a forma como a informação tem sido repassada ao público leigo. Apesar de as reportagens sobre Skinner virem acompanhadas de palavras que são muito comuns na teoria behaviorista, como “psicologia” e “comportamento”, as traduções da teoria para o público leigo ainda carecem de cuidado, pois muitas vezes não são divulgados de forma correta e coerente com a teoria da psicologia.

Palavras-chave: divulgação científica, Skinner, behaviorismo.



ENSINO DE LINGUA ESPANHOLA POR MEIO DE DISCRIMINAÇÕES CONDICIONAIS – UMA PROPOSTA INICIAL. *Rosana Valinas Llausas, Melania Moroz* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, NEPEN – Núcleo de Estudos sobre o Ensino).

No Brasil há um crescente número de escolas ensinando línguas estrangeiras, entre elas o espanhol, no Ensino Fundamental e Médio da rede particular e pública de ensino. A obrigatoriedade do ensino do espanhol foi formalizada pela Lei 11.161, promulgada em 2005. Tendo em vista que é recente a implantação do ensino de espanhol, ainda não há conhecimento suficiente sobre como está sendo ministrado tal ensino, quais os resultados obtidos e quais os melhores métodos de ensino. Nesse contexto, torna-se importante desenvolver estudos que tenham como foco o ensino de língua espanhola, a fim de se produzir conhecimentos científicos que possam embasar as decisões tomadas pelo professor. Considera-se que a Análise do Comportamento, tendo por base o modelo de equivalência de estímulos, pode contribuir com sugestões valiosas. Tal base teórico-metodológica vem dando suporte à elaboração de propostas promissoras em diferentes áreas, como em Língua Portuguesa, no ensino de leitura e escrita; em Matemática, no ensino de números e de frações, por exemplo; em Artes, na leitura de imagens; em Música, no ensino de notas musicais, entre outros. No presente trabalho, coloca-se em foco a aquisição de língua espanhola por alunos brasileiros do Ensino Médio. Tem-se, como objetivos, levar o aluno, falante de língua portuguesa que não possui nenhum conhecimento em língua espanhola, a ler com compreensão e a emitir comportamento oral correto (pronúncia) de palavras, em espanhol, que possuam a letra “j”, (sonorização crítica, para falantes de língua portuguesa). O procedimento será dividido em quatro etapas: pré-teste, ensino de palavras, teste de leitura generalizada de palavras e teste de leitura generalizada de frases. Serão ensinadas as palavras: “jarra”, “naranja”, “tarjeta”, “jícara”, “rojo”, “julio”. Será testada a leitura generalizada das palavras: “jabón”, “lija”, “jefe”, “jirafa”, “jota”, “jugo” e das frases: “José toma jugo de naranja en la jicara roja.”, “Jinete se escribe con jota”. “La jarra roja es de Julio”, formadas por sílabas das palavras ensinadas. A proposta de ensino de palavras apoia-se no ensino de discriminações condicionais e utilizará como recurso um software educativo. Serão utilizadas três classes de estímulos: (A) palavra ditada em espanhol; (B) imagem; (C) palavra impressa em espanhol e (D) palavra lida pelo participante em espanhol. Serão ensinadas as relações AC e CB e testadas as relações BC, AB e CD.

Palavras-chave: equivalência de estímulos, comportamento verbal, ensino, língua espanhola.



ENSINO DE LEITURA E ESCRITA PARA APRENDIZES COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL. *Sonia Cristina Esplendor dos Santos* (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP); *Melania Moroz* (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação de PUC-SP, NEPEN – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino).

Com estudos cada vez mais minuciosos sobre o comportamento, os analistas do comportamento têm formulado importantes princípios que tornam mais clara a descrição dos comportamentos dos indivíduos, possibilitando a intervenção no sentido de modificá-los. No caso da leitura e da escrita, pesquisas recentes têm oferecido contribuições a partir do modelo de equivalência de estímulos. Partindo dos estudos de Sidman (1971), estudos evidenciam a existência de uma rede de relações entre estímulos, que facilitam, com economia de tempo, a aquisição de tais repertórios. A literatura indica que, ensinando algumas relações condicionais entre estímulos sonoros e visuais (figuras e texto), é possível instalar ou aperfeiçoar os repertórios de leitura e escrita. Para indivíduos com desenvolvimento atípico, os repertórios de leitura e de escrita são fundamentais, para possibilitar sua inserção social. No entanto, esses repertórios raramente são ensinados. A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um procedimento de ensino para aquisição dos repertórios de leitura e escrita, a partir de discriminações condicionais, para aprendizes com deficiência intelectual, utilizando o software educativo Mestre®. O trabalho está organizado em cinco etapas. A primeira etapa refere-se à avaliação do repertório prévio, a ser realizada com o Instrumento de Avaliação de Leitura – Repertório Inicial (IAL-I). A segunda etapa será a realização do ensino e teste de relações emergentes de 10 palavras (sendo seis palavras dissílabas – *RODA, SINO, TATU, DEDO, FADA, FOGO* e quatro palavras trissílabas – *SAPATO, MACACO, JANELA, TOMATE*). Serão ensinadas as relações AB, AC, CC, CE e AE e testada a emergência das relações BC, CB, CD e BE. A terceira etapa é o teste de generalização de leitura e escrita de palavras novas que apresentam sílabas das palavras ensinadas e palavras novas que apresentam uma sílaba que não foi ensinada. Também, nesta etapa, será testada a leitura e escrita das frases: “O SAPATO DO MACACO”, “O GATO COME TOMATE” e “PIPOCA NA PANELA”. A quarta etapa será realizada pelo ensino e teste de relações emergentes de 05 palavras (sendo três palavras dissílabas – *BODE, PERU, FIGA* e duas palavras trissílabas – *APITO, CANETA*). Novamente serão ensinadas as relações AB, AC, CC, CE e AE e testada a emergência das relações BC, CB, CD e BE. Na quinta etapa será feito o teste de leitura e escrita das 15 palavras de ensino para verificação de retenção do ensinado. Os procedimentos utilizados serão o MTS por exclusão e o CRMTS, este último nas relações CE (palavra impressa/reprodução pelo aluno) e AE (palavra ditada/construção de palavra).

Palavras-chaves: Educação Especial, avaliação de leitura e escrita, *software* educativo.



ESCOLA DE VALORES: AÇÕES PREVENTIVAS COM CRIANÇAS DE BAIROS DE RISCO. *Luísa Guedes Di Mauro, Natália Gióia Cípola, Raiana Bonatti de Sousa Botão, Maria Luíza Marinho Casanova* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

Baixa renda familiar, quantidade de filhos acima da média populacional, vizinhança adversa, baixo nível educacional dos pais, precariedade dos serviços de educação escolar e de saúde são alguns dos fatores considerados de risco ao desenvolvimento infantil adequado. Risco tem sido definido como condições biológicas e ambientais que aumentam a probabilidade de resultado negativo no desenvolvimento. Nesse contexto, as crianças ficam expostas à negligência familiar, abuso, trabalho infantil, contato frequente com atos de violência, acesso a drogas etc. Alguns dos efeitos dessas variáveis são a maior probabilidade de evasão escolar ou resultados acadêmicos insatisfatórios, a permanência de crianças de bairros de risco nas ruas, o desenvolvimento de comportamento antissocial, o uso de substâncias e a delinquência posterior. O presente projeto de extensão foi elaborado com o objetivo auxiliar na prevenção de tais problemas sociais por meio de ações fundamentadas em conceitos e estratégias da psicologia analítico-comportamental. O projeto de extensão atua em parceria com um projeto social chamado Galera de Deus Escola de Valores em bairros da periferia leste de Londrina. O objetivo do presente trabalho é descrever as atividades realizadas durante 20 semanas com um grupo de 15 crianças com idades entre 5 e 7 anos e os resultados parciais observados no comportamento infantil e para a formação do psicólogo. As atividades foram realizadas por quatro estudantes de psicologia, sob supervisão de uma docente. Tiveram por objetivo desenvolver nas crianças o interesse pelos estudos, melhor autoestima e autoconfiança e repertórios para a expressão de sentimentos e socialização. Também se procurou reduzir a frequência de comportamentos antissociais, tais como, o isolamento, o egoísmo, a agressividade e a birra. Para tanto, foram aplicados princípios básicos da Análise do Comportamento como reforço, punição, extinção, modelagem e modelação durante atividades escolares e lúdicas. Os principais resultados observados com relação às crianças foram: aprimoramento das funções motoras em atividades como pintar, escrever e desenhar, reconhecimento de letras e números, estabelecimento de comportamentos pró-sociais em relação às estagiárias e ao restante do grupo como o empréstimo de materiais e obediência às regras, maior interesse das crianças para com as atividades e desenvolvimento de repertório para expressão de sentimentos sem o uso de comportamentos antissociais. Quanto às contribuições para a formação do psicólogo, considera-se que o presente projeto propiciou às estagiárias, durante a graduação, o primeiro contato com a prática analítico-comportamental infantil, mesmo que fora do ambiente clínico. Além disso, o trabalho com crianças de bairros de risco, expôs as estudantes a um contexto diferente do que estavam habituadas, proporcionando um contato com novas situações, as quais são frequentes no âmbito da clínica. Possibilitou, também, a percepção da importância do vínculo para a intervenção terapêutica.

Palavras-chave: crianças, risco, prevenção psicológica.



ESTRESSE EM VESTIBULANDOS. *Gessika Nascimento Gimenez, Karina Pinheiro da Silva, e Josiane de Fátima Farias Knaut* (Universidade Positivo, Curitiba, PR)

O objetivo desta pesquisa foi verificar se jovens que estão no período pré-vestibular apresentam ou não estresse, se possui gênero preponderante, e quais os sintomas que mais predominam, podendo assim expandir as informações acerca deste tema e criar possíveis formas de intervenção e prevenção a esta população. Participaram desta pesquisa 63 alunos do ensino médio (52 do sexo feminino e 11 do sexo masculino) de escolas públicas e privadas da cidade de Curitiba-PR que tinham como intenção ingressar no curso de Psicologia. Os dados foram obtidos a partir da aplicação do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) e foram analisados quantitativa e qualitativamente. A pesquisa foi embasada em estudos que afirmam que jovens que saem do ensino médio procuram uma ocupação profissional, e para muitos a Universidade é essencial para o início de uma carreira, sendo o Exame Vestibular indispensável. Nesta fase o jovem se vê diante dos conflitos típicos da adolescência, situações novas como a escolha de uma profissão e cobranças pessoais, familiares e sociais que antes não existiam, aumentando a sua vulnerabilidade para o desencadeamento do estresse. Segundo Lipp (2003), o estresse pode ser definido como uma reação psicofisiológica do organismo perante eventos que ameacem a homeostase interior, podendo percorrer por um processo de quatro fases, divididas em Alerta, Resistência, Quase-Exaustão e Exaustão e que quando conforme o curso e a cronicidade do estresse, deixa de estar na fase de Alerta passando para as demais, podendo acarretar em alguns sintomas como perda de memória, apatia, cansaço mental, sensibilidade emotiva excessiva, entre outros. Os resultados obtidos neste estudo mostram que 62% dos estudantes estavam com estresse, sendo 45% do sexo masculino e 65% do sexo feminino, e destes que estavam com estresse, 92% estavam na fase de Resistência. Quanto aos sintomas, a preponderância foi de sintomas psicológicos (74%), sendo que para o sexo feminino o predominante foi sensibilidade emotiva excessiva e para o sexo masculino dúvidas quanto a si próprio. As considerações finais ainda estão sendo discutidas, mas observou-se que outros estudos com o mesmo tema chegaram a conclusões parecidas acerca do gênero, podendo assim levantar a hipótese de que o alto índice de estresse nas mulheres adultas pode estar relacionado a sobrecarga de diferentes papéis que estas exercem, e já na adolescência estão preocupadas com a futura felicidade que pode estar aliada a realização profissional que inicia-se na Universidade.

Palavras chave: estresse, adolescentes, vestibular.



FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO PARA DEPENDÊNCIA QUÍMICA EM IDOSOS: DESAFIOS PARA A PSICOLOGIA DA SAÚDE. *Adriana Ridão da Silva, Izaura Aparecida Reversso Schmidt, Rosa Ferreira de Almeida, Simone Martin Oliani* (Faculdade Pitágoras, Londrina, PR).

O uso de substâncias entorpecentes, não é algo recente em nossa sociedade, pois sempre foram utilizados para diversas finalidades. Entretanto, a partir do século XIX, observou-se aumento de preocupações com os problemas das drogas psicoativas no processo de envelhecimento. Hoje existem cada vez mais pesquisas sobre a dependência e suas conseqüências, em todas as áreas e etapas de desenvolvimento do homem. As pesquisas têm demonstrado que o aumento da dependência química em nossa sociedade é um fenômeno relativamente novo, considerando a população idosa. O presente projeto de pesquisa bibliográfica busca compreender os fatores de risco para o aumento significativo de idosos com a dependência química, bem como identificar os desafios quanto à adesão ao tratamento. Pesquisadores destacam que a droga mais utilizada tem sido o álcool e o crack. No Brasil existem 21 milhões de idosos, cerca de 11% da população, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, estima-se que 20% da população em envolvimento com o uso de substâncias entorpecentes, seja formado por este público. Em algumas regiões do Brasil, o idoso tem atendimento preferencial nas “bocas de fumo”, para a compra de crack, boa parte destes sexagenários utiliza parte de sua aposentadoria para a manutenção da dependência. Verificou-se também, que não há dados estatísticos no país, confirmando o aumento significativo de idosos dependentes e hipóteses de variáveis que contribuíram para este fato. Destaca-se também a ausência de políticas públicas específicas para este público, incluindo os três níveis de prevenção: primária, secundária e terciária e também de intervenção, pois tal fato acarreta prejuízo em todas as áreas. Estudos apontam que há dois grupos de usuários na terceira idade: os de “início precoce” e os de “início tardio”. Os de início precoce geralmente a pessoa já se encontrava na condição de dependente químico antes da velhice, geralmente com histórico de tentativas de tratamentos anteriores. Já o segundo grupo apresentou dependência após a velhice, o consumo neste período pode estar associado a perdas diversas e eventos estressores tais como: aposentadoria, morte de entes queridos, surgimento de debilidades físicas e psíquicas. Outro aspecto importante é o envolvimento da família com todo o processo, desde o estresse provocado pelo estado alterado de percepção, conflitos, problemas financeiros, de saúde e sociais, que desgastam as relações, favorecendo em última instância o abandono e morte prematura. É importante capacitar os profissionais da saúde para atuar com o problema, implementando intervenções que favoreçam a adesão para o tratamento adequado.

Palavras-chave: dependência química, tratamento, idosos.



FUTEBOL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: UM ESTUDO DE METACONTINGÊNCIAS SOBRE REGULAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE TORCEDORES. *Natália Rosot, Rafaela Ventura Silvério Biz, Talita Machado Vieira* (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR), *Alex Eduardo Gallo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

A violência, nas suas diferentes configurações, pode ser considerada, segundo a perspectiva da Análise do Comportamento, como um comportamento selecionado em três níveis: filogênico, ontogênico e cultural. Entre as torcidas organizadas de futebol este tipo de comportamento vem se configurando como prática comum, no entanto, para a sociedade de modo geral a violência entre esses grupos representa um grave problema social. A presente pesquisa buscou levantar hipóteses sobre as variáveis responsáveis pela manutenção deste tipo de comportamento nestes grupos, uma vez que, do ponto de vista da cultura enquanto ambiente selecionador, a perpetuação deste tipo de prática não parece convergir com o objetivo de uma cultura, que seria o de propiciar sua própria continuidade. Este estudo buscou analisar também, a partir do conceito de metacontingência, as iniciativas que vem sendo tomadas no sentido de erradicar o problema da violência entre estes grupos. Para responder a estes questionamentos foram feitas pesquisas teóricas sobre a dinâmica do comportamento de grupos, segundo os pressupostos da Análise do Comportamento, bem como pesquisas em documentos legais, mais especificamente os Termos de Ajustamento de Conduta (TAC), que se referiam a temática da violência entre as torcidas organizadas. Neste último material, analisaram-se os artigos que o compunham e buscou-se identificar os três termos das contingências ali descritas (antecedentes, comportamentos, consequências), assim como os possíveis entrelaçamentos entre eles. Os dados da pesquisa teórica sobre o comportamento de grupos mostraram a importância do grupo para o indivíduo, sendo ele capaz de modelar comportamentos individuais que sejam adequados ao grupo. Os dados obtidos pelos TACs revelaram que eles descreviam os três termos da contingência, ainda que alguns deles estivessem incompletos. No entanto, quando se analisou o entrelaçamento comportamental entre os diversos órgãos sociais envolvidos, observou-se que este entrelaçamento não foi considerado pelos redatores do documento. Ao final da análise encontrou-se que a manutenção desta classe comportamental não se dá em relação ao ambiente cultural mais amplo (sociedade geral), mas decorre da funcionalidade daquele comportamento dentro do próprio grupo ao qual o indivíduo pertence. Assim, mesmo que o comportamento violento não seja funcional para a sociedade geral, ele tem uma função dentro do grupo em que ocorre (neste caso, as torcidas organizadas). Sua manutenção se dá devido aos reforços sociais providos pelos outros membros integrantes do grupo. Já em relação a falta de entrelaçamento de contingências constatada nos TACs, concluiu-se que o resultado disto serão os diversos órgãos (governamentais ou não) agindo de maneira isolada para combater um problema comum. A iniciativa é válida, no entanto, por demonstrar uma preocupação por parte da agência governamental em adequar suas leis ao contexto da cultura atual.

Palavras-chave: futebol, metacontingência, Análise do Comportamento.



GRUPO DE ESTUDO DA PERCEPÇÃO EMOCIONAL E CONSTRUTOS RELACIONADOS. *Fabiano Koich Miguel, Bárbara Dias Miras, Clara Maki Inaba, Daniela de Oliveira Ribeiro, Diana Santos Ricci, Henrique Abe Ogaki, Marcia Caroline Portela Amaro, Raissa Barquete Caramanico.* (Departamento de Psicologia e Psicanálise, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

Este trabalho pretende apresentar o grupo de pesquisa destinado ao estudo da percepção emocional e sua relação com outros construtos, por meio da utilização de instrumentos informatizados para avaliação. O grupo em andamento une duas áreas da Psicologia. Uma delas estuda emoções e a capacidade de se perceber corretamente a expressão emocional, amparada por extensa literatura, mas ainda com temas polêmicos e controversos como a inteligência emocional. A outra área trata da utilização da informática para aplicação de testes psicológicos, auxiliando e ampliando o alcance do psicólogo. No primeiro semestre de 2011, o grupo focou seus estudos no levantamento e discussão da literatura na área. Diversos modelos teóricos existem para explicar o que são emoções, quantas emoções básicas existem e quando elas surgem. Apesar disso, parece existir convergência no entendimento de que emoção se trata de alterações fisiológicas acompanhada de experiência subjetiva, e pelo menos as seguintes emoções básicas podem ser identificadas: alegria, medo, surpresa, tristeza, aversão e raiva. A maioria dos estudos é focada na expressão emocional facial, considerada a principal região de manifestação, embora outras fontes possam existir, como entonação da voz e movimentos corporais. A partir do segundo semestre de 2011 e início de 2012, o grupo passou para a fase de coleta de dados, a fim de estudar o funcionamento de um instrumento destinado a avaliar a capacidade de percepção emocional por meio de vídeos de pessoas expressando emoções. Até a metade de 2012, os dados coletados serão analisados e comparados com o que já foi pesquisado nas áreas. As hipóteses iniciais dizem respeito a replicação de resultados já encontrados na literatura, o que configuraria evidências de validade para o instrumento utilizado. Tais hipóteses propõem uma correlação mediana da capacidade de perceber emoções com outros tipos de inteligência, constituindo-se, assim, em uma capacidade cognitiva. Também dizem respeito a correlações baixas ou nulas com traços de personalidade, não havendo, de maneira geral, características típicas que facilitam ou dificultam o reconhecimento de emoções nos outros. Resultados preliminares serão apresentados durante o congresso.

Palavras-chave: percepção emocional, inteligência emocional, avaliação psicológica.

Apoio financeiro: O projeto foi financiado em equipamentos pelo CNPq (processo 401413/2010-1), e em bolsa UEL de iniciação científica para alunas Marcia Caroline Portela Amaro (CNPq) e Raissa Barquete Caramanico (UEL) (edital 001/2011).



HÁBITOS E PROBLEMAS DE SONO: UM ESTUDO EM CRIANÇAS. *Rafaela Luana Câmara, Caroline Batista Vilela e Maria Laura Nogueira Pires* (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, SP).

A literatura internacional mostra que problemas de sono são relativamente frequentes na população infantil. Embora a relevância do sono para a saúde e bem-estar da criança, ainda são relativamente poucos os estudos no Brasil sobre o tema. Este estudo teve como objetivo analisar a frequência de problemas de sono numa amostra não-clínica de crianças e a associação entre hábitos de sono e sonolência durante o dia. Trata-se de um estudo exploratório, com amostra de conveniência, em que 94 mães de bebês (N=26), crianças pré-escolares (N=24) e em idade escolar (N=44) responderam a Escala UNESP de Hábitos de Sono-Versão Crianças, destinada a avaliar os hábitos de higiene do sono de criança, definida como um conjunto de condições, rotinas e práticas que promovem sono de boa qualidade (maior a pontuação, pior a higiene do sono) e Escala de Distúrbios de Sono para Crianças de Bruni, instrumento destinado a avaliar diversos problemas de sono, entre eles os Distúrbios de Iniciar e Manter o Sono e Distúrbios da Sonolência Excessiva (maior pontuação, maior gravidade do distúrbio). Os resultados mostraram que praticamente uma em cada dez crianças pré-escolares ou escolares dorme menos do que 8 horas por noite. Parcela importante dos pais referiu que suas crianças habitualmente (1 a 2 vezes por semana ou mais) relutam para dormir: 58,3% dos pré-escolares (de 3 a 5 anos de idade) e 54,5% dos escolares (de 6 a 12 anos de idade). Acordar mais de duas vezes à noite, como esperado, foi mais frequente entre os bebês (44%), seguido pelos pré-escolares (33,3%) e escolares (20,4%). Acordar durante a noite e apresentar dificuldade em adormecer são comportamentos habituais para 20,8% das crianças pré-escolares e 9% das em idade escolar. Ressalta-se que praticamente uma em cada três crianças sente emoções negativas (agitada, nervosa ou sente medo) antes do horário de dormir. Em consonância com esses achados, aproximadamente um terço dos pais de crianças em idade escolar (33%) afirmou que suas crianças habitualmente mostram dificuldade para acordar pela manhã, sendo que esse comportamento é habitual para 40% das crianças em idade escolar. Ao redor também de um terço dos pais dos pré-escolares percebe as suas crianças sonolentas durante o dia, uma percepção referida por 22,7% dos pais das crianças escolares. Os escores da Escala UNESP de Hábitos de Sono-Versão Crianças, na amostra total, se correlacionaram positiva e significativamente com a subescala Sonolência Excessiva de Bruni ($r=0,46$; $p<0,05$). De maneira geral, embora seja esperado que existam variações individuais na necessidade de sono, é particularmente importante o achado de que muitas crianças não obtêm sono com duração recomendada para sua faixa de idade. Os problemas de sono se mostraram preocupações parentais bastantes comuns no nosso estudo, e os dados também trazem evidências favoráveis ao pressuposto de que práticas inadequadas de higiene de sono associam-se com sono de baixa qualidade, com repercussões no comportamento diurno.

Palavras-chave: crianças, problemas de sono, escalas de avaliação.

Apoio financeiro: Rafaela L. Câmara recebe bolsa de Iniciação Científica do CNPq. O estudo conta com apoio da Pró-Reitoria de Extensão-UNESP.



IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO EM PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS PARA MÃES SOCIAIS. *Katia Daniele Biscouto* (UEL, Londrina, PR), *Alex Eduardo Gallo* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR), *Geysa Machado Cascardo*, *Ariadne Cristina Suzuki de Lima*, *Talita Machado Vieira e Angélica Cubas Duarte* (Graduação em Psicologia, UEL, Londrina, PR).

As famílias cada vez mais vêm encontrando dificuldades para educar seus filhos, entre as reclamações mais frequentes estão às dificuldades em estabelecer limites, como ensinar comportamentos que acreditam ser adequados e, principalmente, o que fazer quando os filhos têm problemas comportamentais. Porém, essas dificuldades não se restringem ao âmbito das famílias, também são focos de preocupação das instituições de acolhimento (abrigos e casas-lares) que atendem crianças vítimas de violência intrafamiliar e dos educadores (monitores e mães sociais) que nelas trabalham. Nesse sentido, programas de intervenção sobre práticas educativas parentais mostraram-se eficazes para gerar mudanças nos padrões de interação entre cuidadores e crianças. Desta forma, o objetivo deste estudo foi implementar e avaliar um programa de intervenção junto a mães sociais que trabalham com crianças abrigadas em casas-lares, visando capacitá-las a partir do referencial de práticas educativas parentais. Participaram deste estudo sete mães sociais que trabalhavam em quatro casas-lares, de três instituições para crianças/adolescentes em situação de risco, localizadas em uma cidade do interior do Paraná; e sete crianças que foram mencionadas pelas mães sociais nos instrumentos de pré e pós-testes. Foram realizadas 10 sessões, duas para aplicação dos pré e pós-testes; e 8 de intervenção em grupo nas quais foram discutidos temas sobre práticas educativas parentais e os princípios fundamentais do *Triple P*. Para avaliar a eficácia desse programa foram realizadas avaliações antes e após a intervenção, utilizando os seguintes instrumentos: Inventário de Estilos Parentais (IEP), Child Behavior Checklist (CBCL), roteiro de entrevista sobre história de vida e profissional das mães sociais. Os dados coletados no pré e pós-teste foram analisados comparativamente, mas não apresentaram diferenças representativas. Em relação aos dados IEP, somente três mães sociais tiveram aumento discreto de seus escores do pós-teste, as outras tiveram perdas, porém, as categorias em separado demonstram que monitoria positiva apresentou aumento de 1 a 3 pontos e os escores para comportamento moral foram mantidos. Já as práticas negativas aumentaram depois da intervenção, a hipótese levantada é de que as mães sociais passaram a discriminar melhor seus comportamentos depois da intervenção o que acarretou o aumento da pontuação nestas práticas. Este pode ser considerado um resultado positivo da intervenção, pois foi suficiente para que discriminassem seus comportamentos adequados e inadequados. Os resultados do CBCL também apresentaram uma discreta diminuição nos seus escores. Diferentes dos dados quantitativos que apontam que a intervenção não foi suficiente para modificar comportamentos das mães sociais, os dados qualitativos demonstraram que as mães sociais passaram a perceber o papel delas como mães sociais, educarem e cuidarem dessas crianças, que educar não é simplesmente prover alimentação e cuidados básicos, como funcionárias da instituição. O programa de intervenção proposto neste trabalho mostrou-se eficaz para gerar mudanças nos padrões de interação entre cuidadores e crianças, entretanto necessitaria de replicações em instituições e populações diferentes para garantir a aplicabilidade em ambientes diversos.

Palavras-chave: casa-lar, crianças abrigadas, Análise do Comportamento.

Apoio Financeiro: Katia Daniele Biscouto recebeu bolsa da CAPES.



INDICADORES DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA: ESTUDOS EMPIRICOS QUE AVALIARAM A ADESÃO AO TRATAMENTO DO DIABETES DO TIPO 1.
Julia Archangelo Guimarães, Luziane de Fátima Kirchner, Maria Fernanda Monteiro, Maria Luiza Marinho-Casanova (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento; Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

A adesão ao tratamento do diabetes mellitus é um tema relevante na área da saúde, e por isso é necessário avaliar a disseminação de pesquisas sobre esse tema no meio científico. Uma das formas de avaliar a disseminação de tais estudos é apresentar os indicadores, tais como os autores e os periódicos que mais publicaram sobre o tema. O presente trabalho descreve o levantamento de indicadores (área, periódicos, autores, palavras-chave, frequência de citações e ano de publicação) de 101 estudos que avaliaram empiricamente a adesão a componentes do tratamento do diabetes mellitus (do tipo 1), como dieta alimentar, atividades, físicas, controle glicêmico, entre outros. A pesquisa foi direcionada a periódicos disponibilizados na íntegra pela base de dados *Web of Science* entre 2000 e 2010, feita para todas as áreas que a base abrange. Os resultados apontaram que o maior número de artigos foram desenvolvidos nas áreas de Psicologia (n=30), Medicina Geral e Interna (n=30) e Endocrinologia e Metabolismo (n=22), publicados em periódicos de alto fator de impacto (43 de 51 periódicos indicaram fator de impacto acima de 1.000, para o ano de 2010), e elaborados por pesquisadores conceituados, predominantemente com formação em Psicologia. A quantidade de citações que os estudos receberam foi entre 1 a 30, estando a maior parte dentro da média esperada para as publicações da área (média entre 11,3 e 16,3). As palavras-chaves mais frequentemente utilizadas foram *adherence* (n=39) e *diabetes* (n=27), e sugestões, com apoio da literatura, foram feitas quanto à escolha destas, que não apresentaram padronização. Constatou-se também que pesquisas empíricas que avaliam a adesão ao tratamento do diabetes tipo 1 sofreram o acréscimo ao longo dos anos 2000 a 2010, mas o montante de publicações sobre o tema “adesão ao tratamento” é ainda pouco expressivo, se tomar-se em consideração a importância da adesão para a população de diabéticos. Não foi alvo deste trabalho avaliar a qualidade das publicações, bem como o tipo de pesquisa ou o método empregado na avaliação da adesão. Mas no que diz respeito à disseminação da produção científica levantada, os indicadores mostraram que esses parecem estar sendo disseminados na comunidade científica. Outros estudos como este precisam ser desenvolvidos, sobretudo com olhares da Psicologia e da Medicina, que foram as áreas mais abrangidas.

Palavras-chave: adesão ao tratamento, Diabetes mellitus, indicadores de produção científica.



INFLUÊNCIA DE UM VÍDEO COM CENAS DE ACIDENTES DE TRÂNSITO NAS RESPOSTAS A SITUAÇÕES COTIDIANAS NO TRÂNSITO. *Raissa Roberti Benevides, Raquel Esteves, Shimeny Michelato Yoshiy, Sylvia Sato e Ednéia Aparecida Peres Hayashi* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR)

A Psicologia do Trânsito é definida como o estudo científico do comportamento dos participantes do trânsito e busca avaliar o comportamento dos condutores, estudar formas de melhoria dos veículos e da sinalização de vias rodoviárias, além de fornecer diretrizes educacionais para o ensino de novos e experientes motoristas. Muitas campanhas são desenvolvidas para promover tais melhorias e diminuir o risco de acidentes. Nesta pesquisa focou-se aquelas que utilizaram vídeos como forma de prevenção de acidentes no trânsito. A Campanha “Everybody Hurts” (1989), desenvolvida na Inglaterra, e o Programa de Orientação Psicológica Preventiva (POPP – 1989/1999), realizado no Brasil, utilizaram meios multimídias na tentativa de redução da taxa de acidentes. Em ambas as campanhas, pode-se observar os efeitos do vídeo, sendo que na primeira houve uma redução de 19% nos acidentes graves e, na segunda, 92% dos participantes afirmaram que passaram a utilizar cinto de segurança. A partir disso, a presente pesquisa investigou se vídeos que contêm cenas de acidentes de trânsito influenciam as respostas de avaliação de situações no trânsito. Participaram 10 estudantes universitários, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 25 anos, que já possuíam carteira de habilitação. Utilizou-se um questionário contendo 6 questões abertas, referentes a situações cotidianas vivenciadas no trânsito, além do comercial da campanha “Everybody Hurts”, que apresenta acidentes de trânsito após a utilização de bebidas alcoólicas e drogas. Após assinarem o termo de consentimento, os participantes foram divididos igualmente em dois grupos. Os participantes do grupo experimental assistiram ao vídeo e, em seguida, foi entregue o questionário com a orientação de que fosse respondido segundo a maneira como se comportam na vida cotidiana. Já para o grupo controle, apenas o questionário foi apresentado, sendo fornecidas as mesmas instruções. A coleta de dados ocorreu de forma individual. Os resultados apontaram que, referente a quatro questões respondidas, as respostas foram semelhantes entre os grupos. Entretanto, em duas questões, observou-se diferença acentuada nas respostas intergrupos. Na questão referente a dirigir alcoolizado após uma festa, 60% de respostas do grupo controle foram de que dirigiriam na situação especificada, e apenas 20% de respostas do grupo experimental foram de que dirigiriam nas mesmas condições. Sobre a questão relacionada à ultrapassagem de um caminhão na rodovia de pista simples, sem uma visão adequada da outra pista, 80% dos participantes do grupo experimental afirmaram que não ultrapassariam ou ultrapassariam com uma visão adequada. No grupo controle, nenhum dos participantes afirmou que não ultrapassaria o caminhão. Este resultado pode ser devido ao fato de que o vídeo apresenta uma situação em que a ultrapassagem de um caminhão resultou em um acidente. A presente pesquisa aponta para uma possível relação entre apresentação de vídeos referentes a comportamentos no trânsito e respostas a situações do cotidiano no trânsito e sugere novos estudos envolvendo maior número de participantes.

Palavras-chave: Psicologia do Trânsito, acidentes de trânsito, avaliação.



INTERFACES ENTRE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E NEUROCIÊNCIAS: O QUE OS ANALISTAS DO COMPORTAMENTO TEM A DIZER SOBRE ISSO? *Taimon Pires Maio, Fernanda Mendes Caleiro* (Departamento de Ciências Humanas, Faculdade Anhanguera Educacional, Rio Grande, RS).

De acordo com a Fisiologia, os eventos internos do organismo configuram importante fonte de estimulação do comportamento. Partindo-se do pressuposto analítico-comportamental de que os eventos ambientais constituem qualquer evento externo, não necessariamente ao organismo, mas ao comportamento, alguns autores concordam que eventos fisiológicos ocupam um importante papel na determinação da conduta. As Neurociências tiveram um relevante avanço no entendimento de mecanismos neurais correlatos ao comportamento dos organismos, entretanto, permanece de modo geral afiliada a concepção cognitivista, postulando causas hipotéticas e/ou complexas para cada comportamento complexo, no lugar do mesmo mecanismo de seleção atuando gradativamente sobre repertórios cada vez mais complexos, ou seja, o processo de modelagem sob o controle de estímulos. A Análise do Comportamento (AC), por outro lado, contribui demonstrando a aplicação do modelo de seleção pelas consequências ao comportamento de organismos, proporcionando métodos de análise e fundamentação filosófica compatível com os ditames da Ciência. Alguns autores do campo vêm argumentando que a AC perde ao não ser devidamente discutida a possibilidade de se incluir dados fisiológicos em sua ciência. Devido a tais discussões, justifica-se como fundamental estabelecer as relações entre o campo da Neurociência e AC, objetivando avaliar, sobretudo, qual a interface prática, conceitual e metodológica apontada por autores da AC. A revisão da literatura, ainda em caráter preliminar, configura o método do presente estudo. Foram acessadas as bases de dados de livre acesso SCIELO e PEPISIC. Nestas, foram coletados e, posteriormente avaliados, somente os estudos nacionais indexados em periódicos vinculados à AC publicados até o ano de 2011 que estabelecessem discussões sobre as relações entre o campo das Neurociências e a AC. A mesma relação entre as áreas permanece sendo pesquisada nos periódicos *Journal of Experimental Analysis of Behavior* (JEAB) e *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) mediante a busca das palavras-chave: neuroscience e physiology. Entre os resultados dos estudos avaliados, aponta-se que algumas pesquisas analisaram o papel da contingência de três termos ao nível celular na determinação de respostas neuronais, obtendo resultados positivos da aplicação do modelo de análise operante nesse âmbito. Esse estudo pode também fornecer benefícios as Neurociências, ao fornecer um modelo teórico para o controle e previsão de respostas neurais. Alguns estudos em Neurociências, porém, já vem utilizando o condicionamento operante na instalação de comportamentos cujas bases biológicas serão posteriormente analisadas mediante seus próprios métodos. Da mesma maneira, alguns analistas do comportamento propõe a utilização de procedimentos de neuroimagem na avaliação do comportamento operante em prol do desenvolvimento da AC. Outros pesquisadores são ainda mais radicais na interface entre as áreas, defendendo que o estudo de eventos fisiológicos seja incorporado à AC, não como mecanismos subjacentes e explanatórios do comportamento, mas como eventos comportamentais por si mesmos. Diversos autores que reconhecem a possibilidade de diálogo reafirmam a independência entre as áreas. Um dos autores teme que uma junção entre elas possa desviar os analistas do comportamento das variáveis históricas e ambientais das quais o comportamento é função, o que configuraria um retorno ao reducionismo e uma deturpação nos objetivos de sua ciência.



II CPAC, VI EPAC e II EBEPAC
24 a 26 de maio de 2012, Londrina, PR
ISBN 978-85-7846-150-8

Palavras-chave: Neurociências, Análise do Comportamento, modelo de seleção por consequências.



LEVANTAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DE AGRESSORES, VÍTIMAS E ESPECTADORES DE BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DO PARANÁ. *Thaís Cristina Gutstein, Yara Kuperstein Ingberman, Fabiano Nazar* (Mestrado em Psicologia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR).

A violência escolar tornou-se hoje, além de uma problemática comum, um cenário complexo em que há dificuldades evidentes e poucas alternativas para amenizar. Torna-se necessário compilar informações, usar do conhecimento científico disponível e unir esforços diante da realidade desconcertante à qual estamos expostos. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa sobre violência escolar que propõe-se a elaborar, aplicar e avaliar estratégias de intervenção de bullying na escola. A proposta inicial deste trabalho é levantar e caracterizar situações de violência, especificamente bullying em uma escola pública de ensino fundamental no interior do Paraná. No entanto, como enfoque principal, busca-se desenvolver uma proposta de intervenção (preventiva secundária) em situações de bullying com um grupo experimental escolhido a partir de levantamento de indicativos. O programa envolveu alunos, pais (cuidadores), professores e equipe pedagógica. Procurou-se ampliar o repertório de comportamento dos alunos para comportamentos mais eficazes e pró-sociais como alternativos aos comportamentos antissociais de bullying. O trabalho envolveu duas etapas: Levantamento e Intervenção. Trata-se de uma pesquisa de modelo Quase-experimental, em que as amostras foram identificadas por conveniência, ou seja, para o Levantamento dos dados utilizou-se como critério de seleção da amostra o retorno do TCLE assinado pelos pais ou responsáveis autorizando os alunos a responderem o Questionário sobre bullying. Partindo de uma população de 525 alunos que estudavam entre 5^a. e 8^a. série, obteve-se uma amostra selecionada de 283 alunos (N). Os questionários respondidos foram avaliados pelo programa SPSS (versão 13) para análise dos dados. O instrumento abordou 31 perguntas, entre dados socioeconômicos, relacionamento interpessoal e violência escolar. A partir dos indicativos levantados (N=283) obteve-se como Medida de Tendência Central: Média de 5,08; Mediana de 5,00 e Moda 5. Não foram identificados valores extremos. A análise dos dados mostrou que os dados de Dispersão demonstraram a Amplitude: 2, Variância: 0,494 e Desvio Padrão: 0,70. Tais dados são compatíveis aos sugeridos na literatura como uma Distribuição de curva normal. Também se evidenciou que 77,9% dos alunos apresentaram algum tipo de envolvimento com bullying escolar. Destes, 6% são agressores; 13,4% são caracterizados como vítimas e 58,5% são expectadores/testemunhas de bullying escolar; não foi caracterizada, até o presente momento, a presença de vítimas/agressores. A partir dos dados citados, identificou-se a turma em que houve maior participação e envolvimento com bullying para a realização da Proposta de Intervenção que será descrita em outro trabalho.

Palavras-chave: violência escolar, *bullying*, indicativos de *bullying*.

Apoio financeiro: O presente trabalho não teve subsídio financeiro das Agências de Fomento.



MANEJO COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM CÂNCER: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM GRUPO COM CUIDADORES. *Maria Rita Zoéga Soares, Angélica Polvani Trassi, Cibely Francine Pacifico, Francislaine Flâmia Inácio* (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

O psicólogo da Saúde contribui para melhorar a qualidade de vida atuando na prevenção de doenças e auxiliando para o melhor uso dos serviços neste contexto. Em se tratando de pacientes com câncer (psico-oncologia), diante da confirmação do diagnóstico há um grande impacto na vida desses indivíduos e familiares, principalmente em casos de crianças. Tal diagnóstico pode acarretar mudanças na rotina da família e alterações na condição financeira. Além disso, a doença pode afetar a forma como os pais educam seus filhos, podendo apresentar padrões comportamentais relacionados à superproteção, adoção de regras incoerentes, punição inconsistente e disciplina relaxada. Dessa forma, pais também devem ser incluídos na intervenção psicológica, a fim de ampliar suas práticas educativas. Com isso, o objetivo do presente trabalho foi promover a orientação sobre manejo comportamental para pais de crianças com câncer, com a finalidade de diminuir as dificuldades de interação e facilitar a aquisição de padrões comportamentais adequados, que auxiliem na adaptação a essa nova condição e à adesão ao tratamento. Assim a intervenção consistiu em encontros com grupos de cuidadores de crianças com câncer, cujos temas trabalhados foram baseados nas desvantagens da punição corporal, estilos e práticas parentais e uso de regras e limites. Os grupos foram realizados semanalmente, com aproximadamente uma hora e meia de duração, na ala pediátrica de um Hospital e em uma ONG vinculada a esse hospital, que realizam atendimentos a crianças com câncer na cidade de Londrina- PR. Os grupos foram conduzidos por estagiárias que pertenciam ao projeto de extensão desenvolvido junto ao Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina. Entre os temas discutidos, salientou-se a importância dos pais como os principais responsáveis pela educação dos filhos e, portanto, pela mudança comportamental dos mesmos. Para produzir tal mudança, os cuidadores foram orientados quanto aos tipos de aprendizagem e as alternativas de manejo que incluíram o estabelecimento de disciplina, regras e limites. Foi necessário fornecer modelo de como realizar análise funcional do comportamento da criança a fim de que pudessem compreender a função do comportamento inadequado, podendo eleger formas de atuação mais eficazes. Tais temas permitiram a participação ativa dos pais, apesar de algumas dificuldades relacionadas à rotatividade dos participantes, em função das características do tratamento oncológico. Assim, os resultados demonstraram eficácia no sentido de auxiliar pais e crianças a melhor se adaptarem às novas situações, que o tratamento exige. A presente intervenção demonstrou a importância de se trabalhar manejo comportamental com pais neste contexto, visto que contribui para o desenvolvimento físico, social e emocional do indivíduo, favorecendo a construção de um ambiente familiar saudável, o que colabora na aquisição de padrões comportamentais relacionados à adesão.

Palavras-chave: manejo comportamental, intervenção com pais, câncer infantil.

Apoio financeiro e/ou bolsas: Fundação Araucária e PROINEX



NOÇÕES SOBRE PSICOTERAPIA. *Priscilla da Silva Faria, Raiana Bonatti Botão, Raissa Roberti Benevides, Raquel Esteves, Sylvia Sato (UEL, Londrina, PR).*

A terapia, segundo Skinner é uma agência controladora, que tem por função desfazer os subprodutos da punição a que os pacientes são submetidos, para isso o terapeuta deve exercer uma forma de controle diferente dos outros agentes controladores. Entretanto, assim como as demais agências controladoras, a Psicoterapia também resulta em subprodutos que em sua maioria prejudica o papel psicoterápico e, em certos casos, trazendo danos ao próprio paciente. Os principais subprodutos são: a fuga que consiste em fugir do órgão controlador; a revolta que seria a contra-ataque ao agente controlador; e a resistência passiva que pode ser descrita quando os indivíduos param de se comportar de acordo com as normas controladoras, normalmente ocorre quando o sujeito extinguiu seus esforços de fuga e de revolta. Estes subprodutos, em sua maioria, são acompanhados de subprodutos emocionais, como por exemplo: medo (normalmente é acompanhante da fuga), ansiedade (fuga e resistência passiva), ira e raiva (revolta) e depressão (associada com a resistência passiva). Paradoxalmente, o paciente frequentemente procura os serviços terapêuticos por estar envolvido em alguma condição de controle aversivo e cabe a psicoterapia eliminar ou ao menos minimizar o desconforto proveniente de uma história de punição. Mas como o psicoterapeuta tratará tal paciente podendo promover tantos subprodutos? Há propostas que dizem que o terapeuta deve se configurar como uma audiência não punitiva a fim de que apareçam no ambiente terapêutico as respostas suprimidas por estímulos aversivos, por meio do relato verbal ou como comportamento concretos. O “poder” do terapeuta se dá pela aversividade da situação do paciente e por meio da ‘promessa de alívio’ que a terapia traz (difundida pela comunidade verbal), desta forma, configurando-se como reforçamento positivo, a psicoterapia exerce um controle sob o paciente. Inicialmente, o terapeuta não detém total controle como é esperado numa terapia, é ao passar do tempo e através das habilidades interpessoais e até mesmo de controle pessoal ou como um membro do grupo ético que o psicoterapeuta vai impondo tal controle. Este processo terapêutico ocorre num nível individual, em que é necessário o estabelecimento de um vínculo entre o terapeuta e o paciente para que seja cada vez mais efetivo o controle terapêutico e que comece a aparecer, no repertório do paciente, comportamentos que até então estavam sendo reprimido por práticas punitivas e coercitivas. A clientela da Psicoterapia não consiste num grupo específico, os terapeutas atendem qualquer faixa etária, de qualquer grupo sócio-econômico, pertencente de qualquer prática-cultural. Neste trabalho, contudo, demos ênfase a jovens universitários na faixa-etária entre 18 a 25 anos de idade. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo investigar, através de relatos verbais, as percepções que jovens estudantes que já participaram da prática psicoterápica, e dos que nunca participaram tem sobre a psicoterapia. Tal investigação mostra-se importante para a comunidade científica uma vez que pode traçar aberturas para posteriores investigações sobre possíveis restrições que esta prática possua sobre este grupo.

Palavras-chave: psicoterapia, clínica, jovens.



O COMPORTAMENTO RESISTENDE À MUDANÇAS EM FACE DA MODIFICAÇÃO DA CONTINGÊNCIA DE REFORÇO COMO UMA FUNÇÃO DA TAXA DE RESPOSTAS E DE REFORÇO. *Orlando Amaro de Oliveira e Souza Junior, Carla Jordão Suarez, Carlos Eduardo Costa, Raquel Fernanda F. Lacerda.* (Laboratório de Psicologia Experimental e Psicobiologia do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, do Centro de Ciências Biológicas, UEL, Londrina, PR)

O presente trabalho teve como objetivo investigar o efeito da taxa de reforço sobre a resistência do comportamento à mudança. Para isso, quatro ratos albinos, da espécie *Wistar*, privados 24 horas de água, foram expostos durante a Linha de Base a um programa múltiplo VI 30 s-VI 180 s. Para S1, o controle de estímulo utilizado foi luz geral no primeiro componente e escuro no segundo componente. Para S2, foram utilizados os mesmos estímulos de S1, porém apresentados na ordem inversa (escuro no primeiro componente e luz geral no segundo componente). Para S3, foi utilizado como controle de estímulo luz barra e ruído no primeiro componente e luz geral no segundo componente. E para S4, foram utilizados os mesmos estímulos de S3, porém apresentados na ordem inversa (luz geral no primeiro componente e luz barra e ruído no segundo componente). Cada componente era alternado a cada 5 minutos, a distribuição dos componentes era quase randômica, e as sessões tiveram duração de 60 minutos. Foi utilizado como critério de estabilidade Cumming e Shoenfeld (1956) de 5 % para mudança de fase. Após atingir a estabilidade todos os sujeitos foram expostos, na Fase Teste, a seis sessões sob um múltiplo EXT-EXT, sendo que os controles de estímulos utilizados na Linha de Base foram mantidos. As sessões tiveram duração de 60 minutos cada, os componentes eram alternados a cada 5 minutos e eram distribuídos de forma quase randômica. Os resultados indicaram que, durante a Linha de Base, os sujeitos experimentais emitiram uma maior taxa de resposta no componente com maior taxa de reforço e uma menor taxa de resposta no componente com menor taxa de reforços. Em relação a Fase Teste, observa-se que todos os sujeitos diminuíram a taxa de respostas ao longo da exposição ao múltiplo EXT-EXT em ambos os componentes. Entretanto, observou-se uma maior resistência do comportamento à mudança no componente correlacionado ao VI 30 s (maior taxa de reforço), para todos os sujeitos. Os resultados corroboram com os comumente encontrados na literatura. Em geral, tem-se observado uma relação direta entre a taxa de reforço e a taxa de respostas em um programa múltiplo VI-VI. Além disso, tem-se observado também, uma relação direta entre a taxa de reforço durante a linha de base e a maior ou menor resistência à mudança do comportamento em uma fase teste. Desta forma, a resistência do comportamento à mudança parece estar diretamente relacionada ao reforço. Pesquisas futuras poderiam investigar se outras dimensões do reforço, tais como magnitude e imediatividade, poderiam afetar diferencialmente a resistência do comportamento à mudança.

Palavras-chave: persistência comportamental, resistência à mudança, ratos.

Apoio Financeiro: Orlando Amaro de Oliveira e Souza Junior é bolsista do programa CNPq/PIBIC-UEL. Raquel Fernanda F. Lacerda é bolsista do programa CAPES.



O TRABALHO DE UMA PSICÓLOGA ORGANIZACIONAL SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS COLABORADORES EM UMA EMPRESA DE TRANSPORTES. *Emerson Gadelha Lacerda, Izabelle Cristina de Medeiros Primo, Kaline Cysneiros Vilela, Miuza Suele Marcelino da Silva* (Centro Universitário do Rio Grande do Norte, Natal, RN)

Nas produções acadêmicas em psicologia, percebe-se que há limitação de pesquisas sobre o mercado de trabalho norte-rio-grandense na psicologia organizacional, se comparado à clínica tradicional. Contudo, o psicólogo pode desempenhar um papel importante dentro das empresas, ajudando a aumentar a qualidade de vida dos trabalhadores. Para conhecer melhor a atuação deste profissional, esta pesquisa visou fazer um estudo de caso sobre como o trabalho de uma psicóloga organizacional é percebido pelos funcionários em uma empresa do setor de transportes em Natal/RN. Seus objetivos são caracterizar as funções do psicólogo nesta empresa e identificar as opiniões dos colaboradores sobre sua atuação. Utilizou-se a pesquisa exploratória, visando resultados de caráter descritivo das opiniões dos participantes. A coleta de informações se deu através de levantamentos bibliográficos, observação in loco e entrevista semiestruturada com base em roteiro previamente elaborado pelos pesquisadores. Foram entrevistados os funcionários da empresa em questão, sendo a amostra composta por 16 (20,77%) do quadro de 77 colaboradores alocados na sede da empresa. Quando indagados quanto ao seu conhecimento sobre as atividades de um psicólogo na empresa, os colaboradores apontaram principalmente recrutamento e seleção, treinamento e desenvolvimento, atendimento psicológico individual e comemoração de datas significativas. Em relação à atuação da psicóloga da empresa estudada, alguns funcionários a avaliam como ativa, enquanto outros desconhecem sua atuação ou a caracterizam como tímida e limitada, denotando ampla divergência de opiniões. 81,25% da amostra mencionou que o trabalho da psicóloga consiste da escuta psicológica individual, porém apenas 37,5% já utilizaram ou se sentiria à vontade para utilizar este atendimento. Numa avaliação geral, 56,25% percebem o trabalho da psicóloga como bom, 31,25% como regular, 6,25% como ruim e 6,25% como ótimo. Quanto às sugestões indicadas pelos colaboradores à profissional, destacam-se: maior divulgação do atendimento psicológico individual e do seu trabalho em geral e intensificação do contato entre colaboradores e psicóloga. Pode-se inferir a partir da fala dos colaboradores que é predominante a visão do psicólogo como profissional da área clínica, denotando a necessidade de divulgar o papel da psicóloga organizacional na empresa a fim de que ela seja vista como uma consultora interna da área de gestão de pessoas e não exclusivamente como terapeuta. Também se faz relevante estreitar o relacionamento entre psicóloga e colaboradores a fim de fortalecer a gestão assertiva com a colaboração e valorização da equipe.

Palavras-chave: Psicologia Organizacional, atuação profissional, percepção.



O USO DE INSTRUMENTOS DE DIAGNÓSTICO E AVALIAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO PERIÓDICO PEDIATRICS DE 2000 A 2010. *Silvia Cristiane Murari* (UEL e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Londrina, PR).

Estudos sobre avaliação e tratamento de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sempre foi uma realidade para analistas do comportamento. Na atualidade, o tema autismo assume importância mundial e, no Brasil, já existe um Projeto de Lei (168/2011) que institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista na qual, uma de suas diretrizes, estabelece “a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional”. O acúmulo de resultados científicos produzidos em Análise do Comportamento e por outras áreas da ciência suportam, há algum tempo, que o tratamento comportamental com início precoce produz resultados excelentes para as pessoas com TEA. Assim, o desafio atualmente para os profissionais da psicologia e, também da medicina, é o de identificar e avaliar, precocemente, crianças com possíveis sinais autísticos. Este desafio exige o desenvolvimento de pesquisas que gerem tecnologias capazes de triar e avaliar de forma segura e eficiente essa população. O presente estudo teve por objetivo verificar a) quais são os instrumentos que estão sendo utilizados para o diagnóstico precoce e avaliação do TEA e b) qual a participação da psicologia nestes estudos. Para responder a estas questões decidiu-se por analisar os artigos do periódico *Pediatrics* no período de 2000 a 2011. Os artigos foram selecionados a partir das seguintes palavras chaves, *diagnosis, autism e screening*. Todos os textos foram lidos na íntegra e excluídos os que não citavam instrumentos para diagnóstico ou avaliação e os que não discutiam a questão do autismo diretamente; desta seleção restaram 16 estudos. A participação da psicologia foi verificada através da filiação dos autores. Na análise foi possível detectar vinte e dois diferentes instrumentos e os mais citados foram: CID – 9 (37.5%), Diagnostic Observation Schedule (31.2%), DSM – IV (25%), Vineland Adaptive Behavior Scales (25%), Autism Diagnostic Interview-Revised (18.7). A psicologia esteve envolvida em 31.2% dos estudos. Verificou-se que há uma grande variedade de instrumentos sendo usada, isto pode representar pouca padronização no diagnóstico que, por sua vez, pode enviesar dados sobre incidência e prevalência do TEA. Os dados sobre a participação precisam ser revistos, já que pode haver a participação da psicologia em outros departamentos ou centros de afiliação, mas que não foram citados. Considerando-se um possível aumento na demanda para diagnósticos e avaliações, caso o projeto de Lei (168/2011) seja aprovado, o presente estudo sugere a necessidade de pesquisas que verifiquem quais destes instrumentos já estão validados ou em condições de serem utilizados por profissionais aqui no Brasil.

Palavras-chaves: Análise do Comportamento, identificação precoce, desenvolvimento atípico.

Bolsista: Silvia Cristiane Murari é bolsista CPAES.



**"POR FAVOR, PUXE A DESCARGA! NINGUÉM É TÃO CURIOSO ASSIM" -
UMA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS UTILIZAREM OS BANHEIROS PÚBLICOS DA UEL.**

Bruna Maria Souza, Cinthia Cavalcante, Daniele Evangelista Sita, Debora Kalwana De Martini Lopes dos Santos e Maura Freitas. (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

No Brasil, os usuários dos bens públicos ainda requerem aprendizado de um conjunto de ações que os permitam usufruir daquele espaço, bem como ajudar na sua conservação para que outras pessoas também possam utiliza-lo. A construção e manutenção dos banheiros públicos são consideradas, pelas leis que regem seu uso, responsabilidade da entidade pública onde a população é atendida ou convidada a comparecer. Embora seja habitual a veiculação de notícias sobre as más condições disponibilizadas pelos órgãos públicos para a manutenção de banheiros que atendam a população em geral, há um conjunto de ações por parte dos usuários desse bem público que indicam que a falta de cuidado e civilidade no uso dos banheiros públicos é uma prática culturalmente mantida por diversos grupos no Brasil. A prática cultural pode ser entendida como um subconjunto de contingências entrelaçadas de reforçamento, onde o comportamento e seus produtos funcionam como eventos ambientais. Assim, o comportamento de cada membro do grupo se torna ambiente para que o comportamento de outros membros do grupo ocorra. A Análise do Comportamento entende que o meio ambiente assume função de modelar o repertório comportamental de cada indivíduo, mas em relação a práticas culturais é necessário identificar por que um conjunto de ações emitidos individualmente pelos indivíduos (ir ao banheiro) pode produzir, a longo prazo a deterioração de um bem público. Assim, esse estudo teve o objetivo de identificar que contingências são arrançadas no contexto do comportamento definido como “usar o banheiro público” por parte de estudantes universitários, que não garantem as ações dessa população que resultem em conservação da limpeza e integridade física desse local. Para isso, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com 20 alunos da Universidade Estadual de Londrina, alocados nos diferentes centros de estudos da instituição, sendo que os dados coletados evidenciaram que o mau uso desse espaço por parte dos estudantes universitários, é um comportamento que se mostra efetivo, pois mesmo com a disponibilização pela universidade, de contingências que poderiam favorecer a ocorrência de comportamentos que refletissem cuidados e conservação com esse bem público, outros são mais eficazes e mantêm ações que favorecem a deterioração desses espaços. O desinteresse dos estudantes universitários em usarem os banheiros públicos de forma a conservá-lo limpo e íntegro, é mantido pela indisponibilidade de recursos materiais necessários nesse espaço (sabonete, toalha, papel higiênico), mas também e principalmente por regras já formuladas em outros contextos e que para eles, são altamente eficazes na emissão do comportamento de usarem banheiros públicos. Os diferentes comportamentos e regras identificados serão e podem subsidiar ações mais eficazes quando o objetivo for conscientizar a população universitária em relação a ações de cidadania referentes ao bem público.

Palavras-chave: banheiros públicos, análise do comportamento, práticas culturais.



PREFERÊNCIA CLARO/ESCURO EM *Danio rerio*: EFEITOS DO HORÁRIO DA COLETA E DE REGIME DE LUZ NA HABITUAÇÃO. Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias, Bruno Rodrigues dos Santos, Marcelo de Sena Pinheiro, Amauri Gouveia Jr (Laboratório de Neurociências e Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, PA).

Animais possuem estruturas anatômicas e fisiológicas influenciadas pela luminosidade. O paulistinha, *Danio rerio*, é um pequeno peixe ósseo, oriundo do delta do rio. Apresenta hábitos diurnos e originalmente vive em águas claras e limpas, sob pontes, em fossos ou lagos rasos que tenham vegetação abundante às suas margens. É um animal largamente utilizado como modelo experimental. São vários os estudos sobre a influência luminosa no comportamento e na fisiologia do *Danio rerio*. Trabalhos conduzidos com estes peixes demonstram que ambientes brancos lhe são aversivos. O presente estudo tem como objetivo verificar se a variação de regimes de luz e períodos de coleta favorece a aprendizagem de habituação à situação de preferência claro-escuro. Para tanto, grupos de sujeitos (n=8) foram mantidos por sete dias em períodos diferentes de luminosidade/escurecimento (00/24, 10/14, 14/10, 12/12 e 24/00) e em seu teste em diferentes períodos do dia (manhã, tarde, noite, madrugada) em aquários próprios e testados, em aquário preto/branco, repetidamente, nos quatro períodos do dia. Foram observados o tempo de permanência em cada câmara do aquário teste, número de cruzamentos entre os ambientes e primeira latência de exploração (tempo que o sujeito leva para cruzar pela primeira vez para o lado oposto escolhido primariamente). Os resultados indicam para tempo de permanência (Grupo F (4, 138)=1,949, p=0,106, Período F (3, 138)=1,530, p=0,210, Grupo x Período F (12, 138)=1,910, p=0,038), para latência (Grupo F (4, 137)=1,895, p=0,115, Período F (3, 137)=1,745, p=0,161, Grupo x Período F (12, 137)=1,349, p=0,198) e para alternância (Grupo F (4, 140)=4,424, p=0,002, Período F (3, 140)=9,994, p=0,001, Grupo x Período F (12, 140)=1,010, p=0,443). O grupo 14/10 apresentou aprendizagem no período da madrugada. A quantidade de luminosidade/escurecimento a que ele foi exposto possivelmente o coloca em uma situação ambiental de primavera/verão. A atividade de exploração aumentada neste período pode estar associada à pouca luminosidade ambiental neste período, bem como a uma busca de alimento para a preparação para o período de inverno. É também possível a ocorrência da influência da luminosidade ambiental sobre seu sistema de controle circadiano. A latência não obteve resultado significativo, provavelmente devido à diferença de indivíduos entre as espécies, visível através do erro padrão elevado. A alternância demonstra uma atividade significativa entre os grupos 10/14 e 14/10. Essa diferença pode estar associada aos fotoperíodos naturais que essas taxas de luminosidade/escurecimento podem representar (10/14 – outono/inverno; 14/10 – primavera/verão). Assim, com a função metabólica em ótimo, possivelmente haveria uma maior busca por reprodução. A variação de regimes de luz e períodos de coleta não gerou a habituação em preferência claro/escuro.

Palavras-chave: comportamento, ritmo circadiano, preferência claro-escuro.

Apoio financeiro: Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias¹ e Marcelo de Sena Pinheiro², Amauri Gouveia Jr² receberam bolsa da Agência de Fomento CAPES¹ e CNPq².



PROGRAMA DE INTERVENÇÃO ANALÍTICO COMPORTAMENTAL EM GRUPO DE TABAGISTAS. *Marcela Otávia de Carvalho, Angélica Polvani, Mônica MidoriKido, Patrícia Cristiane de Oliveira, Maria Luiza Marinho Casanova e Josy de Souza Moriyama* (Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

O tabagismo é um problema de saúde que vem sendo altamente debatido nos últimos anos, devido ao grande número de fumantes e as diversas conseqüências nocivas ocasionadas pelo uso do cigarro. No Brasil, estima-se que 50 tipos diferentes de doenças estejam relacionados ao uso dessa substância, e que aproximadamente 200 mil pessoas morrem por ano. Com base nesses dados, o Ministério da Saúde tem se preocupado em desenvolver políticas públicas que amenizem ou até mesmo cessem o comportamento de fumar. O presente estudo tem por objetivo adaptar e avaliar os efeitos de um programa de tratamento com tabagistas sem o uso de medicação, baseando-se num programa desenvolvido por Becoña (1993, 1998), na Espanha. O programa foi realizado em grupo de aproximadamente 10 pessoas de ambos os sexos e faixa etária entre 20 e 55 anos. As sessões eram semanais e em cada sessão era utilizado o aparelho monóxímetro para medição de monóxido de carbono (CO) de cada participante bem como a contagem dos cigarros fumados durante a semana através de folha de registro individual. Foi realizado um acompanhamento individual através de ligações entre o intervalo de uma sessão e outra, com objetivo de saber sobre as dificuldades, dúvidas e progressos alcançados durante o decorrer da semana, sendo possível um direcionamento e melhor acompanhamento nesse intervalo pós-sessão. Nas sessões, eram trabalhadas a dependência fisiológica por meio da redução do teor nicotínico e do número de cigarros fumados diariamente, além da troca de marcas de cigarros. Para focar a dependência psicológica utilizaram-se pressupostos da teoria analítico comportamental, como a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), principalmente. Foram propostas alternativas para a promoção de modificação de hábitos e rotina como forma essencial para se obter resultados de mudança de comportamentos relacionados ao cigarro. Também foram utilizadas técnicas de relaxamento visando suavizar os sintomas de abstinência. Foram ofertadas sessões individuais aos participantes que solicitassem esse tipo de atendimento, devido a demandas de questões extragrupo, sobre problemas pessoais os quais poderiam de alguma forma interferir no objetivo final do tratamento em grupo. Os resultados obtidos demonstram que apesar de nenhum dos participantes ter parado definitivamente de fumar, ao final do programa observou-se que eles reduziram significativamente o teor nicotínico e a quantidade de cigarros consumidos, o que evidencia a baixa dependência química. Como a dependência psicológica era um dos enfoques do programa obtiveram-se resultados expressivos, pois grande parte dos participantes apresentou mudanças em sua rotina, tanto no âmbito profissional quanto familiar, com o aumento de repertório social e de atividades prazerosas. Dessa forma, o tratamento foi eficaz no sentido de que possibilitou melhoras na qualidade de vida de cada participante.

Palavras-chave: tabagismo, grupo terapêutico, aceitação.



PROPOSTA DE ENSINO DE REPERTÓRIOS DE LEITURA E ESCRITA PARA ALUNOS SURDOS. *Stefan Bovolon e Melania Moroz* (PUC-SP, São Paulo, SP).

Devido às dificuldades encontradas por alunos surdos, no ensino médio regular, dentre elas no repertório de escrita, pois na língua brasileira de sinais (LIBRAS) não são utilizados verbos de ligação e outros elementos, cometendo por exemplo, paragrafias, e na leitura, pois muitos não têm treinamento adequado para oralizar e controlar sons que emitem, o presente estudo tem como objetivo avaliar a eficácia de uma proposta de ensino de repertórios de leitura e escrita, através de discriminações condicionais, tendo como unidade de ensino orações, para alunos surdos do Ensino Médio regular. Utilizar-se-á o software de ensino Mestre® LIBRAS para aplicar os procedimentos de escolha de acordo com o modelo (MTS) e de escolha de acordo com o modelo com resposta construída (CRMTS). Tais procedimentos serão utilizados para o treino das relações entre os seguintes estímulos: orações ditadas (A); cena que represente a oração (B); oração impressa (C). As seguintes condições experimentais são propostas: Avaliação dos repertórios iniciais, Procedimento de ensino e teste de relações emergentes, Teste de generalização. Será utilizado o Instrumento de Avaliação de Leitura – Repertório Inicial (IAL-I), com finalidade de verificar as dificuldades iniciais dos repertórios de leitura e escrita dos alunos surdos, além do realizar o levantamento de algumas informações sobre o desempenho escolar do aluno surdo, através de entrevista. Antes de iniciar cada unidade de ensino, será efetuada a pré-testagem da Unidade (leitura e escrita de palavras e orações de generalização; serão ensinadas as relações AB, AC, BC, CC, CE (letras), CE (sílabas) e AE e testadas as relações emergentes (AF, BF, BE, CB, CD). Em seguida, haverá o pós-teste da Unidade (leitura e escrita de palavras e orações de generalização). Encerradas todas as Unidades de Ensino, serão aplicados o Teste de generalização de leitura de textos e o IAL-I (avaliação do repertório final). A aplicação dos procedimentos de ensino serão realizadas duas vezes por semana, extra-turno escolar, aplicados no laboratório de informática da escola que os alunos surdos participantes estudam, com duração de aproximadamente 30 minutos. Para a seleção dos participantes, estabeleceu-se como critério de desempenho o escore mínimo de 80% de acertos nas relações CD e AE, avaliadas no IAL-I, antes do treino. Durante o procedimento, propõe-se o escore mínimo de 90% acertos nas relações ensinadas e testadas. Após 30 dias decorridos da finalização das condições experimentais, serão reaplicados o Teste de generalização e o IAL-I para averiguar a manutenção dos repertórios de leitura e escrita.

Palavras-chave: escrita, leitura, aluno surdo.



PSICOLOGIA E ATIVISMO: ANÁLISE PSICOSSOCIAL DO PAPEL DO PSICÓLOGO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS LGBTTTT. *Priscilla da Silva Faria* (UEL, Londrina, PR), *Flávia Fernandes de Carvalhaes* (Faculdade Pitágoras Londrina, Londrina, PR).

Ao longo da história, os relacionamentos homossexuais são alvo de forte preconceito por parte da sociedade, que com intensa influência de dogmas religiosos e debates políticos e científicos, estabeleceu padrões de anormalidade, patologia e aberração para as relações homoafetivas. Nesse sentido, a presente pesquisa qualitativa buscou subsídios para uma análise psicossocial sobre o papel do psicólogo dentro das políticas públicas destinadas a população LGBTTTT, com o objetivo de contribuir para a formação e atuação dos psicólogos sobre questões relacionadas à diversidade sexual. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados, entrevista semiestruturada, realizada com um psicólogo militante do movimento LGBTTTT. A análise do material coletado está articulada a perspectiva teórica de autores que problematizam as construções sócio-históricas relacionadas à sexualidade e às questões de gênero, e prioriza um breve debate sobre a história da psicologia, sobre a formação e atuação do psicólogo nas políticas e movimento LGBTTTT, bem como propõe uma reflexão sobre o compromisso desta ciência no combate a discursos e práticas homofóbicas. Destacamos algumas políticas públicas voltadas à esta população como o programa “Brasil Sem Homofobia” que representa um marco histórico no avanço dos direitos humanos dos homossexuais no país, e dispõe de ações concretas voltadas para a cidadania LGBTTTT. O plano de implementação do Programa possui 53 ações, que envolvem a articulação e fomento da Política de Promoção dos Direitos de Homossexuais; Legislação e Justiça; Cooperação Internacional; o Direito à Segurança: combate à violência e a impunidade; o Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e a não discriminação por orientação sexual; o Direito à Saúde: consolidando um atendimento e tratamentos igualitários; o Direito ao Trabalho: garantindo uma política de acesso e de promoção da não discriminação por orientação sexual; o Direito à Cultura: construindo uma política de cultura de paz e valores de promoção da diversidade humana; além de prever Políticas para a juventude, para as mulheres e contra o racismo. Nesse sentido, conclui-se que identificar-se como homossexual na cultura ocidental, ainda implica em uma série de custos de ordem moral, material, político, social e econômico. A estes sujeitos são impostos uma gama de privações civis pautadas na suposta (e histórica) não legitimidade de suas estéticas e configurações de vida. Embora esteja havendo uma mudança paradigmática que reflete novos discursos e práticas dos psicólogos, algumas ações ainda se pautam em modelos hegemônicos, não levando em conta as salutares transformações políticas e culturais contemporâneas. Empreender reflexões e debates sobre questões relacionadas à diversidade sexual produz novos saberes, que configuram práticas e discursos potentes, ampliam as possibilidades dos psicólogos em sua formação e atuação profissional e enfraquecem enunciados homofóbicos.

Palavras chaves: Psicologia, ativismo, diversidade sexual.



QUEM O FEIO AMA, BONITO LHE PARECE: A RELAÇÃO ENTRE A BELEZA E O AMOR. *Priscila de Carvalho Acosta, Jhonathan Roger Levino Alencar da Silva, Vitor Vitorino do Nascimento, Daniel Carvalho de Sá Motta, Fabiana Calixtro Maruchi, Vicente Cassepp Borges* (Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS).

Inúmeras pesquisas mostram que é comum atribuímos traços como popularidade e sucesso profissional a pessoas de boa aparência. Além de causas individuais, a atração tem um aspecto coletivo, isto é, quando um grupo considera uma pessoa bonita, essa tende a ser mais atraente pelos seus integrantes. De acordo com a teoria triangular de Sternberg, para se obter um amor pleno necessita-se de três elementos: intimidade, que se caracteriza pelo sentimento de amizade, carinho, compreensão; paixão, que é descrita como um sentimento intenso, de atração, romantismo; e decisão/compromisso, que é quando o casal opina por ter um relacionamento estável, duradouro. O estudo em questão tem como objetivo verificar se a beleza física se correlaciona com níveis de amor. Participaram da pesquisa 1549 indivíduos, destes 500 homens e 1049 mulheres. Foi aplicado um questionário no qual uma das questões perguntava sobre o quanto o entrevistado se considerava bonito e o quanto ele considerava a pessoa amada bonita. Os resultados obtidos mostram que existe uma pequena correlação entre as dimensões intimidade ($r=0,215$, $p<0,01$), paixão ($r=0,318$, $p<0,01$) e compromisso ($r=0,263$, $p<0,01$) e a beleza que a pessoa atribui ao seu parceiro. Posteriormente, foram analisados os dados de participantes envolvidos em um relacionamento amoroso, estável ou não. As correlações entre a beleza própria e o amor foram todas próximas de zero. A correlação do nível de beleza que a pessoa atribuiu a si própria com a intimidade é de 0,088 ($p<0,01$). Já a da paixão atingiu 0,094 ($p<0,01$). A decisão-compromisso, por sua vez, obteve uma correlação de 0,054 ($p=n.s.$). A satisfação com o relacionamento foi a que atingiu maior correlação com a beleza própria ($r=0,104$, $p<0,01$), ainda assim com níveis baixos. Foram correlacionados também a beleza da pessoa amada com os três componentes do amor e a satisfação do relacionamento. Nesta correlação, a intimidade atingiu 0,202 ($p<0,01$), a paixão 0,383 ($p<0,01$) e a decisão-compromisso 0,256 ($p<0,01$). A paixão foi a que obteve maior valor de correlação, sendo que a satisfação com o relacionamento foi de 0,267 ($p<0,01$). Os dados obtidos indicam que a pessoa se considerar atraente tem pouca relação com os níveis de amor na satisfação com o relacionamento. No entanto, a pessoa considerar o parceiro bonito parece influenciar o seu sentimento. Conforme esperado, a paixão por ser uma dimensão baseada na atração física, foi a que obteve maior correlação com o nível de beleza da pessoa amada. O estudo tem uma limitação, que é o fato de que as correlações são baixas, embora significativas. No entanto, este estudo reitera os dados da literatura científica de que as pessoas tendem a sentir maior desejo por pessoas mais atraentes.

Palavras-chave: amor, atração, beleza.



REDES DE APOIO, APOIO SOCIAL E USO DE DROGAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL. *Vítor de Moraes Alves Evangelista, Elizabeth Piemonte Constantino, Maria Laura Nogueira Pires.* (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, SP).

Atualmente, temas relacionados ao uso de substâncias psicoativas e suas consequências adversas são de extrema importância para análise desse fenômeno de proporções mundiais. A discussão sobre os problemas causados pelo consumo abusivo de drogas tem tido um destaque cada vez maior em nossa sociedade, tanto na mídia como no meio científico, dado o número de usuários existentes e as ressonâncias sobre a sociedade. Estudos apontam a necessidade de um maior número de pesquisas que visem o desenvolvimento de ações de prevenção e elaboração de políticas específicas dirigidas para diversos segmentos populacionais. O objetivo deste trabalho foi o de levantar as contribuições dos estudos nacionais sobre a temática do apoio social e uso de drogas. Para tanto, foram realizados levantamentos bibliográficos em bancos de dados da Biblioteca Virtual de Saúde, utilizando os seguintes descritores: Apoio Social *and* Drogas, Redes de Apoio *and* Drogas, Redes Sociais *and* Drogas e Suporte Social *and* Drogas. Como critério, foram selecionados somente artigos nacionais completos e publicados no período de 2001 a 2011. Por meio da leitura de resumos foram eliminadas publicações que não atendiam ao tema especificado na proposta de levantamento. Num segundo momento, foram buscados todos os 39 estudos restantes na íntegra, dos quais 23 foram selecionados por atenderem a temática pesquisada. Foi realizada análise de cada uma das 23 publicações encontradas em classificação temática, instrumentos e número de sujeitos, sujeitos e local. Dentre os métodos empregados foram localizados 6 estudos teóricos e 17 estudos envolvendo pesquisas qualitativas e quantitativas. No que refere classificações temáticas localizadas estão: 1) condições sociais, família; 2) apoio ao usuário de drogas envolvendo recaídas e redes de apoio; 3) tratamentos de dependência química. As publicações representam de 2001 a 2006 aproximadamente 17%, enquanto de 2007 a 2011, cerca de 83% do total de trabalhos analisados. O tipo de população desses estudos em sua maioria consistiu de adolescentes e usuários de centros de atenção psicossocial. Em relação aos demais tipos de população dos estudos, envolviam gestantes ou mães, idosos, moradores de rua e participantes de igrejas. Segundo as publicações encontradas, o apoio social pode ser entendido como um recurso efetivo de enfrentamento no problema de uso de substâncias psicoativas devido ao efeito protetor sobre as relações interpessoais, um conceito que direciona certas funções de um grupo para com o indivíduo, que podem ser familiares, escolares, de amigos, dentre outros, sendo esse conjunto denominado de redes de relações ou apoio social. Estudos demonstram que situações relacionadas à escassez ou baixo apoio social propiciariam maior propensão ao uso de drogas, portanto, as redes de apoio social estão intrinsecamente relacionadas à capacidade de enfrentamento, aos processos de resiliência e ao desenvolvimento adaptativo. As relações estabelecidas pelos indivíduos com outras pessoas, provenientes de diferentes microssistemas, como amigos, famílias, abrigos, escolas, entre outros, podem vir a proporcionar o apoio social, sendo que a qualidade das relações afetivas familiares influenciará o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e conseqüentemente propiciarão maior ou menor habilidade social, assim como uma melhor ou pior adaptação às situações adversas.

Palavras-chave: redes de apoio, apoio social, drogas.

Apoio: CAPES.



RELIGIOSIDADE, ADOLESCÊNCIA E USO DE ÁLCOOL. *Guilherme Augusto Campesato, Maria Laura Nogueira Pires* (Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Univ Estadual Paulista, Campus de Assis, SP).

Muito tem se produzido sobre o uso de drogas atualmente, especialmente sobre a população adolescente por esta representar um importante período no desenvolvimento humano. O contato com as drogas, principalmente álcool, costuma começar cedo e tem a mediação de inúmeros fatores como o núcleo familiar, grupo de pares, mídia, personalidade do adolescente e também a religiosidade. No Brasil, ainda são poucos os estudos voltados a essa temática. No estudo qualitativo realizado na cidade de São Paulo por pesquisadores da Unifesp entre jovens em situação de risco, a religiosidade foi apontada como o segundo fator protetor mais importante pelos entrevistados, precedido pela família. Em um estudo com amostra intencional de estudantes (idade entre 11 a 26 anos) da cidade de Campinas, pesquisadores da Unicamp concluíram que quanto mais religioso o grupo de estudantes, menor será a frequência de uso pesado de drogas. O objetivo desse trabalho foi examinar a associação entre religião e uso de álcool por adolescentes escolares. Trata-se de um estudo epidemiológico conduzido com amostra representativa de adolescentes de escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio das cidades de Assis e Cândido Mota-SP. A pesquisa utilizou questionário multidimensional, fechado, de autopreenchimento e sem identificação pessoal, aplicados coletivamente em sala de aula, e respondidos voluntariamente (parecer 358/2010). O sorteio sistemático das turmas em cada cidade se deu de maneira proporcional à estratificação segundo tipo de ensino, localização e turno. Foram excluídos da análise os questionários com respostas discordantes, afirmativas à droga fictícia, sem informações sobre gênero e idade, ou idade superior a 18 anos, o que resultou numa amostra de 1.204 questionários válidos para análise. A aplicação dos questionários resultou numa amostra com distribuição similar de meninos e meninas, com idade entre 10 a 18 anos, a maioria do Ensino Fundamental e do turno diurno. O consumo de álcool foi caracterizado como: Uso na vida: usou pelo menos uma vez na vida; Uso no ano: usou pelo menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa; Uso no mês: usou pelo menos uma vez nos 30 dias anteriores à pesquisa; Embriaguez na vida: um episódio pelo menos uma vez na vida; Embriaguez no mês: um episódio de embriaguez pelo menos uma vez nos 30 dias anteriores à pesquisa. Informações sobre religião foram obtidas por meio da pergunta: “você tem alguma religião?”, com opções de resposta: não, sim. As medidas de associação foram feitas pelo cálculo da razão de prevalência, que expressa quantas vezes o risco dos expostos (não ter religião) é maior que o dos não-expostos (ter religião; grupo de referência). Os resultados mostraram uma associação entre religião e episódio recente de embriaguez, de tal maneira que adolescentes que afirmaram não ter uma religião apresentaram chances 1,5 vezes maior de se embriagarem no mês em comparação aos que disseram ter uma religião. A religião não se mostrou relacionada às demais variáveis de consumo de álcool. Nossos resultados mostram evidências do papel protetor da religião frente ao consumo abusivo de álcool entre estudantes adolescentes.

Palavras-chave: religiosidade, drogas, adolescentes.

Apoio financeiro: Guilherme A. Campesato recebe bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Pró-Reitoria de Extensão-UNESP (ID13762)



SÍNDROME DE BURNOUT: PRESENÇA DE SINTOMAS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO EM PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM. *Eva Carolina Guimarães, Maria Rita Zoega Soares, Quésia Justo de Oliveira* (Departamento de Pós-Graduação em Análise do Comportamento – UEL, Londrina, PR).

Profissionais na área de Enfermagem desempenham a função de assistência e de cuidado que exige necessariamente o contato direto com pessoas. A complexidade das doenças e dos indivíduos faz com que este contato ocorra de diversas formas, como por exemplo, por meio da manipulação física em função dos procedimentos, da fala, da escuta e até mesmo através de estímulos olfativos. Quando a doença é crônica, exige deste profissional um contato mais frequente com o paciente em virtude da demanda que tal patologia exige. Em muitos casos, o acompanhamento e os procedimentos a serem realizados são diários e por um longo período. Ademais, as intercorrências advindas do adoecimento, de uma maneira geral, fazem com que estes profissionais tenham que tomar decisões rápidas e efetivas que restabeleçam a saúde do paciente, acarretando grande carga de responsabilidade, uma vez que um erro técnico pode levar a graves conseqüências. Por conta destes fatores, a enfermagem é considerada uma das classes profissionais mais expostas a altos índices de estresse. O estresse ocupacional é um problema que vem ganhando especial atenção porque tem conseqüência direta sobre o desempenho de profissionais na área da saúde, podendo levar a freqüentes solicitações de afastamentos por motivos de doenças e absenteísmo. Tal condição tem diminuído acentuadamente a excelência na prestação dos serviços. O estresse crônico relacionado ao trabalho é denominado de síndrome de Burnout. O presente artigo é um estudo descritivo e transversal e teve por objetivo identificar a presença da síndrome de Burnout e as estratégias de enfrentamento (coping) em trabalhadores de um hospital do estado de São Paulo. Foram utilizados um questionário sócio demográfico para coletar dados pessoais e profissionais, o Inventário Maslach de Burnout e uma entrevista sobre estratégias de enfrentamento do estresse. Participaram da pesquisa, vinte e quatro trabalhadores dos quais três eram enfermeiros e vinte e um auxiliares de enfermagem e foi realizado na própria unidade hospitalar. Os resultados demonstraram que nenhum dos participantes apresentou sintomas que caracterizam a síndrome especificada. Por outro lado, os dados indicaram altos índices em categorias relacionadas ao Desgaste Emocional e Despersonalização, o que os identifica como um grupo de risco para o desenvolvimento de tal síndrome. Também foi verificado através do instrumento, que os participantes buscaram estratégias de enfrentamento do estresse através de atividades extralaborais que propiciavam prazer, resolução de conflitos por meio da execução do trabalho em equipe e reconhecimento dos pacientes. Diante desses dados, considera-se necessário elaborar ações preventivas frente ao estresse laboral, bem como programas de valorização do trabalhador, contribuindo com a sua saúde e, conseqüentemente, com a prestação de um serviço de qualidade e resolutivo.

Palavras-chave: análise do comportamento, estresse, *burnout*, enfermagem.



TRABALHO VOLUNTÁRIO E LITERATURA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA ANÁLISE PRELIMINAR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Aline Cristina Monteiro Ferreira* (UEL, Londrina, PR) *Taís da Costa Calheiros* (Centro Universitário Filadélfia, Londrina, PR), *Annie Wielewicki* (Instituto Innove – Análise do Comportamento e Saúde, Londrina, PR).

Voluntariado é definido como atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. É denominada voluntária a pessoa que dedica parte do seu tempo nesse tipo de atividade. O trabalho voluntário pode ser objeto de estudo do psicólogo Analítico Comportamental em diversos aspectos: pode-se buscar categorizar comportamentos da classe “voluntariar-se”, estudar as variáveis de história de vida que favoreceram a escolha pelo trabalho voluntário, estudar os diferentes efeitos produzidos no indivíduo e no grupo por meio de trabalhos voluntários, realizar levantamento bibliográfico sobre o tema, entre outras possibilidades. O objetivo desse trabalho foi realizar análise preliminar da produção científica acerca do trabalho voluntário, tendo em vista o crescente emprego desse tipo de atividade na sociedade brasileira, a fim de identificar na comunidade acadêmica, prioritariamente de psicólogos analítico-comportamentais, as contribuições para o tema. Para tanto, realizou-se levantamento bibliográfico de artigos de língua portuguesa publicados no período de 2008-2012 na base de dados BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), utilizando as seguintes palavras-chave: *programas voluntários, trabalho voluntário, voluntariado*. Todas as publicações tiveram seus resumos lidos e excluíram-se as publicações repetidas e aquelas que não faziam referência ao trabalho desempenhado por um voluntário. Tendo sido aplicados esses critérios, permaneceram para análise 22 artigos. Realizou-se análise quantitativa dos resultados gerais e análise quantitativa e qualitativa dos trabalhos de Psicologia. Foram registradas oito publicações no ano de 2008, três publicações no ano de 2009, oito publicações no ano de 2010 e três publicações no ano de 2011. Os artigos foram encontrados em igual ocorrência para as áreas de Ciências Humanas e Sociais e para Ciências Biológicas. Quanto às áreas específicas, verificou-se a ocorrência de dez trabalhos de Psicologia, um em Educação, oito em Enfermagem, dois em Medicina e um em Fisioterapia. Entre os trabalhos de Psicologia, um referia-se a estudo teórico, dois a relatos de experiência e sete a relatos de pesquisas. Os artigos tratavam sobre: saúde do voluntário, identificação das motivações individuais para o trabalho voluntário; avaliação do trabalho voluntário nos contextos de intervenção; análise da função do voluntariado para a sociedade; modelos de atividades de voluntários. Para os quatro últimos temas havia mais de um artigo publicado. Não foi encontrado nenhum artigo embasado na Análise do Comportamento, a partir da presente amostra. Tendo em vista que o trabalho voluntário pode ter efeitos em diversos contextos e populações, como os beneficiários do serviço, os voluntários, o governo, as empresas e as instituições de ensino e, reconhecendo que a Análise do Comportamento dispõe de arcabouço teórico que favorece as análises dos comportamentos do indivíduo e de contingências culturais, seria de grande importância a realização de estudos analítico-comportamentais sobre o trabalho voluntário, na medida em que questões sociais são questões comportamentais.

Palavras-chave: trabalho voluntário, voluntariado, programas voluntários.



TRANSTORNO ALIMENTAR: COISA DE MULHER? *Adriana de Andrade Góis Fonseca; Ivone Calixto Gouveia; Simone Oliani* (Faculdade Pitágoras, Londrina, PR)

Transtorno alimentar em homens é um tema pouco abordado nas publicações científicas. O objetivo do presente trabalho foi identificar as variáveis presentes na instalação e manutenção de comportamentos que favorecem o diagnóstico de transtorno alimentar em homens. Foi realizada pesquisa de ordem bibliográfica, para levantamento das publicações sobre o tema, como parte dos requisitos da disciplina estágio básico II do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Londrina. Os critérios de inclusão e de exclusão eram artigos científicos completos, publicados online, no site Google Acadêmico, que inclui base de dados do Scielo, BVS Psi, publicados no período de 2005 a 2011, com as seguintes palavras chaves: “transtorno alimentar”, homens, “terapia cognitiva-comportamental”, “terapia comportamental”, “análise do comportamento”. Foram relacionados 51 artigos na pesquisa sendo que 7 artigos contemplaram o assunto em questão, apenas com citações em referência bibliográfica e sendo que a maior prevalência dos transtornos alimentares citados eram em mulheres e 3 são artigos que tratavam especificamente do assunto em relação aos homens. Os mesmos são marcados por controvérsias e interrogações em relação às variáveis como influência da cultura, mídia, papel social, estrutura familiar e crenças a respeito da autoimagem e sucesso. Alguns estudos eram revisões bibliográficas e citavam a preponderante questão em relação a critérios de diagnósticos e que diziam respeito exclusivamente ao sexo feminino, como por exemplo, a amenorreia. Também foi verificado que as publicações abordavam a questão do preconceito masculino em relação ao transtorno e ao fato de o homem se perceber com menos distorção da imagem do próprio corpo em relação às mulheres. Foram encontradas dificuldades para abordar o assunto, como variáveis para instalação e manutenção do comportamento e tratamento, o que provavelmente dificultaria o diagnóstico realizado por profissionais de saúde. Atualmente verifica-se que estudos destacam aumento de pacientes do sexo masculino atendidos em instituições de saúde. Em decorrência deste aumento, faz-se necessário a implantação de atendimento específico para homens como transtorno. Assim, conclui-se que o tema em questão necessita ser abordado com mais profundidade por considerar que há uma lacuna em relação à abordagem do tema em trabalhos científicos no gênero masculino. É necessário romper com a crença que transtorno alimentar é “coisa de mulher”.

Palavras-chave: transtorno alimentar, homens, Análise do Comportamento.



UMA INTERPRETAÇÃO ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL DAS CONTINGÊNCIAS ESTABELECIDAS PELO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA.

Fabiana Albertim Kaiser, Alex Eduardo Gallo, Verônica Bender Haydu (Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, UEL, Londrina, PR).

Com o objetivo de realizar uma análise do Programa Bolsa Família enquanto um estímulo que estabelece as contingências e controla o comportamento daqueles que são beneficiados por esse programa realizou-se, num primeiro momento, um resgate de publicações científicas sobre o conceito de regras a partir da Análise do Comportamento. Num segundo momento, foram especificadas as características do Programa a partir de artigos científicos e de fontes eletrônicas disponibilizadas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. A análise foi realizada utilizando-se conceitos do Programa e correlacionando-os ao conceito de comportamento governado por regras. Enquanto agência controladora o Governo faz uso de leis/regras, as quais descrevem as leis e os comportamentos especificados por elas e o Programa Bolsa Família é um exemplo disso, sendo uma das estratégias do Governo brasileiro para reforçar comportamentos considerados por essa agência de controle como sendo adequados para a população. Em seu enunciado o Programa provê um benefício (um reforçador), que varia de acordo com as características de cada família para o cumprimento das regras. Um dos comportamentos valorizados pelo Governo e determinantes para o recebimento do reforço é a frequência escolar. A família que não cumprir essa condição sofre as sanções especificadas no enunciado do Programa, que vão de uma advertência à perda do benefício. Contudo, uma hipótese levantada no presente estudo é a de que o comportamento especificado pela regras do Programa pode-se tornar insensível às contingências, a partir do momento em que as pessoas passam a seguir a regra independentemente das consequências do comportamento adequado. Ou seja, as famílias passam a valorizar a frequência à escola porque a ela é contingente ao recebimento do benefício – o reforço – e não pelas propriedades reforçadoras em longo prazo desse comportamento, como, por exemplo, o conhecimento adquirido ou a possibilidade de um trabalho que exige habilidades e competências, compatíveis com melhores salários. Neste caso, o comportamento das famílias é orientado tão somente pelo enunciado da regra e não pelas consequências diretas do comportamento. A conclusão a qual se chegou é que somente as regras são insuficientes para a manutenção do comportamento desejado pelo governo: ter cidadãos que estudam e se capacitam para o mercado de trabalho. Que outros esforços devem ser realizados para que o comportamento de ir à escola seja reforçado positivamente e não e não se mantenha porque se a criança e/ou o adolescente não forem à escola, a família perde o benefício monetário mensal. Isso implica no investimento em programas para atendimento às famílias (e.g., CRAS e CREAS) e políticas públicas que visem melhorar da qualidade do ensino brasileiro, com investimentos na infraestrutura, na capacitação e, também, na qualidade do ambiente de trabalho dos professores, que estão abandonando as escolas devido à desvalorização de sua profissão e ao nível de violência que aumenta a cada dia nos ambientes escolares. Contudo, no presente estudo, formularam-se hipóteses, que devem ser validadas a partir de dados empíricos que permitam avaliar o efeito das regras sobre o comportamento das famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Palavras-chave: regras, insensibilidade às consequências, Programa Bolsa Família.

Apoio: Verônica Bender Haydu é bolsista produtividade em pesquisa da Fundação Araucária.